



EDWIN JOHN WINTLE

*Café-da-manhã
com Tiffany*





Ela tem 13 anos, ele tem 40. Ele é tio Eddy, um salteirão gay que mora no Greenwich Village, em Nova York. Ela é uma sobrinha que adora confusão, *piercing* no umbigo e fazer do coração do tio gato e sapato. Ao tentar entendê-la e resgatá-la, ele acaba salvando a si próprio, vencendo seus medos de pai improvisado e seguindo numa jornada insólita, pautada pelo esforço de duas pessoas muito diferentes em criar uma família pouco convencional, mas sincera e emocionalmente forte.

Café-da-manhã com Tiffany, com sua narrativa original e envolvente, é um livro para se compartilhar, discutir e recomendar.

ISBN 978-46-325-2133-0



9 788532 521330

Ed Wintle é um profissional bem-sucedido, urbano, cuja vida, aos quarenta anos, é muito confortável. Solteirão gay, organizado e metódico, ele é pego de surpresa por um telefonema desesperado da irmã e acolhe em sua casa a sobrinha, adolescente problemática, vinda do subúrbio. Juntos, eles começam uma aventura ao mesmo tempo selvagem e terna.

Tio Eddy, o "pai instantâneo", assiste à derrocada de seus melhores planos enquanto Tiffany luta para se ajustar a uma escola pública de cidade grande, com todas as exigências que ela representa, e à nova rotina que tem como cenário a vibração e a beleza complexa de Manhattan.

Com humor e tiradas inteligentes, Wintle captura o pavor e a delícia de ser pai de uma adolescente, até mesmo quando vacila entre adorar a sobrinha vulnerável e estrangulá-la. *Café-da-manhã com Tiffany* é, acima de tudo, uma expressão do amor sob todas as formas.

EDWIN JOHN WINTLE trabalhou como ator, advogado e agente cinematográfico. Ele mora em Greenwich Village, em Nova York. *Café-da-manhã com Tiffany* é o seu primeiro livro.

www.edwinjohnwintle.com

Design de capa: Miramax Books
Foto de capa: Michael Coglanuy
Direção de arte: Evan Gafney

Em memória de
Heather Ann Underwood
(1977 – 1997)

*For the life of me, I cannot remember
What made us think that we were wise
And we'd never compromise.
For the life of me, I could not believe
We'd ever die for these sins...
We were merely freshmen.*

- The Verve Pipe
"The Freshmen"
(canção predileta de Tiffany)

*Me, I just say my prayers,
Then I just light myself on fire,
And I walk out on the wire once again.*

- Counting Crows
"Goodnight Elisabeth"
(canção predileta do tio Eddy)

NOTA DO AUTOR:

Os nomes e outras características distintas
das pessoas incluídas nessas memórias foram alterados.

PRÓLOGO

Depois do café-da-manhã, eu costumava ir caminhando Tiffany até a estação de trem na Sixth Avenue com Waverly Place. Às vezes passávamos aqueles dez minutos ou mais em silêncio, às vezes não. Eu tentava seguir a deixa dela, uma vez que não há nada pior do que uma conversa forçada às sete e meia da manhã.

- Odeio avisos de PROIBIDO ENTRAR - ela disse numa manhã de terça-feira, aparentemente do nada. - São tão burros.

- Ah, é? E por que acha isso?

- Porque é claro que ninguém pode invadir propriedades. É ilegal por natureza. É como colocar um aviso de NÃO SEQUESTRE num playground.

- Sabe de uma coisa? Você tem uma certa razão.

- É, o aviso deveria dizer: NÃO ENTRE ou INVASORES SERÃO PERSEGUIDOS.

- Você quer dizer "processados".

- Tanto faz.

Adoro as mentes dos jovens de treze anos, pensei. Estão sempre pensando na burrice dos adultos. Como são bonitinhos e inteligentes.

- Sabe, tio Eddy, transei com Aleksí no banheiro da pizzeria no sábado passado - Tiffany disse, olhando bem para frente enquanto caminhava.

Ah, é, e aí vem essa parte. Deus do céu, rezei, *por favor* faça com que ela esteja brincando.

PARTE UM

OUTONO

ALGO ESTÁ PARA ACONTECER

Os trens urbanos de Nova Jersey sempre conseguem ter um cheiro como se alguém tivesse feito xixi numa bola de borracha queimada e depois tentado encobrir a bagunça toda com desinfetante líquido. Estava tentando respirar só pela boca - mesmo sabendo que é mais higiênico deixar que os pêlos do nariz capturem as moléculas fedorentas - quando meu celular tocou. Estava retomando para Nova York, vindo da Filadélfia, depois de ter assistido ao casamento vespertino de um velho amigo e, numa de minhas ridículas tentativas de economizar uns trocados, terminei pegando quatro trens locais nas duas direções para completar uma viagem que leva somente uma hora e meia de Amtrak. Tinha acabado de trocar de trem em Trenton, onde tomei uma terceira xícara de café durante uma espera mais longa, e estava me roendo de ansiedade e me amaldiçoando pela minha "frugalidade". Tinha sido um setembro nojento de tão úmido, e esse último trem não só estava impregnado de mau cheiro, mas também abafado.

Embora o casamento tivesse sido adoravelmente excêntrico - o noivo chorava histericamente toda vez que abria a boca -, a recepção foi realizada no quintal minúsculo e amontoado de uma casa de vila em South Philly. Fiquei estoicamente sentado por seis horas, ouvindo música folk e pingando suor no meu cuscuz, tendo conversinhas pseudo-artísticas com estranhos, durante o tempo todo. Não estava com a menor disposição de estar num trem quente e fedorento, cheio de bêbados barulhentos e me esvaindo em meu centésimo suor do dia. As três xícaras de café deveriam rebater o vinho que havia bebido, me ajudar a colocar umas leituras de trabalho em dia e me habilitar a ir de bar em bar em Manhattan para celebrar minha livre solterice - uma coisa que sempre fiz questão de fazer depois de um casamento. Mas naquele momento, o café estava me dando ligeiras palpitações.

Depois de alguns minutos de uma concentrada respiração de yoga, abri o que prometia ser mais uma numa longa lista de peças ruins. Foi quando meu celular tocou. Celulares irritam todo mundo em trens, mas, numa multidão daquelas, eles ainda eram completos estrangeiros. Atendi o mais rápido possível e falei com um sussurro forçado.

- Alô?

- Oi, Eddie, sou eu - minha irmã Megan falou com a voz entrecortada que costumava ter quando estava extremamente estressada, o que acontecia a maior parte do tempo.

- O que há de errado?

- Tiffany, o que mais? Eu simplesmente acho que não posso aguentar mais. Realmente acho que vou pirar. - Ela começou a chorar. Odiava ouvir Megan chorar, especialmente quando estava sóbria. Quando estava bêbada, suas lágrimas eram cheias de autopiedade, então nem consegui me comover. Mas fazia alguns meses que ela havia deixado a manguaça e agora enfrentava seus demônios de cara limpa. E um deles era sua filha de treze anos, Tiffany. Dessa vez a tristeza de Megan tocava meu coração porque sua dor era real - e algo que ela já não podia esconder sob a capa de menina escocesa durona que aperfeiçoara.

- Tudo bem, Megan, não tem pressa - sussurrei. - Conte-me o que aconteceu. - Seu choro foi se tornando uma lamúria à medida que ia controlando a respiração.

- Ela se foi. São dez horas de um sábado à noite e ela acabou de sair porta afora depois de eu dizer que não fosse. - Megan respirou fundo, e, depois de soltar o ar, sua voz ficou resignadamente calma. - Não consigo mais mantê-la a salvo, Eddy. Preciso que você fique com ela. - Megan nunca dissera essas palavras.

Uma semana antes ela me havia ligado, no trabalho, para contar que batera em Tiffany na frente de dois de seus amigos de escola. Aparentemente haviam discutido por alguma razão, depois Tiffany foi batendo os pés até o quarto, onde seus amigos estavam

esperando, bateu a porta e chamou a mãe de "essa merda". Foi quando Megan correu para o quarto e começou a bater nela com as duas mãos. Megan não havia chorado quando contou, nem estava arrependida. "Não me arrependo de ter batido nela", tinha anunciado. "Ela me obrigou a fazê-lo." Foi como se precisasse dar seu testemunho imediato sobre o que tinha acontecido, ter sua versão gravada. Ela sabia que provavelmente eu receberia uma ligação de Tiffany dentro de uma hora, uma vez que já vinha tentando mediar as brigas delas a distância, havia algum tempo. Não estava funcionando. Raramente conseguia ir a Connecticut para falar com Tiffany cara a cara, e suas ligações estavam se tornando mais escassas e com intervalos maiores. Quando nos falávamos de fato, ela ficava gritando contra a mãe, ou me dava respostas monossilábicas superficiais. Tiffany não só estava fora do controle de Megan, mas escapando de mim também.

Durante os dois verões anteriores Tiffany passara muito tempo comigo em Manhattan. Entre o sétimo e o oitavo ano, quando tinha doze anos, ela fez um curso de teatro de seis semanas num famoso conservatório no Píer 40 em Greenwich Village. Tiffany havia revelado um autêntico talento para o canto quando era criança, bem como interesse por composição teatral - ela escreveu um filme de suspense sangrento de trinta páginas quando só tinha dez anos -, e eu queria ajudar a desenvolver esses talentos. Durante o sétimo ano, as buscas criativas de Tiffany começaram a perder terreno para os garotos, festas e baladas. Seus pais tinham finalmente se divorciado depois de anos de briga, os hábitos étlicos de minha irmã estavam cada vez mais intensos, e Tiffany descobriu que as extensas "viagens de negócio" do pai eram, na verdade, tempo que estava em cana por dirigir bêbado e com carteira suspensa. Ela encontrou consolo na irmã mais nova, Sammy; as duas meninas brigavam feito loucas, jogando a maior parte de seus ódios uma na outra. Foi como se a família de Tiffany a tivesse atirado nos braços dos amigos - amigos que proporcionaram conforto, mas que não estavam equipados para ajudá-la. Eu queria afastá-la de tudo aquilo por um tempo, com esperança de que, tendo seus talentos reforçados, juntamente com o fato de conhecer algumas de minhas "namoradas", fosse ajudá-la a enxergar, através do esterco, um futuro melhor. Pareceu funcionar durante o verão, quando ela falou em frequentar o conservatório na cidade e fazer testes para a Broadway, mas tudo começou a ir por água abaixo quando retomou para New Milford. Tudo que havia aprendido parecia esquecido, e Tiffany terminou o oitavo ano com Ds em matemática e ciências e Cs em todo o resto. No verão seguinte - aquele anterior a esse setembro melento - ela veio para a cidade de novo, mas, dessa vez, estava disposta a afastar-se dos amigos por apenas três semanas. Embora a visita tenha sido breve, Tiffany parecia tê-la apreciado e partido com seus objetivos restabelecidos. Mas, quando chegou em Connecticut, as coisas foram de mal a pior. O ano letivo mal tinha começado e Tiffany já era taxada de aluna "a perigo", por causa de faltas. Megan disse que minha sobrinha estava saindo com caras mais velhos, frequentadora assídua de seus carros. Eu estava começando a temer que Tiffany fosse acabar desistindo da escola, ficando grávida, ou se destruindo nas drogas (ou os três), então, quando Megan me ligou e disse que havia apelado para a violência com a filha de novo, ofereci para Tiffany vir morar comigo em Nova York... permanentemente. Não havia conscientemente planejado fazer aquela oferta, mas, ao ouvir como minha irmã e minha sobrinha estavam se tratando, parecia a coisa certa a fazer - não só para elas, mas para Sammy também. Para meu alívio, Megan havia recusado minha oferta na ocasião, mas aqui estava ela, menos de duas semanas depois, aceitando. Sem me dar conta naquela época, ao hospedar Tiffany em Nova York por dois verões, eu tinha de algum modo fundamentado aquilo que viria a ser o maior desafio de minha vida.

- Claro, Megan - sussurrava agora no trem. - Devemos trazê-la para cá o mais rápido possível. Vamos planejar para o próximo fim de semana. Essa semana vou me preparar para ela, e então decidimos um jeito de realmente trazê-la para a cidade. - As palavras estavam saindo automaticamente, como se tivéssemos ensaiado ou algo assim; não podia estar *realmente* tomando essa decisão e expressando-a de forma racional. Talvez uma parte de mim acreditasse que aquilo simplesmente não pudesse chegar a acontecer: que eu, Ed Wintle, em uma semana, seria um pai solteiro de uma garota de treze anos. Mas as palavras continuavam a sair de minha boca. - Você está fazendo a coisa certa, Megan. Não vejo alternativa nesse momento.

- Você tem certeza de que está tudo bem pra você, Eddy? Isso vai mudar sua vida completamente.

- Não se preocupe comigo. - Tentei parecer confiante. - Vou ficar bem. Vamos dar um passo de cada vez. Ligue para as pessoas e descubra para casa de quem Tiffany foi. Certifique-se de que ela ficará em segurança essa noite.

Quando fechei o telefone, minha cabeça despencou para trás, encostada ao trem, e meus olhos percorriam o recinto loucamente, em busca de testemunhas. Isso realmente tinha acontecido? Minha mente pipocava em uma dúzia de direções diferentes. O que faria com meu companheiro de apartamento? Que escola Tiffany frequentaria? Podia realmente sustentar uma criança? E se ela fugisse em Nova York? Ou pior, e se fosse abduzida? Eles não fizeram um filme sobre aquela criança que desapareceu no Soho nos anos 1980 - Etan não sei de quê - com JoBeth Williams e Daniel J. Travanti? E, ainda mais assustador, teria eu que jogar fora minha coleção de pornografia? *Em que diabos tinha me metido?*

Minha cabeça ficou colada àquele encosto do assento durante o resto da viagem e o script jogado do meu lado. Tenho certeza de que parecia um fugitivo de um manicômio, a respiração acelerada e os olhos saltados como os de Marty Feldman.

O que mais sentia, entretanto - mais do que medo, que dúvida, mais do que a náusea lenta que vem com irrevogabilidade -, era agitação. Genuína, pura, agitação alimentada por adrenalina. Afinal de contas, sou uma Rainha dos dramas (sim, com R maiúsculo), e sempre me revelo nos momentos de mudança. Adoro os finais e amo os começos; são os meios que eu dispenso. E tenho sido um meio já há algum tempo, me arrastando ao longo de meus dias, nem aqui nem ali, nem para cima nem para baixo. Era um solteiro de quarenta anos preso no intervalo, imaginando quando o próximo ato iria começar. Minha vida precisava daquele proverbial tiro no braço. O que ganharia, entretanto, provaria ser mais como uma terapia de eletrochoque.

TIO MAME

- Ah, você será bem como Rosalind Russell em *A mulher do século!* - A voz de Eugene atravessava meus fones de ouvido. Já era a quinta-feira seguinte à minha conversa com Megan, e eu ainda lutava para conseguir colocar meu melhor amigo a par do que estava acontecendo.

- Você se lembra, não? - ele chama minha atenção. - Mame traz seu jovem sobrinho para morar com ela na glamorosa Nova York e lhe ensina tudo sobre a vida. Ho, ho, ho!

- Eugene estava quase dando um chilique. - Posso fazer o papel de Agnes Gooch? Ela era uma mãe solteira gorda, feia e trágica que também procurava refúgio junto a tia Mame.

Sorri comigo mesmo; tudo era um filme para Eugene, mas até aqui ele sempre foi a estrela. Sugerir que eu fosse a estrela principal era uma grande concessão da parte dele.

- Peggy Cass fez o papel dela, lembra? Na verdade, ela ganhou uma indicação ao Oscar por ele, antes de continuar numa ilustre carreira em programas de auditório cafonas. A tragédia da vida real imitando a tragédia do filme... adoro isso!

- E como exatamente você está planejando interpretar Agnes Gooch para minha tia Mame? - perguntei. - Você vai aparecer de Drag, com uma barriga de travesseiro debaixo do penhoar?

- Não, tolinho - ele riu. - Agnes Gooch era a historinha instrutiva para as jovens da platéia. Com a história da minha própria vida, posso ser a historinha instrutiva para seu jovem fardo.

Bem nessa hora, meu assistente, Rob, anunciou que a Gail, da diretoria da escola, estava ao telefone, respondendo as quinze mensagens que eu lhe havia deixado nas últimas vinte e quatro horas.

- Tenho que impressionar, Eugene. Vou convidá-lo para o set em algumas semanas - deu uma risada -, mas não vai esperando um camarim duplo só para você.

Eugene era um dos meus amigos mais interessantes, com um passado que não economizava em ser psicodélico. Havia vivido durante dezesseis anos como Natália (que, desconfortavelmente para um transexual, rimava com genitália) e tinha acabado de voltar a ser homem quando eu o conheci, quinze anos antes. Sua história era surpreendente; casara com um combatente aos vinte e um anos e viveu como esposa de militar numa base na Alemanha. Se a verdade tivesse sido descoberta pelos soldados de lá, ele e o marido poderiam facilmente ter sido espancados, se não mortos. Quando o casamento acabou, ele se mudou de volta para Nova York, onde trabalhou como modelo, atriz e dançarina de boate. Por fim, Natália se afundou no álcool, pílulas e prostituição, ficou sóbria e decidiu retomar à masculinidade. Para sua sorte, bem como da sua carteira, Eugene tinha mantido seu pinto intacto, então, sua reassunção de gênero não foi uma operação muito complexa. Anos mais tarde, Eugene escreveu e estrelou um espetáculo off-Broadway sobre sua vida chamado *Switcheroo!*. Ele recebeu uma crítica delirante no *New York Times*, mas o espetáculo não conseguiu atrair a multidão de turistas. Seria interessante ver a reação de Tiffany à tia Eugene, embora eu não conseguisse enxergar bem como ele poderia ser um modelo instrutivo para ela. Que eu soubesse, disfunção de gênero não estava na atual lista de problemas de Tiffany.

Minha vida tinha sido enlouquecida desde minha conversa ao telefone com Megan, seis dias antes. Durante toda grande mudança que já aconteceu em minha vida - me apaixonar, me separar, voltar a estudar, me formar - eu me tornei o que possivelmente poderia ser diagnosticado como maníaco clínico. Na verdade, desde o momento em que saltei daquele trem da New Jersey Transit, senti que havia fagulhas saindo da minha

cabeça. Com certeza, eu ainda mantinha a ideia de sair aquela noite para festejar minha solteirice, mas, quando cheguei àquilo que era minha idéia de *point* quente da noite na cidade - onde homens gays de "uma certa idade" ainda podiam ter a chance de se dar bem -, não teve como eu entrar no costumeiro jogo imbecil das preliminares. Qualquer um que fosse falar comigo, eu só conseguia imaginar a seguinte conversa:

ELE: Hei, e aí? Você é bem gostoso.

EU: Nem tanto. Você também.

ELE: Tá a fim de que essa noite?

EU: Olha, você sabe quanto ferro extra uma adolescente menstruada precisa ingerir para não ficar anêmica?

Certamente, isso me garantiria uma transa e tanto!

Consegui dar umas voltas pela boate enfumaçada e lotada, me espremendo entre hordas de homens malhados sem camisa em transes predatórios. Mas eu simplesmente não estava no clima. Ao invés de me sentir sexualmente energizado, tudo aquilo só me parecia vazio e frio. Estava quase queimando, e isso era tudo o que podia fazer para não subir na mesa de sinuca e gritar: "Adeus, rapazes! É o fim das noitadas para mim. Estou prestes a me tornar pai!" Em vez disso, no entanto, me enfiei num táxi e me mandei para o centro, ansioso para planejar obsessivamente os preparativos para a nova moradia.

Meu companheiro de apartamento, um oftalmo cirurgião infantil afro-americano de dois metros de altura vindo da Pensilvânia, foi o primeiro na minha lista. Há cinco anos o Dr. Harland vem ocupando meu segundo quarto uma ou duas vezes por semana, dependendo do quão cedo se realizam suas cirurgias na manhã seguinte. Ocasionalmente, também, ele fica nos fins de semana, especialmente se há uma festa quente em uma das boates da cidade. Seria uma enorme inconveniência para ele se tivesse que encontrar outro lugar de repente, ou uma maneira de estar em Manhattan às seis da manhã. Mas eu sabia o quão desesperadamente as adolescentes necessitavam de privacidade - bem como de todo o resto -, portanto, de forma nenhuma deixaria que Tiffany dormisse no sofá mesmo que fosse por uma ou duas noites por semana. Além disso, dois gays e uma adolescente travariam uma guerra de foice quando tivéssemos que usar meu único banheiro. E o Dr. Harland não ficaria assim desabrigado, com sua maravilhosa casa do século XIX em sua fazenda, seu celeiro, piscina coberta, e muitos hectares de terra no interior. Desse modo, eu atenuava minha culpa por estar botando pra fora alguém que começou meramente como presença frequente em minha vida, mas que, com o tempo, se tornou um amigo querido.

Nervoso, me aproximei do Dr. Harland quando chegou naquele domingo com sua gigantesca embalagem para viagem do Monster Sushi. Enquanto ele meticulosamente colocava sua refeição em três de meus maiores pratos, expliquei-lhe a situação e a decisão que eu havia tomado.

- Nossa! - Os olhos do Dr. Harland faiscaram enquanto ele falava, seu sorriso canino se estendendo de orelha a orelha. - Isso é uma coisa incrível que você está fazendo. Venha cá. - Ele abriu seus intermináveis braços mais largamente do que imaginava possível para um ser humano, e eu obedeci. Meu nariz ficou espremido bem abaixo de seu pomo-de-adão, e ele me apertou com força. - As crianças são as coisas mais importantes do mundo - ele sussurrou no meu cabelo. - Elas são tudo o que nos resta. - Suas mãos gigantescoas esfregaram minhas costas enquanto eu sentia o cheiro da sua camisa macia de veludo cotelê. Com certeza, o Dr. Harland podia ser tão hedonista e decadente quanto os outros homens de cinquenta e cinco anos eternamente presos à adolescência,

mas ele tinha uma fonte de bondade e um coração tão grande quanto todos os hotéis naturistas de Palm Springs juntos.

Durante toda a semana, quase todas as minhas horas de trabalho foram gastas ao telefone, e *não* para negociar um contrato de adaptação de algum livro para o cinema, minha função profissional prioritária nos últimos sete anos. Em vez disso, estive falando com Megan ou com alguma autoridade do obscuro sistema de educação pública da cidade de Nova York. Temendo que Tiffany fosse fugir se contássemos com seis dias de antecedência que no domingo ela estaria se mudando para Nova York, Megan e eu decidimos esperar até sexta para dar a notícia. Pensamos que seria cruel demais não avisá-la antes do fim de semana, e efetivamente impedi-la de se despedir dos amigos. Tiffany fazia manhas com frequência, então Megan estava realmente com medo de lhe contar, mesmo que só com dois dias de antecedência, uma vez que não havia como prever o quanto ela iria pirar. Outra opção seria eu aparecer de surpresa na casa de Megan com a desculpa de levar Tiffany ao shopping ou coisa parecida, para depois pegar a estrada e apresentar suas correntes quando comesse a gritar. Como essa cena era simplesmente melodramática demais, escolhemos, por fim, arriscar-nos com a reação de Tiffany; contaríamos para ela, juntos, na sexta.

Megan me pediu que ligasse para o pai da Tiffany, Tony, e ele era totalmente a favor da ideia. Eu fiquei um pouco surpreso, uma vez que não havia nenhum amor entre mim e Tony. Sempre fomos cordiais um com o outro, mas ele era extremamente conservador - pode-se dizer até mesmo carola - em suas opiniões. Ele era republicano convicto, e algumas pequenas coisas que Tiffany e Sammy diziam me levaram a crer que ele era também homofóbico. Pelo que se podia ver, Tony provavelmente só queria se livrar de Tiffany e seus problemas. Além de estar recém-saído da cadeia e envolvido com uma mulher mais jovem, Tony morava numa cidade a dezesseis quilômetros de distância e não tinha permissão para dirigir. Alegava estar preocupado com o comportamento de Tiffany, mas havia praticamente saído da vida dela, e em geral só vinha à tona quando Megan o chamava para intervir, o que ele fazia com gritos e ameaças. E Tiffany certamente não pediria para morar com ele tão cedo; ela se recusava a falar com o pai havia semanas, e se referia a ele durante todo o verão como "o doido". Então, com as bênçãos de Tony, Megan e eu estávamos agora prontos em termos de logística; contaríamos a Tiffany na sexta, eu passaria o fim de semana ao lado de Megan, e nós levaríamos Tiffany para a cidade, juntos, no domingo.

Para resolver a questão da escola, comecei a bater à porta de vizinhos. As famílias novas no meu prédio, com filhos em idade próxima à de Tiffany, me forneceram o meu número de distrito escolar, um velho catálogo de escolas para adolescentes em Nova York, algumas recomendações, e o muito necessário apoio moral. Mas eu logo percebi que os filhos deles frequentavam escolas nas quais seria impossível Tiffany ingressar com o histórico que trazia da outra escola, e a escola de artes dramáticas só aceitava alunos que tivessem feito a seleção no ano anterior. Comecei a temer que Tiffany fosse parar numa versão de *Sementes de violência* do século XXI, onde meninas eram estupradas em banheiros e professores pendurados nas janelas das salas de aula. Nesse caso, o coeficiente de perigo poderia ser maior do que em New Milford, então, se alguma coisa acontecesse a minha sobrinha, seria tudo culpa minha.

Foi durante uma sessão-coruja na lavanderia, devido a uma insônia naquela terça-feira à noite, que meu anjo da guarda acadêmico chegou. Tomou a forma querubínica de uma ruiva de cinquenta e poucos anos chamada Patti que estava toda de branco. Já havíamos nos cumprimentado no passado, mas nunca conversado. Naquela noite, por alguma razão, ela me perguntou como eu estava.

- Minhasobrinhadetrezeanosvemmorarcomigodentrodecincodiasseu
nãotenhoamenorideiadeondeelavaiestudar - falei de uma só vez. Já esvaziado,
acrescentei: - O sistema escolar é impenetrável. - Sabia do que estava falando, uma vez
que havia passado minha hora de almoço naquele dia peregrinando até o departamento
geral de admissões escolares. Não só foi impossível entrar no prédio onde fica o
departamento, mas a fila serpenteava até tão longe que não cheguei nem ao quarteirão
do prédio. No fim da fila, dois agentes administrativos me informaram: "Você tem que
voltar com sua filha e esperar. E então é na sorte. Você consegue o que der." Maravilha,
pensei. Queria um *Ao mestre com carinho* americano, mas acabaria com *Subindo por
onde se desce*.

- Tenho a pessoa certa para você - Patti disse, seus olhos gentis sorrindo. - Seu nome é
Gail, e ela é a chefe de admissões no escritório da superintendência. Já volto com o
número dela, e você diz que eu o enviei. - Estava sendo alçado bem ao topo; sem filas,
sem burocracia interminável. Entre a reação do Dr. Harland, a cooperação de Tony e
agora a Santa Patti, parecia que os astros estavam alinhados para colaborar para que
esse plano maluco pudesse realmente acontecer. Quando Patti voltou e disse: "Prometo
que Gail cuidará de sua sobrinha", eu a abracei em agradecimento. Subi saltitando os
quatro andares que levam ao meu apartamento, ansioso para guardar a roupa lavada e
começar a ensacar os cinco anos de revistas *Honcho* que o Dr. Harland guardava.

No outro dia, depois de contar as novidades para Eugene (também conhecido como
Agnes Gooch) e marcar uma entrevista para mim e Tiffany com Gail na semana
seguinte, Rob anunciou que Megan estava ao telefone.

- Aqueles babacas desgraçados da escola de Tiffany! - ela gritava entre lágrimas. - Eles
a chamaram na sala do diretor nessa manhã e contaram a ela que eu a havia retirado da
escola e que ela teria que sair do prédio! Dá pra acreditar nessa porra?

- Que merda - foi tudo que consegui dizer.

- Parece que ela gritou com o diretor na frente dos funcionários do gabinete e saiu do
prédio chorando. Eles disseram que ela correu em direção ao bosque e desapareceu. Não
tenho ideia de *onde* ela esteja, Eddy.

- Sente-se e acalme-se, Megan - eu disse, sabendo que ela estava andando pela sala de
estar, pronta para entrar em desespero. - Vou pegar o próximo trem e estarei aí dentro de
duas horas.

Como é mesmo aquele ditado idiota? Pensei enquanto tirava o fone de ouvido. É isso:
se você quer ouvir as risadas de Deus, faça planos. É... uma verdade do cacete.

FECHANDO NEGÓCIO

- Eu não estou tentando puxar seu saco – disse Rachel Goldstein enquanto eu olhava pela janela do meu escritório o maravilhoso prédio Cooper Union, na esquina da Astor com a Bowery. Será que Tiffany vai se formar em arquitetura lá um dia? Quem eu devo conhecer - ou agradar - para conseguir uma vaga para ela?

- Sei que podemos arranjar esse filme em algumas semanas - ela continuou. - Já estamos falando com o pessoal da Sandra Bullock.

A Sandra Bullock vai fazer o papel de uma caçadora de recompensas lésbica de sessenta anos? Meu saco estava tão puxado que ia no pé.

- Seja o que tiver que ser, Rachel - respondi calmamente sem tirar os fones de ouvido -, há muitos produtores interessados nessa história, então, Cynthia terá que coçar o bolso para conseguir exclusividade dos direitos de meu cliente.

Cynthia era uma produtora importante de Hollywood – isso quer dizer que seu último filme deu um bom lucro -, e Rachel era sua vice-presidente de desenvolvimento em Nova York, também conhecida como uma D-girl.

- Ah, vá lá, Ed - Rachel implorou -, você sabe que nosso fundo extra anda baixo. E há filmes de caçadores de recompensas por toda a cidade. J. Lo fez um, Angelina fez um, e estão todos esquecidos.

Isso tudo pode até ser verdade, mas Rachel seria capaz de dizer qualquer coisa para conseguir exclusividade num material que Cynthia quisesse, e pelo mínimo de valor possível. Seu emprego dependia disso, e colocação em desenvolvimento era difícil de conseguir em Nova York.

- O que você espera que eu leve de volta para meu cliente? Nem um tostão? - Havia tido aquela conversa umas cem vezes e já estava de saco cheio. Será que Tiffany vai insistir em pintar seu quarto de roxo?

- Teremos que esquecer a bilheteria nesse caso, Ed, porque, no final das contas, esse projeto tem que levar o nome da Cynthia.

Rachel havia acabado de pronunciar as duas expressões do mês na indústria do cinema que eu mais odiava - o papo da "bilheteria" e "no final das contas" -, portanto, a conversa tinha que terminar ou eu me atiraria da janela. Além disso, era sexta à tarde, e tudo que eu conseguia pensar era sobre a chegada de Tiffany dentro de trinta e seis horas.

- Olha, Rachel, vamos voltar a esse assunto na semana que vem. Nesse meio-tempo, você pode me recomendar um bom ginecologista?

- Claro que posso - ela respondeu, num misto de surpresa e brincadeira. - E isso seria para quem, se me permite perguntar?

- Bem, eu meio que vou ser pai - disse, sem querer entrar em detalhes.

- Mazel tov, Ed. - Rachel deu uma risada. - Mas bebês precisam de pediatras, não de ginecologistas.

- É uma longa história. Faço um relatório na segunda - disse, enquanto desligava meu computador e tirava os fones de ouvido.

Aqui vamos, pensei. Comece a contagem regressiva.

Minha viagem para New Milford naquela quinta-feira tinha sido abortada quando meu celular tocou na estação Grand Central.

- Ela está em casa - Megan anunciou. - Encontrei-a na casa de Tommy Dash.

- Ela está histérica? - Imaginei Tiffany destruindo a casa toda, enquanto espumava pela boca.

- Não. Obviamente estive chorando por algumas horas, mas está estranhamente calma agora.

Desci a larga rampa ao lado do Vanderbilt Hall e encontrei um canto tranquilo perto da entrada do Oyster Bar.

- Por que *estranhamente*? - perguntei. - Acha que ela tomou alguma coisa?

- Não, só acho que ela realmente entendeu tudo, o que eu não esperava. Quando contei a ela que iria se mudar para a cidade com você, ela não gritou nem berrou comigo. Só disse "Entendo", como se de algum modo ela já esperasse por isso ou coisa assim.

- Bem, isso é um bom começo - disse, aliviado. - A menos que você acredite que isso é um disfarce para um plano de fuga ou coisa assim. Ela é assim tão diabólica?

- Sim, claro que é. Por que você acha que eu estou me livrando dela? - Megan riu com sarcasmo. - Não, estou só brincando. Mais ou menos. Mas não acho que ela esteja planejando algo.

- Bom - disse, torcendo que ela estivesse certa. - Vamos repassar nosso plano agora?

- Vamos. Falei com a mamãe, e ela vai levar Tiffany de carro até aí no domingo, se você concordar. Desse modo você não terá que vir até aqui e eu poderei passar o dia com Sammy. Estou meio preocupada com o efeito disso tudo nela. Primeiro, o pai dela e eu nos separamos, e agora a irmã vai embora. Vamos passar de uma família de quatro pessoas para uma família de duas, depois de apenas alguns anos. E acho que vai haver um pouco de ciúmes também.

- Garanta a ela que Tiffany ainda faz parte da família. Diga-lhe para encarar isso como se Tiffany tivesse ido para o colégio interno. E não há razão para ficar com ciúme; será como um acampamento para Tiffany. Estarei lidando com uma situação danada de difícil.

- Ela não vai entender isso, Eddy. Só tem oito anos.

- E aí, como vai, bonitão? - Uma voz grave de repente me interrompeu, falando diretamente ao meu ouvido. Assustado, me virei para ver quem chegara tão perto, mas não havia ninguém atrás de mim. Então, percebi o que havia acontecido e rapidamente saí do canto envergonhado.

- Ah, meu Deus, Megan, acho que acabei de ser pego pela Parede Sussurrante! - Olhei firmemente ao redor da praça do metrô e vi um cara comum, com pinta de turista, sorrindo para mim do outro lado. Na minha pressa de encontrar um lugar tranquilo para falar, me esqueci de que essa pequena praça tinha uma peculiaridade arquitetônica e acústica que permitia que pessoas em cantos opostos pudessem sussurrar mensagens uma para a outra através dos arcos de pedra do teto - como na cúpula do Brunelleschi em Florença.

- Do que você está falando, Eddy?

- Deixa pra lá - disse, me afastando da parede. - Ok, então temos um novo plano. Há mais uma coisa, entretanto, sobre a qual estive pensando em lhe falar.

- O quê? - Megan perguntou com impaciência.

- Eric - eu disse. - Você precisa se livrar dele. Sei que ele não ajudou nem um pouco na situação da Tiffany, e você sabe que Sammy não gosta dele de jeito nenhum. - Eric era um largado que Megan havia conhecido enquanto ainda estava bebendo, e eles já vinham se encontrando havia um ano. - Com certeza, sóbria, você consegue ver que ele não é adequado para você.

Estava tentando ser delicado, mas Eric simplesmente me dava arrepios. Certamente, ele podia até ser divertido, num sentido meio esquisito, e Megan encontrou bom uso para seu corpo bem mais jovem do que o dela. Mas, é triste dizer, Eric era um perdedor; ele havia se metido em coisas ruins e não fez nada para mudar isso, exceto, talvez, conhecer Megan. Sem cultura e virtualmente desempregado, Eric morava com a mãe e a avó,

fazendo bicos e ganhando somente o necessário para manter seu velho calhambeque funcionando. Recentemente, descobri que o irmão dele estava na prisão por matar a mãe da namorada, e que o pai de Eric dera um tiro no próprio rosto durante o jantar com a família quando os meninos eram adolescentes. Exatamente o tipo de cara que você deseja que sua irmã namore e ao qual exponha suas sobrinhas, pensei durante meses, repetidas vezes. Além do fato de que o sorriso pateta de Eric não conseguia disfarçar seu olhar de louco, Tiffany me contara umas coisas que ele havia feito na casa de Megan que me deixaram de cabelo em pé.

- É, eu sei, Eddy - Megan suspirou. - É difícil, sabe. Ele é tão legal, e tenho medo de ficar sozinha.

Legal? Eu tinha vontade de gritar: *"Ele está completamente pirado! Falar com ele faz menos sentido do que conversar com um peixe. E eu não o quero perto da Sammy!"* Ainda não tinha confrontado Megan com as coisas que eu sabia, uma vez que isso não era necessário; ela sabia de tudo também, bem no fundo, ela sabia que eu tinha razão.

- Só me prometa que você vai se esforçar - implorei. - Por favor?

- Tá bom, tá bom. - Podia sentir que Megan queria encerrar a ligação.

- Vai dar tudo certo. - Tentei parecer convincente. - Me avise se precisar que eu vá até aí no fim de semana - ofereci sem muita empolgação, sabendo que realmente precisava de mais tempo para me preparar. - Tiffany e eu temos hora marcada com uma mandachuva no gabinete do superintendente na segunda, portanto acho que o negócio da escola vai se resolver logo. - Ela ficou em silêncio. - Amo você, Megan.

- Amo você também - ela respondeu, mas era difícil detectar amor em sua voz. - Adeus, Eddy.

Desde minhas lembranças mais remotas, Megan e eu sempre tivemos uma relação volátil. Embora tivéssemos uma diferença de idade de menos de dois anos, comigo atrás dela somente uma série na escola, não ficamos íntimos de verdade até o ginásio. (Nossa irmã mais velha, Kathleen, tinha cinco anos a mais que eu, então ela permaneceu um enigma até a idade adulta.) Como adolescentes e jovens adultos, entretanto, continuamos a ter brigas terríveis. (A única briga de soco que já tive foi com Megan, e tínhamos uns vinte e poucos anos quando aconteceu.) É claro que tenho doces recordações dela dos tempos de infância – construindo fortes no nosso cantinho de brincadeira nas tardes de chuva e deitados na cama dela, fingindo que estávamos navegando por túneis escuros -, mas, na maioria das vezes éramos antagonistas. Por volta dos oito ou dez anos, eu era o clássico irmão pentelho que dedurava quando a pegava fumando e que se ressentia de ser enxotado. Ela, por sua vez, me batia por qualquer coisa e a toda hora, prendendo meus braços com os joelhos para poder cuspir ou bater na minha cara. Nossas brigas à mesa de jantar se tornaram tão intoleráveis que, embora a família tivesse se mudado para que o tempo de viagem de meu pai do trabalho para casa ficasse menor e ele pudesse chegar em casa a tempo para o jantar, meus pais estendiam o horário de drinques e jantavam depois de nós.

Bem quando eu estava começando o décimo ano, Kathleen, que tinha dezenove anos, ficou grávida, se casou (nessa ordem) e se mudou. O fato de sermos os únicos filhos na casa aproximou Megan de mim, mas nosso real laço de identificação era nosso amor pela bebida e por drogas recreativas. Eu era um garoto pequeno, franzino, que foi perseguido durante os primeiros três anos de escola - frequentemente chamado de *franguinho* pelos grupos de meninos e por algumas das meninas mais novas – enquanto Megan era alta e bonita e tinha um corpo lindo. Ela era popular e provavelmente poderia ter ajudado a colocar um ponto final no meu tormento, mas eu ficava envergonhado demais para contar a ela. Embora tivesse lugar de destaque no quadro de honra, minhas notas ficassem acima de B+ e começasse a despontar como um dos melhores artistas da

turma, encontrei aceitação real (e consequente consolo) somente quando me tornei um festeiro. Tomar porres me deu uma vida social destacada, algo que pouco me servia, uma vez que não estava muito interessado em sexo com meninas, minha escola não tinha clube de teatro e, com exceção de esqui, esportes não eram uma opção para mim. Chapado, descobri que podia fazer as pessoas rirem e conquistei com facilidade o papel de animador, sendo bobo e escandaloso. A despeito de terem conhecimento das minhas inclinações e das de Megan, meus pais, numa atitude tipicamente dos anos 1970, deixavam-nos sozinhos para ir a cruzeiros ou visitar amigos. Minhas festas e as de Megan se tornaram lendárias na nossa escola secundária, e nós desenvolvemos uma ligação por lidarmos com visitas policiais, reclamações de vizinhos e convidados fora de controle. Enquanto esfregávamos a casa de alto a baixo meticulosamente na manhã seguinte, eliminando todas as evidências de nossos crimes, trocávamos histórias sobre a noite anterior e rolávamos de rir.

Enquanto eu estava fora, na faculdade, Megan se tornou íntima de vários de meus amigos do tempo de colégio, o que manteve nossos círculos de amizades relacionados durante nossos vinte e poucos anos. Depois de me formar e mudar para Manhattan, um ou dois amigos em comum vieram morar comigo na cidade, o que trouxe Megan regularmente à cidade para visitá-los. Durante os anos em que fiquei fora, entretanto, o relacionamento de Megan com o homem que ela ainda chama de amor da sua vida havia terminado, e o tom das suas farras começou a mudar para pior .. As noites em Manhattan geralmente terminavam com Megan apagando e se recusando a ficar no apartamento, não querendo que "a diversão" terminasse. Naquele estado, ela muitas vezes se lamentava por sua vida, se chamava de perdedora e desejava estar morta. Embora eu também fosse um cara de farras - a alcunha de "Eddy Maluco" me fora atribuída na faculdade, e definitivamente continuou sendo verdadeira por mais alguns anos depois -, eu frequentemente ficava nervoso quando saía com Megan, com medo de como aquilo iria acabar. Não que tivesse vergonha do comportamento dela; ficava profundamente triste com aquilo, sabendo que sua bebedeira iria apenas reafirmar seus terríveis sentimentos em relação a si mesma. Ela sofria de um caso sério de síndrome do filho do meio, e ocasionalmente se virava contra mim, despejando ressentimento por eu ter ido para a faculdade e ter sido "o filhinho da mamãe". Frustrado, comecei a me afastar, limitando nosso contato social. À medida que avançávamos nos vinte e poucos anos, Megan ficou determinada a se casar e ter filhos - algo que ela tinha certeza de que "consertaria" as coisas - e com vinte e sete anos ela conheceu Tony. No espaço de um ano eles estavam casados e três semanas depois nascia Tiffany.

Além da própria Megan talvez, ninguém tinha mais esperança do que eu de que começar uma família acabaria sendo a panaceia que ela buscava. Não foi.

Uma vez que não precisaria ir a New Milford no fim de semana, eu tinha agora alguns dias a mais antes da chegada de Tiffany, e estava determinado a fazer bom uso deles. Isso me daria a chance de me despedir de maneira apropriada de minha coleção de filmes e revistas pornográficas. Não era uma grande coleção, de jeito nenhum, mas algumas daquelas revistas estavam comigo havia mais de vinte anos, e os caras que estavam nelas eram meio como velhos amigos. Eles estiveram lá ao meu lado durante os loucos anos de doideira na faculdade, nos tempos sombrios quando procurava trabalho como ator em Nova York, e, mais tarde, durante as intermináveis horas de estudo no curso de direito. Mas, aí meu Deus, era hora de partir, então, coloquei tudo em sacos duplos para não correr o risco de encontrar tudo espalhado pela calçada na manhã seguinte quando fosse comprar o café-da-manhã. Além de odiar lixo, tinha certeza de que todo mundo no meu prédio saberia que eu era o perverso a quem a coleção

pertencera. Claro que empacotei os melhores vídeos para meu amigo Steven guardar para mim, junto com os mais de dez diários que enchi com minhas divagações excêntricas ao longo dos anos.

O Dr. Harland já terminara de retirar suas coisas, então eu podia agora limpar os armários para Tiffany, lavar as janelas e dar uma boa esfregada no quarto. Mas durante toda essa limpeza e arrumação, o que mais eu fiz foi pensar. E me preocupar. Será que vou realmente conseguir lidar com isso? Até o momento, pensei, Tiffany e eu temos sido mais amigos do que outra coisa. Embora eu saiba que ela me respeita, quase não represento autoridade para ela. Como vou conseguir que me obedeça? Ela sempre foi perfeitamente educada comigo e se comportou como uma jovem dama na frente de meus amigos, mas já a ouvi gritando no quintal enquanto eu estava ao telefone com Megan. A diferença é como o dia para a noite, como Regan em *O exorcista*. Será que ela vai me tratar daquela maneira? Será que consigo lidar com a mudança de nosso relacionamento para algo totalmente diferente? Será que o meu ego é forte o bastante para lutar com uma adolescente raivosa, especialmente se considerarmos o quanto eles sabem ser cruéis? Como vou lidar com a perda da minha liberdade? Durante toda a minha vida adulta fui e vim para onde bem entendi: se há nevasca, vou para Vermont para praticar *snowboard*; se há descontos em passagens para a Europa, lá vou eu. Vou à academia se sinto vontade, vejo um filme quando quero, e geralmente faço sexo com frequência o mais humanamente possível. Será que de fato consigo abrir mão de tudo isso?

Comecei a suar frio.

Enquanto limpava a papelada que havia acumulado no futuro armário de Tiffany, encontrei a cópia de uma carta que eu havia escrito para ela um mês atrás. Desesperados para fazer algo, qualquer coisa, para ajudar Megan e Tiffany naquela situação que ia de mal a pior, Kathleen, mamãe, papai e eu, todos decidimos escrever cartas para Tiffany. Na tentativa de uma abordagem mais criativa a fim de evitar que soasse como mais um sermão, escrevi duas histórias para Tiffany, cada uma sobre uma jovem. Os contos começavam idênticos, descrevendo infâncias tristes para ambas as meninas em lares cheios de brigas, violência física e severos abusos. Mas as duas histórias tomavam direções diferentes quando as meninas chegavam à adolescência. Numa delas, a jovem estava determinada a se libertar daquele ciclo e encontrar uma vida melhor; na outra, a garota buscava refúgio nas drogas, no álcool e nos meninos, e acabava por ficar igual à mãe, com a própria filha adolescente perdida. No final, eu perguntava a Tiffany qual das meninas ela seria, e deixava claro que a escolha era dela. "Estamos todos, cada um de nós, escrevendo a narrativa de nossas vidas todos os dias", eu havia escrito. "Você só precisa decidir que história vai contar."

Agora, enquanto lia minha prosa cafona, percebi que deveria parar de me preocupar comigo mesmo. Se iria suportar a ira de Tiffany, se nos tornaríamos inimigos mortais ou se eu cederia sob pressão e privação e acabaria numa enfermaria psiquiátrica, nada disso era relevante. Não se tratava de mim; se tratava de Tiffany. Talvez forçá-la a se mudar para a cidade de Nova York era como se nós estivéssemos mudando a narrativa por ela, mas, uma vez tendo-a aqui, eu faria todo o possível para ajudá-la a escrever uma história diferente. Com determinação renovada, joguei a carta na sacola da Hefty, dei um último adeus aos meus velhos amigos pelados, e alegremente carreguei a tralha toda para a lixeira.

- Tive que encostar duas vezes para Tiffany vomitar – minha mãe disse quando abri a porta do apartamento - e tenho que usar o banheirozinho. - Ela me deu um abraço apressado e correu pelo corredor.

- Vou descer e ajudar Tiffany a descarregar as malas – gritei atrás dela e desci as escadas.

Não via Tiffany havia umas seis semanas, e o que vi naquele momento na rua Washington me assustou. Ela estava pálida como a neve, provavelmente por causa da terrível ressaca que ainda estava curando. Mas ela me parecia pequenina e frágil também. A calça jeans pintada à mão que vestia fazia suas pernas parecerem dois canudos azuis e, com um top sem mangas, seus braços pareciam mais finos e longos do que há dois meses. Seus cabelos longos e escuros estavam presos no alto da cabeça num coque frouxo, e sua cabecinha redonda parecia precariamente encaixada sobre um pescoço incredivelmente pequeno. Poderia essa delicada criatura estar de fato no centro de tanta comoção? Puxei-a para mim e tentei abraçá-la apertado.

- OK, ok, tio Eddy - ela disse languidamente. - Não estou me sentindo muito bem. - Ela se esticou e me deu um beijinho rápido na bochecha.

- Noite difícil? - perguntei, tentando não parecer sarcástico.

- Tanto faz - ela respondeu, evitando me olhar nos olhos.

- Então - suspirei -, aqui estamos. - Não tinha certeza do que dizer a essa criança que estava sendo forçada a morar comigo. Era território nunca explorado antes. "Bem-vinda" parecia completamente inapropriado, até mesmo perigoso. - Bem, vamos começar a instalá-la - disse enquanto me dirigia à traseira do Subaru de minha mãe.

- Tio Eddy, isso está realmente acontecendo? - Tiffany perguntou enquanto um redemoinho de folhas se formava ao redor de seus tornozelos. - Quero dizer, isso está *realmente* acontecendo?

- Olhe, Tiffany - disse, apontando para o dervis -, é outono em Nova York, uma época mágica para se estar aqui. - A sombra de um sorriso pode ter passado por seus lábios, mas não tive certeza.

- Você está sendo realmente maravilhoso por fazer isso, Ed - minha mãe disse depois que tínhamos pedido nossas saladas Caesars de frango e chá gelado. - Graças a Deus que você e Tiffany têm essa relação.

Uma vez que ela concordou em trazer minha sobrinha até a cidade, apesar de ser o dia de seu aniversário, eu a havia presenteado com um balde de madeira com crisântemos e insistido em levá-la para almoçar fora. Deixamos Tiffany no apartamento para começar a desfazer as malas e tirar uma merecida soneca. Sentados agora num café na calçada da rua Hudson, ficamos nos aquecendo ao sol da tarde, que realçava as mechas vermelhas que minha mãe havia feito.

- Obrigado, mas eu não queria que Megan enquadrasse Tiffany na Justiça sem ao menos tentar isso primeiro. - Megan havia ligado recentemente para o Departamento da Infância e Família para saber se Connecticut tinha uma versão da resolução PNS (Pessoa Necessitada de Supervisão) de Nova York, que permitisse que uma criança fosse trazida diante de um juiz que determinaria regras a serem seguidas. Se a criança as violasse um determinado número de vezes, ela seria enviada para um reformatório. Uma vez que um PNS era registrado, a parte requerente não podia mudar de ideia. Isso me parecia drástico, e temia que só fosse piorar a situação de Tiffany; via isso como um último recurso.

- É uma pena que Kathleen e Tyler não pudessem acolhê-la - minha mãe disse. - Tenho certeza de que Tyler a colocaria na linha. - Nós rimos. Kathleen ainda estava com seu amor de colégio, um caubói durão do Texas que entrou para o exército logo depois que eles se casaram. Dispensado há muito tempo, Tyler era agora um gerente na Home Depot que se mantinha em forma, ainda usava cabelo de militar e preservava um ar de autoridade inconfundível. - Mas depois de perder Heather há somente cinco anos - ela

continuou -, seria simplesmente estranho demais para eles ter uma adolescente de repente por perto de novo.

Minha sobrinha mais velha, que nasceu quando eu tinha quinze anos, havia morrido de repente de aneurisma cerebral quando tinha vinte anos. Não houve doença, nenhum aviso; numa linda quinta-feira de maio, em 1997, ela simplesmente foi levada de nós. Heather era a filha única de Kathleen e Tyler e, embora minha irmã tivesse só quarenta anos quando Heather morreu, eles haviam decidido não ter outro filho. Eles estavam bem melhor agora, considerando-se a situação, e o casamento deles parecia ter se fortalecido com a tragédia.

- É, acho que isso não foi sequer mencionado, o que considero compreensível - disse. - E eles não têm mesmo uma relação próxima com Tiffany. - Fiz uma pausa para arrumar os potes de sal e pimenta. - A questão é que já perdi uma sobrinha e não vou perder outra.

- Bem, eu bato palmas para você - mamãe replicou, enxugando o rosto levemente com a ponta do guardanapo de papel. - Seu pai é contra esse arranjo, sinto dizer. Ele acha que ou a Tiffany vai fazer da sua vida uma desgraça também, ou você não vai ser capaz de suportar o estresse disso tudo.

- Bem, é típico, não é? A lei de Murphy: Se alguma coisa pode dar errado, esteja certo de que vai dar. Ouvi isso durante toda a minha vida, embora seja um pouco difícil levar a sério hoje, vindo de um homem que tem tido problemas respiratórios desde o 11 de setembro porque assistiu a tudo pela televisão.

- Ah, você é maldoso! - mamãe chiou, tentando, sem sucesso, abafar seu gritinho agudo com o guardanapo. Minha mãe tem a risada mais alta, mais contagiosa do planeta; nas mesas ao nosso redor, cabeças sorridentes se viravam à procura da origem daquilo. Nossa risada estava, entretanto, impregnada de culpa, uma vez que meu pai sempre acusou minha mãe e eu de conspirarmos contra ele. Embora suas desconfianças costumassem ser infundadas, agora que ele ficou ainda mais sombrio com a velhice, não era raro trocarmos figurinhas.

- E Tiffany não está fazendo a vida de ninguém uma desgraça - eu disse. - Megan sempre foi desgraçada, o que é um problema. É crônica a maneira como o papai está sempre com pena de Megan e tomando suas dores quando ela mesma nem acredita que ele a ame. Acho que o papai fica simplesmente apavorado com a possibilidade de reconhecer que os pais podem ferrar a vida dos filhos de alguma maneira.

- Bem, tenho que dizer que eu me insiro em algum lugar nesse contexto, Ed - mamãe disse e elegantemente levou seu chá gelado até os lábios com batom. - Tiffany tem que começar a assumir a responsabilidade pelos seus atos em algum momento. Já vi o modo como ela e Sammy tratam a mãe, e honestamente não posso culpar Megan por querer dar-lhes uma boa surra de vez em quando. É tudo que posso fazer para não dar eu mesma umas palmadas nelas às vezes.

- É, bem, é por isso que ninguém pediu a você nem ao papai para ficar com Tiffany - impliquei. Na verdade, foi porque nem um dos dois tem energia nem paciência para ficar tempo integral com uma adolescente, e porque meu pai tem andado com pavor muito curto ultimamente. - Não, mas, na verdade, Megan deveria ter começado a disciplinar as garotas há anos. Não dá pra começar nesse ponto de repente, quando as filhas não têm mais nenhum respeito pela mãe, quanto mais um medo saudável dela.

- Você provavelmente tem razão, Ed, mas deve haver um jeito de conseguir que elas se comportem melhor. Espero que chegue a uma conclusão com Tiffany. - Minha mãe me olhou nos olhos e sorriu sabiamente. - Você com certeza terá mais entendimento do que é ser um pai muito em breve - disse ela.

Tiffany dormiu por catorze horas naquela sua primeira noite em Nova York. Havia gritado com o Green Day o tempo todo que desfez as malas e arrumou seu quarto, interrompendo somente para umas mordidas na sua carne de porco mão shu. Poucas palavras foram ditas. Enquanto ela dormiu, tentei fazer algumas leituras para o trabalho, mas de minuto em minuto me pegava olhando a parede que dividia nossos quartos. Não podia acreditar, mas era verdade: tinha sido feito. Em apenas oito dias tudo havia mudado completamente. Como já disse, eu cresço na mudança, e essa era singular. A mãe de todas as mudanças, parecia-me. Fiquei deitado lá imaginando o que o próximo ano tinha reservado para mim e Tiffany, as palavras de minha mãe girando dentro da minha cabeça. Como todo técnico de sofá, tinha achado fácil ficar de longe julgando a criação que minha irmã dava às filhas. Quis muito ser pai quando tinha meus trinta e poucos anos, e cuidadosamente observava ao largo enquanto Megan e Tony cometiam seus erros. Por que eles não instituíram hora para dormir? Será que não percebiam que, se cedessem aos gritos de uma criança, ela aprenderia a gritar mais? Eu me imaginava como um pai amoroso, mas severo, um que limitasse horário para assistir à televisão e obrigasse a ler regularmente. Estaria envolvido com todos os aspectos da educação de meu filho e o ensinaria, pelo encorajamento e exemplo, como explorar e se engajar no mundo. Isso tudo parecia ótimo na teoria, acreditava, mas será que eu teria feito melhor? Teriam minha baixa auto-estima e meu perfeccionismo compensatório ferrado totalmente a cabeça de meus filhos, a despeito de minhas intenções? Embora eu provavelmente nunca fique sabendo, ao menos eu tinha uma chance de fazer a diferença na vida de minha sobrinha. Na verdade, havia passado muito tempo durante a última semana pensando em como coibir os maus hábitos de Tiffany e estimular melhores. Mas não houve resposta. Até onde eu sabia, os caras com quem ela andava em Connecticut viriam na terça enquanto eu estivesse no trabalho e a levariam embora. Mas, por enquanto, só podia rezar para que esse arranjo funcionasse e tentar descansar com a certeza de que, pelo menos por essa única noite, Tiffany estava em segurança.

- Onde ele? Onde ele? - a recepcionista corpulenta gritava repetidas vezes, de cima de uma cadeira, com um olhar de pavor. Aparentemente um rato estava à solta no gabinete do superintendente da escola. Yvonne, que aprendemos ser o nome da jovem assustada, se recusava a descer até que alguém lhe mostrasse um roedor preso ou morto. Tiffany não conseguia parar de rir dessa cena absurda, e eu me deliciava por vê-la sorrir.

Fiz questão que nos vestíssemos impecavelmente para a reunião com Gail Cohen, havia muita coisa em jogo ali; Tiffany estava agora oficialmente sem escola. Uma vez que tudo que ela possuía eram jeans de cintura baixa e tops curtos colados no corpo, Tiffany estava usando sua única roupa de sair. Estava sentada com as pernas cruzadas, numa tentativa de esconder a fenda que vinha até a coxa na sua saia longa preta. Sua blusa de veludo roxo afofava no corpo, presa por sanfonas nos pulsos, com rasgos combinando que desciam pelas duas mangas, e sua sandália de salto plataforma tinha pelo menos uns sete centímetros. Era a roupa de uma garota de dezoito anos indo para um jantar festivo, não de uma garota de treze sendo entrevistada para uma vaga numa escola da rede pública da cidade de Nova York. Mas foi tudo que pudemos arranjar e, honestamente, não dava para negar que Tiffany estava bonita.

Gail era uma mulher pequena, de cabelos grisalhos curtos, com um forte sotaque novaiorquino. Ela veio até a sala de espera, lançou um olhar fulminante sobre Yvonne, e nos conduziu a uma pequena sala de reuniões. Depois de uns dez minutos de papo, durante o qual Tiffany negou a culpa por suas notas e realocação na caótica vida familiar, como

planejado, Gail disse: "Conheço o lugar perfeito para você, Tiffany." Ela começou a descrever um pequeno ginásio no lado leste da cidade que havia sido fundado apenas quatro anos antes, em parceria com uma importante universidade. Os professores da universidade haviam desenvolvido o currículo, e estudantes universitários ficavam à disposição diariamente para dar assistência aos alunos em todas as matérias. Era uma escola desafiadora, Gail disse, mas um ambiente academicamente rico, perfeito para uma aluna inteligente que havia tido problemas, mas estava agora determinada a ter sucesso. Parecia bom demais para ser verdade.

- Vou ligar para lá agora mesmo - Gail disse, pegando o telefone. - Alô, aqui é Gail Cohen do gabinete do superintendente - anunciou -, e tenho uma pequena família adorável sentada aqui comigo com uma jovem que será uma fantástica aquisição para sua turma de calouros. - Tiffany e eu trocamos um olhar conspiratório e eu sorri, percebendo pela primeira vez que agora éramos, de fato, uma família, e que eu tinha orgulho de nós. - Perfeito - Gail continuou -, Tiffany Adeletta estará aí amanhã de manhã às oito, com carteira de vacinação, certidão de nascimento e comprovante de endereço em mãos. Obrigada. - Ela desligou o telefone e se levantou para apertar nossa mão. Era isso, estava tudo certo. Embora já desconfiasse, mais tarde viria a confirmar que a nova escola de Tiffany era uma das mais difíceis de entrar em nosso distrito. Obrigado ao Senhor Jesus que eu não tenho uma lavadora e uma secadora no apartamento, era tudo que conseguia pensar quando desejei boa sorte a Yvonne, que ainda estava empoleirada em cima da sua cadeira.

DELINEADOR LÍQUIDO

- Não é possível, Tiffany, você não pode ser manequim zero - rebati. - Ninguém é manequim zero. É como dizer que você não existe, como se você não ocupasse espaço nenhum.

- Estou te dizendo, tio Eddy, eu *sou* manequim zero – Tiffany protestou.

Eca! A auto-imagem dela é pior do que eu pensava.

- Os tamanhos zero estão lá - interrompeu-nos uma jovem, vendedora esprevidada, apontando com uma unha inacreditavelmente comprida onde estava estampado algo que parecia ser uma praia ao pôr-do-sol, com coqueiros e tudo o mais.

- Obrigado. - Dei-lhe um sorrisinho e fui em direção às araras com manequim zero, levando Tiffany a reboque. Ah, que maravilha, pensei, um manequim alvo para anoréxicas.

Tiffany começara as aulas naquela manhã e tinha retomado para casa com a novidade de que havia um severo código de vestimenta a ser seguido: nada de jeans, somente blusas de gola e nada de camisas sem mangas ou de barriga de fora. Sem ter a menor noção de onde jovens de treze anos faziam compras em Manhattan, concluí que poderíamos começar pela Daffy, na Quinta Avenida. Estávamos agora nadando num mar de peles, veludo e lamé - um paraíso talvez para meninas europeias ou mesmo de Five Towns em Long Island, mas um inferno para uma garota que passava o tempo em que ficava acordada de jeans justos de cintura baixa e blusas curtas. Havia calças de pregas e tops laranja, roxos, dourados, prateados e verde-amarelados, bem como estampas psicodélicas que poriam Joseph e seu casaco tecnicolor no chinelo. Nada vinha sem uma franja, uma corrente, ou um aplique de borboleta com glitter dourado.

- Essas são as roupas mais escrotas que eu já vi! - Tiffany anunciou para todos na sessão de Karen Carpenter, num tom que claramente beirava a histeria. - E esse código de vestimenta é um saco.

- É, concordo com você nisso - disse calmamente em face da crise de adolescente. - Acho que já é hora de irmos para o East Village. - Entreguei a ela um tubo de delineador líquido que peguei num balcão próximo, que a acalmou de uma maneira que só delineadores líquidos conseguem.

Acordar às seis e quinze naquela primeira manhã foi penoso, embora não tenha certeza de quem sofreu mais, eu ou Tiffany. Tinha me remexido e me revirado a noite toda com sonhos de ansiedade, mas ainda estava funcionando com a adrenalina alta. Tiffany, ao contrário, tinha que se levantar da cama para encarar o desconhecido.

- Levante e brilhe - disse eu alegremente, enquanto acendia a luz junto à cama dela. Minha mãe havia me dito aquilo todas as manhãs enquanto fui criança. Observei enquanto Tiffany abria os olhos e se lembrava de onde estava.

- Estou acordada, estou acordada. - Ela levantou o corpo nos cotovelos e abriu os olhos só um pouquinho. - Você pode acender aquela luz lá em vez dessa, de hoje em diante? Dói minhas vistas.

- Como quiser, Vossa *Majestez*a - brinquei, mais ou menos. - Tudo que eu puder fazer para ajudar a tornar sua reentrada no mundo mais agradável. - Percebi um sorriso. - Por que não vai entrando no chuveiro enquanto começo o café-da-manhã?

Uma das maiores reclamações de Megan era que Tiffany não levantava na hora para ir para a escola e constantemente perdia a condução. Se Megan não a levasse, Tiffany simplesmente perderia a aula. Quando perguntei por que ela não arrastava Tiffany pra fora da cama, se necessário, Megan respondeu que ela mesma não acordava antes da hora de chamar Sammy, que sempre acordava mais tarde. Eu não me lembro de sequer

me levantar para a escola sem mamãe lá para me ajudar, pensei, mas não disse nada, especialmente porque tinha certeza de que Megan não se lembraria das coisas dessa maneira. Frequentemente tinha a impressão de que eu e Megan havíamos crescido em lares completamente diferentes. De qualquer modo, eu iria fazer o melhor para estar com Tiffany todos os dias àquela maldita hora.

A visão e o cheiro de ovos mexidos àquela hora da manhã me davam vontade de vomitar. O rádio que eu havia preparado na cozinha para distrair meus sentidos não estava dando resultado, e tudo piorou quando Tiffany deliberadamente encharcou sua porção com ketchup. Mas eu queria me sentar para um café-da-manhã direito com Tiffany toda manhã, como uma família normal. Durante os meus anos de ginásio, eu tomava uma xícara de chá, um shake instantâneo e um copo de Tang toda manhã. Pensava que era normal e nutritivo, mas as pessoas ficaram horrorizadas no dia em que resolvi comentar isso. Comemos em silêncio e conseguimos sair na hora desejada, sete e meia.

- Agora tente prestar atenção no caminho que vamos fazer - disse enquanto saíamos de casa naquela manhã fria de final de setembro. - Você vai ter que andar sozinha da estação do metrô até em casa.

- Vou ficar *tão* perdida, tio Eddy. Não há jeito de eu me achar sozinha nessa cidade. - Tiffany havia modelado seu cabelo com gel, deixando-o ondulado e com aparência molhada, e colocado um pouco de maquiagem. Parecia meio latina, pensei, e isso era provavelmente uma coisa boa. Ela estava usando seus jeans justos básicos, tênis e um confortável suéter de gola V que era um pouco ousado demais para o meu gosto. E isso era provavelmente uma coisa ruim, pensei, mas a gente tem que escolher as nossas batalhas com cuidado.

- Ah, que é isso! - retruquei. - Você conhece essa vizinhança bem mesmo. Você viveu por aqui durante *somente* um total de nove semanas nos últimos dois verões. E não se preocupe, vamos pegar leve na questão de viajar por diferentes áreas da cidade sem mim. - Não tinha a menor idéia de quanto senso de direção jovens de treze anos deveriam já ter desenvolvido, ou quanta liberdade para navegar sozinha era apropriada num lugar como Nova York. Teria que buscar aconselhamento.

Era uma boa caminhada até a estação de metrô de West Fourth pela Sexta Avenida. Depois tínhamos que descer até o que parecia ser os intestinos do inferno para encontrar a plataforma onde pegar o trem F para o centro.

- Então, quando você saltar do trem hoje à tarde, caminhe na plataforma na direção que o trem estava indo, até o final, e depois suba todos os lances de escadas até chegar à rua. Então, atravesse a Sexta Avenida e ande pela Waverly Place até chegar à praça Sheridan, que você vai reconhecer. - Tiffany olhava para mim em estado de choque, sentada ao meu lado naquele assento de trem de plástico laranja, olhando fixamente para a frente, tomando cuidado para não fazer contato visual com os outros passageiros.

- Como quiser, tio Eddy. - Tiffany nunca havia pego transporte público sozinha antes, e eu sabia que essa ideia a deixava nervosa. Sua ansiedade atual, entretanto, era provavelmente maior em relação a ser uma aluna nova numa escola pública de Nova York do que em relação ao transporte mais tarde.

- Vai dar tudo certo - cochichei, e apertei seu joelho. Fiquei imaginando se ela sabia que eu estava falando tanto para mim quanto para ela.

Emergimos das profundezas numa avenida chamada East Broadway. Era larga e movimentada, e eu nunca tinha ouvido falar dela. Na verdade, nos meus dezenove anos morando na ilha de Manhattan, eu nunca havia visto nem ouvido falar de toda essa área da cidade. Gail Cohen a havia chamado de Lower East Side das ruas Clinton, Ludlow e

Rivington - um novo bairro da moda que havia sido criado por imigrantes judeus no início do século. Esse lugar ficava a sudeste daquela área, a leste de Chinatown, e ao norte de South Street Seaport. Era um lugar entre outros, terra de ninguém formada por austeros prédios altos de tijolos vermelhos, construídos em blocos e em ângulos estranhos. Então é aqui que estão os projetos futuros, pensei. Os nomes me eram longinquamente familiares, tal como Knickerbocker, Rutgers, LaGuardia, mas eram nomes que eu não associava a coisas boas. *Ai, Jesus, no que eu meti minha sobrinha?*

- Ande sempre por essa avenida principal - avisei. - Não pegue atalhos por entre aqueles prédios ou fique por lá antes ou depois da escola. Aqueles lugares podem ser perigosos.

- Não se preocupe, tio Eddy - Tiffany respondeu. - E, preste atenção, você não pode me levar até a escola. Isso seria a pior coisa a fazer. Diga-me quando estivermos a dois quarteirões de lá e me aponte a direção certa.

Vai sonhando, pensei, mas fingi que concordava.

Depois de mais cinco minutos de caminhada pela avenida, deserta, ladeada por botequins, dei um beijinho na bochecha de Tiffany e mandei que pegasse a direita na Gouverneur Street e a escola estaria à sua direita depois que fizesse a curva. Fiquei observando enquanto ela atravessava a avenida, sozinha em meio a pequenos grupos de crianças carregando grandes mochilas e usando tênis de cores brilhantes. Na primeira esquina, Tiffany virou à direita, sem prestar atenção à sinalização. Assobiei o mais alto que pude, e ela se virou. Fiz um gesto com as duas mãos indicando o caminho, como os controladores na pista do aeroporto, e ela sorriu e tomou o rumo certo. Depois continuei correndo de cabine telefônica para quiosque para guarita de ônibus, em busca de proteção, enquanto a seguia pelo resto do caminho.

Tiffany virou na rua certa dessa vez e se viu envolta pelas United Colors of Benetton. Literalmente. Com certeza, havia uma variedade impressionante de acessórios Tommy Hilfiger em desfile, mas foi a diversidade de crianças que chamou minha atenção. Eram um mar de asiáticos, hispânicos e afro-americanos, sendo Tiffany uma das poucas caucasianas no meio do grupo. Observei-a caminhar - sem dar um tropeço - escada acima, passando pela segurança e entrando no belo prediozinho recém-reformado com grades nas janelas. Não podia acreditar na coragem dessa juvenzinha. Tiffany só tinha treze anos, ainda assim, não houve choro, nem protestos, nem pedidos para desistir. Não acho que eu teria conseguido fazer aquilo.

- Foi tudo bem - ela respondeu ao telefone mais tarde, quando perguntei como tudo tinha ido. - Os alunos, tipo, se amontoaram ao redor da minha mesa e se apresentaram. Isso não acontece em Connecticut.

Eu ri, tonto de alívio por ela ter passado por isso tão bem e ter encontrado o caminho de volta para o apartamento.

Naquela noite, depois de dobrar as blusas novas de Tiffany (ainda justas, mas com golas) e as calças de veludo justas, Tiffany pediu para dormir no chão ao lado da minha cama - algo que ela já havia feito durante nossos verões juntos, mas só quando tinha pesadelos. Por mais que eu quisesse agradar, tive que dizer não. Podia ver que ela estava tão cansada quanto eu, então, nós dois precisávamos do melhor descanso que pudessemos ter. Afinal de contas, de acordo com nossos planos agora, estaríamos nos levantando juntos ao raiar do dia pelos próximos quatro anos.

TODO BOBO

Tive minha primeira noite livre na sexta depois que Tiffany se mudou para cá. Embora a obsessão estivesse começando a acalmar e eu estivesse pra lá de exausto, era o aniversário de quarenta anos de um amigo há muito planejado, portanto, minha presença era requisitada. Talvez um papinho de adulto, umas boas risadas e uma dose considerável de vinho me ajudassem a espantar uns grilos e redescobrir uma boa noite de sono. Além disso, sabia que Tiffany ficaria feliz - até mesmo aliviada, talvez - por ter uma noite só para ela.

A festa era num aconchegante restaurante francês no final de Meatpacking District, apenas um pouco depois do nosso prédio, e me peguei espremido ao lado de um amigo que ensinava em uma das mais exclusivas escolas particulares de Manhattan. Ele havia sabido da minha repentina tutela e me perguntou como as coisas estavam indo.

- Estou todo bobo com ela - respondi. – Absolutamente apaixonado.

Um enorme sorriso se estampou em seu rosto.

- Você tem que estar - ele disse. - É o único jeito de se conseguir fazer isso.

Uma onda de alívio me atravessou. Viu, você não está *realmente* se apaixonando por sua sobrinha, seu bobo. Os adultos ficam enfeitiçados pelas crianças o tempo todo. Quero dizer, não estava com medo de que eu estivesse *de verdade* apaixonado por ela, mas, cara, que meus sentimentos pareciam com uma quedinha poderosa, pareciam. Tiffany era como uma criatura exótica que havia de repente caído do céu no meu mundinho rotineiro e chato. Ela era infinitamente fascinante para mim.

Simplesmente adorava olhar para ela, tinha buscado maneiras de fazê-lo sem que ela percebesse ou ficasse preocupada com aquilo. Quando assistíamos a filmes em casa, fazia questão de me sentar no sofá mais longe da televisão, de modo a poder observá-la, incógnito, vendo o filme. E não era só porque Tiffany é bonita, o que é inegável. Era porque eu queria ver suas reações às coisas, observar o efeito que tinham em sua mente, mesmo que pequeno. Como naquele momento em *Ensina-me a viver* quando fica absolutamente claro que Ruth Gordon e Bud Cort verdadeiramente consumaram a relação. "Nojento!", Tiffany grunhiu. Mas de meu lugar privilegiado pude ver um ar de agradável surpresa cruzar seu rosto. Ela havia visto algo novo, algo que nunca havia contemplado - que o amor podia acontecer entre um garoto de vinte e um anos e uma mulher de setenta e nove. E eu tive o privilégio de estar lá para ver Tiffany descobrir isso.

Cada momento seu me cativava. É claro que a maneira como ela imitava Britney Spears quando saltitava pela sala me encantava, mas isso era esperado de uma menina da idade de Tiffany. Do que eu já tinha me esquecido era de como os adolescentes conseguem encontrar as posições mais estranhas para fazer tarefas banais, como quando Tiffany falava ao telefone deitada no chão com as pernas para cima, apoiadas na parede com os pés cruzados. Ou a maneira ilógica que ela escolhia para fazer o trabalho de casa, deitada de bruços no chão de nosso minúsculo hall de entrada com os papéis todos espalhados, tornando impossível minha passagem. (Ver Tiffany daquele jeito me fazia lembrar uma foto que minha mãe havia tirado de mim enquanto eu fazia dever de casa; eu estava apoiado nos cotovelos no tapete da sala de estar com Gidget, o gato da família, dormindo profundamente em minhas costas.) E eu rapidamente aprendi que a melhor maneira de se fazer um rabo-de-cavalo decente era deitar na cama e pendurar a cabeça para fora, na beirada.

Também havia me esquecido de como podia ser sedutor o método Teflon que os adolescentes tinham de resolver as coisas: esquecendo-se imediatamente e continuando a vida. O dia anterior à festa do meu amigo foi um exemplo perfeito. Tinha sido uma

boa manhã. Tiffany estava falando e nós não tivemos nenhuma desavença em casa enquanto tentávamos sair na hora. Mas então, a caminho da estação do metrô, tivemos a seguinte conversa:

EU: Quero que você faça aulas de apoio, para ajudá-la em matemática.

ELA: Não quero ficar depois da hora.

EU: Não se trata de *querer*. Eu não quero ir ao trabalho. Na verdade, a ideia de me sentar à minha mesa nessa manhã me dá vontade de vomitar. Mas eu vou.

ELA: (um tom acima) Bem, você não está me ajudando nem um pouco, sempre me dizendo que não vou passar. "Você não vai passar em matemática. Não vai passar em espanhol." Como posso acreditar em mim mesma?

EU: Isso não é verdade. Você sabe que eu estou tentando evitar que seja reprovada.

Mas já estávamos em frente à entrada da estação de metrô. Tínhamos rapidamente estabelecido uma rotina, na qual eu lhe dava um beijo e dizia: "Tenha um bom dia", antes de vê-la atravessar a rua e sumir escada abaixo. Isso me deu uma chance de observá-la por um momento, saindo pelo mundo em Nova York sozinha. Além disso, eu podia gritar coisas embaraçosas para ela enquanto atravessava, tais como "não se esqueça de ir à academia!", ou "jogue o chiclete fora!". Mas naquela manhã quando fui dar-lhe o costumeiro beijo, ela virou o rosto, se afastando dos meus lábios, e não voltou. Um tchau seco foi o meu castigo.

A raiva ficou buzinando na minha cabeça o dia inteiro. Não era verdade. Eu estava ajudando a construir sua confiança, não a destruindo. Mas ela era tão desligada nos assuntos relacionados à escola. Sua oitava nota D "não foi tão ruim". A reprovação era uma possibilidade real ali, e seria saudável e motivador temê-la, não? Mas agora eu tinha sido acusado.

Ela destrancou a porta do apartamento naquela noite com um sorriso largo no rosto e um "como foi seu dia?". O fone estava em sua cabeça, naturalmente, então, não precisei responder. (Na verdade, em seguida eu teria a impressão de que nunca havia falado com ela até que nos sentamos para o jantar.) Ela estava decididamente pra cima, falando pelos cotovelos na internet. Seria fácil deixar que a conversa daquela manhã desaparecesse na correnteza de nossa curta história juntos.

Entre uma mordida e outra na carne que havia passado do ponto, respirei fundo mentalmente e mandei.

- Quero falar sobre essa manhã um minuto.

- Ah, já esqueci tudo.

- Bem, eu senti um pouco de raiva o dia inteiro. Não acho que foi justo de sua parte transformar minhas tentativas de ajudá-la em sabotagem contra você. Você realmente se sente dessa forma?

- Não, só estava de mau humor, procurando algo para reclamar.

Fim da história, processada e acabada. Método Teflon de adolescentes.

Quando voltei da festa de aniversário do meu amigo, um pouco bêbado de tantos brindes, Tiffany estava dormindo no sofá na frente da televisão. Fiquei observando sua respiração suave passando pelos lábios perfeitos, seu rosto anguloso em paz. Depois de guiá-la até o quarto, colocá-la na cama e fechar a porta, sentei-me na minha cama e chorei. O amor era tão grande que doía, e percebi o quão solitário eu era antes de Tiffany chegar.

TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO

- Ai meu Deus, tio Eddy! Você tem TOC? – Tiffany praticamente gritou, abanando um pedaço de papel pela casa, com um largo sorriso no rosto. Eu estava de pé à frente da pia na nossa minúscula cozinha, lavando a louça do café-da-manhã de domingo.

- Sim, na verdade, tenho - respondi, colocando a frigideira encharcada na bancada com minha mão de luva de borracha amarela. - O que é isso que você tem aí? - perguntei, decidindo não contar para ela o quanto eu estava impressionado por ela saber o significado de TOC.

- Espera, você toma algum medicamento para isso? - perguntou. Tiffany sempre me via tomando montes de pílulas, então talvez estivesse tentando desvendar minhas mazelas pelo processo de eliminação.

- Não, não quis tratar meu TOC porque acho que funciona para mim - disse, enquanto lavava o batedor de ovos, uma haste de cada vez, coisa que me dava prazer. - Ele me ajuda a me manter organizado e atento aos detalhes e me dá a sensação de que tenho as coisas sob controle. Então, o que tem no papel?

- Bem - Tiffany começou, com um sorriso malicioso. – Fico encontrando essas listas estranhas por todo o apartamento. Não me lembro de ter visto isso durante o verão, então acho que você tentava esconder de mim sua compulsão por listas.

- Não estava tentando esconder nada - menti. - As listas são muito úteis, e não necessariamente um sinal de TOC. Quando risco um item da lista, tenho uma sensação de realização, não importa o quão pequena. Portanto, fazer listas, na verdade, contribui para uma saudável sensação de sucesso.

- Ah, *é mesmo?* - ela perguntou dramaticamente.

Comecei então a me preocupar com que lista ela havia encontrado. Torci para que não tivesse sido minha lista de "Coisas que eu Gostaria de Mudar no meu Corpo, através de cirurgia ou outra maneira". Isso seria difícil de explicar para uma adolescente a quem você está desesperadamente tentando ajudar a parar de pensar obsessivamente no próprio corpo.

- Sei que algumas de suas listas são muito práticas, tio Eddy - ela declarou, enquanto segurava o papel para ler em voz alta -, mas essa é um pouco estranha. - Ela pigarreou e eu preendi a respiração.

- "Coisas que Estou Sempre Pretendendo Fazer" - começou. Alívio. - "Me tornar fluente num língua estrangeira; tirar meu certificado de mergulhador; saltar de um avião; usar o forno; escrever um romance; fazer aulas de patinação artística; e, meu favorito, virar Hare Krishna." - Ela pronunciou "hairy", e começou a rir enquanto me encarava fingindo emoção, esperando por uma explicação.

- Não é esquisito - respondi com sotaque britânico carregado, rápido no gatilho -, é simplesmente superexpressivo. – Arranquei a lista das suas mãos. - Isso é uma citação de *Howards End*, um filme sobre não-conformistas a que eu, de fato, recomendo que assista.

- Alugue, eu verei - Tiffany respondeu. - É seu TOC que o faz tão arrumadinho também? Como, quando assistimos a um filme, você dobra o lençol e afofa o travesseiro toda vez que me levanto para ir ao banheiro ou atender ao telefone?

- Ah, acho que sim, Tiffany - respondi com exasperação fingida. - Olha, sou gay, então isso é genético. Tenho um gene especial que me faz querer decorar e ser limpo e organizado. Você deveria estar feliz de eu não ter o gene da ópera também. Isso a poria muito mais louca.

Depois, naquela tarde, quando eu retomei à cozinha para preparar o jantar de domingo, encontrei uma lista escrita com a letra de Tiffany. Cada item estava organizadamente riscado por linha bem no meio:

~~LEVANTEI~~
~~BEBI SUCO DE LARANJA~~
~~BATI PAPO NO AOL~~
~~OUVI EMINEM~~
~~TOMEI CAFÉ DA MANHÃ~~
~~FALEI COM TIO EDDY SOBRE TOC~~
~~FIZ UMA LISTA E RISQUEI TUDO~~

Rolei de rir e Tiffany veio correndo de seu quarto até o corredor. Seu risinho sem-vergonha deixava claro que ela estava contente consigo mesma.

Nosso primeiro sábado juntos não tinha sido exatamente como planejado. Na verdade, seria provavelmente lembrado como meu primeiro grande erro enquanto pai. Tinha planejado uma festinha com os adolescentes da vizinhança para uma pizza em nossa casa, juntamente com seus pais, para celebrar a chegada de Tiffany. Tinha me esquecido de que, quando sentados com adultos, os adolescentes não se falam. Então, lá estávamos nós, uma sala cheia de semi-estranhos de quinze anos comendo pizza em silêncio. Puxei conversa sobre a vizinhança e fui informado de que um novo parque estava sendo construído às margens do rio Hudson - o tipo de conversa que provavelmente fez os adolescentes se contorcerem ainda mais. Tinha certeza de que eles estavam doidos para debochar de mim. Eu estaria, se fosse eles.

Depois de meia hora, ouvimos uma batida na porta seguida de uma voz abafada: "É o Aleksí." Quando abri, um jovem impressionante estava de pé olhando diretamente para os meus olhos, sua mão esticada para frente para apertar a minha.

- Você deve ser o tio Ed - Aleksí disse enquanto entrava no apartamento, seguido por seu amigo Liam, um jovem desengonçado, mas bonitinho, com cara de ginásio. Além do olhar penetrante de Aleksí, ele impressionava pelo cabelo desgrehado, parcialmente pintado de verde, suas unhas pintadas de marrom-escuro e os olhos negros contornados por delineador pesado. Quando ele entrou, suas calças largas e brilhantes arrastavam pelo chão como a comitiva de casamento da noiva de Frankenstein.

Embora Aleksí morasse no quarto logo abaixo do de Tiffany houvesse pelo menos dois anos, nunca havia posto os olhos nele. Havia falado com o padrasto dele, Marvin, algumas horas antes, e ele me prometera que Aleksí viria, embora ele mesmo não pudesse. Isso foi um alívio, uma vez que as coisas entre mim e Marvin ainda estavam meio esquisitas. Logo depois que ele se mudou para o apartamento abaixo, começou a reclamar dos barulhos que vinham do meu. Embora eu acreditasse que era silencioso como uma lesma de jardim, ele reclamava de cada movimento que eu fazia. Nossos contratos estipulavam que os apartamentos devem ser 100 por cento acarpetados de parede a parede por causa do material vagabundo com o qual construíram o prédio. Verdade seja dita, eu tinha uns barulhinhos: umas poucas áreas com tapetinhos aqui e ali, mas sem carpete. Depois que Marvin reclamou com o condomínio, fui forçado a gastar dois mil dólares para acarpetar a parte dos fundos do meu apartamento. Considerei-me com sorte por conseguir negociar para que o resto do piso permanecesse em madeira reluzente, novinho em folha e lindíssimo. O que eu nunca contei para Marvin ou para o condomínio, entretanto, foi que realmente fiquei feliz em acarpetar o

espaço entre nossos quartos, uma vez que eu não suportava o barulho dele gritando com Aleksí a noite inteira. Normalmente era um simples "desligue esse computador!" repetidas vezes, mas às vezes Marvin se lançava num discurso sem fim. Agora, pelo menos, ficava tudo meio abafado.

Descobri depois, através de outros vizinhos, que a mãe de Aleksí era russa e tinha vindo para os Estados Unidos quando Aleksí era pequeno. Ela havia colado com Marvin havia uns anos, fazendo dele uma espécie de padrasto para Aleksí. Logo depois deles se mudarem para o prédio, a mãe de Aleksí morreu de câncer, deixando Aleksí aos cuidados de Marvin.

Marvin e Aleksí representaram um enorme progresso em relação ao meu último vizinho do andar de baixo, que costumava bater em prostitutas a noite toda. Eu teria chamado a polícia, mas podia ouvir cada palavra e cheguei à conclusão de que era tudo parte do ato. Burton era um personagem terrível que, quando não estava em sua loja de bagagem na Eighth Street, era basicamente um recluso. Costumava assistir à televisão com som altíssimo e mudava de canal a cada dois segundos, levando a mim e aos vizinhos abaixo dele à loucura. Burton sofria de diabetes e, em consequência disso, teve que amputar um dos pés; quando ele retornou do hospital depois da cirurgia, deixou marcas de sangue pelas escadas. Em um ano, Burton morreu. Dera uma festa para assistir ao Globo de Ouro naquela noite e, quando meus amigos saíram no final do show, Eugene me ligou da calçada para dizer que haviam encontrado um corpo no apartamento abaixo do meu. Desci correndo para apurar a história. Enquanto estava amontoado num círculo de pessoas debaixo do frio, olhamos para cima e vimos Wendy, minha vizinha que morava logo abaixo de Burton e que já vinha guerreando com ele por causa do barulho havia anos, de pé à janela. Ela sorria diabolicamente e fez um sinal com uma das mãos cortando o pescoço, enquanto com a outra apontava para o teto de seu apartamento. "Vizinhos amigáveis você tem por aqui", Eugene comentou sarcasticamente. Deus nos perdoe, lembro-me de ter pensado enquanto nossas gargalhadas enchiam o ar.

Aleksí e Liam caminharam bem até o meio da sala, pegaram um pedaço de pizza e se sentaram no chão. Aleksí falou com Tiffany que estava do outro lado da sala, aparentemente sem a típica preocupação exibida por adolescentes quando na presença de adultos. Eu sabia que ele frequentava Stuyvesant, a melhor escola de Nova York, e seu nível de inteligência ficava imediatamente claro. Quando ele disse a Tiffany que tocava guitarra e que podia ser visto com frequência tocando em vários lugares pela vizinhança, os olhos de Tiffany assumiram um brilho radioativo. Nunca a tinha visto tão animada assim com um menino antes.

- Ah, isso é tão maneiro - flertou.

- É, quando toco do lado de fora da padaria Magnólia, todos os yuppies babacas me dão dinheiro - Aleksí disse casualmente.

- Olha o vocabulário - rosnei, enquanto toda a garotada ria. Aleksí se desculpou, mas senti que sabia que eu estava impressionado com ele também.

- Ei, tio Ed - ele disse -, o que me diz de eu e Liam levarmos Tiffany para um passeio pela vizinhança?

- Ela conhece a vizinhança, Aleksí - respondi. - Ela ficou comigo por uns períodos durante os dois últimos verões seguidos.

- Essa é a *sua* versão da vizinhança, tio Ed - Aleksí disse com um sorriso. - A nossa é um pouquinho diferente.

- Bem, acho que está ok. Quer dizer, se os pais de Daniel e Emily deixarem vocês levá-los também - respondi espertamente, evitando contato visual com Tiffany. Daniel era um menino estudioso, tímido, que morava no primeiro andar e era muito próximo dos

pais; e Emily era um docinho de menina do quarto andar, pelo menos oito meses mais nova que Tiffany. Os pais deles disseram sim, contanto que o passeio durasse no máximo uma hora. Antes de saírem, no entanto, chequei a lista de Tiffany, o que a deixou morrendo de vergonha. Não era uma lista de verdade, como todas as minhas; era uma lista verbal, e chequei cada item antes de Tiffany sair do apartamento e ela me respondia "sim", se o item estivesse no seu bolso ou bolsa, endereço de casa, número do telefone, identidade, chaves, mapa, dinheiro, essas coisas. Às seis, já estava ficando escuro lá fora, e observei da janela Tiffany caminhando pelas ruas do Village com os outros jovens pela primeira vez. Infelizmente, a jovem Emily e o virtuoso Daniel voltaram em quinze minutos, sem sinal de Tiffany e dos outros garotos.

A festa - se podemos chamar assim - foi desanimando rapidamente e todos começaram a ir embora. Embora ainda não tivesse passado uma hora desde que Tiffany saísse, os pais pareciam arrasados ao saírem, desejando-me boa sorte e oferecendo ajuda, caso eu precisasse. Fiquei de pé à janela e esperei.

Tiffany apareceu com uns míseros quinze minutos de atraso chegando ao prédio sozinha, sem vestígio de Aleksí e Liam. Ela disse que eles tinham encontrado alguns amigos pela rua e ficaram lá com eles. Bem feito por confiá-la a Aleksí, pensei. Porém, não fiz grande caso disso, uma vez que essa era a primeira vez que ela saía com "amigos" e seu toque de recolher tinha sido uma minguada sete e meia.

Tinha prometido pintar o cabelo de Tiffany como nossa atividade noturna pré-vídeo, e estava no meio da cozinha todo respingado de "castanho-dourado" e correndo contra o relógio para aplicar a tinta toda antes que fosse hora de começar a tirar. Odiava a bagunça, mas adorava o cheiro que exalava, que me fazia lembrar do tempo em que observava minha mãe pintar os cabelos, trinta anos atrás. O cheiro da tinta havia mudado um pouco através das décadas, o que me fez estranhar, mas me confortou. Pintar o cabelo longo e cheio de Tiffany era uma empreitada muito mais desafiadora que descolorir os cabelos de seus braços, dedos, mãos, articulações e costas, o que tínhamos feito muitas noites antes. A pequena espátula que vinha com o kit de descolorir era adorável, e usá-la tinha sido como confeitar bolinhos humanos. Por sorte, Tiffany não tinha pêlos faciais, portanto, não tive que aplicar o produto em seu rosto. "Tenho certeza de que tem um bigodinho vindo", ela tinha reclamado enquanto ia para o banheiro para concluir sozinha sua feliz jornada. "Odeio ser italiana."

- Ele até que é atraente, de um jeito esquisito - Tiffany respondeu quando perguntei o que achava de Aleksí. - Mas tem um queixo grande, meio do tipo de Jay Leno, e parece meio gay também. Sem ofensa, tio Eddy - ela completou rápido. - Mas realmente não acho que ele seja. Liam definitivamente não é.

- Tudo bem, querida - respondi, apertando o pote com mais firmeza. - É, então, qual é a história de Liam? - Imaginava se haveria alguma chance de se interessar pelo mais normal dos garotos. - Grampo, por favor - ordenei, e Tiffany me entregou um.

- Ele tem uma namorada e é secundarista em Stuyvesant também - respondeu -, e parece legal. Só que muito menos interessante que Aleksí.

- É, tenho que concordar com você nisso. Aleksí parece mesmo ser um personagem e tanto. Definitivamente não é alguém que pudesse encontrar em New Milford, hein?

- Aimeudeus, tio Eddy! - Tiffany gritou de repente.

- Que foi, que foi? A tinta te queimou, querida? - Dei a volta rápido para olhar o rosto dela.

- Não, só estou animada por finalmente ter um amigo na vizinhança! E ele vai me ensinar a tocar guitarra também. - Ela se sacudia de um lado para o outro na cadeira a minha frente, seu pescoço seguindo os lábios, toda satisfeita.

Você só está aqui há uma semana, pensei, e ele não só mora na vizinhança, mas no prédio. Bem abaixo de você, na verdade. Quanto tempo vai levar até que comecem a fugir pela escada de incêndio para o quarto um do outro?

- Isso é ótimo, Tiffany - eu disse. - Estou animado por você, de verdade. - Eu e minha estúpida festa de pizza, pensei enquanto prendia outra mecha de cabelo para trás e apertava com mais força ainda.

- Hei, espere um minuto. Pare o filme - Tiffany gritou. Estávamos assistindo a *O bebê de Rosemary* que eu havia selecionado da lista de "vídeos para alugar" que eu mantinha na prateleira ao lado da porta. A lista tinha no mínimo vinte e uma fichas de arquivo, e eu riscava o título e o nome do diretor de cada filme que eu já tinha visto. Fichas de arquivo resistiam mais ao transporte que papel comum, e eu procurava sempre levar uma comigo, caso me visse numa locadora coçando a cabeça. (Recentemente iniciei uma ficha com filmes para alugar com Tiffany, que incluía *Procura-se Susan desesperadamente*, *Minha vida de cachorro* e *Mundo cão*.) Parei o DVD como havia sido ordenado.

- Então, aquela senhora, Anne Marie, ela acabou de ser dopada por seu marido e vizinhos e então foi, tipo, estuprada pelo demônio? - Tiffany perguntou, seu rosto incrédulo.

- Sim, embora essa ideia seja tão terrível, que alguns espectadores talvez acreditem que ela esteja sonhando ou delirando. Eu lhe disse que era bem chocante. - Tiffany adora filmes de terror e, uma vez que eu estava tentando instruí-la em conhecimentos cinematográficos, achei que pudéssemos chegar a um meio-termo com clássicos como esse ou *Gosto de sangue* dos irmãos Coen. - E é Rosemary, não Anne Marie - completei.

- Chocante? - ela perguntou incrédula. - O que é chocante é que acorda toda coberta por arranhões feios, depois de ter desmaiado misteriosamente na noite anterior. Ela olha para o marido e ele se desculpa, dizendo a ela que já cortou as unhas e que não pôde resistir à vontade de fazer sexo com ela. E Maryrose fica, tipo: "Ah, tudo bem." Essa é a parte chocante!

- O que você quer dizer? - perguntei totalmente a fim de embarcar naquela onda de Tiffany.

- Primeiro, se meu marido, namorado, ou sei lá o quê, fizesse sexo comigo enquanto eu estivesse desmaiada, eu iria denunciá-lo por estupro. Além disso, se eu acordasse arranhada daquele jeito, mesmo que não envolvesse sexo, sairia correndo do apartamento gritando. Bem, talvez, por você ter dito que o apartamento deles tinha pertencido a um dos Beatles, eu chamasse a polícia para levá-lo de lá por ter me espancado.

Assistimos ao resto do filme. Quando terminou, me virei para Tiffany e perguntei:

- Então, o que você acha agora? Está com medo?

- Com medo? - Tiffany fingia não acreditar. - Você não pode estar falando sério. Foi tão retardado. Não acredito que ela não matou o monstrinho com aquele facão de açougueiro. Eu o teria matado e meu marido adorador do diabo também!

- Muito interessante, Tiffany - disse em consideração a ela. - Nunca analisei o filme sob uma perspectiva feminista. O romance foi escrito por um homem e, na verdade, o diretor do filme fugiu dos Estados Unidos porque foi acusado de ter relações sexuais com uma menina mais nova que você. Embora ele nunca tenha voltado, continua fazendo filmes na Europa; ele tem um novo sendo lançado agora, *O pianista*, que dizem ser ótimo.

- Parece que ele é um perverso - Tiffany respondeu enquanto retirava o DVD do aparelho e sintonizava a TV no SNL. - Esse foi um filme sobre uma vítima de estupro

que nunca consegue vingança. Em vez disso, Mary Ann se torna uma serva de seu estuprador.

- Sabe de uma coisa, você está absolutamente certa - concordei.

- Mas precisa se lembrar do nome da personagem principal, Rosemary, e que ele é icônico, que significa simbólico, que sugere um significado maior.

- É, que seja, tio Eddy.

Um pouco mais tarde, quando Tiffany estava ao telefone com sua amiga Christina, eu corri para o meu quarto, botei uma peruquinha loura da minha coleção no armário, enfiei um travesseiro embaixo da camisa para parecer grávido, e apanhei um facão de trincar na cozinha. Eu me esgueirei até Tiffany e comecei a: imitar o cantarolar, o "lálálá" arrepiante do filme.

- Ah, meu Deus, "Christina, pegue o machado!" - ela gritou, e começou a dar risada. Eu tinha ensinado a ela a fala do filme *Mamãezinha querida*, e agora ela havia encontrado o momento perfeito de usá-la. - É a Roseanne do filme, completa, com facão, bebê-diabo na barriga e tudo!

Talvez Tiffany estivesse inabalável, mas fazer palhaçada ajudou a espantar o nervosismo que tinha ficado depois do filme.

EXPEDIÇÕES

- Tio Eddy – Tiffany começou, numa entonação alta que descia do T até o Y. Logo aprendi que quando a conversa começava assim, Tiffany invariavelmente ia me pedir algo que ela sabia que muito provavelmente estava fora de questão. Talvez ela pensasse que, me alertando para o que estava por vir, bem como para sua própria conscientização da impossibilidade, eu simplesmente ficaria encantado o suficiente para ceder.

- Sim? - entrei no jogo, cantarolando lentamente do S ao M. Era por volta de meio-dia no feriado do Dia de Colombo, e a brisa rápida soprava contra o meu rosto recém-barbeado.

- No mês que vem, para o meu aniversário, posso chamar, assim, dez amigos de Connecticut para passar o fim de semana? - Estávamos passando pelo recém-reformado Jackson Square Park em nosso caminho pela Eighth Avenue para pegar o trem C na Fourth Street. Adorava a fonte de ferro fundido, imitação do século XIX, que agora ficava no centro do parque. Nos meses mais quentes, ela meio que jorrava água para as suas piscinas em cascata, formando uma banheira gigante para pombos.

- De que maneira poderíamos acolher dez crianças em nosso apartamento? - perguntei, fazendo graça.

- Os meninos poderiam dormir na sala e as meninas no meu quarto - ela respondeu convicta.

Epa, parece que ela não percebeu que estou brincando.

- E isso vai ser antes ou depois de você fazer um piercing na língua e uma tatuagem nas costas?

Tiffany riu, entendendo que o jogo tinha acabado. Bem, pelo menos esse round. Nós dois sabíamos que ela não estava nem perto de acabar de me pressionar a respeito de seu aniversário de catorze anos.

O Dia de Colombo chegou umas semanas depois de Tiffany se mudar. Um dia de folga extra de repente tomou proporções de um descanso de uma semana em um sanatório. Vamos encarar: tinha estado num tipo de pânico velado desde que Tiffany chegara. Vinha deixando o trabalho às pressas exatamente às seis, estressado com o que eu faria para o jantar e o quanto iria demorar. O que Tiffany tinha ficado fazendo desde que chegou em casa da escola? Teria que repreendê-la por ficar largada no sofá em frente a reprises de *Seinfeld*, enquanto uma pilha de pratos se acumulava na pia? (Tinha reduzido os canais de TV a cabo ao pacote mínimo e bloqueado o HBO e o Showtime, mas isso não pôde evitar que ela assistisse a séries antigas.) Ajudá-la com o dever de matemática iria nos levar a outra briga?

Até então, uma sessão típica de matemática tinha sido assim:

EU: Tudo bem, o que você precisa fazer aqui é resolver o X.

Tiffany: O que você quer dizer com "resolver o X"?

EU: Você tem que descobrir o X.

Tiffany: O X está bem ali. O que quer dizer com "descobrir o X"?

EU: Você tem que descobrir o que é o X.

Tiffany: Eu sei o que X é. É uma letra. Vem depois de W e antes de Y.

Acho que o D de Tiffany no oitavo ano significava que suas habilidades em álgebra se igualavam às minhas em astro física. Tentei desesperadamente descobrir maneiras de lhe explicar variáveis e equações sem deixar que minha voz subisse ou aumentasse de tom, mas em geral falhava desastrosamente. Tiffany dizia: "Você está falando daquele jeito de novo." Se eu não prestasse atenção, não demorava muito para Tiffany cair no

choro e seu lápis ir parar do outro lado da sala. Não ajudava nada o fato do tonto do professor estar passando para a turma questões com problemas que eram virtualmente impossíveis de serem resolvidos - acho que numa tentativa de introduzir a ideia de que a álgebra poderia ser utilizada no dia-a-dia (se você fosse PhD em matemática). Era uma abordagem ridícula, que levava a uma frustração extrema. Só por experiência, dei um problema particularmente difícil para metade dos meus colegas do escritório resolver, bem como para meu pai, e todos retornaram de mãos vazias. Para piorar as coisas, o Sr. Ling nunca revisava os problemas depois de passá-los para a turma. Tiffany já tinha desafios suficientes para ter que se submeter a jogos mentais. Precisava me lembrar de ter uma conversinha com o Sr. Ling, que, depois eu ficaria sabendo, estava dando aulas pela primeira vez na vida.

Durante os fins de semana desde a chegada de Tiffany, me senti tão em pânico quanto durante os dias úteis. Acho que tinha imaginado nós dois fazendo piquenique no Central Park, com, nossos livros de desenhos nas mãos, ou em frente a um enorme Pollock no MOMA discutindo nossas reações viscerais diante da genialidade da pintura em borrifadas. Em vez disso, eu me virava para conseguir lidar com as contas, tarefas, compras de supermercado e leituras para o trabalho. Tentar chegar a uma conclusão sobre a comida para a próxima semana me fez sentir ansioso e incapaz. Tinha decidido que as tardes de domingo eram para preparar comida com antecedência - o que incluía fazer lasanhas, bolos de carne e grandes porções de almôndegas e molho. (Não iria demorar muito para que a simples visão de carne moída me desse ânsia de vômito.) Tiffany foi dormir tarde e, é claro, passou a melhor parte do tempo acordada falando ao meu celular com os amigos de Connecticut. (Eu tinha bloqueado as ligações de longa distância no telefone fixo, então ela só podia fazer ligações para fora, para Connecticut, do meu celular, e somente nos dias de semana depois das nove da noite - se terminasse seu trabalho de casa - e nos fins de semana.) Ela também tinha o hábito de deixar a televisão ligada o tempo todo, algo que eu chamava de "mal-estar suburbano". Falar ao telefone e assistir à TV não eram de jeito nenhum atividades separadas; Tiffany e seus amigos assistiam a programas inteiros juntos via telefone, dando risadas e fazendo comentários sem parar. Tentei incansavelmente conseguir que ela segurasse o telefone no lado que impediria tumores cerebrais que eu tinha certeza de que já estavam crescendo dentro de sua linda cabecinha, mas nunca consegui decidir claramente que lado era esse. Justiça seja feita, Tiffany lavava sua própria roupa, o que já era uma ajuda enorme, e estava disposta a passar o aspirador e tirar o pó por uma pequena quantia. (Ela ainda não tinha aprendido a lavar o banheiro, então acrescentei isso à minha lista de "Coisas a Fazer".) Mas ainda não me parecia hora de fazer atividades fora de casa, então os fins de semana não estavam sendo como eu imaginara.

Para nosso programa cultural do Dia de Colombo resolvi que começaríamos devagar - o novo Rose Science Center no Museu de História Natural. Não queria afugentar Tiffany dos museus, então decidi que deixaria lugares como museus da Habitação e do Holocausto para mais tarde. Além disso, o recém-restaurado Planetário Hayden no Rose Center estava exibindo um show de sons maneiro sobre vida alienígena no universo, chamado "Estamos sozinhos?". Esperava que fosse pelo menos um pouco assustador, e, com narração de Harrison Ford, não podia dar errado. Ele provavelmente tem uma das vozes mais sexies do nosso sistema solar.

O trem C do West Village até o Central Park West não estava muito cheio, então Tiffany e eu conseguimos encontrar lugar para sentar facilmente. Decidi mencionar o assunto Courtney Holleran. Na noite anterior, Tiffany havia ficado acordada na internet, no IMing, feito doida. Ela estava adorável de moletom preto com capuz levantado, seu rosto pálido, em forma de coração, quase todo escondido embaixo dele. Uma típica

menina de rua, eu ri por dentro, igualzinha a Halle Berry em *Politicamente incorreto*. Tinha ido deitar para ler um manuscrito para o trabalho quando a ouvi berrar: "Aimeudeus, aimeudeus!" Corri até a sala para ver o que estava acontecendo.

- Courtney só fica escrevendo a mesma coisa sem parar - Tiffany digitava furiosamente enquanto falava, seus olhos grudados no monitor.

- Bem, o que ela está dizendo? - perguntei com impaciência.

- Vou matar alguém. Eles todos vão morrer. Vou matar alguém. Eles todos vão morrer. Vou...

- Entendi - interrompi. - Tenho certeza de que ela só está querendo confundir você. - Eu me lembrei de que uma vez numa festa de colégio fiquei realmente chapado e repeti tudo que dizia duas vezes por umas duas horas, só pelo prazer de enlouquecer meu melhor amigo, Mark. - Você acha que ela está doidona? - perguntei.

- Provavelmente. Vou tentar convencê-la a ficar offline e ligar para mim. Courtney não faria isso por gracinha, acredite em mim. Conheço Courtney. Aimeudeus! - Tiffany ia agora em velocidade máxima, estimulada pelo drama da situação.

- Avise-me se houver algo que possa fazer - ofereci timidamente. - Vou me deitar, portanto, se for telefonar, tente falar baixo. - Fui me arrastando com minha calça de xadrez de cadarço até o quarto, com os braços cruzados sobre o peito nu para me defender da noite fria de outubro. Só ouvi um Sussurro distante antes de cair em sono profundo.

- Então, descobriu o que estava acontecendo com Courtney, na noite passada? - perguntei, enquanto as portas do metrô se fechavam na Fourteenth Street. Tínhamos ainda uma viagem de quinze minutos pela frente, então Tiffany era minha ouvinte compulsória.

- Tenho certeza de que ela cheirou algum pó - Tiffany respondeu casualmente. - Logo de cara, pensei que fosse heroína, mas isso normalmente faz as pessoas ficarem lerdas. Pó faz a pessoa ficar doida. E, tipo, completamente paranoica.

Dois verões atrás, tinha aprendido que as informações mais reveladoras - coisas que você geralmente não esperaria que uma criança contasse para um adulto - apareciam nas horas mais improváveis. Raramente, se tanto, vinham à tona quando nos sentávamos para ter uma conversa; isso era a melhor maneira de garantir que nenhuma comunicação iria acontecer e que você aprenderia xongas. Tiffany estava comigo havia seis semanas, naquele verão, e estávamos numa viagem a Mystic, Connecticut. O fim de semana tinha sido um prazer para mim e Tiffany, pois tínhamos sido convidados para ir até o litoral, no iate do pai do meu amigo. Nosso "capitão" era bem abastado, e levou todo o grupo para um jantar elegante na cidade na noite em que chegamos. Depois de fazermos nossos pedidos ao garçom, Tiffany virou-se para mim e cochichou:

- Espero que quando as pessoas nos virem juntos pensem que *você* é meu pai.

Consegui pensar em uma dúzia de respostas, mas não na certa, então eu simplesmente apertei a mão dela e disse:

- Você é um amor.

Mais tarde, naquela noite, depois de uma caminhada pela cidade para tomar sorvete caseiro, fomos nadar perto do barco. Quando Tiffany e eu pulamos da parte mais alta do convés na água escura da marina, mil estrelinhas cintilaram ao nosso redor, constelações completas saíam da ponta de nossos dedos das mãos e dos pés à medida que mexíamos na água. Nem Tiffany nem o nosso anfitrião de setenta e cinco anos tinham visto fosforescência antes.

- Aimeudeus, essa é a coisa mais maneira que já vi - ela engasgou, enquanto nosso anfitrião olhava de cima do convés, com um sorriso de orelha a orelha.

Foi na manhã em que estávamos indo embora, entretanto, que Tiffany me surpreendeu com uma inesperada oferta de informação secreta. Era um dia de verão perfeito e estávamos sentados na proa, relaxando, enquanto reabasteciam o barco, empanturrados depois de um café-da-manhã com pão francês e salmão defumado. A foz do rio Mystic fazia um barulho, e nos maravilhávamos com a variedade de barcos que deslizavam por ali como se coreografados, de gorduchos barcos potentes a elegantes veleiros emoldurados por madeira.

- Isso é tão bonito - Tiffany sussurrou em reverência. – É como um planeta diferente de onde moro lá em New Milford.

- Quecêquê dizer? - perguntei, mantendo os olhos no rio.

- Tipo, quando fomos nadar na outra noite, dormi tão bem com o balanço suave do barco. Depois, ontem, me senti tão calma e o dia passou meio como um sonho.

- Bem, em Milford você não mora num barco, e espera-se que fins de semana fora sejam relaxantes, não iguais à vida diária.

- Não, não é só isso. É você, são as pessoas ao seu redor, é tudo. É tudo simplesmente diferente. - Ela estava querendo dizer algo, e eu não queria perder aquele momento. Como na pescaria, quando você sabe que alguma coisa pegou a isca, mas se puxar com muita força, o que quer que seja estará perdido para sempre. Permaneci calado, mas me virei para ela.

- Como no meu último fim de semana em casa, mamãe e Eric ficaram bastante bêbados e tiveram uma briga feia. Mamãe desceu para o quarto, mas Eric ficou na sala. Sammy estava com uma amiguinha, Chrissy, lá em casa, e elas estavam brincando com um' jogo no chão enquanto assistiam à TV. Eric se sentou ao lado delas e disse: "Vocês sabem que Megan gosta de um pau grande e preto, não sabem?"

O céu azul da manhã de Mystic desabou no meu peito, mas eu não disse nada.

- Eu gritei para mamãe vir pegar o Eric, mas ele saiu porta afora e começou a gritar coisas nojentas sobre ela.

- O que Sammy e Chrissy fizeram? - Tentei parecer casual.

- Elas simplesmente continuaram jogando *Sorry!*, como se nada estivesse acontecendo. Foi a coisa mais estranha. Então ouvi sirenes de polícia na rua e mamãe saiu correndo pela porta. Tentei detê-la, dizendo para ela deixar que prendessem aquele maníaco, mas não consegui. - Ela fez uma pausa e depois disse: - Vê? Tudo parece realmente diferente.

- Sim, eu vejo - disse suavemente, tentando encontrar o ar para emitir essas palavras. Eu queria agarrar Tiffany e abraçá-la e cobrir seu corpo todo com o meu, como uma concha. Depois queria entrar em seu cérebro, no seu passado, e arrancar todo aquele veneno, aquela feiúra. Em vez disso, apertei a mão dela com firmeza e apontei para o leste com a outra mão. "Olhe" foi tudo o que consegui dizer. Então o sol ficou escondido por uma pequena nuvem branca, mas seus raios saíam magnificamente por todos os lados, iluminando o rio.

Agora, no trem C, senti que outra janela se abria e sabia que deveria subir por ela rapidamente.

- Você parece saber bastante sobre drogas - comentei. – Já experimentou pó ou heroína?

- Usei um tom supernatural, mas se ela dissesse sim, eu provavelmente teria puxado o freio de emergência do trem.

- De jeito nenhum, tio Eddy. - Ela parecia levemente indignada. - Não tenho desejo nenhum de usar essas drogas. Só uso erva e álcool. - Bem nessa hora, uma mendiga entrou no vagão e começou seu discurso a poucos metros de nós. Era obviamente uma dependente de heroína, mas alegava que precisava de dinheiro porque seu apartamento

pegara fogo depois que ela foi diagnosticada com câncer. Ninguém olhava diretamente para ela, exceto, é claro, Tiffany, que visivelmente gostaria de dar a ela algum dinheiro. Era como se voltássemos aos anos 1980, quando não se podia andar de trem sem ser importunado por pedidos de dinheiro.

- Então, como você sabe tanto sobre essas coisas? - perguntei.

- Bem, já vi gente dopada por vários tipos de drogas, como cristal, GHB, E, coca, Special K, cola e heroína. No entanto, eu jamais usaria nada disso, a não ser cogumelos, talvez. - Ela me dirigiu um risinho malicioso para que eu soubesse que estava gostando de me contar coisas que ela provavelmente não deveria. Eu não ouvia um cardápio de drogas como esse desde os meus dias em Fire Island Pines. Mas também não vivia dentro de uma concha, e sabia que muitas das drogas que haviam começado como drogas caras, drogas de grife na comunidade gay há mais de quinze anos, tinham afinal encontrado espaço nas turmas de adolescentes do subúrbio. Acho que eu só esperava que elas não tivessem chegado tão perto de minha sobrinha de treze anos. Tinha que me lembrar de abordar seu desejo por cogumelos uma outra hora.

- Por que você acha que Courtney sentiria necessidade de usar pó? Ou heroína, no caso?

- Eu tentava não soar pedante, mas, a julgar pelo revirar de olhos de Tiffany, não tinha sido bem-sucedido.

- Ela não *necessita* fazer nada, mas se você tivesse os pais que ela tem, ia *querer* usar heroína também. O pai dela é um grande otário. Tive uma briga enorme com ele antes de me mudar para cá. - A voz de Tiffany nunca ficara tão alta em público antes; eu devo ter realmente tocado numa ferida.

- O que você quer dizer com *uma briga enorme*?

- Bem, ele disse para a mãe da Kitt que minha mãe era uma bêbada que me deixava em casa sozinha para que eu pudesse usar drogas e fazer sexo com os meninos. Disse também que ela não deveria deixar Kitt andar comigo. Ela é minha amiga pra caraca! - Tiffany estava se controlando agora, falando com um sussurro malévolo. - Ninguém trata a mim ou minha família com esse desrespeito. Se fizerem isso, vão me ouvir. Queria dizer a ela que falar "caraca" é tão ruim quanto o palavrão em si, mas decidi que não era a hora.

- O que você disse? - Eu estava quase com medo de perguntar, mas já tínhamos chegado até ali.

- Disse que se ele tivesse algo a dizer, deveria dizer na minha cara da próxima vez. E que deveria saber do que estava falando antes de falar merda dos outros. Disse também que, diferentemente dele e de seu empreguinho numa fábrica, mamãe tem um alto cargo de executiva que exige que ela use o cérebro.

- Ui, pegou pesado - arrisquei. - Você não concorda, entretanto, que sua mãe realmente tem um problema com álcool? - Emendei em seguida. - Um problema que ela atualmente parece manter sob controle, graças a Deus.

- Isso não vem ao caso, tio Eddy! - Tiffany estava se exaltando comigo. - O Sr. Holleran *não pode* ficar dando essas porras de telefonema falando para as pessoas afastarem seus filhos de nós. Como se eles fossem melhores pra caraca, ou coisa assim. Além disso, essas coisas sobre mim são todas babaquice e mentiras.

Ufa! Isso era o que queria ouvir. Quando o trem parou na West Eighty-first Street, percebi que tinha aprendido mais numa viagem de quinze minutos no metrô que nos últimos três dias de refeições juntos. Tiffany tinha falado comigo como um amigo, um parceiro, e, fazendo isso, permitiu que eu tivesse uma visão do seu mundo do seu ponto de vista. Mais tarde, entre o filme do *Stomp* em IMAX e a apresentação da Big Band, encontramos quatro meninas que Tiffany conhecia da escola. Enquanto elas ficavam lá

só olhando umas para as outras, tentei puxar uma conversa sobre a exposição que tínhamos visto. Tiffany me cortou.

- Temos que ir! - Quando perguntei o porquê daquilo, ela me deu uma bronca: - Os jovens não querem conversar com os pais de outros jovens! É superembaraçoso. Por favor, se encontrarmos qualquer outro conhecido meu, continue andando e espere por mim mais adiante. - Percebi, então, que, a despeito de quantas outras regras como essa eu aprendesse ou quantas outras vezes Tiffany resolvesse dividir segredos comigo, no mundo das adolescentes eu seria sempre um estrangeiro.

UM TRABALHO INTERNO

Transcorrido um mês da minha nova vida, comecei a ter a sensação de que podia respirar com facilidade de novo. Tiffany parecia estar se adaptando tanto à sua nova escola quanto às noites tranquilas e estruturadas dentro de casa durante a semana. Com exceção da possibilidade de fugir, meu maior medo fora de que ela me ligasse todo dia depois da escola e passasse as noites gritando o quanto odiava tudo aqui, ou encolhida como um feto; soluçando de saudades de casa. Embora eu soubesse que Tiffany morria de saudades dos amigos, ela parecia estar aceitando a separação com calma, até agora, me fazendo imaginar se ela não concordava que vir morar comigo era realmente a melhor opção nesse momento de sua vida. Nenhuma das crianças da sua escola morava na vizinhança, portanto, ela ainda não tinha começado a me pedir para sair às sextas e sábados à noite, e, considerando que ainda não criara nenhum laço mais estreito com as colegas, ninguém tinha vindo ao apartamento. Embora a garotada tivesse reagido com simpatia quando ela chegou, Tiffany contou que as meninas formavam panelinhas; as asiáticas andavam normalmente com asiáticas, as meninas negras andavam quase sempre com meninas negras e assim por diante, deixando minha sobrinha com poucas opções para melhor amiga. Os meninos prestavam muita atenção nela, claro, mas até agora não havia ninguém em especial. Pelo menos que eu soubesse.

Embora eu respirasse mais aliviado pela adaptação de Tiffany, a minha era outra história. Com certeza, a paranoia tinha começado a se dissipar, como previsto, e eu estava dormindo melhor, mas ainda tentava me acostumar com o horário cedo pela manhã e com a grande responsabilidade que me aguardava toda noite depois do trabalho. Sempre ficava ansioso para ver Tiffany no fim de um dia, mas havia sempre diversas paradas até chegar em casa, para comprar ingredientes para o jantar e dar conta da última lista de coisinhas que Tiffany me ditara pelo telefone. Havia reforços de fichário para procurar e brilho labial para comprar... e um transferidor, um bloco de notas, absorventes, protetor de calcinhas, uma lâmpada preta - a lista era interminável. Quem diria que as crianças precisavam de tantas coisas para passar o dia? As compras diárias aumentavam o meu já constante estresse por causa de dinheiro. Embora Megan estivesse enviando duzentos dólares por mês, manter Tiffany com um guarda-roupa apropriado e material escolar novo me deixou a zero. Tinha perdido quinhentos dólares mensais do Dr. Harland e estava sempre preocupado que minhas parcas economias não fossem durar. Portanto, minha caminhada para casa pelo bonito Greenwich Village normalmente envolvia uma batalha interna entre "que se dane, vou comprar comida pronta como sempre fiz" e "não seja bobo; você precisa cozinhar todo dia, então pegue Hot Pockets para microondas e latas de sopa". Então, depois de muito titubear, se eu fosse um bom menino e escolhesse a última opção, começava a me torturar sobre o que eu iria preparar. "Pegue uns legumes já cortados, seu retardado, e faça um viradinho. Tiffany adora legumes!" Teria sido bem mais simples decidir que iríamos comer comida pronta *n* vezes por semana e cozinhar nas outras. Mas, não, eu tinha que ser o comandante daquele debate em todo dia útil, além de aumentar um rolo interno já grande o suficiente.

Quando chegava em casa, estava mais do que pronto para um descanso. Dava um beijo em Tiffany e depois ia para o meu quarto para vinte minutos de exercício de relaxamento. Minha sobrinha, claro, achava bizarro tocar música "sinistra" num quarto iluminado somente por velas, com compressas frias de pepino em meus olhos. Para mim, entretanto, as gravações de Paul Horn do Taj Mahal ou do Grand Canyon me acalmavam e ajudavam a retomar o fôlego antes de mudar completamente a direção do meu dia. Durante os cinco anos em que estive em companhia de mim mesmo, ia à

academia quase todas as noites depois do trabalho. Entre o bem-estar físico do exercício e o estímulo visual propiciado pelos colírios que enchiam o lugar, era fácil parar de pensar em negociações espinhosas, clientes carentes e na sensação arrepiante de frustração com meu trabalho. Agora, com a incrível força da natureza chamada Tiffany me esperando em casa toda noite, um refresco entre o trabalho e a casa não era mais um luxo; era uma necessidade.

Numa terça-feira à noite em outubro, dei um beijo em Tiffany, peguei minha correspondência na mesa de jantar e me dirigi ao quarto para o meu momento particular. Antes de me deitar, dei uma olhada nas malas-diretas habituais e encontrei uma carta de meu pai. Depois de ter me queixado para meus pais sobre minha dureza, eles garantiram enviar trezentos dólares por mês para nos ajudar; o primeiro cheque estava no envelope, junto com um bilhete de meu pai. Com sua letra cursiva desenhada, ele escreveu o seguinte:

Querido Eddy,

Estou tão orgulhoso por você ter assumido essa responsabilidade inacreditável. Você está fazendo um ótimo trabalho.

Com amor,
Papai.

Cá entre nós, isso não se pareceria com uma declaração de apoio para a maioria das pessoas, mas, considerando que meu pai antecipara para mamãe que essa coisa toda não iria dar certo, isso era um divisor de águas. Sem que admitisse, meu pai tinha percebido que ele havia subestimado a mim e Tiffany - uma pequena vitória, com certeza, mas essas vitórias eram raras e eu iria saboreá-la com prazer. Mais importante ainda, ele disse que tinha orgulho de mim. Sabia que contava vantagens sobre minhas realizações para outras pessoas, mas, que eu me lembre, ele havia me dito que se orgulhava de mim só uma vez - quando me formei em direito entre os primeiros da turma, que tinha sido há quase dez anos. Aumentei bem o volume da música, acendi as velas e apaguei as luzes. Agarrado ao bilhete de meu pai, fiquei deitado lá estoicamente durante uns vinte minutos, impedido de chorar por causa das fatias grossas e geladas de pepino que estavam sobre meus olhos cansados.

Meu pai era o único filho homem de uma família pobre de imigrantes irlandeses. Cresceu num apartamento minúsculo no South Bronx com seus pais e sua única irmã, minha tia Geraldine. O South Bronx iria mais tarde virar um lugar dominado pelo crime e finalmente aplacado por uma máquina de terraplenagem. Os imigrantes fugiam para outras partes do Bronx, mais ao norte, e ao leste de Long Island, que foi para onde meus pais foram depois de se casarem, aos vinte e poucos anos. Meu pai alega ter sido um garoto aventureiro que se pendurava nas redes sobre o East River e mergulhava pelado, mas eu sabia que era mais provável encontrá-lo no balé com seu amigo albino, Whitey, que papai mais tarde admitiria ser provavelmente gay. Como Carrie Bradshaw tão eloquentemente tinha dito em *Sex and the City*, meu pai é um "hetero gay". Ele sempre foi tão louco por meninas quanto eu sou por meninos, mas seus interesses se voltavam para os mais fracos. Além de incutir em mim um forte gosto pelas artes, por livros, filmes e, acima de tudo, pela natureza, meu pai tem todos os discos que Barbra Streisand já gravou e pelo menos três verões diferentes de *Os miseráveis*.

Embora ele nunca tivesse frequentado uma universidade, meu pai acabou substituindo um executivo, na sua empresa, formado pela Wharton School of Business. Ele fez sua escalada em empresas tais como Woolworth e Squibb, e acabou se tornando vice-

presidente de distribuição numa empresa nacional de cimento com base em Greenwich, Connecticut. Aos trinta e dois anos, ele tinha três filhos, duas casas e um Mustang vermelho reluzente. Tal trajetória, entretanto, teve seu preço. Ele tinha longas jornadas de trabalho, levava quatro horas todo dia de Greenwich a Long Island, e retomava para casa bem depois que já tínhamos jantado, loucamente estressado. Além dessa carga, que levaria a maioria dos jovens de hoje para um consultório psiquiátrico, papai também sofria de um caso antigo de ódio ao volante. Anos depois, durante um curto período, ele e Megan iam e voltavam juntos, e ela frequentemente chegava em casa tremendo e chorando, fazendo um escândalo sobre todos os motoristas que papai havia perseguido depois de insistir que o tinham fechado.

Durante os fins de semana do meu tempo de menino meu pai estava muito ocupado. Tinha o quintal para cuidar, o precioso carro para lavar e o programa *Wide World of Sports* para assistir nas tardes de sábado. (O último não despertava nenhum interesse em mim, a menos, é claro, que estivessem mostrando patinação artística.) Cinco horas era hora de coquetéis, quando ele e mamãe se recolham à sala de estar para ouvir Frank Sinatra na vitrola e saborear seus manhattans. Embora nós, crianças, fôssemos bem-vindas, esse não era um momento familiar.

As ocasiões em que me sentia mais próximo de meu pai na infância eram quando assistíamos a *Star Trek* nas noites de domingo depois do banho e na época de Natal, quando ele me colocava no colo e me mostrava o catálogo da Sears para inspirar minha lista para o Papai Noel. Aprendi que teria sorte se conseguisse ganhar uma ou duas coisas da lista, mas esperava por esse ritual o ano todo. (Houve um ano em que eu resgatei minha lista já completa do pote de biscoito, onde todas as listas eram guardadas por segurança até que fossem enviadas ao Pólo Norte, e adicionei todas as Barbies e acessórios que eu morria de vontade de ter. Obviamente, quando descobri, alguns anos mais tarde, que Papai Noel não existia, fiquei mortificado. Tanto meu pai quanto minha mãe nunca mencionaram isso, pelo que lhes sou grato até hoje.) Entretanto, meu pai e eu nunca realmente nos tornamos amigos enquanto fui jovem; ele permanecia um mistério para mim, e eu suspeitava que fosse simplesmente incompreensível para ele.

Quando já adulto, meu pai e eu finalmente conseguimos nos conhecer, com direito a defeitos e tudo o mais. Embora nosso relacionamento fosse sempre meio que um campo minado, os momentos de ternura que de algum modo conseguimos ao longo dos anos foram seu sustento. Certa ocasião, quando visitava a família, lá pelos meus vinte e poucos anos, papai me chamou para fora depois do jantar para ver as estrelas. Estava frio e ele ficou de pé no deque de madeira nos fundos da cozinha, com uma taça de vinho tinto nas mãos. Colocou o braço direito no meu ombro e, com sua taça de vinho apontando para o céu, ele disse:

- Vê aquela forma de trapézio lá no céu, com três estrelas formando uma linha reta para baixo a partir do centro? - perguntou, com nuvens de ar saindo da boca.

- Sim - respondi, e eu realmente estava vendo.

- É o cinturão de Orion, parte de Orion, uma constelação de inverno - ele disse, dando um gole em seu vinho enquanto sustentava o olhar. - Foi a primeira constelação que ensinei a sua mãe quando estávamos namorando. Agora estou aqui, vinte e tantos anos depois, mostrando a meu filho mais novo, meu filho crescido, a mesma formação - fez uma pausa e inspirou profundamente. Quando expirou, ele continuou: - É uma coisa, te digo. É uma coisa.

Meu pai nunca me havia dito nada assim antes, então concluí que tudo na vida dele tinha sido uma decepção, inclusive eu. Deslizei meu braço esquerdo, abracei suas costas e toquei rapidamente seu ombro com minha cabeça. Ficamos parados ali no vento gelado, fitando as estrelas, por vários minutos perfeitos de silêncio.

Agora, enquanto estou deitado na cama, ouvindo minha música New Age, pensei no quão vulnerável tenho me sentido desde que Tiffany veio morar aqui. Não tinha muita certeza do porquê, exatamente, mas foi como se eu tivesse sido cortado no meio e minhas entranhas estivessem à mostra. Era muito parecido com a época em que era mais novo, especialmente durante os meus vinte anos, quando estava atuando e minhas emoções estavam sempre à superfície, acessível a qualquer momento. Quando parei de atuar e entrei na faculdade de direito aos vinte e oito anos, tive que me fortalecer e esconder o cara sensível por trás do advogado agressivo e ambicioso. Talvez esse seja o motivo pelo qual, a despeito de ter me saído melhor do que pudeesse sonhar no primeiro ano, caí em depressão profunda no verão seguinte e depois mais uma vez após a formatura. Consequentemente, passei os anos que se seguiram sob medicação antidepressiva, que aplainaram a maior parte das minhas emoções, fazendo de mim aquilo que acredito se chamaria de um cara crescido normal - um que não chore ao ver comerciais sentimentistas na televisão e que consegue passar o dia com pérfidos produtores de Hollywood. Conheço várias pessoas que sofrem de depressão e ansiedade e se recusam a tomar medicação porque têm medo de serem "pasteurizadas" e perderem a personalidade. Mas, no meu caso, um pouco de terra-plenagem foi um descanso bem-vindo depois do touro mecânico que vinha cavalgando desde a minha adolescência e meus vinte anos. Além disso, não era como se eu não conseguisse sentir quando as coisas que aconteciam eram excepcionalmente boas ou terrivelmente ruins. Quando me apaixonei, foi como se caísse de um precipício, e quando minha sobrinha Heather morreu senti uma dor tão profunda que nunca ficou curada completamente. Mas, de um modo geral, fiquei mais duro para as batalhas da vida e suas múltiplas desilusões, e talvez um pouco acostumado aos benefícios de suas pequenas belezas.

A chegada de Tiffany, entretanto, parece ter rompido bem ao meio o meu escudo de Zoloft-Wellbutrin e misturado as velhas correntezas de antigamente. Desde aquele momento, há um mês e meio, quando tomei a decisão de ter a sua guarda, tudo ficou com um brilho diferente, um tom mais vibrante, como se, de alguma forma, tudo tivesse mais significado. Senti como se eu estivesse a todo vapor pela primeira vez em anos e consciente de cada momento pelo qual passava. É claro que estava completamente exausto de toda a experiência, que pode fazer uma pessoa se sentir no limite, mas tinha certeza de que coisas muito mais profundas estavam em questão aqui. Passei muitas madrugadas ao telefone com minha melhor amiga, Orly, ou meu amigo terapeuta, Steve (que estava tomando conta das minhas revistas pornô), tentando esquematizar alguns dos sentimentos que eu estava experimentando. De onde vinha esse rio de tristeza? Estaria eu me lembrando da solidão e do pavor que sentia aos treze anos, um pequeno garoto magricelo tentando fazer a mudança de uma pequena escola católica para uma escola pública secundária - uma cheia de garotos mais velhos e meninas duronas e maneiras como Tiffany? Ou estaria a alegria e o conforto que sentia me fazendo lamentar o fato de que nunca havia tido meus próprios filhos? Provavelmente, as duas coisas eram precisas, imaginávamos, além de uma dúzia de outras. Uma coisa era certa, entretanto: Tiffany estava me mostrando não só o quão significativo era cuidar de um filho, mas o quanto eu poderia ter sido um bom pai.

ARMAS

"Republicanos reconquistam o controle do Senado e aumentam a ocupação na Câmara", gritava a manchete do *New York Times*. Já sabia disso desde a manhã, quando os resultados das eleições foram anunciados no rádio, mas ver o preto no branco fez meu estômago revirar. Já conseguia ouvir os magistrados Rehnquist e O'Connor discutindo sobre datas de aposentadoria. Então, fui para a seção de culinária para ler um artigo sobre a temporada de trufas na Toscana. Adoro o *Times*.

Tiffany estava em seu lugar habitual na mesa de jantar, usando IMing enlouquecidamente no laptop, com o celular de um lado e o sem fio do outro. Como ela conseguia ouvir alguma coisa através do capuz sempre me intrigou. Uma mensagem instantânea enviada era seguida de uma risada ou uma arfada, e depois digitação furiosa. O contentamento me inundava. Tínhamos caído numa rotina pós-jantar e pós-trabalho de casa. Ficaríamos bem.

- Tio Eddy, o que é uma AK-47 e um trinta e oito? - A digitação de Tiffany deu uma pausa momentânea.

- São tipos de armas de fogo. - Será que soei casual, ou será que ela podia notar que os republicanos tinham acabado de virar batatas muito pequenas?

- Obrigada - ela murmurou e retomou suas batidas.

- Tiffany, você não pode simplesmente me fazer uma pergunta dessas e voltar para sua digitação. O que está havendo?

- Tio Eddy, tenho que cuidar disso agora. É muito importante. Prometo que vou conversar daqui a pouco.

- Ok, mas quero que desligue em meia hora. - Voltei a ler, mas as palavras se recusavam a formar frases. Essa era a garota que essa manhã estava brincando de desenhar flores nas panquecas?

Mais tarde, depois de colocá-la na cama, debrucei sobre as cobertas de lua e estrela de Tiffany.

- Então, o que está havendo? Por que você estava perguntando sobre armas?

- Promete que não vai ter um ataque?

Ah, que bom, pensei, ela não sabe que eu já tive.

- Prometo.

- Tem certeza?

Balancei a cabeça.

- Bem, algumas semanas atrás, Luke e Toby arrombaram a casa do vizinho de Toby e roubaram uma porção de coisas. Levaram aparelhos de som, TVs, videocassetes, um DVD player, computadores, joias e dinheiro. E armas. Agora a polícia está interrogando eles, e Luke está colocando a culpa toda no Toby. Ele é tão otário por fazer isso.

Eu estava chocado e sem palavras, mas sabia que tinha que dizer algo. Se reagisse mal agora, cortaria o fluxo da informação. E saber o que realmente acontecia no mundo dela era crucial. Tiffany sentiu minha hesitação.

- Você não vai contar para a mamãe, vai? - Ela se endireitou na cama.

- Não. - Não tinha a menor ideia se poderia manter aquela promessa, mas precisava fazê-la. - Você sabe do roubo desde que aconteceu?

- Sim.

- Os garotos sabiam que havia armas naquela casa? Foi por isso que entraram lá, a princípio? - Tiffany poderia me cortar a qualquer momento, então, precisava conseguir as informações mais importantes, primeiro. Talvez houvesse um plano para abrir fogo na escola ou coisa assim.

- Claro que não, tio Eddy. - Ela se afundou na cama, enojada com o fato de eu até mesmo sugerir tal coisa.

- Você tem certeza, não? - A janela estava definitivamente se fechando, mas eu precisava insistir nesse ponto.

- Sim, tenho certeza. Meus amigos não curtem armas e não há nenhum plano maligno para o *Zero Day*. - Ela havia lido minha mente: Zero Day era o nome do filme de um cliente inspirado em *Tiros em Columbine*, no qual dois garotos "normais" arrombam a casa de alguém, roubam armas e massacram a metade da escola. A princípio, fiquei entusiasmado com o fato de Tiffany ter gostado tanto do filme, mas quando ela assistiu a ele pela quarta vez, comecei a ficar um pouco nervoso. Ela continuou: - Eles são boas pessoas. Só são burros e foram pegos. - Ela rolou para o lado, se afastando de mim.

- Tommy Dash estava envolvido? - Eu suspeitava que Tiffany e Tommy estivessem romanticamente envolvidos, mas ela não me deixaria chegar perto desse assunto.

- Não. Ele não teve nada a ver com isso. Boa-noite. - Tinha sido dispensado. Para Tiffany, eu era agora somente mais um adulto irritante, fazendo todas as perguntas erradas e tirando conclusões irracionais.

- Estou tão feliz por você estar aqui - foi tudo em que consegui pensar para dizer. Dei a volta na cama, beijei-lhe a testa e apaguei a luz.

De volta ao meu quarto, fiquei deitado acordado, pensando no quanto sombrio e assustador parecia o mundo dela - de jeito nenhum um mundo de infância. Tirá-la de New Milford parecera o primeiro passo na direção de mudar tudo isso, mas como podia ter certeza de que tudo não iria simplesmente recomeçar aqui em Nova York, com um elenco de personagens diferentes? E deveria haver tanto mais que eu não podia nem imaginar.

FAZENDO RAPS

*Dando um rolé com minha sobrinha,
Ela é caloura.
Mas não tá muito feliz
Porque seu cabelo não tem cacho.
Saca, ela nasceu branca,
E queria ser negra.
Porque quando tem que fazer rap,
Ela não leva jeito.*

Tiffany normalmente não gosta quando fico fazendo música na rua, o que, admito, é um hábito bem irritante. Mas essa noite é uma exceção. Essa noite eu estava fazendo um rap. Sabe, tínhamos acabado de ver *8 Mile* com Eminem - nada menos que na noite de estreia - e saímos do cinema bem afiados. Ela tentou esconder o sorriso cobrindo a boca com a mão enrolada no casaco. Entretanto, eu vi primeiro, e, além disso, seus olhos fechados a traíram. Quando Tiffany sorri, seu rosto todo sorri, fazendo seu globo ocular desaparecer. É o tipo de sorriso que faz alguém se esforçar para conseguir e, quando consegue, ele faz seu coração se abrir como um coco. Meio tipo a Renée Zellweger, só que melhor. A tensão que tinha carregado na minha nuca durante todo o filme se dissipou. Estávamos do mesmo lado outra vez.

Tínhamos chegado vinte minutos antes do início do filme, ainda que tivesse comprado os ingressos no meu horário de almoço. Ver um filme na noite de estreia em Manhattan exige grande planejamento, especialmente quando é estreia de um superstar do rap nas telas do cinema.

- Falei com sua mãe hoje - disse quando nos sentamos, olhando diretamente para a tela.
- Ela sabe.

- Sobre os caras em Connecticut?

Balancei a cabeça.

- Como? - ela perguntou.

- Ela encontrou a mãe de Jackie, e, aparentemente, a cidade toda está sabendo. Ela disse que encontraram armas nas casas de Luke e Toby. E drogas na casa de Toby também. O suficiente para acusá-lo de tráfico. - Jackie era uma amiga de Tiffany que recentemente havia posto fogo no banheiro das meninas na antiga escola de Tiffany, causando a evacuação do prédio por duas horas. Ela havia sido expulsa. Para sempre.

- É uma babaquice. - Podia ver que ela queria dizer "merda". Então, entre dentes: - Gostaria de dar um soco na cara daquela vaca.

- Tiffany! - Tentei não elevar a voz. - Por que você está com raiva dela? O que ela tem a ver com tudo isso?

- Não é da conta dela. Ela não tem o direito de sair por aí falando isso. Além disso, ela não sabe do que está falando. Eu odeio ela. Todos odeiam. Ela é muito burra.

Fiquei em silêncio. Havia uma charada cinematográfica imbecil passando na tela. Uma criança da terceira série saberia que a resposta era "Tom Hanks". Fiquei aliviado para continuar quando Tiffany falou primeiro.

- Por que você está aborrecido comigo agora?

- Não estou aborrecido. Estou preocupado. Você me parece tão... endurecida, tão cheia de ódio. E com ódio das coisas erradas e das pessoas erradas. É claro que a mãe de Jackie vai falar sobre isso, especialmente com sua mãe. As filhas delas são amigas de garotos que cometeram um crime grave. E envolveu arrombamento e armas, e agora

talvez drogas também. É algo muito assustador. E você trata tudo com tanta casualidade. Também achei que seus dias de boxe tinham terminado. - Da única vez que deu um soco na cara de alguém, ela vomitou quando viu o sangue escorrendo do nariz da menina.

Tiffany meio que bufou com minha piada, mas ela já tinha desligado. Com os olhos fuzilantes, tinha se encolhido para longe de mim na poltrona e escorregado para baixo. Mas eu estava feliz de ter dito o que disse. Que aquilo era a coisa certa a dizer, ou se tinha sido, mesmo que remotamente, de alguma ajuda naquela situação; foi tudo o que consegui dizer. Estávamos em público e o filme ia começar. Tinha certeza de que nenhum de nós tinha dúvidas de que haveria mais conversas sobre armas.

Agora, enquanto caminhávamos na direção oeste da Thirteenth Street, Tiffany estava rindo e éramos um time outra vez. O ar daquela noite de outubro era animador - levemente encrespado, com o verão ainda em suas bordas.

- Então, imagino que gostou do filme? - perguntei com uma voz normal, tendo esgotado o pouco ritmo que consegui extrair de meu cérebro não musical. - Achei que foi maneiro, um pouco arquitetado, o modo como Eminem se desculpou com a comunidade gay pelos seus erros passados, ficando ao lado daquele cara no filme.

- Ah, tio Eddy, você já fez esse discurso sobre a homofobia de Eminem um milhão de vezes, e eu ainda insisto que ele não tem nenhuma razão para se desculpar. Ele não falava por si em todas aquelas músicas antigas; ele estava interpretando um personagem.

Acho que eu tinha dito a Tiffany que essa era a defesa de Eminem, e agora ela me jogava isso na cara de volta. As crianças não esquecem nada?

- Ok - concordei.

- O que quer dizer "arquitetado"?

- Ah, bom, é provavelmente uma palavra de vestibular. - Ficava feliz por Tiffany nunca deixar uma palavra desconhecida passar sem perguntar. - Acho que quer dizer "artificialmente criado" ou algo assim. Quer dizer, tudo num filme é artificial e produto de colaboração artística. Mas, quando parece "arquitetado", acredito que parece ainda mais obviamente falso, geralmente para passar uma opinião, eu acho.

- Então, acho que se pode dizer que foi "arquitetado" não aparecer nenhuma droga no filme inteiro. Isso é ridículo e irreal... um filme inteiro sobre rappers sem nenhuma droga à vista. Mas eu realmente gostei. Eminem é tão gostoso.

- Uau, você tem razão. Isso nunca nem mesmo me ocorreu. - Essa garota está realmente ligada. - Acho que os produtores arquitetaram isso dessa maneira para que as pessoas não relacionassem rappers a drogas. Mas, meu Deus, a violência. Não é terrível que crianças tenham que crescer no meio daquilo? - Paramos na esquina da Seventh Avenue e Twelfth Street, e um grupo de pseudodelinquentes veio correndo em nossa direção, tentando bater na luz. Na esperança de avistar uma versão nova-iorquina sexy de Eminem, rapidamente olhei seus rostos. Quando andava na rua com Tiffany, tentava coibir meu desagradável hábito de virar o pescoço atrás de cada cara gostoso que passava. Com esses garotos, entretanto, não havia problema; suas camisas compridas e largas e jeans oversized com gancho baixo eram desenhadas para esconder qualquer vestígio de bunda possível.

- Há bastante violência em toda parte - disse Tiffany, confirmando que nenhum dos garotos que passavam merecia nossa atenção. - Conheci um cara em Danbury que matou onze pessoas.

- Okei - disse, subindo meu tom três oitavas na segunda sílaba. - E seu encontro com um *serial killer* psicopata teria sido onde, quando e como, diga-me por favor.

- Fui com uns amigos a essa casa. Não era grande coisa. Acho que pensei que seria maneiro conhecer alguém que tinha matado pessoas.

Isso me foi dito na maior cara-de-pau, com nenhum vestígio de ironia ou humor. Ela só pode estar me pregando uma peça, pensei. Ou talvez seja uma lenda suburbana. A garotada adora assustar uns aos outros com esse tipo de coisa. Decidi não pôr lenha na fogueira, reafirmando para mim mesmo que aquela história não era plausível; qualquer um que fosse conhecido por uma multidão de garotos por ser um assassino teria sido capturado muito antes de chegar ao número onze. Em vez disso, fiz o jogo dela para ver até onde isso iria.

- Então, como ele era? - perguntei desinteressadamente.

- Ele era legal, acho, até meio engraçado.

- Legal, hein? - Isso estava ficando interessante. - Mas se você já sabia de antemão que ele era um assassino, por que iria querer conhecê-lo?

- Porque eu não discrimino as pessoas, tio Eddy. Isso é preconceito. Se alguém é legal comigo, então sou legal com ele também. Se eles se metem comigo ou me desrespeitam, aí já eram. - Tiffany estava tomando uma posição, o que eu admiro, mas ela claramente havia entendido tudo errado.

- Não funciona dessa maneira, Tiff. - Tentei não dar sermão, mas falhei terrivelmente. - Preconceito é quando se julga alguém baseado numa característica que ele não pode mudar, como raça, cor da pele, gênero ou orientação sexual. Comportamento é exatamente aquilo pelo qual uma pessoa *deveria* ser julgada. Optar por não se associar a assassinos não é ser intolerante, é simplesmente usar um bom julgamento e ser seletivo.

- Você ainda está falando de Toby e Luke, não está? - Tiffany parou e se virou na minha direção, me acusando. - Isso não é sobre o assassino, e ainda acho que você faz julgamentos demais. Meus amigos podem cometer erros e eu não vou abandoná-los por isso. Eles ficaram ao meu lado quando eu não tinha ninguém, e não vou condená-los por um ato burro.

Por sorte, estávamos agora parados na esquina de Bank com Bleecker Street, apenas a um quarteirão da Magnolia Bakery.

- Olhe, a fila não está muito grande - disse, apontando para cinco ou seis descolados do Village que saíam da porta. - Que tal um bolinho?

Tinha aprendido nessas poucas seis semanas que, quando não conseguisse me fazer entender, era melhor desconversar e tomar outro rumo. Talvez ela tenha ouvido alguma coisa, talvez algo tenha ficado. De qualquer modo, nós dois merecíamos uma boa dose de cobertura de chocolate.

SOLDADOS

- Ouviu mais alguma coisa sobre o arrombamento? – perguntei a Megan de minha mesa no trabalho. - Tinha alguma coisa sobre isso nos jornais? - Costumávamos falar do trabalho uma ou duas manhãs por semana, onde podíamos conversar sem correr o risco de Tiffany nos ouvir.

- Não, nada nos jornais, mas confirmei que definitivamente aconteceu por intermédio de alguém que conheço do gabinete do delegado. - Megan estava meio tipo Erin Brockovich: ela sempre sabia para quem ligar e como extrair informação deles. - E os garotos não estão sob custódia, o que eu esperava.

- Bem, espero que o julgamento aconteça antes do Dia de Ação de Graças, e que eles sejam mandados para algum lugar longe de New Milford - eu disse, sabendo que era um pensamento vão. - Tiffany ainda está trocando e-mails com Toby, mas acho que teve uma briga com Luke, graças a Deus.

- Como ela está nessa semana? - perguntou Megan.

- Vai indo. Na verdade, ouvi-a ensaiando músicas em seu quarto quando cheguei em casa do trabalho na noite passada. Sua voz é simplesmente inacreditável. Sentei-me no tapete e quase chorei quando ela cantou "In My Own Little Corner" de Cinderela. - Tiffany estava tendo aulas de teatro musical nas tardes de terça-feira no seu "antigo" conservatório ao lado do rio. - Então, durante o jantar, eu negocieei um contrato com ela, e ela vai cantar no Dia de Ação de Graças.

- O que você quer dizer com "negociou"? Você vai pagá-la? - Megan parecia surpresa.

- É claro. De maneira nenhuma ela faria isso de outro jeito. Ela vai ganhar trinta dólares por três músicas. Eu ofereci vinte por quatro, ela contra-atacou com quarenta por duas, e fechamos em três por trinta. - Dei risada.

- Parece que ela está puxando ao tio, o agente - Megan provocou. - Ela provavelmente quer comprar maconha com o dinheiro enquanto estiver por aqui, especialmente no aniversário dela.

- Bem, vamos deixá-la ser responsável por como gastá-lo. Mantenho-a num severo sistema de recibos, portanto, precisamos ser consistentes. - Deslizei minha cadeira para perto da janela, longe da porta do escritório, e abaixei minha voz. - Sabe, Megan, a despeito de tudo que aconteceu, você fez um trabalho incrível com Tiffany. Ela é uma jovem fantástica; é esperta, gentil, engraçada e, cara, ela é durona.

Megan começou a chorar.

- O que há de errado? - perguntei. - Ela está indo bem agora, estudando e cantando. Sua atitude parece um pouco melhor. - Não contei a ela que Tiffany tinha passado as duas últimas tardes de sábado em Washington Square Park com o Aleksí do andar de baixo e que tinha chegado em casa com os olhos do tamanho de um pires. Ela parecia bem aquelas pinturas de Keane dos anos 1960, de crianças com cabeças enormes e gigantescos olhos tristes. Nas duas noites, ela jantou vorazmente e caiu no sono na frente da televisão. Se Tiffany queria comprar maconha, ela provavelmente nem precisava sair de nosso prédio.

- Sei que não se trata disso. - Megan lutava para falar em meio às lágrimas. - Sinto falta dela, Eddy. Sinto falta de ouvi-la cantar no quarto. Sinto falta das coisas engraçadas que ela diz. Ela vai terminar a escola secundária e vai para a faculdade, então, na verdade, ela já se foi para sempre. Minha garotinha se foi. - Ela desabou num choro.

- Megan, isso não é verdade - sussurrei, tentando evitar que Rob pudesse ouvir algo tão pessoal. - Esse arranjo pode ser só temporário... talvez só até que você volte aos eixos e Tiffany se recomponha - eu disse, desejando secretamente que esse não fosse o caso. - E

você e Tiffany têm uma longa vida juntas como mãe e filha. Há décadas para vocês serem melhores amigas de novo. - Essa parte, eu desejava de todo o coração.

- Espero que esteja certo, Eddy.

Quando desliguei, me senti mal por Megan estar chateada, bem como um pouco culpado, como se eu tivesse tirado Tiffany dela ou coisa assim. Mas eu estava contente por ela ter expressado pensamentos tão ternos em relação à filha. Era uma grande mudança em relação à conversa que tivemos logo depois de Tiffany vir morar comigo. "Ela leva uma vida de Reilly, aquelazinha", foi o que Megan disse amargurada; "Todo mundo devia ter essa sorte. Gostaria que eu pudesse ter frequentado a escola em Nova York". Megan com frequência parecia ter ciúme de Tiffany – de seu talento, seus livros, sua juventude, até mesmo do seu relacionamento comigo. Ela demonstrava pouca solidariedade com as dificuldades na vida de Tiffany, então, foi comovente ouvir que ' ela pelo menos sentia falta da filha.

Fiquei feliz também por não ter contado a Megan o sonho de Tiffany na noite anterior. Dividir sonhos era um hábito que parecia não envelhecer entre mãe e filha; sabia que elas continuavam fazendo isso mesmo quando estavam brigadas, e Megan deveria com certeza estar sentindo falta disso também. Eu, por outro lado, achava os sonhos dos outros dolorosamente chatos, mas nunca contei isso a Tiffany.

Durante essa noite específica, Tiffany tinha sonhado com armas. Ela veio ao meu quarto pela manhã antes do relógio despertar, com os olhinhos inchados e cara de inocente, e sentou-se na beira da minha cama.

- Eu estava montando uma arma, mas não conseguia entender como fazer. - Ela mandou direto, tendo dispensado a tradicional introdução "tive um sonho noite passada". - Era uma daquelas armas compridas, praticamente a metade do meu tamanho.

- Como um rifle ou algo assim - auxiliei.

- É, e eu estava de pé numa grande loja de brinquedos, como Toys R Us. Não havia ninguém ao nosso redor e eu estava quase desistindo quando um grande grupo de homens veio caminhando pelo corredor, em linhas retas. Eles usavam chapéus pontudos, desse jeito. - Ela puxou as laterais da cabeça para os lados formando pontas imaginárias.

- Eles também usavam uniformes? Parecem soldados das Forças Revolucionárias.

- Exatamente. - Seus olhos se arregalaram, e, em seguida, com a mesma rapidez, sua testa franziu. - Só que eu fiquei um pouco assustada porque não conseguia entender se eles estavam lutando ou num desfile.

- Ah - deduzi, muito sagaz -, soldadinhos gigantes, como naquele antigo filme do Gordo e Magro, *March of the Wooden Soldiers*.

- Não. Eles eram reais - ela me corrigiu, revirando os olhos. - Então, esse cara saiu da fila e de alguma maneira eu sabia que ele me ajudaria a montar a arma, e já não tinha mais medo. Mas de repente me vejo numa campina no alto de um morro e o céu está tão mais azul. O soldado está bem atrás de mim, me ajudando a ajustar o rifle ao meu ombro de modo que eu possa atirar com ele. Posso sentir a respiração dele na minha nuca.

- E você atirou com ele? - Campanhas de alarme soaram no fundo do meu cérebro.

- É, foi o que me acordou. - Ela parecia desapontada. - Mas primeiro virei minha cabeça e vi que o soldado era Tommy Dash. Vou voltar para cama mais um pouco. - E ela saiu tão repentinamente quanto havia entrado.

Estava contente por Tiffany não me perguntar minha opinião sobre o significado do sonho, como normalmente fazia. Embora não me surpreendesse com o fato de minha sobrinha estar misturando suas perdas românticas a armas e violência, fiquei triste de

qualquer modo. Tiffany está presa em dois mundos ao mesmo tempo, pensei. E não há meio-termo.

ODEIO VOCÊ

Na metade de novembro, na véspera do meu aniversário de quarenta e um anos, Tiffany me disse que me odiava. Tal declaração me pareceu monumentalmente importante, como um rito de passagem. Era inevitável, supunha, mas acho que esperava que demorasse mais para acontecer.

Havíamos tido uma ou duas semanas relativamente tranquilas, uma vez que o incidente das armas já caíra no esquecimento. Tinha começado a me sentir mais relaxado em relação a essa situação, me sentindo menos como uma bola retorcida de nervos expostos. Tiffany parecia ter feito alguns amigos na escola, e eu estava contente em observar que metade das ligações que recebíamos não era de Connecticut. Acredite em mim, eu estava controlando. Contudo, a maioria das ligações era de meninos, muitos com vozes graves e sotaque de rua. Havia o Niko e o Kevin e o Jesus e o Jonathan. Havia também um garoto de voz doce chamado Ari, que Tiffany descreveu como "um nerd judeu que morava no apartamento ao lado". E, é claro, Aleks, do andar de baixo.

E duas garotas pareciam finalmente ter conseguido entrar no círculo de Tiffany, embora ainda houvesse pouca oportunidade de se encontrarem fora da escola. Uma era a Sade (a pronúncia certa era *sha-day*, como a cantora), que tinha se transferido no mesmo dia que Tiffany, mas morava lá no Harlem. Não tinha certeza se Tiffany tinha alguma ligação com Sade ou se ficaram amigas por tabela. A outra era April, que eu tinha conhecido pessoalmente num dia em que Tiffany e ela me visitaram no escritório depois da escola. April era aluna do segundo ano e parecia extremamente inteligente, safa e razoavelmente educada. Era uma mistura de punk retrô com atual, com cabelo azul, piercing na língua e nas sobrancelhas, e um visual de loja barata, escandalosamente colorido. Tiffany me contou que April era a única punk em toda a escola, o que, em minha opinião, exigia peito. Seu individualismo ferrenho seria um bom exemplo para Tiffany, que tendia a supervalorizar o ajustamento. Além disso, tinha sabido recentemente que ela havia se mudado de Long Island para morar com uma tia solteira, porque sua mãe tinha problema com drogas, então, havia muito em comum entre ela e Tiffany. Infelizmente, entretanto, April morava no Upper East, para onde é preciso pegar três trens para se chegar, a partir de nosso apartamento, e trabalhava muitas tardes e fins de semana na Baskin-Robbins.

Isso dava a Tiffany muito tempo para passar com Aleks. Ele também era um grande individualista, e a princípio fiquei extremamente impressionado com o fato de que estudava em Stuyvesant. Mas, desde então descobri que estava prestes a ser convidado a sair por falta de motivação, o que, a julgar pelas condições em que Tiffany retomou das duas tardes de sábado passadas com ele, era devido ao excesso de maconha. Eu também temia que, com ele morando bem embaixo de nós, eles tivessem grandes oportunidades de ficar sozinhos em um dos dois apartamentos. Tiffany debochava do delineador da maquiagem de Aleks, e fazia piada com o fato de ele não se mostrar disposto a "rotular" sua orientação sexual, mas temia que ela estivesse curtindo com ele só por ele estar disponível. Sabia pela leitura da revista de Oprah, bem como por outras fontes, que não era como quando eu era adolescente nos anos 1970. Hoje em dia a garotada não precisava estar "namorando" ou mesmo gostar realmente de alguém para fazer sexo: eles simplesmente "ficavam" por capricho. Boquetes eram feitos em festas por meninas, simplesmente como agrados, fiquei sabendo, e eles não eram nem mesmo considerados como sexo. E sabia, por experiência, que quando tinha maconha envolvida, as pessoas faziam coisas que não fariam em outra situação. Mas então, mais uma vez, não estava eu pensando como um pai antiquado? Hoje não é tudo pior do que a maneira "inocente" de antigamente? Quer dizer, comecei a me meter com garotos em qualquer

oportunidade que aparecia quando tinha uns doze anos. Mas eu era gay, então não podia namorar propriamente, nem me apaixonar antes de me libertar, certo? E as meninas que eu conhecia, incluindo minha irmã, claro, eram sempre loucas pelos caras com quem saíam, não eram? Tinha certeza de que elas não faziam aquilo só por entretenimento, como a garotada parecia fazer hoje em dia. Ou, talvez sentisse que estava certo em ser promíscuo porque era menino, me fazendo sentir culpado pelo padrão sexista dúbio que eu tanto desprezava? De qualquer maneira, não conseguia evitar a suspeita sorrateira de que talvez naquela época todos se comportassem como eu, e que eu estava só sendo um grande hipócrita com Tiffany.

Ainda assim, concluí que era meu dever pelo menos não facilitar para ela fazer sexo, bem como mencionar repetidamente os perigos que isso envolvia e como ela deveria se proteger deles. As conversas, no entanto, nunca rolavam como o planejado. Do mesmo modo que Tiffany me contou naquele dia no metrô que usava só maconha e álcool, toda vez que eu falava sobre sexo ela também calava a boca e me cortava dizendo "não se preocupe, tio Eddy, eu ainda sou virgem". Ainda assim, eu perseverava e, numa noite durante o jantar, mencionei ambos, sexo e drogas, no meio de uma conversa sobre Aleksí.

- Olha, Tiffany, sei que você tem passado muito tempo com Aleksí ultimamente, e sei que estão ficando doídes juntos. – Tentei dar a impressão de que eu achava isso normal.

- Tá bom, tio Eddy. Podemos só comer, por favor?

- Mas Tiffany, quando uma pessoa fica dopada e se vê numa situação potencialmente sexual, ela se pode pegar fazendo coisas que normalmente não faria. Sua capacidade de julgamento fica prejudicada.

- Você está com medo de que eu possa levar um coice, tio Eddy? - Tiffany me perguntou casualmente. - Ou que o Aleksí possa dar uma de caminhão polonês?

- O que essas coisas querem dizer? - perguntei, ligeiramente com medo de descobrir.

- Bem "levar um coice" é quando uma garota e um cara estão fazendo sexo e, no momento depois de ter um orgasmo, ele tira o seu você sabe o quê e dá um soco na cara dela. - Tiffany deu uma risada e uma mordida em seu gigantesco brócolis com molho de queijo. - E um "caminhão polonês" é quando...

- Tá bom, tá bom, Tiffany. - Podia ver onde isso ia parar. – Já entendi; você não quer falar nesse assunto. - Ela continuou rindo, mas eu comi em silêncio por alguns momentos.

- Você sabe o quer dizer "misoginia", Tiffany? É uma palavra de vestibular que acho que você deveria procurar no dicionário e memorizar.

- Tudo bem, tio Eddy. Vou fazer isso.

- Então você estava brincando outro dia quando disse que você e Aleksí fizeram sexo na pizzeria, certo? - Precisava arrancar pelo menos isso dela.

- Dã - ela respondeu, levantando as sobrancelhas e arregalando os olhos. - Na verdade, acho ele meio grotesco com aquele contorno de maquiagem ao longo do maxilar enorme. Tenha um pouco de fé em mim, tio Eddy; serei muito mais seletiva que isso quando decidir que é hora. - Tiffany riu enquanto dava uma grande garfada no estrogonofe de carne comprado pronto.

Decidi parar enquanto estava na frente, e comemos em silêncio. Embora acreditasse agora que ela não perderia sua virgindade com Aleksí, ainda não estava convencido de que não houvesse algo sério acontecendo.

No que diz respeito às drogas, eu não iria dizer a Tiffany que ela definitivamente não poderia usar. Meus pais tinham feito isso comigo e Megan quando éramos adolescentes e não havia funcionado; não tinha nenhuma razão para acreditar que essa abordagem

seria mais eficaz hoje. Não, minha estratégia com Tiffany seria discutir o uso que ela fazia de drogas - para explorar as razões que tinha para precisar colocar substâncias em seu organismo. E eu planejava fazer isso sem contar para ela que eu mesmo havia experimentado todas as drogas possíveis e imagináveis antes de terminar a escola secundária. Bem, essa estratégia foi brutalmente abortada uma noite quando Tiffany me colocou diante de meu livro de formatura, que eu tolamente havia deixado na estante da sala.

- Tio Eddy - ela começou, sorrindo maliciosamente -, por que todas as pessoas que assinaram no seu livro terminam com "continue a mil" ou "nunca pare de zoar"?

Totalmente ferrado, pensei. Pense rápido!

- E o que é uma "zona dos garotos"?

- Não ligue para a zona dos garotos - despistei. - Sim, fumava maconha na escola, Tiffany. Mas meus colegas estão exagerando descaradamente, como os adolescentes tendem a fazer. Eu obviamente não era um doidão; tinha boas notas e fui para uma excelente faculdade. E claro que eles não iriam escrever sobre nossos bons momentos nas aulas de inglês.

- Ok, relaxa - ela retrucou, colocando o livro de volta na estante.

Se fumar maconha na escola era tão aceitável para mim, por que eu estava tão na defensiva? E por que ficaria tão aterrorizado se minha sobrinha se comportasse da mesma maneira? Estava eu sendo hipócrita de novo? Tiffany sabia que eu tinha ido para Binghamton University, longe de ser a melhor escola em Nova York, mas ela não sabia que tive que usar meu álbum artístico para concorrer como "aluno talentoso". E, embora tenha tirado notas decentes nas provas de SAT e recebido uma bolsa do Regents, minha média tinha sido abaixo de 87, e não consegui entrar no National Honor Society porque minha professora de espanhol disse ao comitê que eu dormia demais durante as aulas. Mas acabei indo para um escritório de direito de prestígio em Wall Street, rodeado de advogados vindos das melhores escolas de direito do país, portanto, não teve importância o fato de ter sido um maconheiro na escola, certo? Uma carreira de direito se provou ser uma escolha errada para mim, entretanto; talvez se eu não tivesse passado tanto tempo na farra, tivesse me conhecido melhor, teria sido mais confiante com minha criatividade. Não tinha eu desistido de atuar e escrever por falta de confiança? Não tinha me tornado um advogado para provar para mim e para o mundo que eu podia ser tão inteligente e capaz quanto todos aqueles meninos atléticos, encantadores e felizes que eu nunca havia realmente conhecido na escola ou na faculdade? Eu me tornei um cara distante e inseguro porque usei drogas, ou eu realmente usei drogas porque já era assim? Tudo parecia tão confuso, mas não importava como eu enxergava aquilo, a verdade era que eu esperava que Tiffany não desperdiçasse tanto tempo matando seus neurônios quanto eu.

O progresso de nossas discussões sobre sexo e drogas aberta e honestamente seria lento e difícil para nós dois. Lembrei-me, entretanto, de que não importava o quanto mal preparado eu me sentia para muitos aspectos dessa tarefa, eu estava proporcionando à Tiffany um ambiente razoavelmente estável e calmo, e aparentemente a maior parte do trabalho escolar estava sendo feita. Quanto a Aleksy, entre as aulas de canto e aulas particulares de Tiffany, não havia muito tempo durante as tardes nos dias de semana para ela vê-lo. Tinha dito a ela que ele não podia entrar no apartamento quando eu não estivesse em casa, e pedi a Marvin, que trabalhava em horário irregular, para me ajudar a vigiar a situação. Só podia torcer para que, com o tempo e a minha influência, Tiffany se tornasse capaz de tomar boas decisões na vida.

Na noite em que Tiffany me disse que me odiava, eu a fiz sentar e contei-lhe o que eu e Megan tínhamos planejado para o fim de semana de Ação de Graças/aniversário. Seria a primeira viagem dela de volta a Connecticut, sua mãe e eu estávamos bem nervosos com isso. Os garotos responsáveis pelo arrombamento estavam em liberdade até o julgamento, e as amigas de Tiffany que restavam estavam longe de ser modelos de cidadãs. Digo "que restaram" porque, uma a uma, suas amigas estavam dando o fora. Jackie, que incendiara a escola, foi mandada para longe; os pais de Kimberly apelaram para interná-la num campo militar de reabilitação distante em Idaho; e a família de Serena tinha se mudado de lá para afastá-la dos amigos. Das três amigas remanescentes de Tiffany, duas tinham condenação por roubo a lojas em suas fichas e a terceira tinha sido pega roubando da mãe. Megan e eu estávamos determinados a mantê-la longe dessas garotas e, para o melhor ou pior, tentar mudar seu foco para os amigos que ela estava fazendo na cidade.

Lembrando-me de uma técnica que aprendi numa terapia de casal anos atrás, decidi não falar simplesmente para Tiffany, mas, em vez disso, disse que teríamos uma "discussão estruturada". Eu falaria por dez minutos, e ela por outros dez, então teríamos mais cinco minutos para responder. Esse método de comunicação tinha levado direto ao rompimento do meu relacionamento mas pensei, droga, que seria melhor que entrar direto numa discussão. Também disse a Tiffany que o que eu iria dizer a ela não estava aberto a negociação; eu estava estruturando isso dessa forma a fim de poder ouvir suas ideias e sentimentos porque eles eram importantes para mim, mas nada iria mudar. Isso me soou como uma completa bobagem, então provavelmente soou ainda pior para ela.

Sentamo-nos em pontas opostas do meu enorme sofá verde exército e ficamos de frente um para o outro. Comecei com um resumo das razões pelas quais Tiffany estava morando comigo, para começar, seguido por uma lista de todos os seus talentos e de como seu futuro poderia ser brilhante se ela focasse nisso. Depois, descrevi como seria sua viagem a Connecticut. Ela passaria o Dia de Ação de Graças com a família e teria o dia seguinte – seu aniversário – para fazer o que quisesse. Naquela noite, entretanto: teria que vir para casa para o jantar, depois do qual ela poderia sair de novo até as onze. Se ela quisesse, seus amigos poderiam vir com ela para comer uma pizza e um bolo, e várias de suas amigas poderiam ficar para dormir. Mas todos deveriam estar de volta à casa até as onze, e seus pais receberiam um telefonema com antecedência para combinar tudo. No dia seguinte, sábado, retornaríamos a Manhattan no final da tarde, depois que ela tivesse um bom número de horas para passar do jeito que quisesse.

Quando Tiffany ouviu que não teria a noite de sábado e o domingo com seus amigos, lágrimas do tamanho de bolas de gude brotaram de seus olhos. Com todo o tempo não supervisionado que eu acabara de oferecer-lhe, Tiffany só conseguia focar na perda daquele único dia.

- Esperei dois meses para ver meus amigos outra vez. É a única coisa que me fez seguir em frente com toda essa porcaria.

Ela estava ganhando tempo; eu podia ver em seus olhos que planejava rapidamente uma estratégia de argumentação.

- Tio Eddy, não tenho sido feliz aqui.

Ela fez uma pausa para enfatizar, como se essa revelação fosse me atirar num turbilhão emocional.

É claro que você não está feliz, pensei. Você é uma adolescente; é sua função ser triste.

- Sei que está fazendo isso, e não é justo. Você está julgando meus amigos, baseado nos erros que eles cometeram. Todo mundo comete erros.

Exatamente. Somos bem-vistos quando fazemos coisas boas e malvistas quando praticamos o mal. Perdoar as pessoas por seus erros não quer dizer ter somente amigos criminosos.

- Todos eles já se entregaram, mas eu não vou desistir deles. Eles ficaram ao meu lado quando mais ninguém estava, nem mesmo a família. Teve uma noite que eu estava pirando e o Luke veio e me acalmou. Eu nem mesmo pedi para ele vir. Ele me ajudou com a lição de casa e encapou meu livro.

Encapou seu livro? Isso foi antes ou depois de arrombar a casa do vizinho? Nem mesmo meu sarcasmo interior podia negar o fato de que, com aquelas palavras, Tiffany havia se transformado em uma menininha outra vez. Seu mundo era de capas de papel pardo e Puff the Magic Dragon. Mas seria apenas isso o que ela queria que eu pensasse? Teria Luke, na verdade, levado ecstasy e uma dose de bebida para ela? Estava ficando cada vez mais difícil saber o que era real. Desejava ter uma bola de cristal.

- Se qualquer um, incluindo você, tio Eddy... e não quero parecer desrespeitosa... tiver um problema com meus amigos, então isso é problema deles. E vão ter que resolver isso sozinhos. Não é problema meu, é problema deles.

Tiffany cruzou os braços e seu rosto, agora seco, ficou impassível. Fiquei surpreso por ela não ter estalado os dedos e mexido o maxilar de um lado para o outro.

Honestamente, admirei sua lealdade aos amigos, e disse isso a ela. Um amigo com capacidade para perdoar e que nunca esquecia um gesto de delicadeza é difícil de encontrar e será sempre altamente valorizado pelos outros. Também contei a ela que minha função, acima de qualquer outra, é mantê-la em segurança. Tinha vinte e cinco anos a mais de experiência que ela, o que me habilitava a elaborar julgamentos em relação a como evitar perigo. Tiffany, claro, retrucou:

- Segurança? Você está preocupado com a minha segurança? .

Sua incredulidade parecia real.

- Você, honestamente, consegue ficar sentado aí e dizer que estou mais segura aqui nessa cidade louca do que em Connecticut? Não consigo andar pela rua sem que caras estranhos me assediem: "Baixinha e delicada. Do jeito que eu gosto!" ou "Hei benzinho, posso carregar seus livros?". Então, quando finalmente chego à escola, é pior ainda. Você tem que ver o tamanho daquelas garotas. Seus punhos são do tamanho de minha coxa! É como se eu fosse essa menininha branca no meio de peitos e bundas enormes. Tenho que tomar cuidado o dia inteiro. Nunca me senti tão insegura!

Meu Deus, como ela é boa, pensei, mas acabou o tempo. Salvo pelo gongo.

- Obrigado - eu disse. - Eu realmente agradeço sua honestidade. Agora vamos nos aprontar para dormir.

Tiffany ficou me olhando, de boca aberta, enquanto eu me levantava do sofá.

- O quê? É isso?

Ela não conseguia acreditar que não tivesse feito nenhum progresso, que eu não tivesse me comprometido com ela de algum modo.

- Sim. Nós já ouvimos um ao outro, e acabou. Foi o que quis dizer quando expliquei que isso não estava aberto à negociação.

Tiffany desabou num choro.

- Não aguento mais isso - disse entre soluços enquanto corria para seu quarto. - Eu não mereço isso - ela gritou, batendo a porta pela primeira vez.

Sentado na beirada da minha cama ouvindo seus soluços, percebi algo importante, embora me pareça óbvio hoje: isso é tudo porque ela ouviu um não. Ela sempre conseguiu o que quis, portanto, cada célula de seu corpo está se revoltando contra isso.

Os soluços de Tiffany foram interrompidos por gritos abafados:

- Não aguento mais essa porra. Vou enlouquecer.

Depois as batidas começaram. Não tinha certeza do que ela estava socando, mas o barulho era alto e fiquei assustado. Acho que é isso, pensei, o inevitável degelo começou. Bati na porta dela.

- Não ouse entrar na porra desse quarto - ela gritou, sem perder o ritmo da batida. - Eu te odeio!

Entrei no quarto e encontrei Tiffany ajoelhada na ponta da cama, curvada para frente e socando o colchão. Tinha um olhar selvagem - um que eu nunca tinha visto antes - e havia sangue nos lençóis. Ela continuou socando, então agarrei seus braços pelos punhos. A lateral de sua mão estava ensangüentada e parecia esfolada.

- Tire a porra da mão de mim - ela gritou na minha cara enquanto puxava o braço.

Teria sido tão fácil dar uns tapas nela naquele momento, ou imobilizá-la e gritar com ela até que se rendesse. Mas, de algum modo, a despeito da adrenalina que corria em meu corpo, sabia que era a decisão errada a tomar. Saí, me sentei no sofá e tentei tomar fôlego. Uma calma estranha tomou conta de mim, e eu sabia o que fazer.

O complexo habitacional de classe média onde moro tem uma equipe de guardas de segurança que fazem patrulha durante a noite. Frequentemente havia alguns deles parados em frente a um prédio no quarteirão seguinte - entre a Eleventh e a Perry Street. A despeito de estar usando calças de pijama, camiseta e chinelos, fugi do apartamento e desci correndo os três lances de escada até a rua.

Com toda a certeza, lá estavam eles - dois afro-americanos encostados na grade de ferro fundido vestindo uniformes azul-marinho, completados pelo chapéu e coletes laranja, com a palavra *SEGURANÇA* escrita neles. Um deles era extremamente alto e musculoso.

Como vou explicar isso? Pensei enquanto me aproximava deles.

- Tenho uma garota de treze anos histérica para dar conta - comecei.

- Sem problemas - me interrompeu o maior.

- Você quer que subamos e falemos com ela?

Balancei a cabeça afirmativamente, e nada mais foi dito.

Voltamos rápido para o apartamento, onde o guarda menor bateu com força na porta do quarto de Tiffany e disse:

- Segurança.

As batidas lá dentro pararam e, para minha surpresa, a porta se abriu.

- Está tudo bem aqui? - o cara grande perguntou para Tiffany, que puxava a manga para esconder a mão.

- Um de nossos vizinhos nos chamou por causa do barulho - ele disse.

Como ele sabia o que dizer?

Tiffany imediatamente caiu num choro e sentou-se na beirada da cama.

- Sim, sim - ela gaguejou, enxugando as lágrimas com a outra mão. - Estou bem, e prometo que vou fazer silêncio.

Ela continuou chorando baixinho. Fechei a porta do quarto dela e acompanhei os homens até a saída. Tudo que consegui dizer foi "obrigado".

- Não tem de quê - respondeu o menor, com um sorriso solidário.

- Boa sorte.

Não vi mais Tiffany naquela noite. Mais tarde, depois de ter tomado tranqüilizantes e ido para a cama, ouvi seu som tocando baixinho:

*I find it kind of funny,
I find it kind of sad,
That the dreams in which I'm dying
Are the best I've ever had.*

*I find it hard to tell you,
I find it hard to take,
When people run in circles,
It's a very, very
Mad world.*

Ela tocou aquela música do *Donnie Darko* sem parar, e eu fui me desligando daquela letra triste e estranha.

PASSAGENS

Acordei abruptamente às quatro da manhã, minha boca ressecada e a cabeça a mil. Que droga, pensei, queria ter tomado metade de um tranquilizante, mas tomei só um quarto. Como eu precisava acordar Tiffany em duas horas, já era tarde demais para tomar o resto do comprimido agora. Sabia que o sono - um dos bens mais preciosos nos dias de hoje - iria me perseguir pelo resto da manhã. A lembrança da noite anterior rapidamente inundou minha mente, e fui tomado por uma necessidade repentina de fumar um cigarro. Isso era bem raro na minha vida atualmente, e normalmente acontecia depois de alguns drinques, mas, considerando que era a manhã do meu aniversário de quarenta e um anos, decidi me fazer esse mimo. Achei o velho maço de Marlboro Lights para emergências escondido no fundo da minha gaveta de roupa de baixo, e estava saindo do meu quarto para pegar um café quando vi que Tiffany tinha enfiado um bilhete por baixo da minha porta.

*Eu te odeio.
Você fez isso comigo.
Não consigo respirar, estou com muita raiva.
Quero gritar minhas emoções bem alto,
Todas de uma só vez.
Quero te matar com elas.*

*Como se sentiria
Se eu roubasse sua vida,
E fizesse dela o que eu quisesse?*

*Lembre-se,
Um dia pode fazer sua vida,
Um dia pode destruí-la,
E um dia pode trazer
Uma vida de felicidades.*

*Quando eu te aprisionar,
E te levar embora,
Então me diga quão intensa é a necessidade
desse único dia.*

Que cartão de aniversário mais adorável, pensei. Agora eu *realmente* precisava de um cigarro. Assim que o café ficou pronto, desci as escadas em direção ao quintal. O conjunto habitacional no qual eu e Tiffany moramos é uma área de quarenta e dois prédios de cinco andares, feitos de tijolinhos vermelhos, perto da Bank Street ao norte e Morton Street ao sul. Alguns dos prédios ficam virados para o rio Hudson, a parte oeste, mas a maioria dá frente para ruas transversais e para a nossa rua, Washington Street, que é na parte leste. O que há trinta anos era uma área escassamente habitada, esquecida, à medida que os velhos píeres do rio eram abandonados, hoje é um bairro residencial sofisticado, com novos espigões de luxo despontando a cada mês. Temos até um novo nome - o Far West Village -, e Nicole Kidman, Calvin Klein e Martha Stewart moram no mesmo quarteirão, num novo prédio do arquiteto Richard Meier, as torres gêmeas "cascata de vidro azul".

Nossa área externa é uma pequena quadra cuidadosamente planejada que dividimos com nossos vizinhos e companheiros de classe média em West Village Houses. A maioria de nós é formada por professores, artistas, atores e escritores - na verdade, um bando reminescente de hippies - que nunca conseguiu ganhar muito, e alguns tiras e bombeiros aqui e ali. Há duas praças gramadas (uma com grama artificial para suportar as brincadeiras de crianças) rodeadas de calçadas comuns e pequenos jardins particulares que servem de prêmio de consolação para os apartamentos térreos que ficam, na verdade, parcialmente abaixo do nível da rua e inundam constantemente. A área era agora um lugar onde eu buscava refúgio quando o apartamento parecia pequeno demais para abrigar a personalidade pirotécnica de Tiffany e a minha, superdimensionada, e eu percorria seus caminhos com frequência.

Percebi enquanto fumava que tinha apenas oito anos a mais que Tiffany quando me mudei para o conjunto. Depois de me formar na faculdade, encontrei uma vaga, por intermédio do Gay Roommate Service, e consegui um bom negócio num apartamento com vista para essa mesmíssima área - por quatrocentos dólares por mês, para ser exato, incluindo serviços. A única coisa não tão boa era meu deprimido companheiro de apartamento de cento e cinquenta quilos, que estava desperdiçando um mestrado em Artes na UCLA deitado pelos cantos, lamentando-se do quanto era gordo e velho. Jonah Goldfarb tinha acabado de fazer trinta anos. Era brilhante e talentoso, como ficara evidente na maneira como arrasava todo sábado à noite num piano bar subterrâneo maravilhoso chamado Five Oaks, na Grove Street. Jonah começava cantando a plenos pulmões "Down in the Depths on the Ninety-Eighth Floor", empregando cada grama da sua exuberância corporal e carisma, e os frequentadores daquele recinto cheio de fumaça iam à loucura. Depois Jonah passava o velho pote de gorjetas do pianista enquanto se arrastava no meio da multidão antes de fazer uma saída triunfal. Às vezes ele ficava e bebericava um coquetel cor-de-rosa com um canudinho vermelho.

Jonah fez serviço de digitação para grandes firmas de direito durante semanas a fio até ter uma pilha de dinheiro e seus olhos ficarem tão vermelhos que precisava fechá-los ou sangraria até a morte. Então, comprava um quilo de maconha, fumava até ficar bobo, e encomendava comida cinco vezes ao dia. Ele descia a um estranho mundo de sonhos onde gritava com sua tia Candice como se ela estivesse no quarto quando, na verdade, ela estava em Los Angeles administrando o império de pornografia da família. Quando não estava tendo discussões imaginárias, estava assistindo a seleções de caixas de fitas pornô gays que tia Candice tão gentilmente lhe enviava. Os vizinhos reclamavam da gritaria de Jonah, mas ainda mais de seu hábito de jogar recipientes de comida vazios, caixas de pizza e dúzias de garrafas de Diet Coke pela janela do quinto andar do apartamento e diretamente nessa mesma área onde agora eu bebia, fumava e caminhava. Acho que Jonah queria que eu me mudasse para que pudesse talvez salvá-lo, tirando-o de seu pavor. Ao invés disso, meu incansável otimismo de juventude, combinado à minha ambição cega de tornar-me um ator de sucesso, provavelmente deixou-o ainda mais louco. Eu estava sempre correndo da aula de dança para o treinador de diálogos, de testes para o escritório de meu agente, e estava constantemente checando meu serviço de mensagens, Bells Are Ringing, para saber das últimas atualizações da minha agenda tão cheia (as secretárias eletrônicas estavam prestes a sair no mercado condenando a cafona Bells à extinção). Quando Jonah me perseguiu pelo apartamento numa noite com uma faca de cozinha bastante grande na mão, decidi que já era hora de dar no pé. No dia seguinte, enquanto estava arrumando minhas coisas, dei uma olhada no quarto de Jonah, que ele normalmente mantinha trancado. Não havia nenhuma mobília além de uma cama sem lençol, e o chão estava coberto por jornais velhos, revistas e material pornô. Mas, pior de tudo, as paredes ao redor da sua cama eram cintilantemente salpicadas de

pontos de cor que, olhando mais de perto, revelaram ser bolas de chiclete que Jonah havia colado ali cada vez que se atirava na sua cama suja e apagava.

A área não era tão cuidada lá em 1984, nem a cidade de Nova York em geral. Os trens do metrô eram cobertos por pichações e raramente tinham ar-condicionado, Times Square era o bairro da luz vermelha por excelência, e não havia homens e mulheres de macacão azul varrendo as ruas para pagar as sentenças de serviço comunitário inspiradas por Giuliani. Na verdade, a cidade toda era muito mais soturna, desleixada e mais imprevisível. Lembro-me de saltitar feliz numa tarde de verão no meio do mato alto, nessa área, com um grupo de garçons e garçonetes de um enorme restaurante em South Street Seaport onde trabalhávamos no horário de almoço. Eu os havia convidado para uma festa regada à cerveja e maconha, e rolaríamos sob os *sprinklers*. Os meninos podiam ser gays ou não e todas as meninas podiam ou não gostar de meninos. Ninguém realmente sabia o que eles eram, e ninguém realmente ligava para isso. Era uma Nova York que parecia absurdamente suja e decadente e convidativa e assustadora. E, do seu próprio modo estranho, perfeitamente inocente.

Essas eram histórias muito antigas para mim agora, mas seus fantasmas permaneciam nessa pracinha gramada. Havia Tom e Jack, um casal mais velho glamoroso (provavelmente já nos trinta), que moravam no apartamento térreo com o maior jardim particular. Tive casos secretos com os dois simultaneamente, anulando (percebi na época) qualquer indignidade moral de minha parte. Tom havia se restabelecido fazia muito tempo em South Beach depois que Jack definhou até o esqueleto por causa da AIDS e teve uma morte horrível. E tinha Carly, a baladeira vinte e quatro horas por dia que avistei vagando pela Bank Street chorando histericamente por causa de um caso fracassado. Tinha um metro e noventa, era loura e quando ofereci meu auxílio, ela me agarrou, me abraçou e me arrastou até seu apartamento para uma noite inteira de consecutivas sessões de Banco Imobiliário (sua alternativa para o sexo depois que descobriu que eu era gay) movidas a drogas. Carly abandonou seu jeito habilidoso no final dos anos 1980 e voltou para casa em Main Line Philadelphia para casar com o vizinho rico.

Quando saí do apartamento de Jonah, assinei uma lista de espera do conjunto. Justamente quando estava começando a faculdade de direito, cinco anos depois, recebi a ligação dizendo que poderia me mudar de volta para a vizinhança mais aconchegante de Manhattan. Agora, enquanto estou aqui de pé, na manhã do meu quadragésimo primeiro aniversário, as diferenças entre 1984 e 2002 parecem incomensuráveis. As árvores dos jardins tinham ficado mais altas, cercas bonitas tinham sido instaladas, e flores plantadas. A Hudson Street, a avenida movimentada mais próxima, havia sido emburguesada e era agora um bairro próspero de cafés ao ar livre cheios de gente bonita. Os ricos haviam se mudado para novos apartamentos maravilhosos às margens do rio local antes reservado para encontros sexuais anônimos e onde "Abaixo o filme *Parceiros da noite*" havia sido impresso em toda parte em tinta vermelho sangue por ativistas do direito gay.

Com certeza, tudo aquilo tinha mudado, e muito, eu diria, para melhor. Mas nos anos que se seguiram conheci cinquenta pessoas - quarenta e oito homens e duas mulheres - que morreram na flor da idade de uma doença aterrorizante (Sim, fiz uma lista - uma que temo ainda não estar completa). E numa cristalina manhã de setembro estava indo para o sul à margem do rio Hudson caminhando contra uma torrente de pessoas, algumas cobertas de cinza branca, enquanto ia ajudar um amigo paralisado de medo em seu apartamento. Agarrados um ao outro para confortar-nos, assistíamos com descrença a dois arranha-céus serem implodidos, matando milhares. Mais tarde fui informado de que teria de isolar minhas janelas com fita crepe e estocar água, baterias e comida

enlatada porque talvez precisasse, a qualquer momento, me isolar em meu apartamento por dias sem fim. A inocência simplória de minha cidade que me fora tão preciosa tinha morrido ao longo daqueles dezoito anos, levando minha juventude e parte do meu coração com ela.

Nesta noite, uma jovem dormia em paz no andar de cima, exausta de sua raiva e lágrimas. Será que ela sonhava com a cidade que pulsava ao seu redor? Para ela, seria tão assombrosa e misteriosa e excitante quanto foi para mim tantos anos atrás? Uma coisa era certa: se eu agora interpretasse Jonah Goldfarb para o tio Eddy Wintle de Tiffany, não poderia revelar nenhum cinismo recém-descoberto. Ao contrário, encorajaria minha sobrinha a partilhar da generosidade magnífica da cidade, ao mesmo tempo ficando alerta, pronta, para descobrir seus muitos, muitos perigos.

ANIVERSÁRIO COM MOO SHU

- Anda, Tiffany, levanta. Já são sete horas.

Já era a terceira vez que eu entrava no quarto para tentar levantá-la da cama.

- Não quero ter que voltar aqui de novo.

Saí batendo os pés até a cozinha para fazer mais café e nos servir de suco de laranja. Também tirei a caixa de cereal crocante com amêndoas do armário e coloquei em cima do balcão, ao lado da tigela e da caixa de leite. Os ovos mexidos e as torradas tinham sido jogados para o famoso escanteio havia algumas semanas quando Tiffany declarou que não aguentava nem mais um ovinho sem-vergonha, e isso foi bem antes dela nem mesmo poder olhar para aquilo. O café-da-manhã agora era suco e cereal, que ela costumava comer sozinha à mesa da sala de jantar. Tudo isso para as manhãs de Norman Rockwell. Eu pegava meu *New York Times* da soleira da porta do apartamento, colocava meu café na xícara e voltava a nossos quartos.

- Tio Eddy, posso ficar em casa hoje? Estou me sentindo realmente exausta.

Tiffany estava sentada na ponta da cama, com as mãos enfiadas embaixo das coxas. Entreguei-lhe o suco, que ela aceitou com a mão que estava boa.

- Bem-vinda a Nova York, Tiffany, onde todo mundo está exausto o tempo todo. Agora, vamos, mexa-se.

Fui para o meu quarto e pulei de volta para baixo de minhas cobertas quentinhas. Uma vez que era meu aniversário, tinha decidido não ir à academia e passar mais uma hora gloriosa lendo o jornal na cama, o que queria dizer que Tiffany teria que caminhar até o metrô sozinha. Em segundos, entretanto, ela apareceu no quarto e se aninhou aos meus pés como uma bola. Tiffany sabia que eu adorava quando ela fazia isso; o fato de que aquela era a manhã seguinte de nossa primeira grande briga fazia com que tudo fosse muito mais manipulador.

- Tio Eddy - ela começou, com aquela fala mansa que começava cantando no T e ia descendo até o Y.

Será que ela não percebia que era causa perdida?

- Eu praticamente não tenho faltado a nenhuma aula há semanas, então, acho que ganhei o direito de tirar um dia de folga.

E, depois, rapidamente:

- Mamãe sempre me deixa fazer isso em Connecticut.

- Bem, você não está mais em Connecticut - eu disse, recusando-me a fazer carinho em seus cabelos, como normalmente fazia. - Seu histórico da oitava série mostrou dezoito faltas e trinta e sete delongas, e isso não vai acontecer aqui. Vamos guardar as faltas para quando você estiver doente. E quando digo doente, entenda-se vomitando ou com febre.

- E quem é que diz "delongas"?

Ela imediatamente tentou disfarçar seu sarcasmo com uma risadinha.

- Ouça, Tiffany, estamos ambos ainda nos recuperando da noite passada, sobre a qual, a propósito, precisamos conversar mais demoradamente. Você realmente não está em posição de começar uma discussão. Agora, por favor, se apronte para a escola.

Abri o caderno de Arte com força e enterrei a cara nele. Tiffany escorregou para fora da cama e se arrastou até o banheiro. Não nos falamos até ela estar pronta para sair.

- Aqui está seu dinheiro para o almoço - eu disse, entregando-lhe três dólares.

- Você não vai andando comigo? - ela perguntou, visivelmente desapontada.

- Não, vou relaxar por uma hora. Estou um pouco arrasado.

Esperei para ver se ela lembrava que era meu aniversário.

- Sua calcinha está toda de fora - aponte para ela quando Tiffany se virou para pegar a jaqueta. - Certifique-se de que fique para dentro, especialmente quando sentar.

Embora a escola exigisse camisa de gola e proibisse jeans com o cós superbaixo como as meninas estavam usando, as blusas de Tiffany raramente chegavam até a parte de baixo da roupa. Por sorte (pelo menos para mim), o umbigo dela estava infeccionado desde que fizera um piercing no verão, então, ela fazia questão absoluta de que suas blusas não levantassem mais do que um milímetro, na frente. Tinha certeza, entretanto, de que aquilo não ia durar, e de que grandes guerras sobre abdômen estavam por vir.

- Deixe-me ver sua mão - eu disse, segurando nelas.

Ela havia colocado um band-aid na parte onde a pele tinha saído, mas a lateral da palma a sua volta estava roxa, quase preta.

- Temos que conversar sobre isso - disse, enquanto dava-lhe um beijo no rosto.

Um tchau foi tudo que ganhei quando ela jogou a mochila enorme nos ombros, pegou as chaves e saiu.

"Feliz porra de aniversário, tio Eddy", eu disse para mim mesmo enquanto fechava a porta.

- Ai, minha nossa, parece que ela precisa muito mais do que aconselhamento escolar. Você deveria pensar em inscrever Tiffany num programa de álcool e drogas o mais rápido possível. E ela deveria estar frequentando as reuniões do Alateen pelo menos três vezes por semana também.

Eu estava conversando pela primeira vez com Judith Martin, a conselheira do 2º Distrito designada para a escola de Tiffany uma vez por semana, e já estava querendo entrar pelo fio do meu fone e apertar o pescoço dela.

- Veja bem, Srta. Martin, só posso dar um passo de cada vez, e nesse exato momento preciso saber o que *você* pode fazer por Tiffany. Ela já passou pelo processo de admissão de seu departamento com a Srta. Wong.

- Ok, claro, vou encontrar com ela às quartas. Vou checar o horário dela e ver que período pode ser melhor. Enquanto isso, lhe enviarei um fax com um formulário de autorização e uma lista de especialistas que o senhor deveria examinar.

- Obrigado, Srta. Martin. Se houver alguma possibilidade, por favor, não a afaste das aulas de matemática. Ela não pode se dar ao luxo de perder nenhuma delas.

As habilidades de Tiffany com álgebra estavam melhorando de verdade, mas perder uma aula por semana certamente iria atrasá-la.

- Entendido, Sr. Wintle. Vou lhe telefonar e informá-lo de como estamos indo dentro de algumas semanas.

Por que conselheiros e terapeutas sempre faziam aquilo?, fiquei me perguntando enquanto pendurava meu fone no gancho. Aqui estou eu, acabando de sair de uma noite de crise, e já tentando tomar uma atitude, fazer algo a respeito da situação. E ela vem e me faz sentir como se não estivesse fazendo o suficiente, como se eu tivesse que planejar uma porra de um programa de saúde mental para Tiffany.

A Srta. Martin falava como meu próprio terapeuta, com quem comecei a me consultar dez meses antes quando estava pensando em terminar com meu namorado, na época. Percebi na primeira sessão que eu definitivamente precisava terminar aquele relacionamento, e o fiz, mas continuei em terapia, de qualquer modo. Agora que Tiffany tinha se mudado, estava feliz por ter continuado. Mas então, um dia, bem no meio dos meus lamentos e choramingos sobre o estresse da minha nova responsabilidade, meu terapeuta me diz que eu realmente preciso entrar para seu grupo. "*Você não ouviu nem uma palavra do que eu disse?*" Eu queria gritar de frustração. Uma outra sessão de uma

hora e meia para encaixar no meu horário insano era exatamente do que eu *não estava* precisando. Grupo, o cacete. Eu o dispensei ali mesmo.

- Ed, Francis Ford Coppola ao telefone - Rob anunciou de sua mesa, com um sorrisinho.
- E, feliz aniversário.

Eca, é melhor eu atender essa, pensei enquanto pegava meu fone de novo. E era melhor que isso não fosse um trote de aniversário.

- Terapia é para retardados - anunciou Tiffany. - E eu não vou fazer.

Ceguei em casa e encontrei um cartão da Hallmark e uma única rosa em cima da mesa da sala de jantar. Tiffany havia finalmente se lembrado do meu aniversário. Embora no passado ela mesma sempre fizesse os cartões que me dava, ao menos se dera ao trabalho de comprar um cartão e escrever nele. Uma calmaria soprava de seu quarto, mas tirei-a de lá para uma conversa.

- Sinto muito, Tiffany, mas você precisa fazer algum tipo de acompanhamento imediatamente. O que aconteceu na noite passada não foi legal, e quero que você fale com alguém.

- É pra isso que tenho amigos - respondeu ela, se jogando na namoradeira creme.

Sentei-me diagonalmente em frente a ela no sofá-cama (com poltrona creme de pé palito combinando). Ela continuou:

- Eu não preciso falar com nenhum estranho sobre minha vida pessoal.

- Pense nisso como um luxo. É como eu encaro a coisa.

Não tinha certeza se essa era a abordagem certa, mas, como sempre, eu nunca tinha.

- Eu me deito num sofá por quarenta e cinco minutos por semana e falo para um ouvido objetivo sobre mim, só sobre mim, mim!

Levantava os braços mais alto a cada "mim", à la Charles Busch, imitando Joan Crawford. A tentativa de fazer graça fracassou.

- Bem, isso é você - Tiffany respondeu rispidamente. - Nós não somos iguais, tio Eddy.

- Isso com certeza - repliquei. - Olha, Tiff, não é uma questão de escolha o que temos aqui. De maneira geral, você tem se saído bem nessa transição. Quando você não quis continuar conversando com a Srta. Wong, concordei. Mas precisa trabalhar sua raiva com ajuda profissional. Sei que seus amigos são um grande apoio, mas isso está além da capacidade deles.

Sentei-me reto e me inclinei na direção dela.

- Tiffany, você tem muito do que sentir raiva, eu sei. Mas isso vai interferir no seu processo de se tornar a adulta incrível que sei que será.

- Não conseguia entender a Srta. Wong por causa do sotaque dela - disse Tiffany. - E não sei por que você cria tanto caso por tudo. Espera-se que os adolescentes fiquem com raiva e soquem as coisas.

- Não vou deixar que você minimize o que aconteceu, Tiffany.

Cenas como a da noite passada provavelmente eram comuns em Connecticut e lhe pareciam familiares.

- Você vai se encontrar com a Srta. Martin às quartas, e o único sotaque que ela tem vem de uma terra distante chamada Brooklyn. Agora, em homenagem à maligníssima Srta. Wong, vamos encontrar meus amigos para comer comida chinesa.

Levantei-me e me espreguicei.

- E tenho uma coisinha para a Srta. Tiffany também! - Eugene anunciou à nossa mesa para nove pessoas.

Só mesmo Eugene para trazer algo para Tiffany no *meu* aniversário, pensei. Ele e seu novo namorado, Tom, tinham acabado de me dar um fabuloso DVD duplo, edição de

coleccionador, de *Polyester* e *Desperate Living*. Eu adorava o primeiro e não podia esperar para mostrá-lo a Tiffany; o outro, entretanto, teria que manter bem escondido, até que tivesse a chance de vê-lo primeiro. John Waters das antigas - tenho certeza de que até eu não podia imaginar.

- Ah, que lindo - minha sobrinha disse, afetada, quando abriu a caixinha contendo um colorido porta-velas de vidro no estilo Tiffany.

- É perfeito - ela completou, enquanto dava uma beijoca na bochecha de Eugene.

Ele sabia que qualquer coisa que queimasse, cheirasse ou acendesse iria ficar bem no quarto de Tiffany e poderia até mesmo ser usada para sua antiga prática de Wicca. Eugene *adora* bruxas.

- Eugene dá presentes incríveis - cochichei num tom alto com Tiffany, de modo que ele pudesse ouvir.

Sua boca franzida, sobrancelhas arqueadas e cílios piscantes me agradeceram. Secretamente fiz um sinal de ok para ele e acenei com a cabeça para Tom. Era a primeira vez que eu o encontrava, e tive uma sensação boa. Ele era bonito, sereno e parecia possuir uma inteligência tranquila e segura. Estava satisfeito por Eugene, uma vez que ele não levava ninguém a sério assim havia anos, e era claramente mútuo. Eugene, se podia dizer, é maior que a vida, o que o faz difícil de lidar às vezes. Passamos muitas madrugadas bebendo café em lanchonetes, discutindo como, se casássemos um dia, teria que ser com um tipo forte e silencioso. Parecia que Eugene tinha encontrado exatamente isso em Tom. Só o tempo diria, entretanto, já que, em minhas experiências, Forte e Silencioso frequentemente se revelava Mal-Humorado e Perturbado.

Havia decidido fazer de meu aniversário de quarenta e um anos algo discreto; diversos amigos meus e seus cônjuges se juntaram a mim e a Tiffany num dos meus restaurantes favoritos na vizinhança. Há provavelmente dez restaurantes chineses num raio de três quarteirões de nosso apartamento, mas Sung Chun Mei existia quando eu vim morar aqui pela primeira vez, há oito anos, e, portanto, tinha passado no teste do tempo (o que significa muito em Nova York). Para completar, ele tinha a melhor *hot sour soup* das redondezas; tinha feito uma pesquisa extensa, que havia me levado a um verdadeiro vício. Além de Eugene e Tom, havia Steven e seu marido, Julio, um designer gráfico vindo de Porto Rico. Minha amiga mais íntima, Orly, que conheci na faculdade de direito, tinha vindo sozinha, uma vez que sua companheira, Marisol, estava visitando sua terra natal no Peru. E Georgia, uma amiga querida há quase vinte anos, estava dando uma de solteira também; o marido dela, Connor, era um artista / designer de interiores que aproveitava todo tempo livre para pintar. Compreensivelmente, aniversários de amigos de sua esposa que não fossem data marcante eram tidos como "tempo livre" na agenda de Connor. Completando o grupo, estava Stewart Fischer, meu colega de trabalho predileto e confidente. Um grande *expert* em comida, Stewart fez o pedido para todo mundo à mesa, dando instruções específicas a um desconcertado garçom para o preparo de cada um dos pratos.

Tiffany ficou imprensada entre Eugene e Georgia, coisa que eu planejei com cuidado. Ela havia encontrado Eugene uma vez, rapidamente, e tinha gostado dele de imediato. Eugene tem um dom de fazer as pessoas se sentirem especiais em sua presença, e é particularmente talentoso nesse aspecto com as mulheres. Quando conheceu Tiffany, Eugene havia focado a conversa num grande interesse dela, fazendo comentários sobre seu cabelo "lustroso" e postura "de modelo". Ele usou palavras como "glamorosa" e "madura" e se referiu à sua adolescência selvagem. Eugene não era nada bobo. Georgia estava fazendo doutorado em literatura, mas era também uma musicista do cacete que havia passado anos dando canjas nas casas de rock mais quentes de Nova York,

enquanto escrevia canções para a gravadora Chrysalis. Entre o medo persistente do palco e o fato de nunca conseguir seu ansiado contrato com a gravadora, Georgia escolhera esse novo caminho de letras e ideias. Ela parecia infinitamente estimulada pelos estudos, mas mantinha sua prática de violão e poesia ao mesmo tempo. Georgia é também uma esquerdista radical que tem sido uma rebelde desde que começou a andar; o tempo não a tinha deixado mais mole de jeito nenhum, e Dubya a mantinha em estado de ebulição perpétua. Sabia que Tiffany e ela seriam unha e carne logo, logo, e tive certeza quando Tiffany aceitou cantar para Georgia, sem ganhar recompensa nenhuma, na primeira vez que Georgia visitou nosso apartamento. A noite terminou com nós três cantando e dançando ao som de um CD de músicas antigas de Georgia.

Em contrapartida, Steven e Orly pareciam não ter a menor ideia de como se relacionar com Tiffany, embora, ironicamente, ambos tivessem sobrinhos adolescentes. O sobrinho de Orly, Zeevi, é um pouco mais velho, e, embora ele e Tiffany tenham passado um tempo juntos, não pareceram ter nada em comum. O sobrinho de Steven, Noah, é quase exatamente da idade de Tiffany. Não tenho realmente lembranças dos fins de semana em que tínhamos ido esquiar quando eles eram pequenos, hoje, que haviam atingido a puberdade e gostavam de farra, eram parceiros de transgressão quando tinham oportunidade. A despeito disso, encorajava Tiffany a se encontrar com Noah porque ele era um garoto legal que ia bem na escola, tocava violão e tinha uma família amorosa e cuidadosa. Além do mais, acredito que o diabo conhecido é melhor do que o desconhecido, um provérbio ao qual eu aderira com frequência ultimamente. Duplamente irônico era que Steven é um assistente social / psicoterapeuta que atualmente ganhava relativamente bem avaliando crianças em idade pré-escolar para encaminhamento a profissionais de saúde mental. Ele tem a mente de um Vêu de Vênus; devora insaciavelmente toda informação que se aproxima de sua órbita e nunca se esquece nem mesmo do menor fragmento. Steven consegue citar um artigo sobre o movimento das placas tectônicas da Terra que foi publicado na *Science Times* nove anos atrás, e adora fazer isso.

Embora Orly seja muito mais próxima de Zeevi do que Steven de Noah, Orly não parecia confortável na presença de uma garota de trejeitos de mocinha como Tiffany. Sendo estrangeira, um pouco masculina, e sem aquela beleza de boneca Barbie, Orly, eu desconfiava, havia sido ofuscada por meninas populares que se pareciam com Tiffany quando ela chegou a Great Neck, Long Island, vinda de Israel no meio da escola secundária. Orly é também uma promotora brilhante que ama a arte do debate. Nunca tendo sido do tipo de jogar conversa fora ou bater papo em festas, ela podia ficar literalmente muda quando confrontada com uma criança. Esperava que, com o tempo, minhas duas garotas favoritas fossem de alguma forma se conhecer e se amar. Por enquanto, contudo, eu tentava não forçá-las a passar tempo juntas, especialmente sozinhas.

Para uma comemoração pequena, o jantar foi animado. Durante anos, meus bons amigos tinham todos se conhecido e cuidado uns dos outros e, em alguns casos, desenvolvido uma amizade própria entre eles. Tinha me custado muito tempo e esforço - muitos fins de semana em Montauk e Vermont, inumeráveis festas de Oscar e noites de jogos em meu apartamento - para juntar pessoas das mais diversas esferas da minha vida. Mas esse pequeno grupo, que representava somente algumas daquelas esferas, era a prova do meu sucesso, e eu brindava a eles em agradecimento. Estava feliz pela presença de Tiffany, e eu sabia que ela estava impressionada com a qualidade dos meus amigos. Diversas vezes durante o jantar trocamos olhares, e uma vez tive a impressão de que ela sorria discretamente para mim. Teria ela me perdoado, pelo menos temporariamente, por tentar arruinar sua vida não permitindo que ficasse em

Connecticut durante todo o fim de semana do seu aniversário? Duvido que ela estivesse imaginando se eu lhe havia perdoado, uma vez que ela sabia que eu não conseguia ficar com raiva dela por muito tempo. Além de tudo, em sua mente, tenho certeza de que não havia nada a ser perdoado.

ABVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Tiffany nunca mais mencionou nossa briga, e eu não fiz qualquer comentário sobre ter recebido seu poema. As semanas que se seguiram voaram, nos empurrando em direção ao muito aguardado fim de semana de Ação de Graças e à primeira viagem de Tiffany de volta para casa. Infelizmente, o fim de semana começou muito mal quando, na noite anterior ao feriado, perdi o controle com Tiffany pela primeira vez e, em minha fúria, feri intencionalmente os sentimentos de minha sobrinha.

Eu havia esperado ansiosamente por aquela noite de quarta-feira - véspera de Ação de Graças - como uma chance para relaxarmos juntos. Não teríamos que estudar álgebra, para variar, o que reduziria nossas chances de brigar, e Tiffany estaria provavelmente toda animada para ver seus amigos e comemorar seu aniversário na sexta. Poderíamos simplesmente desfrutar da companhia um do outro e talvez começarmos o feriado assistindo a *A felicidade não se compra*, que eu obviamente possuía em vídeo e assistia religiosamente todo ano.

Havia sido uma semana muito difícil (não obstante curta) para mim. Na segunda, descobri que precisaria de cirurgia numa hérnia de abdômen. Em julho passado, quando fui ao acampamento da família em Adirondacks, peguei minha irmã Kathleen olhando fixamente para minha barriga.

- Bem definido, hein? - perguntei a ela, orgulhoso como um pavão irritante.

- Com certeza, Ed. A não ser por isso aqui, vê? - ela perguntou, apontando para uma pequena porção de carne entre dois músculos do meu tanquinho (tá legal, nem tão tanquinho assim).

- É, notei, mas achei que era só um detalhe do abdômen, ou talvez um músculo que nem sempre aparece em pessoas menos definidas.

Sempre me iludo quando o assunto é meu corpo, para melhor ou pior.

- Quem dera, Ed. Isso é uma hérnia, e é melhor você dar uma olhada nela bem rápido.

Kathleen tinha sido enfermeira durante vinte e cinco anos, portanto, eu certamente levei em consideração seu conselho... bem mais tarde. Quando contei essa história a Eugene, ele me chamou de "Abventista do Sétimo Dia" e disse que eu deveria fundar a Igreja dos Últimos Dias dos Levantadores de Peso.

Eu deveria ter ficado aliviado com a história da cirurgia porque, quando inicialmente falei com meu médico, ele dissera que eu tinha um problema no qual minha musculatura abdominal esquerda e direita haviam se separado - as fibras que as ligavam haviam se deteriorado e rompido - e que toda a região média teria que ser costurada para se juntar de novo. Marquei uma consulta com um cirurgião imediatamente, já me vendo monstruoso, com músculos poderosos nas laterais do abdômen e uma bolsa de órgãos caindo solta na frente. Mas o Dr. Garbowsky, o cirurgião, riu de tudo aquilo. Ele disse que eu tinha uma simples hérnia, do tipo que poderia ficar sem tratamento, mas que poderia um dia ficar maior se não fosse consertada. Vaidoso como sou, não tinha dado tanto duro na academia para ficar com uma protuberância que não deveria estar ali; marquei a cirurgia para a segunda semana de janeiro, deixando uma semana para eu me recuperar das festas, primeiro. O Dr. Garbowsky estava longe de ser o que se pode chamar de gostoso, com seu longo pescoço à la Ichabod Crane e sua pele carente de sol, mas eu o achava sexy sempre (ok, admito: quando se trata de homens em posição de poder - médicos, advogados, policiais, professores - acho um número infinito deles atraente). Embora detestasse a ideia da minha primeira cirurgia, estava ansioso por vê-lo outra vez.

A terça-feira daquela curta semana não foi muito melhor. Passei o dia inteiro tentando resolver uma situação política delicada no trabalho, envolvendo um dos maiores clientes

da agência. Depois, à noite, Tiffany ficou apoplética quando Megan disse não ao seu pedido de incluir um garoto na lista de sua festa do pijama.

- Em que século ela vive? - Tiffany gritara quando desligou o telefone. Depois: - Não posso fazer nada!

Sem meninos em festa do pijama?, pensei sarcasticamente. Quão antiquado a gente pode ser? Mas não dei nenhuma palavra à Tiffany, me recusando a deixar que ela me envolvesse quando tentasse trazer o assunto à tona. Mesmo que às vezes o progresso de Tiffany parecesse não existir, pelo menos eu estava mudando a maneira de lidar com as coisas. Ou assim eu acreditava.

Aproveitei a metade da quarta-feira de folga no trabalho para ir até a escola de Tiffany, uma vez que tinha perdido a noite de encontro entre pais e professores por causa de um trabalho. O boletim da Tiffany tinha chegado havia mais ou menos uma semana, e, embora não estivessem terríveis, os resultados não eram o que eu esperava. Ela havia tirado 65 em matemática (a despeito de nosso esforço), estava em torno de 70 em ciências, espanhol e educação física, e tirou até um 80 em inglês, história, artes e em sua matéria eletiva. Ficamos ambos desapontados - eu por causa das suas médias baixas, Tiffany porque só conseguiu ganhar U\$ 12.50 (uma vez que ela não recebia uma mesada periódica, tinha decidido incentivá-la oferecendo-lhe U\$ 20 por um A, U\$ 10 por um B, menos U\$ 5 por um C e menos U\$ 10 por cada D. Para os cursos que valiam menos créditos, os valores eram cortados pela metade, e se ela ficasse reprovada em algum, todas as ofertas eram canceladas).

Quando emergi da estação do metrô em East Broadway, um homenzinho magricelo se debruçava sobre a grade, vendendo cigarros por quatro dólares o maço - uma marca genérica que ele provavelmente comprara no atacado em Nova Jersey por dois trocados cada. Tanto trabalho de Bloomberg para evitar que jovens fumassem os cigarros de sete dólares, pensei com pesar. Na verdade, havia multidões de jovens lotando a calçada logo depois dos degraus, fumando em grupos para espantar o frio e a garoa. Era o tipo de dia de fim de outono que faz a gente querer ficar encolhido na frente da lareira com uma xícara de chá e um bom livro - ou, para esses jovens, talvez na frente de um videogame com um maço de Kools. De qualquer modo, eu estava aliviado por ver que Tiffany não estava no meio deles.

A escola era superaquecida e tinha aquele cheiro familiar de comida de refeitório, de milho enlatado, ketchup e gordura de carne não identificada. Será que a gente vai para o túmulo com esse cheiro gravado no cérebro? Fiquei imaginando isso enquanto mostrava minha carteira de motorista para o guarda de segurança de plantão e assinava o grosso livro de registros.

Como me foi ordenado, me dirigi primeiramente ao conselheiro de Tiffany, Sr. Rodriguez, cujo escritório ficava no terceiro andar. As escadarias eram estreitas, mas pintadas com alegres cores primárias e, por causa do pé-direito alto dos andares, as escadas pareciam não ter fim (o prédio compensava o terreno pequeno se expandindo por seis andares). Correr para cima e para baixo nessas escadas deve ser a maneira pela qual Tiffany consegue se livrar de toda a porcaria calórica que ela come todo dia depois da escola, pensei enquanto subia. Os corredores eram encerados com alto brilho e ladeados por murais dedicados a temas específicos. Porque a escola tinha uma parceria com uma universidade, tinha sido liberada das rígidas exigências curriculares impostas pela administração de Bloomberg, que havia se livrado do historicamente impopular Conselho Educacional. Aqui, se os alunos estivessem lendo Christopher Marlowe em inglês, então eles estariam estudando a Renascença em história e criando projetos de arte utilizando esse período como tema. Aparentemente, alguma turma estava lendo *Otelo*, pois a parede à minha direita estava coberta por umas vinte representações do

mouro sufocando sua amada Desdêmona. Que graça, pensei, enquanto entrava no escritório do conselheiro.

O Sr. Rodriguez era um adorável homenzinho estranho. Abaixo de sua testa calva, seus enormes olhos castanhos observavam por cima dos óculos bifocais que tinham escorregado para a ponta daquele que era o menor nariz arrebitado que eu já tinha visto. Sua levantada drástica, repentina, me deu vontade de empurrar os óculos de volta para cima para ver se eles deslizariam de novo - e talvez interpretar um louco no meio do caminho (consegui me conter). O Sr. Rodriguez era engraçadinho, como um pug ou um buldogue francês, nos quais a gente faz festa, mas não quer exatamente pegar no colo e aconchegar. Repentinamente lembrei-me da minha muito odiada conselheira na escola - uma lésbica que andava de calças de montaria e tinha retratos dos seus poodles na parede do escritório.

- Você deve ser o pai da Tiffany - ele disse enquanto se levantava e estendia a mão para mim.

Notava agora que ele tinha um maxilar inferior intenso, que enfatizava os caninos.

- Ed Wintle - respondi, dando-lhe um caloroso aperto de mão. - E sou o tio dela. É um prazer conhecê-lo.

O escritório do Sr. Rodriguez era do tamanho de uma sala de aula, e nos sentamos a uma mesa de conferência improvisada no meio dele (era, na verdade, um monte de carteiras juntas). Ele falava rápido com um sotaque espanhol e tinha uma tendência a discursar quando falava sobre sua filosofia sobre educação e disciplina. Sua abordagem deve ser um sucesso e tanto com os alunos, estava pensando, justamente quando a conversa começou a se referir a Tiffany. Ele apresentou uma grande pasta de papel-manilha e me perguntou o porquê de eu ter me tornado o tutor dela. Depois de explicar a situação, colocando quase toda a culpa nos jovens com quem Tiffany vinha saindo em Connecticut, ele prosseguiu dizendo que seus dois filhos haviam sido mortos num acidente de carro. Pego totalmente de surpresa, eu não tive a menor ideia do que dizer.

- Eu sinto muito - me solidarizei, embora não conseguisse de jeito nenhum ver como a morte de seus filhos estava relacionada à minha guarda de Tiffany.

Mas isso me aproximava do Sr. Rodriguez, uma vez que eu tinha uma tendência a gostar de pessoas que contavam coisas demais, rápido demais, pegando o interlocutor de surpresa e redefinindo a palavra "inapropriado".

- Temos alguns problemas para resolver sobre Tiffany - o Sr. Rodriguez me informou por cima dos óculos. - Aquela ali tem um temperamento e tanto, e não gosta que digam a ela o que fazer.

- Houve algum incidente? - perguntei, tentando não parecer na defensiva.

Ele estava, afinal de contas, descrevendo um lado de Tiffany que eu conhecia bem demais.

- Ah, sim, diversos - ele respondeu, buscando algo entre as fichas.

- Ela recebeu três advertências na semana passada, depois de ser retirada da aula de ciências por insubordinação.

- O que aconteceu, e para onde ela foi removida?

Meu coração se apertava, pois pensava que as coisas, pelo menos na escola, estivessem caminhando com razoável tranquilidade.

- Ela teve que ficar sentada bem aqui pelo resto do turno - ele disse, apontando na direção de uma carteira solitária no canto. Ele começou a ler as fichas: - Tiffany foi repetidamente advertida por estar conversando durante a aula, e, quando ela continuou falando, a Srta. Wilkinson pediu que se sentasse numa carteira vazia do outro lado da sala.

- E depois, o que aconteceu?

Sentia-me como um advogado conduzindo sua testemunha durante o ensaio do seu depoimento.

- Tiffany falou de maneira imprópria com seu instrutor e fui chamado para intervir - ele leu. - Então, veja bem, há um ajuste de atitude que precisa ser feito aqui. Se receber dez advertências, ela será suspensa e futuras infrações levarão à expulsão.

- Eu entendo, Sr. Rodriguez, e lhe garanto que isso não vai acontecer. Na verdade, estou certo de que sabe, Tiffany começou a fazer algumas sessões com a Srta. Martin na semana passada. Ela tem muita raiva de coisas que aconteceram no passado, sem falar na raiva hormonal típica da adolescência. Tenho certeza de que com algum tempo e acompanhamento, as coisas vão melhorar.

Depois de uma discussão sobre questões acadêmicas, exigências de serviço comunitário e exames de Regents, me despedi e deixei o escritório do Sr. Rodriguez com uma leve ansiedade buzinando na cabeça: se Tiffany for expulsa daqui, ela vai acabar no Humanities. Uma mulher que eu conhecia me contou que era horrível... e olha que ela dava aulas lá! Enquanto dava a volta na escola para me encontrar com vários dos professores de Tiffany, dei uma boa olhada no corpo discente. Comecei a ter a impressão de que talvez Tiffany tivesse deliberadamente escolhido se definir como alguém com quem não se deve mexer. Embora os jovens que vi não me parecessem especialmente ameaçadores, quando você é uma garota branca, magra, de um metro e meio, as coisas provavelmente parecem diferentes pra caramba. Isso era uma resposta ao seu novo ambiente que eu não havia previsto; precisaria pensar em algo para contra-atacar, e rápido.

Com exceção do meu encontro com o Sr. Ling, o professor de matemática de Tiffany, as outras reuniões tiveram todas o mesmo resultado: Tiffany parecia inteligente com muito potencial, mas precisava se comportar nas aulas e dedicar mais tempo aos trabalhos de casa. Para o Sr. Ling, entretanto, havia preparado um tipo de emboscada. Depois de saber, por intermédio do Sr. Rodriguez, que era o primeiro semestre no qual o Sr. Ling dava aulas, pedi para que o supervisor dele estivesse presente ao encontro. Além de passar problemas ridiculamente difíceis e se recusar a resolvê-los em aula, o Sr. Ling não tinha conseguido devolver a última prova que aplicara até a manhã da prova do meio do ano. Por causa disso, eu e Tiffany não pudemos nos concentrar em suas dificuldades antes da grande prova. Fui embora com a garantia de que aquilo não aconteceria de novo, e também com a forte sensação de que eu era o pior pesadelo do Sr. Ling.

Curiosamente, dois dos professores de Tiffany - um homem e uma mulher - haviam mencionado separadamente uma questão extra. Tiffany aparentava ser extremamente popular com os garotos e parecia deleitar-se com a atenção deles; ambos os professores temiam, entretanto, que meninos adolescentes pudessem interpretar mal o comportamento amigável dela, possivelmente colocando-a em situações desagradáveis ou até mesmo perigosas. Eles não estavam dizendo que ela era uma vagabunda, mas sugerindo que ela poderia estar sendo um tanto ingênua e que eu deveria conversar com ela sobre estabelecer fronteiras físicas mais firmes.

Lamentavelmente, não consegui encontrar a professora de artes de Tiffany, pois ela saiu apressada após a última aula para se livrar do trânsito de véspera de feriado. Tinha muito interesse em conhecer a Srta. Robichon, a quem minha sobrinha se referia simplesmente como "a louca bi-xon".

Por acaso, esbarrei com Tiffany e April, a punk, quando todos saíamos do prédio. Ainda estava garoando e, quando passávamos pelos projetos e os pequenos jardins que os separavam, o ar estava impregnado daquele aroma fecundo de outono de folhas apodrecendo.

- Adoro esse cheiro - eu disse às meninas, respirando fundo.
- Eca - Tiffany respondeu, fazendo April rir. - Você adora os cheiros mais estranhos, tio Eddy.

Ela se virou para April e continuou:

- Ele gosta até de cheiro de gambá.
- O cheiro de gambá é um aroma protonatural e refrescante - eu disse, achando melhor não chamar a atenção dela por usar um pronome ao se referir a mim. Minha mãe sempre fazia isso comigo, e, entretanto, eu podia ver o quão desrespeitoso era não se referir a um adulto que estava presente pelo nome; aquilo me deixou louco.
- Que diabos quer dizer "protonatural"? - Tiffany olhou intrigada para April.
- Tá, eu posso ter inventado isso, mas você precisa aprender a deduzir o significado desmembrando as palavras. - Encolhi meus ombros no vento úmido.
- "Proto" significa "primitivo" ou "original", eu acho - April se intrometeu na conversa.
- Exatamente - disse eu, sorrindo. - Alguém vai se dar bem nos exames para a universidade.

Entramos no metrô pelas ruas Rutgers e Madison (sim, esse é o seu nome - não avenida Madison) e pegamos o trem juntos, transferindo da F para a 6 na Broadway com Lafayette. As meninas estavam indo para West Village para April poder devolver um CD, e eu estava retomando ao trabalho em Astor Place. Seus planos de verem *Harry Potter 2* tinham sido frustrados pela tia de April, que insistiu que ela fosse para casa para ajudar a carregar as batatas para o Dia de Ação de Graças. Foi uma desculpa bem esfarrapada, pensei. Vou ter que fazer melhor que isso quando inventar motivos para *minha* sobrinha voltar para casa. Tiffany estava ansiosa para saber o que seus professores e o Sr. Rodriguez haviam dito, mas quis esperar até voltarmos para o apartamento para falar sobre cada aula de uma vez. Por algum motivo imbecil, entretanto, decidi abordar o assunto sobre garotos. Não foi bom.

- Isso é ridículo. Quem disse isso? - Tiffany rosnou para mim.

As meninas conseguiram lugares para sentar, e eu fiquei pendurado na barra de segurar que ficava acima delas.

- Não importa quem disse; o que importa é que dois professores observaram a mesma coisa.

April ouvia, cabisbaixa.

- Não foi dito em tom de crítica, Tiffany, mas somente como algo para se refletir.
- É ridículo. Eu tenho "limites" - ela repetiu sarcasticamente a palavra que eu tinha utilizado. - E posso cuidar de mim mesma. Se um garoto fizer algo que me faça sentir desconfortável, acredite, vou mandá-lo parar.
- Mas como você pode ter certeza de que ele vai parar?
- Você está falando em algo tipo ser estuprada? - Tiffany revirou os olhos e se virou para April. - Ele acha que vou ser estuprada na escola.

De novo, o lance do pronome, pensei, mas essa definitivamente não era a hora.

- Bem, garotas já foram estupradas em escolas públicas de Nova York antes - April respondeu. - Não na nossa escola, mas ela só existe há quatro anos.

Tinha certeza de que ia gostar dessa garota.

- A maioria dos estupros é cometida por pessoas conhecidas da vítima - acrescentei. - Tenho certeza de que você já ouviu falar das estatísticas de estupro. Hei, se lembra do *Bebê de Rosemary*? - disse, numa tentativa de fazer graça, mas sem nenhum sucesso. - Não acredito que alguém que tenha sido estuprada num encontro pudesse imaginar, de maneira alguma, que seu namorado se tornaria um estuprador.
- April, você consegue imaginar Ari, o cara mais gentil da escola, se tornando um estuprador? - Tiffany riu, fazendo April sorrir.

Podia ver que aquilo não estava levando a lugar nenhum, e eu estava extremamente irritado.

- Tudo bem, esquece isso, Tiffany - rebati. - Você sabe tudo e não precisa de conselho de ninguém.

Afastei-me das garotas e comecei a ler um anúncio do outro lado do vagão, exaltando o quão barato e eficiente era o Dr. Zizmor, que podia curar até mesmo o pior caso de acne. Mais tarde, quando encontrei Tiffany, de volta ao apartamento, minha irritação tinha passado, mas a dor de cabeça incômoda que havia me perseguido por todo o dia ainda latejava nas têmporas. Tinha dado um bom tempo na rua antes de voltar para casa, que havia me acalmado, mas não aliviado a dor. Durante o jantar, com legumes refogados e salada, Tiffany puxou mais assunto sobre a reunião com os professores. Após cada relato, ela dizia coisas como "Odeio aquela mulher mais do que todo mundo", ou "Gostaria de armar para ele cair" (não sabia que esse linguajar de filme no ir estava de volta, lembro-me de ter pensado). Não havia nenhum arrependimento, somente pura provocação.

Enquanto eu lavava a louça do jantar, Tiffany me mostrou, animada, o CD do Nirvana que havia comprado com April numa loja.

- Fantástico. Mas isso me lembra, passa pra cá os dez paus que te dei para o *Harry Potter* - disse.

- Não tenho mais - ela disse timidamente.

- Nem vem. Pode me dar.

- É sério, não tenho. Gastei.

Fiquei em silêncio, sem acreditar.

- Que importa? Você me deu o dinheiro, então já era, certo? Você já gastou.

Senti minha pulsação acelerar e o sangue me subiu. Tiffany sabia que essa não era a maneira como nós lidávamos com essa "parada" de dinheiro. Se eu lhe desse dinheiro para alguma coisa, era para ser gasto somente naquilo, e ela deveria me trazer o recibo de prova. "Ela não pode desrespeitar essa regra bem na minha cara", espumei de raiva.

- Me dê meu dinheiro de volta - minha voz começou a se elevar.

- Eu não tenho mais!

O tom de Tiffany agora se igualava ao meu.

- Por que você está criando tanto caso por causa de dez dólares? Não podemos combinar que você simplesmente comprou o CD pra mim de aniversário?

Ela mudou para um tom conciliador.

- Não ouse comprar um presente de aniversário de mim pra você com o meu dinheiro.

Estava furioso agora. As histórias que minha irmã havia me contado sobre a ideia que Tiffany tinha de direito inundavam minha mente. Havia a conta de telefone de 250 dólares que era responsabilidade de Megan porque "você é minha mãe", e a ocasião em que Tiffany recebera 200 dólares para comprar roupas para a escola e havia voltado para casa com duas calças jeans e umas calcinhas (ela me confessou mais tarde que dera dinheiro para Toby como presente de aniversário).

- O que houve com os outros dez dólares que você tinha? Você saiu daqui de manhã com vinte dólares e o CD foi só dez - questioneiei.

- Pedimos comida chinesa para o almoço.

- Dei dinheiro para você pedir comida chinesa na sexta passada quando o grupo de aconselhamento pediu. Não podemos ficar comprando comida fora toda hora. (O almoço na escola custava só um dólar, mas Tiffany se recusava a comer a comida do bandejão. "É nojenta", ela dizia. Então, eu lhe dava três dólares por dia, que ela geralmente guardava para comer rolinhos primavera, pizza ou cheeseburgers com ovo e bacon depois da aula.)

- O que você come no almoço todo dia, tio Eddy? - ela desafiou.

Fiquei irado.

- Não é da sua conta. E pronto!

Falei alto como nunca havia falado com Tiffany antes.

- Você está de castigo. Nada de celular, nada de telefone sem fio, nada de TV e nada de internet. Vá para seu quarto!

Fui cutucando-a com meu indicador enquanto a seguia pelo corredor. Era a primeira vez que tocava em Tiffany num momento de raiva.

- Tá bom, tá bom. Pare de dar chilique e fazer tanto caso disso - ela disse, enquanto fechava a porta do quarto, o que me deixou mais furioso ainda.

Fiquei do lado de fora, gritando:

- Você não consegue simplesmente admitir que está errada? Só uma vez, não pode dizer "sinto muito, tio Eddy. Você está certo e eu não devia ter feito isso"? Em vez disso, você só argumenta, e argumenta.

Continuei meu discurso enquanto voltava à sala.

- Você não tem uma consciência, pelo amor de Deus?

Naquele momento, algo em mim despertou. Dei meia-volta, parti para o quarto dela e meti a mão na porta.

- Seu comportamento é pra lá de egoísta - gritei.

E então parti para o golpe final:

- É inacreditável que você até sugira que o CD é presente de aniversário. No *meu* aniversário, você me deu um cartão da Hallmark, por caridade! Você podia ter escrito alguma coisa numa folha de papel e eu teria ficado mais feliz. Mas não! Você nem mesmo me desejou feliz aniversário antes de ir para a escola naquela manhã. Você só pensa em si mesma!

Bati a porta com toda a força que pude e voltei para o meu canto.

Cara, eu disse umas verdades a ela, não disse?, me consolei. E como era maravilhoso hoje em dia ter tantas coisas para tirar de uma criança quando temos que puni-las!

Imediatamente me senti absolutamente devastado. Tentei assistir a um filme, mas precisei ligar para o Steven para confessar que tinha me tornado um daqueles desagradáveis pais autoritários. Meu maior medo havia se concretizado. Tinha recriado o lar de Tiffany em Connecticut, completo, com acusações, berros, lágrimas, portas batendo e tudo o mais. Implorei para que Steven me dissesse para correr até o quarto dela e me desculpar por ter ficado tão zangado.

- De jeito nenhum - ele disse. - Vocês dois precisam refletir sobre isso por um tempo. Você tinha o direito de ficar zangado, e, embora tenha talvez se deixado levar, se pedir desculpas a ela agora, vai passar uma mensagem errada.

- O que você quer dizer com isso? - perguntei a Steven entre soluços.

- É ela quem está recriando o lar de Connecticut, não você. Essas são as coisas às quais *ela* está acostumada: berrar, gritar e brigar. É o que *ela* conhece. E me arriscaria a dizer que cada episódio ocorrido lá terminava com Megan se sentindo péssima e indo buscar o perdão de Tiffany. Provocar um adulto até que ele perca o controle é a maneira mais fácil de uma criança em apuros virar a mesa. Você pode pedir desculpas por ter ferido os sentimentos dela mais tarde, mas está tudo bem em ficar com raiva dela por enquanto. Seu desejo de resolver tudo imediatamente é compreensível, mas às vezes você tem que dar tempo para processar as coisas.

Fiquei passado. Como diabos ele veio com aquilo tudo tão rápido? E parecia fazer todo o sentido. É inacreditavelmente útil ter um amigo terapeuta, pensei, e não há nenhum melhor que Steven.

Voltei para meu filme, embora ainda fosse difícil me concentrar. Minha raiva tinha me assustado e me abalado. Não tinha certeza de onde ela vinha, mas me fez lembrar do meu pai. Uma vez, quando tinha uns nove anos, espiei um grupo de meninos de uma rua próxima num pequeno bosque perto da nossa casa – um pequeno grupo de árvores que eu considerava meu. Ia lá frequentemente para ficar sozinho; subia no topo do pinheiro mais alto e colocava o rosto contra o vento enquanto a árvore balançava. Aos domingos, depois da missa, ia lá visitar "meus" coelhos, a quem sempre encontrava me esperando no mesmo lugar. Quando arrisquei me aproximar do grupo de garotos intrometidos naquele dia, vi que eles estavam atirando pedras nos esquilos com estilingues. Berrei com eles para que parassem, mas eles riram e me chamaram de mulherzinha. Suas bicicletas de corrida estavam todas enfileiradas, umas ao lado das outras, então empurrei a primeira e corri. Elas caíram como dominós. Mais tarde, meu pai recebeu um telefonema do pai de um dos garotos, que reclamava que eu havia causado um dano de 120 dólares nas bicicletas. Meu pai gritou meu nome enquanto ia pelo corredor até o meu quarto, e quando ele entrou, eu mal conseguia reconhecê-lo. Sua raiva era tanta que, depois de me dar um tapa na cara, ele me levantou acima da cabeça e me jogou do outro lado do quarto, onde bati na parede e caí, fraco, em cima da cama. Só quando tudo havia terminado me dei conta de que tinha ficado tão apavorado que cheguei a molhar as calças.

Sabia agora que, em algum lugar dentro de mim, eu seria capaz de tratar Tiffany do mesmo modo. Afinal de contas, eu havia ido atrás dela pelo corredor e fincado meu dedo em suas costas por meros dez dólares. Se tinha sido sua ingratidão que havia me deixado com tanta raiva, não estaria eu esperando demais em troca daquilo que fiz? Será que estava arrependido por estar ajudando minha sobrinha todo esse tempo? Certamente eu não podia esperar que uma adolescente que havia passado por tanta merda na vida fosse ficar por aqui, na casa do tio, demonstrando gratidão a cada minuto. Uma vez disse a um amigo mais velho, abastado, o quanto eu o achava maravilhoso por ele sustentar seus sobrinhos crescidos. "Maravilhoso?", ele respondeu, incrédulo. "Eles me odeiam por isso." Estaria Tiffany representando e desrespeitando as regras porque estava com raiva ou envergonhada por precisar da minha ajuda? Em ambos os casos, não iria fazer bem nenhum eu devolver essa raiva para ela.

Naquela noite, pela primeira vez em um bom tempo, me ajoelhei para rezar. Pedi a Deus para me ajudar a controlar meu gênio e para Tiffany ter alguma paz. Também rezei para imitar as qualidades do meu pai, que eram muitas, não sua raiva.

TIO ROSE

A manhã do dia de Ação de Graças começou abruptamente, com batidas na porta da frente do apartamento.

- Quem é? - gritei.

Havia tomado um quarto de comprimido para dormir e dormira por nove horas seguidas; no meu torpor, tinha me esquecido completamente de que minha amiga Beth e sua família estavam vindo de Nova Jersey. Eles iam para o desfile de Ação de Graças da Macy's e queriam deixar umas roupas aqui em casa, para trocar mais tarde quando teriam um jantar festivo em State Island. Quando as crianças enfiadas em roupas de neve adentraram o apartamento fazendo barulho, Tiffany emergiu de seu quarto, enrolada num pequeno cobertor, com o cabelo desgrehado preso num coque frouxo atrás da cabeça. Trazia no rosto aquela inocência tenra de criança que acabou de acordar, e abriu um largo sorriso de feriado para a família.

Tiffany olhou em minha direção e seu sorriso ficou menos iluminado.

- Feliz Dia de Ação de Graças - ela disse.

Podia ver que estava tão aliviada quanto eu por essa pequena família turbulenta nos ajudar a dar início a essa desconfortável manhã de feriado. A cena da noite anterior seria nosso segredo, e poderíamos passar ao número de Ed & Tiffany que tanto adorávamos representar para as visitas, especialmente para os visitantes de primeira viagem como esses. Nunca falamos sobre isso; nunca foi preciso. Acredito que ambos tivéssemos a mesma noção de como os outros nos viam juntos, fosse essa percepção correta ou não. Nossa mútua afeição descontraída, nossas risadas e sorrisos compartilhados, tudo conduzia a um mundo exclusivo de significados ocultos e piadas particulares. E o gene da representação é algo que nós certamente compartilhamos.

Talvez, para a minha sobrinha, a sensação fosse mais parecida com o primeiro apartamento fora do campus da faculdade. Lembro-me de como me sentia adulto quando os amigos vinham sem avisar nas manhãs dos fins de semana; "jogava" um bule de café e os presenteava com minhas aventuras da noite anterior. Era óbvio que, por toda sua indiferença estudada, Tiffany tinha orgulho de estar morando em Nova York, longe dos pais. Éramos, afinal de contas, duas pessoas solteiras dividindo um apartamento em Greenwich Village. E Tiffany sabia que, na frente das visitas, poderia contar comigo para tratá-la ao menos como uma companheira de moradia maneira. Não era uma situação típica na vida de uma menina de treze anos, e Tiffany se divertia, valorizando um pouco, como eu.

Depois que Beth e sua família saíram, nos preparamos para nossa viagem para o norte, praticamente em silêncio. O desfile do Dia de Ação de Graças da Macy's estava sendo exibido na televisão, e nós de vez em quando corríamos até a sala ao mesmo tempo para ver um número musical de *Nine* ou *Into the Woods*, mas não nos falávamos muito. Embora o desfile seja uma grande promoção cafona para os espetáculos da Broadway, assistir a ele com os pais era um ritual quando eu era menor, e não iria parecer Dia de Ação de Graças sem ele.

Mais tarde, quando estávamos apertados num assento para dois no trem do Metrô Norte para Brewster, mencionei o assunto da noite anterior para Tiffany.

- Sinto muito ter dito aquilo sobre meu aniversário na noite passada.

- Eu lhe perdôo - Tiffany respondeu com um leve sorriso. - E eu sinto muito por ter gasto seu dinheiro sem permissão. Não vou fazer de novo.

Ela abriu o romance de Ellen Wittlinger, *The Long Night of Leo and Bree*, sobre um adolescente problemático que sequestra uma garota rica bonita que se aventurou sozinha

pela área ruim da cidade. No decorrer da noite, eles acabam se entendendo e chegam até a construir uma amizade.

- Preciso perguntar uma coisa, e você não vai gostar – eu disse.

- Oh, oh. E *precisamos* conversar sobre isso agora? - ela perguntou desconfiada.

- Sim - respondi. - Preciso que você prometa que não vai ver Luke ou Toby enquanto estiver lá.

Tiffany tinha a tendência a partir para briga quando Megan, Tony ou eu tentávamos limitar as pessoas com quem ela se associava, o que provavelmente me levou a esperar até estarmos num trem lotado para trazer o assunto à tona.

- Não tenho falado com Luke desde que ele tentou colocar a culpa toda em Toby - ela disse. - Ele é um completo imbecil, e eu o odeio pra caraca. Mas sinto muitas saudades de Toby, tio Eddy. Ele na verdade é um bom garoto que só foi envolvido nisso tudo por Luke.

Ela olhou para mim, implorando.

- Acho que tudo bem. Mas, por favor, tente se manter fora de apuros. Se as coisas não correrem bem, você não poderá passar as festas de fim de ano em Connecticut.

- É, eu entendo - ela disse, arrancando um pouco de esmalte roxo da unha do dedo indicador.

- E o Tommy? Você tem planos de passar um tempo com ele? - perguntei.

- Espero que sim - ela respondeu, com tristeza. - Ele não tem me ligado muito mais, e acho que está com namorada nova.

- Você sente algo por ele, não? - perguntei, com delicadeza.

- Não, tio Eddy, não sinto nada por ele - ela debochou. – Ele é um amigo que, por acaso, é incrivelmente gostoso. Agora, podemos falar de outra coisa?

Ela olhou para mim com uma sobrancelha levantada.

- Não fique nervosa quando cantar hoje - disse a ela. – Você vai ser sensacional.

- Bem, não tenho certeza disso - suspirou profundamente. - Mas sei muito bem que você não retirou a oferta de trinta dólares que prometeu.

- O pagamento será feito quando o serviço for entregue - disse, apertando delicadamente seu joelho.

- É, acho que foi isso que você disse, tio Eddy. Dois meses, e você já ficou tão previsível.

Tiffany deu uma risada, fechou o livro e jogou a cabeça no meu ombro.

I'd like to swim in a clear blue stream

Where the water is icy cold;

Then go to town in a golden gown

And have my fortune told.

Just once! Just once!

Just once before I'm old!

I'd like to be not evil;

But a little worldly wise;

To be the kind of girl designed

To be kissed upon the eyes.

A voz de soprano de Tiffany soava verdadeira, afiada e limpa. Ela ficou de pé na sala comprida, com paredes revestidas, na casa de meus pais, de frente para um pequeno grupo de parentes surpresos, que incluía Megan, Sammy, Kathleen, Tyler, os dois irmãos da minha mãe, Tommy e Barry, e suas segundas esposas, Patricia e Crystal. Quando minha sobrinha alcançou e segurou a nota aguda no final dessa música de *The*

Fantastiks, a plateia festejou e Tiffany agradeceu, algo que eu não imaginava que ela poderia fazer. E depois ela concordou em cantar uma quarta música - de graça. Sendo seu agente, não pude evitar momentaneamente de me regozijar com o fato de que Tiffany tinha baixado o preço que eu pagara por cada música. Ela decidiu terminar com "Somewhere Over the Rainbow", uma boa escolha no meu repertório porque não deixaria um olho seco sequer naquela sala. Sabia que a música fazia todos se lembrarem de meu avô - o pai da minha mãe - e todos os três filhos dele estavam presentes.

Enquanto alinhava as partituras e voltava correndo para meu lugar, encostado na parede (onde balbuciava, nervoso, a letra das músicas enquanto Tiffany cantava), fiquei imaginando se me parecia mais com Mama Rose em *Em busca de um sonho* ou Lee Grant em *Vale das bonecas*. Qualquer um dos dois, não era uma cena bonita. Embora Tiffany parecesse estar se divertindo assim que deu início à primeira música, poderia haver aqueles que pensassem que eu a havia obrigado a fazer aquilo e, talvez, isso pudesse tornar toda a "coisa de atuar" um pouco difícil, no geral. Eu certamente questionava meus próprios motivos. Será que estou tentando viver através da vida dela? Se Tiffany se tornar a estrela que nunca fui, estaria eu também tendo sucesso de certo modo? Poderia ser uma vingança deliciosa contra um mundo que me tratara tão cruelmente? Coisa clássica de mãe de ficção, com certeza, mas, desde a primeira vez em que Tiffany interpretou uma música inteira para mim, sabia que ela era uma artista nata, e que possuía talentos que ultrapassavam de longe os meus.

Era outono, e Orly e eu tínhamos pego o trem para o norte a fim de ver as folhagens e jantar com meus pais. Havíamos pegado um carro de um dos meus parentes para passear à tarde e, uma vez que Sammy ainda era um bebezinho, resolvemos tirar Tiffany das mãos de Megan por algumas horas. Estávamos dirigindo por uma estrada especialmente cênica no oeste de Connecticut, supostamente olhando a explosão de cores ao nosso redor, mas, em vez disso, discutíamos coisas da faculdade de direito, quando uma vozinha veio flutuando do banco traseiro. Quase tinha me esquecido de que Tiffany estava lá, ela havia ficado tão quieta, toda presa e olhando pela janela. Agora eu ouvia algo sobre uma "lua de milho azul" e um plátano gigante - palavras que evocavam o outono e o mundo ao qual ela assistia passar do lado de fora do carro.

- O que é isso que está cantando, Tiffany? - perguntei, olhando para ela pelo espelho retrovisor.

Eu a havia colocado intencionalmente atrás de Orly, de modo que pudesse vê-la enquanto dirigia.

- É da *Pocahontas*, e sei a letra toda.

- Você poderia, por favor, cantar para nós? - perguntei no tom mais doce possível. - Do pouco que ouvi, parece linda.

- Quanto você vai me dar? - perguntou, e sua vozinha de Minnie Mouse ficou mais dura. Tiffany tinha cinco anos.

- O quê? - Orly gritou. - Vocês aqui pagam suas crianças para cantar?

Ela estava incrédula, provavelmente por ser de Israel, onde até as preces são cantadas.

- Bem, nunca paguei a Tiffany para cantar antes - respondi. - Mas ela realmente tem uma linda voz e é esperta para saber que isso tem valor para os outros. Ela é talentosa e tem tino para os negócios.

Orly riu e olhou para ela.

- Então, quanto custa para ouvir a música que você estava cantando inteira, do início ao fim? - perguntou.

Eu podia ver pelo espelho Tiffany contando alguma coisa nos dedos.

- Bem, é uma música longa, com muitos versos. - Ela fez uma pausa, possivelmente como estratégia de negociação. – Cinco dólares.

- Fechado - concordou Orly, enfiando a mão no bolso e puxando umas notas. - E é por minha conta - acrescentou, tirando uma nota de cinco.

- Preciso tirar o cinto de segurança, então, para poder sentar no meio - Tiffany nos informou. - Ou então, só a Orly vai conseguir me ouvir.

- Tudo bem, mas só dessa vez - eu disse, sorrindo para Orly.

Tiffany começou sua música devagar e sutilmente, mas com uma segurança impressionante, especialmente se levarmos em conta que ela estava cantando à capela. Nunca tinha ouvido "Colors of the Wind" antes, e fiquei surpreso com seu forte cunho político. Era um pedido ao homem branco para que parasse de devastar a Terra - para tentar compreender a santidade da natureza e apreciar a diversidade de crenças entre as diferentes raças no planeta.

O pai de Tiffany, Tony, havia sido adotado, portanto, metade de sua herança genética é desconhecida. Tony tem rosto redondo e é atarracado, de cabelos pretos e um nariz bem pontudo, características facilmente relacionadas a seu último sobrenome italiano, Adeletta. Minha sobrinha, por outro lado, era difícil decifrar. Quando pequena, parecia meio oriental, até mesmo esquimó, com os olhos angulosos e estreitos, cabelos negros brilhantes e pele clara. Mas, à medida que foi crescendo e perdendo as dobrinhas de bebê, Tiffany ficou mais exótica ainda. Seus olhos verdes cintilantes tinham se aberto mais completamente, mas ainda eram um pouco repuxados, atribuindo-lhe um certo ar felino. Sua pele havia escurecido para um tom amarelado e seu cabelo escorrido ficou ainda mais brilhante e grosso quando cresceu; Tiffany poderia facilmente ser uma americana nativa. Ouvi-la cantar a música de Pocahontas com a clareza e inocência de uma criança fez tudo adquirir mais força.

Como havia previsto, vários soluços foram ouvidos quando Tiffany terminou sua balada de *O mágico de Oz*. Minha mãe pegou os lenços de papel, e Megan, com lágrimas rolando pelo rosto, pulou do seu lugar para abraçar a filha. Elas estavam num amor só o dia todo, o que havia gratamente surpreendido a todos. Durante muitos dos momentos difíceis nesses últimos dois meses, Tiffany acusara a mãe de ter se livrado dela para tornar a própria vida mais fácil. Embora tivesse sido fácil suspeitar que o comportamento solícito de Tiffany fosse manipulação, sabia que, bem lá no fundo, ela sentia uma saudade terrível da mãe. Quando não estava com raiva de alguma coisa, frequentemente falava sobre coisas engraçadas que a mãe fazia ou rotinas especiais que elas compartilhavam. Num certo momento mais cedo naquela tarde, tinha ficado simultaneamente chocado e emocionado ao ver Tiffany esparramada no colo de Megan numa das cadeiras fofas da sala de estar. Até sua atitude em relação à Sammy parecia ter melhorado; Sammy estava mais desesperada do que nunca para conseguir a atenção da irmã mais velha - uma necessidade que muitas vezes se manifestava em comportamentos negativos, como puxar ou mesmo bater -, mas Tiffany estava tratando-a com mais paciência e carinho do que nunca tinha visto antes.

- Eddy, não estou acreditando na voz dela - declarou tio Tommy, enquanto me levava para um canto da sala.

Todas as outras pessoas tinham ido para a sala de jantar para se sentarem à mesa.

- Ela canta lindamente; que talento. E está se comportando como uma mocinha adorável. As coisas estavam assim tão ruins entre ela e Megan?

- É, acredite, estavam. Essa aí é uma garota complicada, com várias facetas diferentes.

Decidi falar claramente com ele:

- Então, acha que ela tem futuro como cantora?

Para mim, Tiffany tem uma voz que poderia se comparar à de Barbra, Celine e Mariah combinadas, mas não tenho talento musical e o tio Tommy tem. As noites mais mágicas da minha tenra infância foram as festas de verão nas quais todos se sentavam pelo quintal, ouvindo-o tocar seu violão e cantar. De olhos fechados, suas maçãs do rosto proeminentes e maxilar largo iluminados pela luz dourada do lampião a querosene, ele cantava "The Sound of Silence" ou "The First Time Ever I Saw Your Face" com tanto sentimento que eu achava que deveria me virar para o outro lado. Eram canções sobre emoções de adultos que eu ainda não conseguia entender, mas sabia que eram poderosas e tristes, e que meu tio Tommy era o homem mais bonito que já tinha visto. E eu sabia também que não devia pensar aquelas coisas, e achava que, se continuasse olhando, todo mundo iria saber o que se passava na minha cabeça. Mas jamais conseguia me virar.

- Talvez - disse ele. - Mas você realmente gostaria de conduzi-la a esse tipo de vida? Especialmente depois da dificuldade que você teve como ator?

Ele era definitivamente feito da mesma matéria que mamãe, pensei. Não se arrisque demais; devagar e sempre se chega lá. Tio Tommy trabalha na companhia telefônica desde o início de sua vida adulta. Justiça seja feita, ele é um homem de muitos interesses, especialmente navegação. Tirou licença de capitão e tem seu próprio veleiro há muitos anos. Sua vida não foi a do típico garoto irlandês do Bronx que não frequentou a universidade. Mas ele nunca pareceu engajado em seu trabalho; seu emprego era só um emprego, não uma vocação.

- É, mas Tiffany escreve e canta desde muito pequena. Ela tem mais talento em seu dedo mínimo do que eu em todo o meu corpo. E, tio Tommy, eu não me arrependo nem por um minuto dos quatro anos que passei tentando a carreira de ator. Se não tivesse tentado, ainda estaria me perguntando "como seria".

- Isso faz sentido. E, acredito, você deve fazer essas coisas quando jovem.

Sua fala me soou melancólica, e fiquei imaginando se ele não desejaria ter tentado cantar profissionalmente.

- Além disso, foi muito divertido ir à cidade vê-lo naquelas peças. Ainda não consigo acreditar que levamos sua avó para assistir à *Vampire Lesbians of Sodom*.

Caímos na gargalhada.

- É, imagino o que ela achou daquilo. Pelo menos eu não interpretei nenhum dos papéis femininos.

- É verdade. Mas ela entendeu mais do que você pode imaginar. O mundo mudou tão rapidamente no último século, mas ela fez o melhor que podia para acompanhar, ao menos em parte.

Ele fez uma pausa, então disse:

- Deus abençoe aquele coração gentil.

- Tenho saudades dela também.

- Ela teria muito orgulho do que está fazendo por Tiffany - ele disse enquanto caminhávamos em direção à aromatizada sala de jantar iluminada por velas, cheia de vida com a presença das pessoas que amávamos, vivas ou não.

Embora minha carreira de ator tivesse sido breve, aqueles quatro anos pareceram uma eternidade naquela época. O mundo caminha mais devagar quando se é jovem, e parecia que eu estava sempre esperando, esperando, esperando algo grandioso acontecer. O clímax havia sido na verdade o ano em que passei na *Vampire Lesbians* de Charles Busch, que continuou em cartaz até se tornar a comédia com a mais longa temporada na

história do circuito off-Broadway. Eu era um grande fã do grupo de Busch, Theatre-in-Limbo, e, como um dos primeiros substitutos do elenco original, fiquei emocionado por dividir o camarim com o próprio, a diva, no histórico Provincetown Playhouse na MacDougal Street. Bette Davis havia pisado naquelas tábuas em produções antigas de peças de Eugene O'Neill naquele mesmo teatro.

Charles foi generoso e gentil, mas eu sofria de uma insegurança mutiladora, e seu senso de humor ácido podia, por vezes, acabar comigo. Seu trabalho é baseado no vaudeville, um tipo de comédia com o qual não tinha nenhuma experiência. Lembro-me de uma noite na qual não consegui provocar risos em uma das minhas partes mais importantes e busquei conselho com Charles:

- O que você faria se fosse eu?

- Abandonaria o negócio - ele respondeu com sua voz mais afetada.

Os membros do elenco que estavam por perto ouviram e riram. Eu fazia uma versão moderna do Príncipe Encantado – um guru nutricional -, e em outra ocasião, Charles me dissera que eu era o melhor Príncipe Craig que ele já tinha visto. É claro que eram somente os comentários negativos, mesmo que feitos de brincadeira, que permaneciam comigo.

Havia também a dificuldade, que sugava minha auto-estima, de ser um gay num meio tão homofóbico. Ainda que muitos dos agentes, diretores de elenco, e os próprios diretores fossem gays, o talento não podia ser de jeito nenhum. Tinha conseguido representação total de uma grande agência de talentos depois de um mês em Nova York, aos vinte e dois anos. Isso significava que eles me representavam em teatro, cinema, televisão, comerciais e imprensa escrita - todas as áreas em que um jovem ator poderia desejar encontrar emprego e visibilidade. Bem, essa relação nunca me acrescentou muito, a não ser o assédio que sofri por parte de Fern Sapperstein. Supostamente tinha um time de agentes trabalhando para mim, mas Fern era a agente júnior diretamente responsável por meu acompanhamento. Ela ligava às nove da manhã para meu apartamento e choramingava alto ao telefone: "Você está com uma voz de merda! Pule da cama e faça seus exercícios de vocalização. Quando sua voz está cansada, você soa como gay." Horror dos horrores, pensava. Não há nada pior do que ser percebido como homo. Graças à Fern, e à indústria em geral, fiquei paranóico com cada entonação minha, gesto meu. Se cruzasse as pernas ou risse demais, me classificariam como "afrescalhado"?

Depois de dois anos no grupo, havia me entrosado com uma galera de jovens atores de sucesso, na qual todos os homens eram gays, mas tinham namoradas. Tinha uma grande queda por um dos caras em particular; ele tinha cabelos grossos e despenteados e covinhas nas quais se podia plantar tomates, e me levou para casa uma noite no guidão de sua bicicleta, bem do jeito que Redford fez com Katharine Ross em *Butch Cassidy*. Durante uma festa para celebrar sua conquista do papel principal numa turnê nacional de uma peça de sucesso da Broadway, ele flertou ao mesmo tempo comigo e com uma jovem atriz de televisão. Tanto ela quanto eu percebemos a situação e decidimos "dar uma lição nele", saindo da festa juntos. Embora por dentro estivéssemos os dois sentindo falta dele, fumamos um baseado e rimos às suas custas, enquanto eu a levava até seu prédio no lado leste do Tompkins Square Park. Ela acabou ganhando um Oscar, o objeto de nosso desejo teve uma lucrativa carreira televisiva, e eu largaria a carreira depois de alguns anos. Meu ego simplesmente não era forte o bastante para ela.

Tiffany não teria tais problemas, estava certo. Era uma belíssima garota hetero de talentos múltiplos, e só o fato de ser ela mesma já faria dela parte eminente do elenco. Minha sobrinha não precisaria enganar ninguém, fingir que era algo que não fosse, ou se preocupar em não deixar que seu verdadeiro eu transparecesse. Na verdade, o quanto

mais ela pudesse ser ela mesma, o mais longe chegaria. Havia treinado em Nova York desde o ginásio, e esperávamos colocá-la no circuito de testes durante a escola secundária, assim que ela conseguisse manter boas notas. E Tiffany possuía algo que eu nunca tive: eu - um animador de torcida, alguém que mostrasse a ela os truques, alguém para dizer "Você consegue, sei que você consegue!". Sempre imaginei como minha carreira de ator teria sido se tivesse tido alguém - um professor, outro ator, pai ou mãe, qualquer um - para ser a Mama da minha Gypsy Rose Lee.

A CONCEPÇÃO IMACULADA

O primeiro fim de semana de Tiffany em Connecticut havia transcorrido com relativa tranquilidade. Não havia sinal dos meninos que tinham sido presos. No seu aniversário, Tiffany e seus amigos haviam voltado na hora, então Megan deixou que ficassem no quintal por mais uma hora. Tommy, que morava um pouco mais para baixo da rua, era o único garoto no grupo. Da janela da sala de estar, Megan podia ver todos eles deitados num grande círculo na entrada da casa, com as cabeças viradas todas para o centro do círculo, como uma flor gigante. Cigarros brilhavam na escuridão e risos cortavam o ar da noite. Tiffany estava deitada ao lado de Tommy. Ouvindo Megan descrever a cena, ficava claro que ela sentia saudades daquelas noites adolescentes de sua juventude; eu sabia que ela considerava aquela a melhor época de sua vida. Megan percebeu que a garotada havia bebido, ou não conseguiriam ficar lá fora no frio. Além disso, Courtney tinha vomitado durante a noite e havia uma garrafa vazia de Southern Comfort jogada na grama no dia seguinte. Uma vez que Tiffany parecia estar sóbria, Megan decidiu não criar muito caso com aquilo.

- Bem - Megan havia brincado comigo ao telefone -, pelo menos agora, que ela completou catorze anos, só faltam mais sete para ela ficar dentro da lei.

- É, que pena que a idade para beber não seja dezoito, como quando éramos jovens - respondi. - Isso provavelmente a levaria à clínica de reabilitação muito mais cedo.

Por alguma razão, Megan não achou isso muito engraçado.

Uma chuva intensa, fria, caiu enquanto Tiffany e eu percorríamos nosso caminho até a Sixth Avenue. Era início de dezembro, e, embora ainda houvesse no ar um vestígio de folhas caídas das nogueiras na Perry Street, o frio do inverno havia se instalado violentamente. Estávamos enfiados debaixo do mesmo guarda-chuva e nos agarrávamos um ao outro para nos esquentar.

- Isso é uma droga - Tiffany reclamou.

E era mesmo.

- Hoje, as ruas parecem tão entupidas de carros estacionados - ela disse. - O que há?

- Você simplesmente não deixa nada passar, não é? Para que as ruas sejam limpas por aquelas máquinas enormes, os carros só podem estacionar em um lado ou no outro em dias determinados, de acordo com as placas. É chamado de "estacionamento em lados alternados", mas hoje as regras estão suspensas, portanto, as pessoas podem estacionar dos dois lados da rua.

- Por que estão suspensas?

- Ouvi no rádio que hoje é a festa da Imaculada Conceição.

- Ah, é, aprendemos isso na aula de catecismo quando eu era pequena - ela comentou, enquanto enfiávamos os pés em poças ao longo do meio-fio para atravessar a Seventh Avenue.

- É quando a Virgem Maria faz sexo com Deus e fica grávida de Jesus, certo?

- Algo assim - respondi. - Só que não acho que houve sexo na história, somente o velho e bom milagre.

Dei uma pausa.

- Agora que pensei nisso, por que eles suspenderiam as regras de estacionamento por causa de algo tão obscuramente religioso? As equipes de limpeza pública não podem ter um dia de folga no trabalho por causa da festa da Imaculada Conceição.

Meu sarcasmo crescia.

- E não é o caso das pessoas não poderem mudar os carros de lugar, porque elas estão correndo para a igreja para adorar a Virgem Mãe.

Anticatólico, pensei, mas não conseguia parar; frequentei escola católica por cinco anos e a menção da palavra "imaculada" pedia uma piada.

- E por que se chama de festa? Eu diria que ficar grávida sem o sexo junto está mais para lamento do que para festa.

Epa, eu provavelmente não deveria ter dito isso.

- Você é maluco, tio Eddy. - Tiffany riu.

Então, depois de um momento:

- Ei, espera um minuto! Uma vez que o Natal está a menos de três semanas, isso quer dizer que Jesus nasceu oito meses antes do tempo... um prematuro total. Você acha que eles tinham uma incubadora na manjedoura?

Fiquei rindo na chuva enquanto ela dobrava o guarda-chuva para levar consigo.

- Eu não dou a mínima para há quanto tempo você está na Miramax - gritei no meu fone, completamente exasperado.

Estava vendendo o livro de um cliente para um produtor novato que havia saído da transação e contratado esse palhaço para negociar seu contrato opcional. Aparentemente, Wendel Gooch III pensava que, pelo fato de ele ter passado vários anos no departamento de negócios da Miramax, seu jovem cliente deveria ganhar toda a proteção e benefícios já ganhos numa negociação com um grande estúdio. Em consequência disso, esse contrato estava indo para o ralo... com a torneira aberta. Mais uma porra de colossal perda de tempo.

Bem nessa hora, Rob entrou no escritório sacudindo um bilhetinho rosa com as palavras "Mr. Rodriguez na linha 582" rabiscadas nele com sua letra garranchada. A despeito de sua caligrafia, Rob era de longe o melhor assistente que eu já tivera. Ele poderia simplesmente ter interrompido minha conversa com Gooch para falar sobre Rodriguez, mas sabia que, no meu estado presente, eu era bem capaz de me atrapalhar e "cochichar" alto alguma palavra feia *para* Gooch, acreditando que estava "cochichando" *com* Rob *sobre* Gooch.

Rob era a quintessência da Geração Y. Vegetariano convicto que passava suas noites como DJ em clubes exclusivos no Meatpacking District ou no Lower East Side, ele era um pouco pálido e propenso a doenças. Mas, era alto e adorável, com uma cabeleira meio anos 1960 em Londres e uma segurança ímpar de sua própria masculinidade. Filho de ex-hippies, Rob lia *The Nation* e o *New York Observer*, e sabia discorrer convincentemente sobre qualquer teoria de conspiração política em voga. Ele era, entretanto, a pessoa menos raivosa que eu já conhecera, e parecia não ter que provar nada a ninguém. Aos vinte e quatro anos, não parecia ser nem preguiçoso, nem desbragadamente ambicioso, mas havia, em vez disso, aperfeiçoado um certo jeito de "deixar a vida levar" que vinha, eu bem sabia, de uma certeza absoluta de que o universo (e a família dele) o proveria (Qual seria a fórmula mágica de seus pais? Era o que eu me perguntava repetidas vezes desde que Tiffany havia se mudado para cá. Além, é claro, do dinheiro). Resumindo, ele era inabalável, o que proporcionava um perfeito contraponto para minha alta volatilidade.

Fiz sinal com a cabeça para Rob que atenderia o Sr. Rodriguez, e disse a Wendel que iria recomendar que meu cliente esquecesse aquele negócio.

- Seu escritor seria um tolo se deixasse passar essa oportunidade - ele retrucou.

- Tudo bem, Wendel. Adeus.

Que seja. Passei para a outra linha.

- Sr. Wintle, temos um grande problema - o Sr. Rodriguez disse, num tom de voz que me fazia quase vê-lo, olhando para mim por cima dos óculos.

- E o que seria, Sr. Rodriguez?

Tentei não parecer grosseiro, mas não estava no clima.

- Bem, parece que Tiffany conseguiu se meter no meio do que acredito possa se tornar uma briga de gangue sem limite – ele disse claramente, acredito que para causar maior impacto.

- O quê? Você só pode estar brincando. O que houve?

Eu podia ver as orelhas de Rob de pé lá de sua mesa do lado de fora de meu escritório. Assim como eu, ele estava fascinado por tudo que se referia à Tiffany, e sabia que algo quente estava para acontecer.

- Aparentemente, Tiffany foi vista beijando um garoto na entrada do colégio, e a notícia chegou até os ouvidos da namorada dele. Bilhetes estavam indo e vindo entre as duas meninas. Destiny estava na cantina e Tiffany no quinto andar. Quando um de meus informantes me contou o que estava acontecendo e eu interceptei o mensageiro, as mensagens tinham se tornado ameaçadoras.

Informantes? Mensageiros? Tudo soava muito como histórias de espionagem.

- Onde entra a parte da gangue? - interrompi, tentando trazer a história mais para o terceiro milênio.

- Bem, o casal é porto-riquenho, e Destiny aparentemente contou a todos os seus amigos o que estava acontecendo. Tiffany, então, enviou mensagem a Destiny, dizendo, segundo suas próprias palavras, para ela se cuidar. Como você sabe, a maioria dos amigos de Tiffany é de negros.

Uma certa entonação na voz do Sr. Rodriguez me fez pensar se aquilo não era terrivelmente emocionante para ele.

- Parece que o senhor está me contando um remake de *Amor, sublime amor* - brinquei.

- Como assim? Sr. Wintle, esse é um assunto muito sério. Destiny aparentemente chamou a mãe, que agora ameaça chamar a polícia. Ela está com medo de Tiffany mandar surrar sua filha depois da aula. Se isso terminasse em briga, as duas garotas seriam expulsas.

- *Surrar*?

- É, então o senhor terá que vir aqui às três e quinze para encontrar Tiffany. Decidimos que as duas garotas precisam ser escoltadas por seus guardiões, da escola para casa, hoje. Amanhã a questão irá ao tribunal estudantil.

Fiquei imaginando Tiffany tendo os lábios beijoqueiros arrancados diante de um tribunal multirracial sedento de sangue.

- Ok, estarei aí. Obrigado, Sr. Rodriguez.

Arranquei os fones de ouvido e cobri o rosto com as mãos. Uma parte de mim queria rir de todo aquele absurdo. A ideia de Tiffany mobilizando uma gangue para atacar alguém parecia fora de propósito. Mas será que era? Fiquei pensando. Ela havia saído no tapa em Connecticut, a polícia havia sido chamada mais de uma vez para intervir quando Megan e Eric brigavam, e os amigos dela roubaram armas. Até onde as coisas podiam chegar? Soube naquela hora que passaria os próximos quatro anos me fazendo aquela mesma pergunta. E a resposta seria sempre a mesma: mais longe do que eu gostaria de imaginar.

- Isso é ridículo pra cacete - Tiffany praticamente gritou quando contei sobre minha conversa com o Sr. Rodriguez.

- Olha a boca, Tiffany.

Cerrei os dentes e franzi as sobrancelhas para mostrar a ela que estava falando sério.

- São todos uns histéricos, naquela escola. É como se eles não tivessem nada melhor para fazer, porque aquele lugar é muito chato. Aí, eles exageram tudo.

Estávamos sentados numa pizzaria na Madison Street, perto da entrada da estação do metrô em Rutgers. Queria discutir o assunto imediatamente, melhor do que falar em tom abafado dentro do trem ou esperar até o jantar daquela noite. Sentamos em cadeiras de plástico amarelas cambaleantes e nos apoiamos numa mesa de fórmica laranja descascada. O lugar era brutalmente iluminado por lâmpadas fluorescentes, mas ao menos não havia a menor chance de encontrar alguém que eu conhecesse nessa parte da cidade.

- Pra começar, por que você estava de amasso com ele? - perguntei, dando um gole no meu refrigerante diet.

- Não estávamos de amasso. Foi só brincadeira, e pronto. Ele estava me azarando e me desafiou a beijá-lo, aí, eu beijei.

Ela não mantinha contato visual comigo. Não dizem que isso significa que a pessoa está mentindo? Ou seria o contrário?

Na verdade, eu sabia que Tiffany estava mentindo porque há algumas semanas, antes do seu aniversário, eu havia deixado que ela fosse ao apartamento de um garoto por algumas horas no sábado à tarde. Eu não conhecia o garoto, nem Latoya, a amiga com quem ela me disse que iria. Tiffany admitiu para mim que não haveria nenhum responsável na casa, mas disse que ela e Latoya eram "só amigas" dos dois garotos, e que eles só iriam assistir a um filme. Uma vez que ela havia sido franca comigo sobre não haver nenhuma supervisão - e porque ela literalmente não tinha nenhuma vida social além de Aleks, e eu estivesse começando a ficar com pena dela - permiti que fosse.

Mais tarde naquela noite, depois que Tiffany já tinha ido para cama, notei que o computador estava ligado e que ela ainda estava logada no AOL. Quando fui desligar, uma janela com seu último e-mail abriu na tela. Não pude evitar lê-lo antes de clicar no botão de fechar. Um amigo havia escrito: "desculpe, nd d cogumelos pro seu niver" (então, ela estava realmente *tentando* usar cogumelos agora, pensei, horrorizado, e fiz uma anotação mental para adicionar isso à minha lista de Conversas que Vivia Deixando para Depois). Tiffany havia escrito "td bem. Sabe o k? fiquei com o porto-riquenho + gostoso hj - D +!!!". Ela continuava descrevendo algo que era chamado de "cafuné" em meados do século passado e então escreveu, "nunca tinha feito isso antes!!!". Fiquei aliviado ao ler aquela última parte e decidi não mencionar nada daquilo à Tiffany, especialmente porque eu já estava errado em ter lido o e-mail dela. Agora eu só podia deduzir que o Sr. D+ era o gato de Destiny.

- Você ameaçou brigar com ela?

- Não, ela estava me ameaçando, então só estava tentando assustá-la. Eu nem saberia como fazer para mandar dar uma surra em alguém. Parece algo saído de um filme ruim de hip-hop. Algo assim nunca aconteceu em minha escola. Nós temos um rígido código de vestuário, pelo amor de Deus!

O que Tiffany me dizia fazia muito mais sentido do que a fala do Sr. Rodriguez. Será que ela simplesmente sabe o que eu quero ouvir, ou estamos, de fato, na mesma frequência?

- Mas eu pego ela, tio Eddy, se ela chegar perto de mim – ela disse com determinação enquanto se inclinava sobre seu Sprite para beber no canudinho sem segurá-lo.

- Imagino que isso quer dizer "bater", e você não vai bater em ninguém, Tiffany. Você tem que começar a pensar em como fazer com que situações como essa se dissipem, em vez de deixar que tomem um vulto a ponto de toda a escola se envolver.

Estava tentando não levantar a voz, uma vez que o lugar estava cheio de crianças, algumas das quais provavelmente conheciam Tiffany da escola.

- Sei que é difícil quando se está com raiva, mas preciso que você tente tomar decisões melhores. Honestamente no fim das contas, será para o seu próprio bem.

Esse era um conselho que eu ainda tentava muito seguir em minha própria vida, especialmente no trabalho, então me senti um hipócrita dando esse sermão em Tiffany. Meus dois maiores empecilhos no trabalho são meu desejo de resolver as coisas imediatamente e meu hábito de dar bronca nas pessoas quando elas se comportam como babacas. Podia me lembrar de pelo menos algumas situações nas quais teria sido melhor morder minha língua e esperar para usar o mau comportamento de alguém contra ele mesmo depois.

- Podemos não falar sobre isso aqui, tio Eddy? É melhor eu ir embora antes que Destiny apareça com seu exército.

Não conseguia dizer se Tiffany estava brincando, mas a última coisa que eu queria era ser o juiz de um entrevero adolescente.

- Por favor, Tiffany. Só me prometa que vai tentar. Você é uma garota esperta, e sei que entende como se joga esse jogo.

Levantei-me e vesti o casaco.

- Que jogo? - ela perguntou, mastigando o canudo ao mesmo tempo que sugava o ar através do gelo.

- O jogo da vida, Tiffany, onde você tenta avançar manipulando as coisas em seu benefício. As pessoas que jogam mal são chamadas de "manés", uma palavra que você usa o tempo todo. Manés tomam decisões erradas constantemente porque se recusam a aprender com seus erros. Ficam atrapalhando o próprio caminho e acabam por ferrar a si mesmos.

- Saquei - ela disse, vestindo a jaqueta creme comprida que eu lhe havia comprado. Tinha acolchoamento vertical e se ajustava confortavelmente a seu corpo, era, portanto, seu primeiro casaco de inverno com o qual ela parecia uma mocinha e não mais uma menininha.

- Então, você pelo menos promete que vai se esforçar? Não quero ser chamado aqui de novo, Tiffany, a menos que seja para assistir a uma apresentação sua, ou a uma entrega de prêmio, ou a coisa assim.

Ela havia perdido o guarda-chuva que eu lhe dera naquela manhã, então, demos uma corrida até a estação do metrô.

- Não, tio Eddy, meu objetivo na vida é ser uma completa mané. Quero morar num trailer, não ter nenhum dente aos trinta anos, e passar todo o meu tempo livre bebendo Budweiser no clube dos veteranos.

Ela deu uma risada enquanto passava seu cartão escolar do metrô pela roleta. Mais do que ficar irritado com seu sarcasmo, fiquei empolgado de ver como ela conseguia tão prontamente articular o exato oposto do que ambos desejávamos para sua vida.

Tiffany e eu nos deitamos debaixo de um magnífico céu noturno. Havia constelações misteriosas, estrelas cadentes, planetas multianelados e pequeninas estrelas de brilho fraco dentro da distante escuridão.

- Eu ainda não acredito que você fez isso, tio Eddy - ela disse num cochicho, como se reverente diante do' céu noturno que brilhava no escuro, que eu havia colocado no teto do seu quarto enquanto ela estava fora.

A idéia fora inspirada no filme *Meninos de Deus*, que eu e Tiffany adorávamos.

- Lembrei-me de que você disse que as estrelas eram do que mais você sentia saudades de Connecticut - eu disse docemente -, com exceção de seus amigos, é claro.

A chuva tinha começado de novo e o vento frio de dezembro fazia com que batesse contra a janela do quarto dela.

- Quero falar mais um pouco sobre o que aconteceu na escola hoje - eu disse.

- Esse é um momento tão perfeito, tio Eddy. Temos que estragá-lo?

- É também um momento perfeito para conversar, Tiffany.

Rolei para o lado e fiquei de frente para ela. Embora o quarto estivesse escuro, podia sentir que ela continuava olhando para as estrelas. *Tigerlily*, de Natalie Merchant, tocava suavemente ao fundo.

- Se você for amigável demais com os garotos, com muita facilidade, eles não irão respeitá-la nem tratá-la bem.

- Ah, não. Conversa sobre garotos outra vez não, por favor - ela choramingou.

- Olhe, Tiffany, tenho muito a oferecer nesse departamento. Em primeiro lugar, sou um garoto, então posso lhe contar em primeira mão o que nós buscamos sete dias por semana. Segundo, cresci com duas irmãs, e a maioria dos meus melhores amigos é mulher, então eu sei umas coisinhas sobre o comportamento dos homens em relação a elas. E finalmente, eu namoro garotos. Na verdade, já namorei centenas deles. Portanto, sou mais do que qualificado para lhe dar conselhos sobre esse assunto.

- Você já me explicou a parada dos pesos, e você não tem que se gabar por ter sido tão piranha. - Ela deu uma risada.

- Dois pesos e duas medidas, e não se esqueça - avisei. - E pense que eu fui piranha, então você não tem que ser para saber. Fiz por você e sobrevivi para contar a história, ainda bem.

Estava levando tudo meio na brincadeira, num esforço para manter a conversa.

- Você é tão estranho. Não entendo metade das coisas que diz.

Tiffany agora se virou e ficou de frente para mim. Estiquei a mão e acendi a luz negra que ficava sobre a cama dela. Seus dentes e as partes brancas dos olhos saltaram diante de mim.

- Aimeudeus! - fingi ter me assustado. - Você ficou exatamente igual ao gato de *Alice no País das Maravilhas*, na cena em que ele desaparece, exceto os olhos e o sorriso.

Ela sorriu diabolicamente.

- Mas agora sério, Tiffany, os garotos são elogiados e admirados se transam com muitas garotas. As garotas, por outro lado, são chamadas de vagabundas e piranhas, e tratadas como lixo pelos garotos e pelas outras. Sei que as coisas mudaram um pouco, mas nem tanto. Não faz sentido e não é justo...

- Dois pesos, duas medidas - ela me interrompeu. - Eu entendo, tio Eddy.

- Está bem. Então, se você vai dar para alguém, por que não fazer isso de maneira especial? Por que não esperar até estar com alguém de quem você realmente goste e que conheça você e a admire pela pessoa que você é por dentro?

Jesus, pareço saído de uma campanha institucional.

- Bem, não tenho planos de ceder para ninguém tão cedo, portanto, você não tem que se preocupar - ela disse, se virando outra vez para as estrelas, que estavam agora meio amareladas pela luz negra. - Eu só estava beijando o Ricardo hoje, só isso.

- Eu sei, Tiffany. Mas as pessoas, especialmente os garotos, vão tirar conclusões de que, se você fez isso, pode fazer mais. Ao menos tente se manter afastada dos garotos com namoradas, ok?

Agora era eu quem estava choramingando.

- Ok - ela respondeu -, mas não será por respeito àquela cachorra da Destiny.

- Bem, então será por respeito a você mesma.

Fiquei olhando para o pequeno planeta com dois pares de anéis e imaginei que era um mundo governado por mulheres e que eu podia magicamente enviar Tiffany para lá.

Como aquele maravilhoso filme ruim de Zsa Zsa Gabor, *Rebelião dos planetas*, no qual os homens eram escravizados por mulheres glamorosas com roupas brilhantes. É claro que, tendo sido feito em 1958, o filme não é exatamente um manifesto feminista; era uma fantasia masculina brega, com trajes ínfimos e muitas brigas de mulheres. Não muito diferente do mundo no qual Tiffany vive, me ocorreu, onde as roupas são um tanto reveladoras e os brilhos ficam por conta das joias de umbigo e dos complementos.

SEJA MINHA CACHORRA... AGORA, VÁ COZINHAR!

- Desculpe minhas células epiteliais – Tiffany disse, enquanto se aninhava aos pés da minha cama às seis e quarenta e cinco da manhã.

- Tudo bem. Algumas centenas de milhares a mais não vão fazer diferença.

Havia contado para ela que meu alergista dissera que a coceira do meu olho poderia ser devido a fezes de ácaros. Quando expliquei que havia zilhões de pequenas criaturas vivendo em minha cama, se alimentando de microscópicas células epiteliais e deixando pilhas de seu cocô tóxico, ela teve um ataque. Essa era provavelmente a primeira vez que ela deitava na minha cama desde então, mesmo que eu lhe dissesse que a dela era provavelmente pior que a minha porque ela se recusava a trocar os lençóis toda semana. ("Adolescentes devem ser relaxados e viver na imundície", ela dizia, com fluência, toda vez que eu tocava no assunto de arrumação do quarto. Esse argumento me deixava louco e ela sabia disso, e era precisamente por isso que o usava todo o tempo. "Adolescentes devem assistir a horas de programação de TV alienada." "Adolescentes devem comer toneladas de porcaria e estar empanturrados quando chega a hora do jantar." "Adolescentes devem fazer furos pelo corpo e cobrir a pele com arte." Arte é o cacete.)

Tinha me esquecido da relação estranha que jovens têm com o mundo dos germes e microorganismos. Tiffany não via problema algum em deixar sua escova de cabelo em cima da bancada da cozinha ou em usar uma toalha que havia deixado embolada e molhada no chão no dia anterior. Ou em comer comida chinesa de cinco dias atrás. Mas conseguir que ela utilizasse um banheiro público ou dividisse uma hidromassagem com estranhos era outra história. Talvez sua paranoia em relação aos fluidos corporais de outras pessoas pudesse lhe servir também no caso de DSTs. Não funcionou desse jeito comigo, no entanto, quando era moleque. Durante os primeiros anos de ginásio, minha mãe ainda preparava um lanche para eu levar (era invariavelmente um sanduíche de queijo com alguma coisa, com um bolinho Ring Ding ou Devil Dog de sobremesa). Eu abria a embalagem plástica do sanduíche, puxando para trás, de modo que ela cobrisse minhas mãos e nenhuma parte da minha pele tocasse a comida enquanto eu comia. Eu era uma aberração e não me importava com quem estivesse olhando. Mas aquilo não me impediu de andar com qualquer garoto ou garota que conseguisse ganhar.

- Minha garganta está acabando comigo, tio Eddy, e eu não estou inventando.

- Tudo bem. Vamos medir sua temperatura e vou procurar uma lanterna.

Encontrei o termômetro digital na gaveta de cima de minha mesa e coloquei-o delicadamente debaixo da língua de Tiffany. A lanterna era outra questão. A Eveready gigante que achei no fundo do armário da despensa estava praticamente pingando ácido de bateria. Cara, eu estou realmente preparado para o próximo ataque terrorista, pensei enquanto jogava aquela coisa maldita no lixo. O máximo que consegui foi uma minúscula lanterna de brinquedo que veio na minha sacolinha de brindes do show *The Rocky Horror Show*, na Broadway. Tinha ido com dez amigos no meu aniversário de trinta e nove anos e balançamos as pequenas lanternas alegremente enquanto Brad e Janet cantavam "There's a light over the Frankenstein place".

Quando voltei para meu quarto, Tiffany ainda estava lá, toda encolhida, feito uma bola, obedientemente aguardando que eu recolhesse o termômetro. Seus olhos amendoados olhavam para mim numa expectativa, e tive uma sensação engraçada no peito. Era tão fácil esquecer que, com todo aquele escarcéu e marra, Tiffany ainda era uma criança. Só então o termômetro apitou baixinho.

- Sem febre, é bom sinal. Agora, abra bem a boca.

Olhei dentro de sua boca e, com a ajuda da pequena lanterna, vi que as laterais da garganta estavam bem vermelhas e que a textura era incrivelmente irregular, como uma couve-flor escarlate.

- Espere um segundo.

Corri para o banheiro para olhar minha própria garganta. Uma vez que não sabia o que procurar, deduzi que a comparação era o melhor ponto de partida. As laterais da minha garganta – minhas amígdalas, acredito - desciam graciosamente por trás da minha epiglote, que pendia livre no centro. Sabia que Tiffany tinha um histórico de infecção, mas ela não apresentava febre e eu não tinha observado nenhum foco branco. Ainda assim, o formato de sua garganta me assustou. Teria que arrumar um médico para ela.

- Deixe-me levar você de volta para a cama - eu disse, gentilmente afastando o cabelo de seu rosto. - Sua garganta está muito vermelha, mas você não está com infecção. Quero que faça gargarejo com água morna e sal, e aspirina de quatro em quatro horas. Deixe a aspirina dissolver, primeiro, e, depois de gargarejar, engula. Isso vai aliviar e anestesiar sua garganta. Prometo.

Levei-a de volta a seu quarto depois de enrolar uma colcha que minha mãe havia tecido para mim ao redor de seus ombros.

- Isso parece nojento, tio Eddy - ela resmungou, enquanto se enfiava debaixo das cobertas.

- Por favor, Tiffany, só faça o que disse. Deixarei tudo separado para você no banheiro. Faça o gargarejo assim que levantar, ok?

- Ok - ela sussurrou, enquanto suas pálpebras iam se fechando.

Retornei para minha própria cama para me faltar com o *Times* e um café mocha fresquinho. Tinha aberto as cortinas do meu quarto para confirmar a notícia no rádio de que estava nevando forte lá fora, e observava agora as árvores no quintal sendo rapidamente cobertas por uma brancura fofa. Embora Tiffany não estivesse se sentindo bem, uma enorme sensação de paz me invadiu. Seria esse o modo como a gente se sente quando está feliz? Fiquei pensando enquanto abria o jornal. Nova York ainda estava sob código de alerta laranja, graças ao fato da época de festas de fim de ano ser tão perfeita para terroristas tentarem nos matar maciçamente. É coisa demais para ter paz interior, pensei enquanto fechava o jornal e me arrastava ansiosamente para o chuveiro. E é melhor você não esquecer de comprar a porra da lanterna nova!

Antes de sair para o trabalho, me sentei na beira da cama de Tiffany e coloquei a mão em sua testa. Estava um pouco pegajosa, mas não dava para sentir calor.

- Que horas são? - ela perguntou sem abrir os olhos.

- Nove e quinze.

- Não vejo a hora de encontrar um emprego no qual eu possa aparecer, tipo, às centas horas - ela disse, de olhos ainda fechados. Tive que rir.

- Doente, meio dormindo, e cheia de energia. Nada lhe coloca para baixo, minha querida. Me liga quando acordar.

Beijei-a na testa e saí, ansioso por caminhar pelo Greenwich Village na neve.

- Você calculou suas ações ao longo de toda a negociação - disse a Wendel Gooch III em meu fone de ouvido. Nastassja Kinski me lançava seu habitual olhar "vem cá meu bem" diretamente do enorme pôster do filme *Paris, Texas* que enfeitava a parede de fundo do meu escritório. O filme de Wim Wenders tinha sido minha primeira experiência verdadeira de Cinema Americano Independente, e havia comprado o pôster para me lembrar por que eu estava nesse negócio de cinema, especialmente durante negociações como esta.

- O que você quer dizer com isso? - Wendel perguntou com clara irritação.

- Quero dizer que o meu autor não dá a mínima para esse acordo. Essa coisa toda é mais ou menos um favor para o seu cliente, e você pegou pesado demais e foi longe demais. E tem mais, foi inacreditavelmente condescendente durante todo o processo.

- Espere um minuto, Ed, eu...

- Eis o que vou fazer - interrompi. - Vou enviar o contrato padrão de nossa agência com os termos financeiros que combinamos, e seu cliente pode assiná-lo ou não. Nem uma só mudança será feita nele. Fim de papo.

- E todas as horas que passei negociando e elaborando rascunhos de contratos? Você não está sendo absolutamente profissional, Ed.

Imaginei-o vendo a grana preta de seu cliente indo embora pelos ares.

- Sinto muito que você pense assim, Wendel. Na minha opinião, você estragou esse negócio e estamos sendo generosos em ainda oferecer ao seu cliente a chance de optar por essa propriedade, de acordo com nossos termos. Passe bem.

Apertei o botão no telefone para encerrar a ligação. Não estava orgulhoso de mim mesmo, mas me senti bem pra caramba em punir um advogado sabichão metido a besta por ser um completo babaca. Além disso, não teria que falar com esse homem nunca mais (com a sorte que tenho, no entanto, ele iria acabar sendo diretor da Universal Studios).

Decidi fazer algo que havia feito só duas vezes antes: criei uma configuração de e-mail que iria bloquear qualquer mensagem de Wendel na minha caixa e, automaticamente, enviaria a ele uma mensagem dizendo "a pedido do destinatário, seu e-mail foi bloqueado para entrada nessa caixa". Meu Deus, às vezes posso ser bem cruel, estava pensando quando Rob anunciou que meu pai estava ao telefone.

- Como vão as coisas, Eddy? - Papai parecia animadinho, o que era bom de ouvir.

- Ah, sabe como é, tudo na mesma - eu disse com um suspiro do tamanho do mundo. - Acabei de mandar o otário de um advogado simplesmente se danar.

- Fechou outra porta, não é? No meu ramo, isso não é uma coisa muito boa.

Quem lhe perguntou alguma coisa?, pensei, mas é claro que ele estava certo.

- É, bem, a ruína na minha vida profissional é ficar cada vez mais parecido com Dresda ao final da guerra.

Ele riu.

- Felizmente, parece não haver limite para o número de portas intactas além dessa.

- Se você está dizendo... - ele disse, obviamente discordando.

- E, então, o que manda? - perguntei, olhando para o Cooper Union. Coberto de neve fresca, ele parecia um orfanato de Dickens.

- Só queria avisá-lo de que convidamos Eric para o jantar de Natal. - Ele sabia que eu não gostaria disso, ou não teria ligado para me avisar.

- Como isso aconteceu? - Não podia acreditar. - Pensei que Megan estivesse rompendo aquele relacionamento ridículo.

Podia literalmente sentir o sangue subindo para a cabeça e minhas têmporas latejando. Remexi as gavetas da mesa em busca de uma aspirina enquanto falávamos.

- Bem, acho que ela não rompeu completamente. Acho que ela sente mais pena dele do que outra coisa. E, realmente, Eddy, ele não é um cara tão mau assim. Não é dos mais inteligentes, mas...

- Papai, sabemos que ele é burro como uma porta - interrompi -, mas isso não é o que me preocupa. Ele tem um olhar de louco, e, pelo que eu já soube, sabe ser cruel.

Megan, Kathleen e eu havíamos protegido nossos pais da maioria dos acontecimentos em New Milford. Iriam ficar mortificados se soubessem que Megan tivera que chamar a polícia porque Eric a empurrou, e que o Departamento da Infância e Família havia sido envolvido porque Sammy tinha visto. O departamento havia considerado o fato

potencialmente perigoso para minha pequena sobrinha, então agora estavam de olho em Megan.

- Jesus! Não me diga, é mesmo? Não quero saber de nada. Mas ele virá, então teremos que fazer o melhor.

Por outro lado, meu pai não queria saber de toda a história, de modo que pudesse se manter pelo menos um pouco alienado. Mas, a despeito disso, ele geralmente conseguia fazer a avaliação mais negativa de qualquer situação. Se a secadora quebrasse, ele andava pela casa amaldiçoando Deus e perguntando por que ele havia sido escolhido para tal castigo (uma vez, quando um eletrodoméstico deu pane, ele literalmente atirou um porta-retratos com a imagem de Jesus Cristo escada abaixo). Acredito que se ele soubesse de todas as coisas horrorosas que tinham acontecido na casa de Megan, teria que atravessar o próprio corpo com uma espada ou coisa assim. Às vezes me surpreendia o fato de meu pai não ser pelo menos metade grego. Mas acho que os irlandeses são dramáticos o suficiente.

A neve fresca que caía no caminho de volta para casa me ajudou a me acalmar naquela noite. Tiffany estava doente, portanto eu queria desesperadamente sair do buraco negro em que tinha caído antes de chegar em casa. Sentia-me estranhamente excitado e, como não fazia sexo desde que Tiffany havia se mudado para cá - provavelmente um período recorde de abstinência desde a minha adolescência -, brinquei com a ideia de parar numa livraria bagaceira para uma punheta anônima. Quanto mais pensava naquilo, mais compulsivamente desejava fazê-lo. Isso me fez perceber que não era tesão o que eu estava sentindo; eu simplesmente estava me sentindo um lixo, e um pouco de sexo iria esconder esses sentimentos, ainda que fosse somente por pouco tempo. Passava meus dias no trabalho brigando com advogados ou produtores ou, pior ainda, consolando clientes irremediavelmente desapontados; um bebum maluco que disse coisas horríveis a minhas sobrinhas iria se juntar a nós para celebrar o Natal; nosso país parecia estar caminhando para a guerra; e eu estava com medo de não saber como fazer Tiffany melhorar. Queria sumir, queria encontrar uma saída de emergência, mas sabia que um rolo com um estranho não era a resposta. Exaurido, tomei o rumo de casa, parando somente uma vez durante o caminho - para comprar quatro potes de canja fumegante.

Tiffany tinha passado a assistir a programas de culinária em vez das reprises de *Seinfeld* ou *That 70s Show*. Ficava sentada lá por horas e horas, ocasionalmente saindo de transe para anotar alguma receita. Quando seu pai estava trabalhando, Tony ganhava a vida como chefe de cozinha, então acho que minha sobrinha encontrava um certo consolo vendo as pessoas cozinharem, especialmente homens. Uma vez que eu achava que era educativo e eu me beneficiaria diretamente de qualquer habilidade que Tiffany aprendesse, era muito mais tolerante com esses programas do que com os seriados. Nessa noite cheguei durante um episódio de *Emeril*, que, tenho que admitir, possui um certo carisma culinário.

- Como se sente, querida? - perguntei enquanto me debruçava sobre o sofazinho para beijar-lhe a testa. .

- Melhor, embora ainda doa um pouco quando engulo.

- Fez o gargarejo religiosamente a cada quatro horas? - perguntei.

- Sim, até tomei nota. A lista dos horários está na cozinha.

A menina dos meus olhos, pensei.

- Ah, tio Eddy, anotei uma receita ótima de bolo de carne. Martha Stewart recebeu uma velha em seu programa que fez um junto com ela. Leva cenoura e queijo e parece muito gostoso.

Acho que o bolo de carne da minha mãe não tinha sido aprovado.

- Você sabia que Martha Stewart está atualmente sob investigação criminal por vazamento de informação privilegiada? Veja, há uma foto dela no *Times* de hoje.

- O que é informação privilegiada? - ela perguntou.

- Ah, é um crime de colarinho-branco que envolve basicamente trapaça na negociação de ações. Ela pode ter que cumprir pena trancafiada. Já imaginou? Ela deve ser uma das mulheres mais ricas do país.

- Bem, talvez ela possa melhorar a comida da cadeia e ensinar os outros detentos a cozinhar - ela disse, sem tirar os olhos do trabalho manual de Emeril.

- É, eles podiam até fazer um programa com isso - eu disse - *Cozinhando atrás das grades com Martha Stewart*.

- Ou talvez *Seja minha cachorra... Agora, vá cozinhar!* - Tiffany respondeu.

Começamos os dois a rir e não conseguíamos parar. Quando recobramos o controle, abrimos os potes de sopa, demos um gole barulhento e ficamos nos olhando felizes, entretidos pelos dedos grossos de Emeril e suas piadas ruins. As preocupações do dia se foram - os Wendel Gooches do mundo desaparecendo, sumindo - e me considerei sortudo por ter essa jovem feiticeira sob meus cuidados. Com certeza, minha vida como eu conhecia antes havia se acabado, e na maioria das vezes ela me enlouquecia até a raiz dos cabelos. Mas havia algo tão inerentemente certo - algo que caía como uma luva - naquela vida que crescia ao meu redor.

PARTE DOIS

INVERNO

SINOS DE PRATA

Nas manhãs de fim de semana, especialmente aos sábados, eu ainda tentava me sentar à mesa para tomar um café-da-manhã caseiro e quentinho com Tiffany. Como não podia mais ter certeza de sua companhia para o jantar nas noites de sábado, queria garantir que ela tivesse pelo menos uma refeição nutritiva antes de cair nas ruas de Nova York. Tiffany dormia até pelo menos onze horas da manhã na maioria dos fins de semana, e sempre acordava faminta. Uma vez que não gosto de comer assim que acordo, o horário era perfeito. Eu ficava zanzando pela casa ou botava minha leitura de trabalho em dia até que Tiffany emergisse da escuridão de sua toca numa corridinha rápida, cruzando a sala, em direção ao banheiro. Nesse sábado em especial, o cardápio do dia era uma fritada gigante de cebolinha-verde, tomate picado, queijo cheddar picante e manjericão fresco.

A falta de horário nos fins de semana de Tiffany era uma constante fonte de tensão entre nós. Ela não tinha vida social à noite durante a semana e tinha que ligar para mim no trabalho para pedir permissão se quisesse sair com os amigos por algumas horas depois da aula. Se fosse direto para casa, deveria me ligar quando chegasse ao apartamento. O telefonema de Tiffany havia se tornado uma marca (bem-vinda, devo dizer) na minha rotina diária, assim como minha hora de almoço e minha ida ao Starbucks às quatro. Ela honrava nosso compromisso durante a semana, o que me alegrava imensamente. Estávamos estabelecendo um certo ritmo razoavelmente calmo e constante à nossa vida juntos, ao qual acredito que ela, secretamente, desse valor. Ela certamente havia melhorado sua frequência e desempenho na escola.

A contrapartida desse progresso, entretanto, era que Tiffany via seus fins de semana como um tempo para total relaxamento. "Eu fiz por merecê-lo", ela dizia todo sábado quando eu insistia para que desligasse a televisão e fizesse uma lista das tarefas que precisava completar em seus dois dias de folga. Ela não queria nada além de acordar tarde, imediatamente ligar a TV em qualquer programa, e deitar-se no sofá por algumas horas (com intervalo para o café-da-manhã, claro). Como eu não queria ser um feitor de escravos, simplesmente não podia aturar essa rotina. As noites eram para assistir à TV, de preferência a um filme, como recompensa por ter completado as tarefas do dia, e somente se mais nada estivesse planejado. Havia sido criado numa casa onde a televisão só era ligada em programas específicos, após os quais era desligada; não era um barulho ambiente constante, e jamais alguém sentava e ficava trocando de canal em canal (ok, não existia controle remoto naquela época. Mas mesmo assim). Sentia que as coisas tinham sido bem diferentes na casa de Tiffany. Desde que ela se mudara, havia me pedido repetidas vezes para trazer sua TV e vídeo de Connecticut para cá, e ficava extremamente irritada toda vez que eu dizia "De jeito nenhum". Às vezes eu acrescentava: "Você nunca deveria ter ganho sua TV e vídeo, para início de conversa", o que invariavelmente me fazia receber um olhar homicida. De alguma forma, um trato surgiu espontaneamente quando ela me pedia para ligar a TV e eu deixava, com a condição de que fosse preestabelecido um horário para desligar.

Minha visão não realista de fins de semana indo de museus para galerias de arte havia sido substituída por minha igualmente não realista visão de Tiffany indo da aula de dança para a de kickboxing. Eu a havia matriculado na nova sede luxuosa do YMCA, de arrasar, na Fourteenth Street, e ela fora lá somente umas poucas vezes, nunca para uma aula de yoga para jovens ou para nadar na piscina olímpica. Seu curso de teatro musical às tardes de terça-feira tinha terminado, e tentei fazer com que se matriculasse num curso de teatro para jovens na sexta à noite no mesmo conservatório, mas Tiffany não

queria ter compromisso nas noites de sexta. "Quero me manter aberta a possibilidades", ela dizia.

No fim de semana eu conseguia forçá-la a ir até o venerável estúdio de dança Steps na Broadway com Seventy-third Street, onde havia feito aulas de jazz e balé moderno quase duas décadas antes. Tiffany queria fazer aulas de hip-hop, o que, descobri, realmente existe lá. Na verdade, há uma seleção de aulas de hip-hop para se escolher nos fins de semana; ela optou pelas aulas de sábado à noite para iniciantes. Subimos vários andares de elevador, mas depois tivemos que subir por uma escada de madeira bem antiga até os estúdios de dança. Podia ouvir o acompanhamento de um piano e a voz firme de um instrutor de balé marcando os passos. Era impossível não pensar em "At the Ballet" de *A Chorus Line*; "por uma escada íngreme e estreita, até uma voz de metrônomo" ecoava em minha cabeça.

O lobby estava apinhado de dançarinos, a maioria, deles bem jovens, se alongando, batendo papo e se refrescando. Fiquei parado por um momento e uma enxurrada de lembranças me tomou, imagens de um eu muito antigo que mal conseguia reconhecer, e senti um certo gosto de amargura, como sempre é o gosto da nostalgia. Eu era agora um intruso (um advogado, um vendido), e quando Tiffany foi para o vestiário se preparar para a aula, fiquei com medo de que os dançarinos pensassem que eu era um pervertido que estava ali só para ficar babando por eles. Se ao menos soubessem como eu um dia planei, pensei, ainda que brevemente.

Tiffany havia me pedido para não ficar com ela enquanto esperava pelo início da aula, então me retirei para um pequeno café que havia sido aberto bem no fundo do lobby, exatamente com esse propósito, imaginei. Pedi um café e me sentei virado para os dançarinos. Minha sobrinha havia prendido os cabelos num coque alto e, quando se sentou com as pernas esticadas e afastadas, gentilmente arqueando seu longo pescoço e braços em direção à canela direita, parecia a quintessência da bailarina. Mas Tiffany não havia tido nenhum treinamento formal de dança, e eu observava clandestinamente enquanto ela tentava, em vão, acompanhar a combinação de furiosos passos e giros feitos pelo grupo. Tiffany tem ritmo natural e um corpo feito para a dança, mas o grupo estava simplesmente se movendo rápido demais para ela. No meio da aula, ela saiu correndo aos prantos, amaldiçoando o instrutor substituto e jurando não voltar nunca mais. Não tinha visto Tiffany desistir das coisas tão facilmente, mas acho que tentar algo novo numa sala cheia de adultos (todos estranhos) a tinha deixado autoconfiante demais. Por dentro, eu estava desapontado, mas reconhecia sua frustração por experiência própria e sabia que aquilo não era uma coisa que pudesse forçar. No caminho para casa, relatei alguns de meus momentos mais embaraçosos em aulas de dança, dando uma deixa para que Tiffany dissesse que tentaria mais uma vez quando o professor da turma voltasse das férias. Mas ela nunca disse.

- Como está a fritada? - perguntei, embora Tiffany parecesse devorá-la.

- Ótima.

- Está um dia perfeito para irmos escolher uma árvore de Natal. Claro e ensolarado. Ah, ouça! - Light FM tinha começado a misturar canções de Natal à lista da programação; Johnny Mathis estava cantando "Silver Bells". - It's Christmas time in the city - cantarolei junto com ele.

- Que voz estranha - Tiffany comentou com a boca cheia.

- Talvez esse ano nós compremos nossa árvore daquela família que vem de Vermont e mora no acampamento na Jane com Hudson. Você se lembra, aquela família da qual eu comprei o livro para a vovó no ano passado, *Christmas on Jane Street*?

- Ah, é - ela disse, espalhando pedaços de doce em compota em seu muffin. - Ouça, tio Eddy, eu meio que tenho planos para hoje. Talvez eu possa encontrá-lo aqui mais tarde e ajudá-lo a decorar?

- Que tipo de planos? - perguntei, tentando esconder a irritação na minha voz. O que poderia ser mais divertido do que buscar uma árvore de Natal nas ruas de Nova York? - Já falamos sobre isso antes, Tiffany. Você deve me consultar sobre seus planos antes de fazê-los.

- Ah, não, eles não são planos planejados. Eu ia só encontrar Aleks, Liam e Peter na Union Square e dar uma olhada na feira de artesanato lá. Talvez fazer algumas compras de Natal. Falando nisso, podia me dar vinte dólares do meu dinheiro de aniversário?

Eu tinha depositado seu dinheiro na minha conta e o estava liberando lentamente para necessidades específicas.

- Claro - eu disse. - Mas vou querer ver a mercadoria.

- Sem problemas.

Ela deu uma pausa para beber seu suco de laranja enriquecido com cálcio (havia aprendido que mulheres mais velhas com osteoporose não tinham conseguido acumular cálcio suficiente durante a adolescência, portanto estava sempre forçando Tiffany a beber seu suco matinal e seu leite à noite, e a comer todo o brócolis).

- A menos, é claro, que a mercadoria seja para você - ela acrescentou.

- Ah, não compre nada para mim, Tiffany. De verdade. Só me escreva um cartão que possa guardar para sempre.

Eu me encostei à cadeira e cruzei os braços, depois de tomar meu café-da-manhã rápido demais. Eu sempre acabava de comer antes dela e tinha que me controlar para não levantar num pulo e começar a limpar.

- Falaremos sobre isso - ela respondeu com um risinho malicioso.

- No ano passado eu e Kurt cortamos nossa própria árvore de Natal. Era um dia espetacular, como hoje. Nunca tinha feito aquilo antes; foi bem especial. - Tive a impressão de que fora séculos atrás.

- Por que mesmo vocês terminaram? Sei que já me contou, mas não consigo lembrar.

- Na verdade, não acho que tenha lhe contado, mas, para resumir, foi porque Kurt não conseguia se comunicar bem. Ele não conseguia falar sobre seus sentimentos. Se estava com raiva de mim ou triste por algum motivo, ele se fechava em conchas e ficava sem falar comigo por dias seguidos. Depois, quando finalmente estava pronto para conversar, falávamos por longos cinco minutos e então ficava como se nada tivesse acontecido. Nós nunca realmente processamos nada juntos, então nunca crescemos como casal. Além disso, ficava magoado quando ele não falava comigo. Era meio agressivo, num jeito passivo de agredir. Alguma coisa nisso tudo faz algum sentido para você?

- Um pouco. Jeito passivo de agredir é quando alguém o fere sem *fazer* nada, certo?

- Exatamente. - Eu me debrucei e coloquei os cotovelos sobre a mesa. - Não sei o que é pior, brigar muito ou não brigar nunca.

- Você não atura babaquice dos caras, e acho que isso é bom. Não é como a mamãe.

- Olha a boca, por favor. - Olhei para ela seriamente por um segundo e depois sorri com tristeza. - Não sei, não. Às vezes fico pensando se não aturo de menos. Parece que passo meus relacionamentos pesando os prós e os contras o tempo todo, e sempre decido que os contras são demais.

- Ah... Eu adoro essa música!

Tiffany balançava na cadeira, com as mãos para o alto. Sempre ouvíamos música durante as refeições, e o dueto de Sheryl Crow com o Kid Rock parecia tocar em todas as refeições ultimamente.

- E o Peter? - perguntei. - Você gosta dele?

Eu o havia encontrado uma vez, quando Aleksí e Liam vieram buscar Tiffany e o trouxeram junto. Ele era louro de olhos azuis, e usava óculos, o que, tinha certeza, fazia com que ele parecesse muito mais inocente do que realmente era. Mas pelo menos sua aparência permitia que eu me iludisse que ele era um garoto comum.

- Peter? Ele é doce e meio engraçadinho, mas, não, tio Eddy, ele não é meu tipo. - Ela cantava junto com Sheryl e Kid enquanto recolhia os pratos: I put your picture away. I wonder where you been.

É, bem, Kurt era exatamente o meu tipo e isso era parte do problema, pensei. Não fosse por isso, eu já teria guardado a foto dele muito antes, tal como na canção.

Kurt tinha mãos do tamanho de raquetes de squash. Elas podiam remar um barco e construir deques e plantar jardins. Ele era alguns anos mais velho que eu e a pele das costas da sua mão estava começando a ficar enrugada (meio papel crepom), mas suas palmas eram carnudas e as unhas quadradas. Eram mãos de um homem adulto capaz.

Conheci Kurt num clube gay decadente no lado leste de Long Island, onde estava participando do Festival de Filmes dos Hamptons. Era uma noite gelada de outubro, e ele entrou no clube quase vazio vestindo um suéter grosso, que ele tirou puxando pela cabeça. Enquanto a maioria dos gays iria direto para o banheiro para checar no espelho, Kurt fez isso bem ao lado da pista de dança, suas mãos enormes quase sem se mexer enquanto ajeitavam os cabelos fartos que começavam a embranquecer. Esse padrão que destoava do ambiente me fez imaginar se ele não seria um homem casado numa noite sexual. Naturalmente, estava intrigado e determinado a descobrir. Rapidamente me apresentei, e saímos para o jardim, onde podíamos conversar.

Os profundos olhos azuis de Kurt cintilavam maliciosamente sob as sobrancelhas eriçadas enquanto ele tagarelava sobre a próxima eleição presidencial ou algum escândalo local no qual estava trabalhando para o jornal do leste de Connecticut, onde ele era editor. Ele era inteligente e tinha o dom de tagarelar, o que eu apreciava, mas foram os olhos, as mãos e o maxilar quadrado como o de Jan Michael Vincent (ou Sean William Scott, dependendo da sua idade) que me arrebataram. Tenho um rosto comprido e olhos castanhos arredondados, sem nenhum maxilar para comentar; Kurt era meu oposto, e eu precisava que ele me achasse atraente. Ele era o modelo de Bruce Weber idoso e o primo desaparecido dos Kennedy, pelo qual eu tinha estado procurando.

Kurt e eu fomos para casa juntos naquela noite, e descobri na manhã seguinte que ele tinha realmente sido casado, por dez anos, mas que não tinha filhos e tivera um longo relacionamento com um homem depois que seu casamento terminou. Kurt começou a me visitar em Nova York e eu logo comecei a passar fins de semana alternados com ele em Old Saybrook, Connecticut, onde ele morava numa charmosa casinha fincada no alto de um morro com vista para Long Island Sound. Na vista panorâmica do quarto principal, podíamos praticamente avistar o lugar onde ele atracava seu veleiro. Depois de apenas dois meses, me apaixonei perdidamente por ele, do tipo de paixão na qual você fica se perguntando como sobreviveu seus dias antes dessa pessoa milagrosa entrar na sua vida. O relacionamento duraria menos de um ano e meio.

Kurt tinha tudo que sempre imaginei num parceiro. Era envolvido com seu trabalho, e era um trabalho que eu admirava e achava importante. Era gentil e atencioso e parecia não ter nenhum osso amargo, cínico ou indiferente em seu corpo. Era leitor ávido e adorava filmes; a televisão só era ligada para ver o jornal da manhã, enquanto ele se vestia para ir trabalhar. Tendo sido repórter, tinha uma curiosidade inata por tudo e

sabia dialogar com qualquer pessoa (com exceção de crianças, com as quais ele não parecia ter nenhuma identificação). Adorava comida e comer fora, como eu, e todo sábado à noite em que estivéssemos em Connecticut, dirigíamos até cidades diferentes para conhecer os melhores restaurantes. Kurt me ensinou a velejar e tiramos férias de uma semana em seu barco, velejando de porto em porto. Ele era um viajante também; passamos um fim de semana prolongado em Paris e fomos a St. John no meu aniversário de quarenta anos. Um snowboarder durão, consegui fazê-lo cair de esquis depois de dez anos invicto, e no nosso segundo Natal juntos ele me deu uma viagem de luxo para Vail. Kurt nunca apareceu no meu apartamento sem flores e uma garrafa de vinho, e toda vez que eu saltava do trem em Saybrook, ele estava lá na plataforma com um sorriso, não importava o tempo. E o sexo só ficou melhor com o passar dos meses. De muitas maneiras, era o tipo de vida e relacionamento que eu já quase tinha perdido as esperanças de encontrar. Logo no início, houve manhãs de inverno nas quais, enquanto líamos deitados na cama com as pernas entrelaçadas, tive uma sensação de paz e perfeição que me fez pensar: "É isso." Mas, como contei para Tiffany, havia um grande problema, um problema que apareceu somente depois de alguns meses, mas um tipo que eu erroneamente pensei que pudéssemos resolver ou com o qual eu conseguiria conviver.

Kurt havia sido um bebê que "mudou a vida" de seus pais, nascido muitos anos depois de seus irmãos e irmãs. Sua família era proeminente na Filadélfia, e eu rapidamente tive a sensação de que ele havia sido submetido à filosofia "só fale se alguém falar com você" durante sua infância, tendo sido dura e frequentemente repreendido por seus pais e irmãos muito mais velhos. Na primeira vez que eu expressei qualquer tipo de crítica ou reclamação, Kurt se encolheu feito uma bola e chorou sem parar por quase seis horas. Ele se recusou a falar comigo até perceber que eu havia chamado um táxi para me levar à estação de trem. Tenho de admitir que às vezes sou controlador e hipercrítico, mas nunca tinha recebido uma reação como esta antes. Era o comportamento mais estranho que eu já tinha visto - muito mais surpreendente vindo de um homem como Kurt -, e isso acabou se tornando nosso nó. Seus acessos de choro mais tarde se tornaram raiva, e frequentemente eu ficava sem notícias dele durante dias e dias após alguma briguinha boba. Nossas discussões sobre esses eventos duravam alguns minutos, e eu começava a pisar em ovos com ele, com medo de que algo que eu dissesse pudesse engendrar uma reação loucamente desproporcional. A vida aparentemente linda que levávamos estava correndo de dentro para fora, e decidi dizer adeus.

Embora não questione aquela decisão com frequência, numa retrospectiva, foi mais acertada do que eu poderia ter imaginado. No primeiro verão que Tiffany me visitou, tinha conseguido submeter Kurt à presença dela por somente dois fins de semana, e ele pareceu muito desconfortável durante todo o tempo. Se tivéssemos ficado juntos, hospedar minha sobrinha estaria fora de questão.

Pensar em Kurt sempre me fazia lembrar de uma das grandes revelações em relação ao meu relacionamento com Tiffany; com ela não havia nenhum balanço entre os prós e os contras, nenhum cálculo do quanto eu poderia ou não suportar. Ela era parte da família, meu sangue, e meu amor por ela tinha que ser incondicional. Romper não era uma opção. Depois que eu e Kurt terminamos, ele me enviou uma carta abordando seu comportamento problemático. Ele não tinha nenhuma intenção de buscar ajuda ou mudar; simplesmente esperava encontrar alguém que pudesse aceitá-lo "como ele era". Eu havia escolhido não aceitar, mas com Tiffany, não havia escolha. E, de algum modo, isso era um grande conforto.

Eu estava acabando de colocar as luzes na árvore de Natal, quando Tiffany chegou de sua tarde com Aleks, Liam e Peter. Suas bochechas estavam rosadas por causa do frio, mas seus olhos estavam vidrados, quase estáticos, e ela reclamou que se sentia exausta. Sabia que havia se drogado, mas que iria simplesmente negar se eu dissesse qualquer coisa. Não havia comprado presente algum, mas me mostrou que ainda tinha quinze dólares, tendo gastado cinco em pizza e chocolate quente.

- O que há de novo com seus amigos? - perguntei, enquanto continuava neuroticamente enfiando fio elétrico verde com as luzinhas por trás dos galhos, a despeito do fato de que eles se misturavam bem com a árvore e de que os esconderíamos com toda a decoração no final.

- Bem, já que perguntou, a namorada do Liam está grávida e ela é viciada em heroína. Tiffany se enroscou no sofazinho, de frente para a árvore.

- Ah, meu Deus, Tiffany. Quantos anos ela tem? - ela agora tinha toda a minha atenção.

- Minha idade, catorze - ela respondeu com um tom casual, puxando uma coberta xadrez que estava no sofá.

- Por favor, diga-me que você acha isso demente - implorei.

- Superdemente, tio Eddy - ela disse, enquanto sua cabeça caía sobre a pilha de almofadas e seus olhos gentilmente se fechavam. - Não se preocupe - sussurrou.

Tudo que faço é me preocupar, pensei. Se ao menos existisse um botão para desligar. Até onde sei, Tiffany podia ter cheirado heroína naquela mesma tarde. Não havia como eu saber, com certeza, mas teria que confiar que ela estava me dizendo a verdade quando tínhamos nossas conversas sobre drogas; ela era só "de maconha e álcool", ela me confirmou em várias ocasiões, como se isso fosse um consolo. Será que eu deveria arrastar minha sobrinha para uma clínica de reabilitação para drogas e álcool? Eu ficava me perguntando isso. Qualquer livro ou supervisor educacional me diria que sim, com certeza. Se não o faço, estaria eu virando as costas para o que poderia ser um problema sério, me recusando a tomar conhecimento, como Mary Tyler Moore fez com a depressão do filho em *Gente como a gente*? Dê somente mais um tempo, dizia para mim mesmo. Vamos ver como esse ano vai ser. Tiffany já havia tido revoluções suficientes até agora. E você também.

Coloquei o CD de Loreena McKennitt *A Winter Garden* e decorei a árvore enquanto Tiffany dormia. Ela havia encontrado o mesmo tipo de garotos dos quais havia fugido em Connecticut, pensei. Mas não há como proibi-la de ver certas pessoas. Essa abordagem não havia funcionado com Megan; Tiffany sempre encontrava um jeito de ver os amigos que queria, e a proibição só conduzia a mais mentiras, raiva e brigas. Além disso, eu acreditava que dizer a uma jovem em completo estado de rebeldia que ela está proibida de ver uma determinada pessoa só aumenta o poder de sedução dessa pessoa. Jurei encontrar alguma atividade para ela num lugar onde ela encontrasse "boas" meninas da sua idade - meninas que estivessem envolvidas com atividades produtivas. Tiffany havia dispensado April (a punk que eu admirava) no início de dezembro, chamando-a de "vaca egoísta", e ela ainda não havia encontrado um modo de sair com a doce Sade nos fins de semana. Combinei para que Tiffany voltasse a ter aulas de voz em janeiro, mas as aulas eram particulares, portanto, isso não iria ajudar. Ao menos tinha o teste para o Teatro Jovem TADA! no início de fevereiro, me consolei. Se ela conseguir um papel no musical deles, vai conhecer um montão de jovens legais e estará muito ocupada.

Terminei de decorar a árvore sozinho, procurando por vários minutos o lugar perfeito para cada enfeite. A repetição disso combinada aos doces tons de Loreena me acalmaram. Tentei me focar no fato de que Tiffany havia voltado para casa na hora e não tinha planos de sair de novo depois de jantar. Enquanto ela dormia, contudo, não

pude deixar de pensar que a época de Natal na cidade não estava sendo como Johnny Mathis havia prometido.

MEIO CANSADO DAS SOMBRAS

- Ai... meu... Deus. Tio Eddy! - os gritos de Tiffany vieram pelo corredor até onde eu estava sentado, arrumando seus presentes de Natal embaixo da árvore.

Ela estava sempre soltando gritinhos agudos, como um cachorrinho pisado por acidente; quando entrava no chuveiro e a água estava quente demais, ou quando fazia as sobrancelhas, ou depilava os pêlos do braço. Mas esse era diferente, era um grito de absoluto pavor.

- Qual é o problema, qual é o problema? - levantei correndo, mas ela já estava em cima de mim.

- Olhe! - ela abaixou suas calças de malha para revelar um bumbum com marca branca de calcinha. Com uma das mãos, ela afastou o tecido para o lado e, com a outra, apertou a bunda com força.

- O quê? O quê? O que está me mostrando? - Temia que fosse um tumor ou machucado terrível.

- Eu tenho *celulite*! - Ela estava quase aos prantos agora.

Senti um alívio.

- Você me deu um baita susto, Tiffany.

- Isso é sério, tio Eddy! Só tenho catorze anos e já tenho celulite. É toda irregular e nojenta!

- Tiffany, largue sua bunda antes que fique roxa.

Ela largou e cobriu-a rapidamente, como se para se livrar daquela visão.

- Bundas foram feitas para terem alguma gordura - eu disse. - E é assim que a gordura fica se você aperta tudo desse jeito.

- Aposto que sua bunda não faz isso - ela retrucou, com um sorriso desafiador.

- Em primeiro lugar, eu praticamente não tenho bunda. E eu não vou baixar minhas calças e começar a apertar minhas nádegas para você ver. Você tem um lindo, curvilíneo, corpo feminino, Tiffany.

- Eu tenho CELULITE - ela insistiu. - Por favor, por favor, por favor, compra um creme anticelulite para mim amanhã?

- Essas coisas não funcionam e são caras. Se você está preocupada com gordura, então tente fazer mais exercício. Use a academia que estou pagando para você. Agora, que tal eu colocar uma música e você abrir seus presentes?

- Ok, mas temos que falar mais sobre isso, tio Eddy. Exercício não elimina celulite. É simplesmente a maneira como a gordura inútil se forma. E o único modo de se livrar dela é com creme especial ou lipoaspiração, o que eu pretendo fazer mais tarde.

- Chega de falar de creme. A resposta é não. Se ganhar algum dinheiro de Natal, você mesma pode comprar um.

Acendi as três velas de castiçal que mantenho em cima da lareira falsa que minha avó construiu nos anos 1940.

- Vou pegar seu presente. - Tiffany se afastou desanimada.

Eu me senti mal, mas tinha que dar um limite para aquilo. Se concedesse a ela todos os seus caprichos cosméticos, estaria falido. As idas a Rite Aid já estavam me matando; nesse regime de cuidados de beleza no qual Tiffany vivia, com xampus específicos, condicionadores e gel para o cabelo, esmalte, brilhos labiais, maquiagem, suprimentos femininos e para lentes de contato, eu nunca conseguia sair dela sem deixar uns cinquenta paus (desde que veio morar aqui, Tiffany já tinha usado uma quantidade de algodão suficiente para Cristo embrulhar um país inteiro). Além disso, se a encorajasse a combater a celulite, onde essa história de alteração corporal iria parar? Além do piercing de língua e da tatuagem, ela já estava implorando por uma plástica de nariz, um

peito novo e uma plástica nos pés. Sim, plástica nos pés; minha sobrinha odeia seus pés e quer novos.

Era véspera de Natal, e Tiffany e eu havíamos acabado de comer um jantar delicioso, com bifes ao molho de cogumelos e cebolas, batatas assadas e brócolis. Como estávamos saindo para Connecticut no dia seguinte, tínhamos decidido fazer nossa comemoração de Natal sozinhos, antes de irmos. Eu não tinha a menor intenção de carregar a pilha de presentes que havia comprado para Tiffany junto com a quantidade já exagerada de sacolas que teria que levar no trem. Acendi várias velas e coloquei-as em cima da mesa de centro.

- Aaaah, ficou tão bonito aí - Tiffany disse, quando retornou carregando uma caixa e um pacote fino, ambos embrulhados e amarrados com fitinhas enroladas. - Pegue, quero que abra o seu primeiro. - Ela me entregou o pacote fino. - Feliz Natal, tio Eddy. - Ela me deu um beijo na bochecha e se sentou ao meu lado no chão, de frente para a árvore.

- Obrigada, meu bem - eu disse enquanto puxava a fita e abria o presente. Dentro dele estavam doze cartões, feitos à mão em papel branco comum, cada um representando um dia do Natal. "No primeiro dia de Natal..." a capa do primeiro cartão anunciava em letras coloridas por giz de cera. Dentro dele, no lado esquerdo, a letra da música continuava: "Meu verdadeiro amor me disse...". Depois, no lado direito, Tiffany havia escrito: "Nunca esquecerei o tempo que compartilhamos." Ela havia colado uma porta de papel no centro da página, como a porta do jogo Dream Date que eu jogava com minhas irmãs quando era pequeno (eu secretamente adorava o fato de que a cada vez que se abrisse a porta, um garoto diferente aparecia, cada um mais bonitinho que o outro). Atrás do papel, Tiffany havia desenhado dois braços finos estendidos, um em direção ao outro, cruzando a página horizontalmente, com os dedos levemente se tocando no meio. Os braços eram de um comprimento impossível, dando a impressão de que tinham percorrido uma grande distância para se encontrarem.

- Ah, Tiffany - sussurrei enquanto me inclinava, puxava-a para mim e apertava-a.

- Pega leve, tio Eddy - ela sussurrou, imitando minha imitação de Cheri Oteri de *Saturday Night Live*. - É só o primeiro; há mais onze para abrir. Vamos ficar aqui por algum tempo.

Ri enquanto a soltava e dei início à abertura do segundo dia de Natal. Levei um tempo para perceber, mas as palavras nos cartões eram, na verdade, versos de um poema.

Nunca esquecerei os momentos que compartilhamos.

*Sou eternamente grata por você ter sempre
se importado assim.*

Sem você, imagino, onde eu estaria?

Vivendo eu sem você, você sem mim.

E por mais que eu xingue e pragueje e grite,

A verdadeira emoção que sinto nunca ninguém poderá ver.

Algo tão verdadeiro e forte e vivo

Vai sempre buscar disfarces e se esconder.

Mas deixarei que você saiba agora

O que realmente sinto por dentro:

Gratidão, felicidade...

E alguma alegria como complemento.

Nos três meses em que havia morado comigo, Tiffany não tinha expressado nada nem remotamente parecido com isso. Atrás da porta na página que dizia "vivendo eu sem você, você sem mim" tinha um desenho simples de uma casa ao lado de um prédio de

apartamentos. O rosto de uma menina chorando saía da única janela da casa, e no terceiro andar do prédio um homem chorando olhava para fora. Tiffany sabe como eu ficaria arrasado se ela tivesse que partir, sabe o quão recíprocas são nossas necessidades, pensei. Como ela sabe? Nenhum outro presente de Natal poderia ter me deixado mais feliz.

Abri o pacote maior que Tiffany havia me trazido. Era um anjo de gesso branco, do tipo que se senta com as pernas cruzadas, em cima de uma prateleira ou estante. O anjo não tinha cabeça, mas era um anjo assim mesmo.

As semanas entre a compra da árvore de Natal e a celebração do feriado haviam transcorrido com uma certa calma. A garganta de Tiffany havia ficado curada rapidamente, e o clínico geral que havíamos consultado tinha confirmado que não era estreptococos. O Dr. Mark Levine era um jovem médico gay, doce, que havia levado muito tempo para falar conosco e examinar Tiffany. Ele até pediu para que eu saísse de modo que ele e uma enfermeira pudessem conversar sobre sexo e drogas com minha sobrinha, em particular. Quando foi que os médicos começaram a ser mais jovens do que eu? Fiquei pensando nisso enquanto voltava para a sala de espera.

- Você devia se casar com ele - Tiffany disse quando saiu meia hora depois. Agradei o voto de confiança, mas não tinha intenção de dar em cima do Dr. Levine.

Tiffany estava gastando uma boa parte do seu tempo com os trabalhos da escola, e parecia querer se sair bem nas provas do meio do período. Suas habilidades matemáticas estavam melhorando muito; observá-la reduzindo polinômios intermináveis era estranhamente emocionante para mim. Pensei várias vezes em ser professor no passado, mas essa era a primeira vez em que de fato tinha a alegria de ver uma mente converter algo completamente estranho em natural. Não havíamos tido nenhuma desavença desde antes do Dia de Ação de Graças, e nossas constantes discussões sobre o horário máximo permitido para ela ficar na rua e onde tinha permissão para ir estavam brandas, se comparadas às anteriores.

Embora algumas pressões tivessem afrouxado, eu ainda me via constantemente preocupado com minhas finanças. Minha carreira estava indo bem, mas os gastos com educação eram enormes e Tiffany tinha se revelado mais cara do que eu podia ter imaginado. Mesmo tentando manter a comida pronta no mínimo, ainda fazíamos lasanha na maioria dos domingos, mas isso só cobria uma noite extra. Com todas as festas de Natal adicionadas à minha rotina de tarefas, estava achando cada vez mais difícil encontrar tempo para cozinhar. As contribuições mensais de Megan e dos meus pais ajudavam, é claro, mas eu estava basicamente tentando sustentar duas pessoas com o meu salário, e não estava funcionando. Todo mês eu tirava algumas centenas da minha poupança, e toda vez que ia ao caixa eletrônico, ficava imaginando como Megan conseguia fazer as contas baterem.

Depois que minha irmã se divorciou de Tony e ele foi para a cadeia por dirigir sem licença, meu pai constantemente dizia coisas como "coitada da Megan, ela tem que dar tanto duro, criando aquelas filhas sozinha e trabalhando num emprego que odeia". E eu sempre discutia com ele, dizendo coisas do tipo "ela ganha um salário decente, e são só duas filhas; não é como se ela tivesse cinco". Ou, "ela ganha três vezes o salário mínimo para uma família de quatro pessoas". Uma vez que esse valor era de 22 mil dólares ou algo modesto assim, sabia que estava sendo um idiota. Mas discutia mesmo assim, por um lado para interromper a ladainha de piedade que meu pai gostava de fazer (tanto para ele quanto para os outros), por outro, porque acreditava pelo menos um pouco no

que estava dizendo. "Zilhões de pessoas têm vida muito pior do que Megan", eu dizia. Agora, sei exatamente o quanto era difícil para ela, e me sentia mal por ter dito aquelas coisas. Megan ganhava menos do que eu, e só a ideia de duas crianças constantemente pedindo, querendo, precisando, pedindo, querendo, precisando, me dava arrepios. Se não fosse uma jaqueta nova ou um par de tênis, uma fantasia de Halloween ou um uniforme de escoteira, era dinheiro para um passeio, fotos de escola, um corte de cabelo, uma saída, um CD, um filme, qualquer coisa. Não havia fim, e Megan tinha sido mais que uma heroína, considerando-se o tempo durante o qual conseguiu sustentar tudo isso. Sabia que ela estava economizando muito com a filha morando comigo, e isso ajudava a amenizar minha culpa por ter falado de forma tão dura de minha irmã, mesmo que não tenha sido diretamente na cara dela.

Antes do recesso das festas, tinha ligado para o Sr. Rodriguez para me certificar de que a guerra do beijo inter-racial não havia resultado em nenhuma confusão ou morte. Tudo estava calmo no front, ele me garantiu, mas ele queria me deixar avisado sobre outra possível tempestade que se formava.

- Eu não deveria estar dizendo esse tipo de coisa - ele começou num cochicho -, mas Tiffany tem andado por aí com a pior garota de toda a escola.

- Oh, meu Deus - eu dei corda -, quem é ela e o que tem de tão mal nela? - Eu estava um pouco surpreso com o Sr. Rodriguez falando assim de uma aluna, mas muito curioso para ouvir os detalhes.

- Bem. - Ele fez uma pausa. Fiquei imaginando-o, olhando para os lados por cima dos óculos para checar se a barra estava limpa. - O nome dela é Jenise. Tem dezessete anos e essa é sua quarta escola secundária.

- Pelo menos ela vai se formar nessa primavera e irá embora. - interrompi, sempre com esse meu jeito Pollyanna de ser.

- Sr. Wintle, ela não vai a lugar nenhum. Ela conseguiu completar com sucesso somente um crédito e ainda é, portanto, uma caloura.

- Um crédito? - Eu não podia acreditar. - Como diabos ela entrou na escola, afinal de contas?

- Fomos obrigados a aceitá-la. Uma vez que um aluno demonstra desejo de ser matriculado numa escola, o sistema é obrigado a providenciar, e, nesse caso, fomos os escolhidos. É desse jeito que funciona. Ela nunca aparece, contudo, e quando aparece, normalmente há um incidente. Jenise é um grande, grande problema.

- Que tipo de incidentes? - perguntei, tentando arrancar dele a maior quantidade possível de informação.

- Eu realmente não posso lhe fornecer nada específico, mas achei que deveria saber.

- Não sei como lhe agradecer, Sr. Rodriguez. Não contarei a Tiffany que tivemos essa conversa; tentarei fazer com que ela me conte sobre Jenise e partirei daí.

- Só estou lhe contando isso porque me importo com meus alunos - o Sr. Rodriguez completou. - Tiffany é uma garota inteligente e tem capacidade para ter sucesso aqui. Quero contribuir para que isso aconteça. É tarde demais para Jenise e ela sabe disso, então está procurando pessoas para arrastar para baixo junto com ela.

- Eu agradeço de coração, Sr. Rodriguez. Por favor, me ligue se houver outros desdobramentos.

Quando tirei o fone do ouvido, fiquei grato pela relativa calma e segurança de meu escritório. É claro que havia algumas rixas políticas pelos corredores (seria preciso um quadro-negro para esquematizar todos os ressentimentos que afloravam entre os empregados a todo tempo), mas o mundo do Sr. Rodriguez estava cheio de muito mais sérias intrigas, e os riscos pareciam bem mais altos. Embora ele fosse provavelmente

muito mais dramático do que eu, não poderia ter escolhido aliado melhor dentro da escola de minha sobrinha.

- Que música é essa, afinal? - Tiffany perguntou depois de terminar de abrir seus presentes. - Ela tem uma voz tão bonita.

- É Loreena McKennitt, e está cantando "The Lady of Shalott", um poema famoso escrito por Alfred, lorde Tennyson.

- Como você sabe essas coisas, tio Eddy? Você sabe o nome de todos os atores de todos os filmes, e agora sabe sobre poesia também?

- Eu não sei *todos* os nomes de atores, e eu me formei em literatura, na faculdade. Escrevi um trabalho sobre um outro poema de Tennyson; ele é um dos meus favoritos. Vamos lá, vou colocar a música desde o começo, e cantamos juntos. - Peguei da prateleira um volume antigo que tinha encontrado numa livraria e nos esprememos juntos no sofazinho, de frente para a árvore de Natal, com o livro equilibrado em nossos joelhos dobrados. Sob a luz fraca, nos esforçamos ao máximo para ler as palavras no papel amarelado enquanto elas flutuavam ao nosso redor:

*Or when the moon was overhead,
Came two young lovers lately wed;
'I am half sick of shadows', said
The Lady of Shalott.*

Quando a música acabou, Tiffany se virou para mim:

- Então ela morre no barco? - perguntou com tristeza. - Ela não chega a encontrar Lancelot?

De repente me lembrei de quando assisti a *Amor, sublime amor*, na televisão, com minha família, quando tinha oito anos. Quando Tony foi morto, corri aos gritos para o meu quarto e me joguei na cama, histérico. Meus pais tentaram me consolar com sorrisos forçados, mas eu estava inconsolável. Como eles puderam ficar surpresos quando lhes contei, dez anos depois, que eu era gay?

- Não, mas pelo menos ela saiu da torre, certo? Ela estava pirando lá em cima.

- Acho que sim. O que a história quer dizer?

- Bem, não tenho certeza - respondi com cuidado -, acho que, para mim, é uma metáfora de se arriscar tudo por amor. Parece que a maldição cai sobre ela quando ela se apaixona por Lancelot, então você pode argumentar que o amor é a maldição. Mas eu acho que a maldição era ficar sentada sozinha na torre, enlouquecendo, vendo tudo que estava perdendo em seu espelho mágico. É quase como se ela simplesmente não vivesse até sair no barco à procura de Lancelot.

- Isso é tão sinistro, tio Eddy - disse Tiffany, o que significava que ela gostava.

Vislumbrei uma brecha:

- Então, Tommy Dash é seu Lancelot? - perguntei inocentemente.

- Não - ela respondeu após uma breve pausa. - Eu o vi no feriado de Ação de Graças, mas ele não me ligou desde então. Ele se esqueceu de mim, portanto não posso jamais amá-lo. Serei sempre sua amiga, no entanto.

- Me parece uma atitude saudável. - Com minha mente tranquila, retomei à minha pedagogia. - É divertido analisar poemas. Eles são como quebra-cabeças - eu disse. Loreena estava agora cantando "Greensleeves" (que alguns acreditam que foi escrito pelo rei Henrique VIII, mas eu não disse isso a Tiffany). - Pense nisso - continuei. - A dama de Shalott pode ser qualquer jovem que é protegida pelos pais, mantida afastada do mundo. Mas ela vê tudo na televisão, nos filmes, e lê sobre tudo nos livros. É quando

ela se apaixona pela primeira vez e abandona aquela proteção que perde a inocência. Aquela parte dela morre, e é de certa forma triste. Talvez Tennyson esteja lamentando essa perda por intermédio do poema.

- Hummm - Tiffany murmurou, enquanto fechava os olhos e recostava a cabeça em meu ombro. Olhando a luz das velas tremulando em seu doce rosto, sabia que esse era um momento ao qual me apegaria no futuro. Fiquei imaginando quando Tiffany se apaixonaria pela primeira vez, e por quem, e desejei que houvesse um modo de protegê-la da agonia de perder esse primeiro amor. Pensei no musical de Sondheim, *Into the Woods*, e no equivocado pedido desesperado da bruxa para sua filha, Rapunzel, que ela havia aprisionado na torre: "Quem lá fora poderia amá-la mais do que eu? O que há lá que eu não posso lhe dar?" Ela cantava com uma selvageria que só agora eu compreendia completamente.

Tiffany não havia vivido sua vida numa torre; ela havia vivido atrás das trincheiras, onde sua inocência lhe fora tirada havia muito tempo. Mas, quando se tratava de apaixonar-se, Tiffany estaria tão à deriva quanto a dama de Shalott.

ATOS DE CONTRIÇÃO

- Então, conte-me tudo – Orly disse, depois de pedir uma complicada variedade de bolinhos cozidos no vapor e assados, para nossa garçonete chinesa. Ela soprava furiosamente nas mãos para aquecê-las. Tínhamos ambos ficado completamente congelados durante nossa pequena caminhada até o restaurante, e Orly insistia que o melhor remédio para esquentar era montanhas de bolinhos cozidos.

Orly estivera no Peru com sua companheira, Marisol, durante as festas, e ainda não havíamos nos encontrado pessoalmente. Eu tinha convocado um almoço de emergência, o que significa que fui até seu escritório e de lá fomos ao restaurante. Como eu estava num estado de alta ansiedade, tive sorte de Orly não estar no tribunal naquele dia e não ter nenhuma entrevista com testemunhas programadas para o seu horário de almoço.

- Ok, então o Sr. Rodriguez liga para o meu escritório às onze horas hoje pela manhã e me conta que tiveram que evacuar a sala de Tiffany durante a aula de matemática porque ela jogou uma bomba de fedor no meio da aula - respirei fundo. - Orly, se ela for expulsa dessa escola, estaremos numa merda danada.

- Epa, calma aí, Eddy. Primeiro, o que é exatamente uma bomba de fedor? - Era por isso que eu precisava de Orly. Ela avaliava as coisas nos mínimos detalhes e ajudava a encontrar sentido nelas. No trabalho, ela era a Mestre do Interrogatório.

- Fui à internet e descobri. São esses pequenos frascos de vidro, cheios de sulfato de amônia líquida. Quando você os quebra, fedem como ovo podre. Não creio que ela tenha feito isso logo na aula de matemática. É sua pior aula, e eu reclamei do professor!

- Ok, ok. Então, essas bombas de fedor são na verdade usadas só para pregar peças e não são perigosas. Isso deve ser apenas uma infração leve.

- É, bem, o código penal de escola é só um pouco diferente do seu. Eles estão mantendo-a na sala do diretor o dia todo enquanto decidem se ela receberá uma suspensão interna ou uma suspensão do superintendente. - Nesse exato momento, nossa garçonete colocou uma gigantesca bandeja coberta em nossa mesa. Parecia um disco voador de bambu.

- O quê? Eles vão suspendê-la? Nem mesmo uma advertência de estudante, como da última vez? A propósito, qual foi o veredicto daquela vez? - Orly puxou o prato diante dela e retirou a tampa. O vapor subiu até seu rosto, e ela o ajudou, abanando as mãos.

- Ah, aquilo terminou com ela e Destiny tendo que pedir desculpas uma para a outra. Foi bem informal. - Encarei os bolinhos longamente, mas, já tendo queimado minha boca muitas vezes sabia que eles precisavam de alguns minutos para esfriar.

- E o que é uma suspensão do superintendente? - ela perguntou.

- Parece que é o equivalente ao Tombs, onde eles atiram todos os alunos suspensos de toda a cidade por um dia. - (O Tombs é a prisão municipal temporária onde todos os tipos de criminosos ficam detidos até serem chamados a juízo.) - Fico só imaginando o tipo de amigos que Tiffany pode fazer por lá. Já lhe contei que ela tem andado com, abre aspas, a pior garota da escola?

- É, contou. - Orly riu enquanto dividia os bolinhos e empurrava um deles para uma colher grande com a ajuda de um hashi. Eu acompanhei. - Ela estava envolvida nisso?

- Não, Jenise não está na classe de matemática de Tiffany e, quando falei com Tiff ao telefone, perguntei onde ela havia conseguido as bombas de fedor.

- E?

- Aí é que está a questão. - Fiz uma pausa para o suspense. - Ela ganhou do pai... de Natal! Dá para acreditar no quanto ele é idiota? - Dei uma mordida na ponta de um dos bolinhos e chupei o molho de dentro dele.

- É incrível, mas é, considerando o que sei sobre o Tony, dá pra acreditar. O que mais Tiffany disse?

- Naturalmente, ela disse que não foi culpa sua, exatamente. Ela havia levado a bomba para mostrar para um amigo e ele a derrubou das mãos dela.

- Dividir a culpa. Isso nunca falha. Talvez ela ache que eles lhe darão algum desconto se ela testemunhar contra o outro garoto.

Eu ri.

- Ela disse que seu professor de matemática ligou para o Sr. Rodriguez, e num minuto ele chegou correndo, com o diretor e o vice-diretor, Eles traziam toalhas para os alunos com asma cobrirem o nariz enquanto esvaziavam a sala.

- Uau! Eles parecem uma equipe da SWAT de verdade – Orly brincou.

- É, depois eles fizeram cada aluno presente escrever um relato do ocorrido. Aparentemente, Tiffany escreveu que ela não teve nada a ver com aquilo, e todos os outros alunos escreveram que as bombas eram de Tiffany. Então, agora ela está em apuros por ter mentido também.

- E o que você acha que deve fazer?

- Bem, ela deve ser punida, então vou tirar tudo dela de novo: celular, internet, TV a cabo, por, pelo menos, uma semana. E ela terá que ficar em casa nesse fim de semana. Acredito que vou conversar com ela sobre o que tem a perder se for expulsa dessa escola. Mas sinto que ela simplesmente não está entendendo, Orly. Estou ficando mais e mais frustrado e com raiva dela.

- É claro que está, Eddy; você é humano. Você aceitou Tiffany na pior idade possível. Você não a teve durante aqueles anos nos quais ela era adorável e fofinha, como quando ela cantou aquela música no carro para nós. Você a tem agora, depois que sua infância azedou e ela está cheia de ódio e com hormônios enlouquecidos. - Orly deu uma pausa para se certificar de que eu tinha ouvido o que dizia. Eu tinha. - Mas está fazendo tudo que pode, e as escolhas que tem feito no trato com ela estão certas e apropriadas, e vem de dentro do seu coração.

- Sinto-me tão impotente - sussurrei - e não posso aguentar isso. Pronto, tinha dito, pensei. A Rainha do Controle de todos os tempos havia encontrado um adversário à altura, e isso seria sua desgraça. Cobri o rosto com as mãos. – Não consigo fazer com que pare de se drogar - murmurei entre os dedos. - Não consigo fazê-la se comportar na escola, e não consigo fazer com que escolha melhor seus amigos.

- Eddy, você não poderia fazer melhor. - Orly esticou o braço e me afagou o ombro. - De verdade, dá um tempo pra você. O que você já deu a essa menina é incomensurável, mas não pode forçá-la a aceitar. Ela pode acabar por destruir toda essa oportunidade, Eddy. E, pelo amor de Deus, se ela o fizer não será culpa sua.

Eu não havia me permitido nem mesmo contemplar o fracasso. Ouvir Orly falando daquela maneira me assustava, uma vez que não pensava que pudesse sobreviver àquilo.

- Sabe o que eu acho? - Orly perguntou retoricamente. – O comportamento dela na escola não tem nada a ver com você ou com estar em Nova York. É o resultado de ter estado de volta a Connecticut por quase duas semanas. Ela viu o pai, ficou com os antigos amigos, brigou com a mãe e foi forçada a passar um tempo com aquele namorado fracassado de Megan. - Ela fez sinal para a garçonete trazer a conta.

- Tenho certeza de que tem razão. - Levantei a cabeça e suspirei. - E há dois pequenos detalhes que ainda não lhe contei.

- O quê? - Orly perguntou com preocupação nos olhos.

- A namorada de Tony está grávida, Sammy ainda não sabe, mas Megan contou para Tiffany. Portanto ela está tendo que lidar com a ideia de que seu pai está construindo uma nova família quando ele nem mesmo contribui com a que já tem.

- Qual é o problema dessa namorada? Na verdade, você não precisa responder a isso; eu vi como são algumas das mulheres de lá quando entrei de penetra no vigésimo encontro de colegas de escola da Megan. Faço uma ideia.

- É, e não é nada bonita - eu disse, no meu melhor estilo Susan Hayward.

- Então, qual é a próxima coisa que essa garota vai ter que encarar? Você disse que havia duas.

- Megan foi demitida dois dias depois do Natal. Quando foi trabalhar, seu chefe a mandou embora e chamaram a segurança para retirá-la do prédio. Após quase vinte anos na empresa, é assim que a tratam.

- Teve alguma relação com a bebida?

- Não, pelo menos não diretamente. Megan havia reclamado do antigo chefe para o Recursos Humanos e foi transferida para um novo setor. Mas aparentemente o antigo chefe e o atual estavam mancomunados e determinados a se livrarem dela. A razão oficial foi por enviar e-mails pessoais, o que Megan faz menos do que qualquer pessoa que eu conheço.

- Isso é ridículo. Há alguma chance de ela processá-los? - Orly começou o longo processo de agasalhar-se de novo.

- Ela vai analisar tudo, mas sabe como é, a menos que haja algum tipo de discriminação de idade ou sexo ou algo assim, ela não tem um caso. Não se pode processar porque seu chefe é um safado e odeia você.

Quebrei meu biscoito da fortuna enquanto saíamos do pequeno restaurante lotado. "Sua determinação lhe trará grandes recompensas", dizia. Olhei de relance para cima e enfiei a sorte no bolso do casaco.

O dia de Natal tinha transcorrido calmamente e seria memorável, coisas que não caminham juntas com frequência. Estava apreensivo com a maneira que eu reagiria a Eric, agora que sabia tanto sobre ele, mas havia prometido a mim mesmo que não seria agressivo e daria o melhor de mim para evitar confronto.

O feriado amanheceu nublado, frio e chuvoso, a despeito da previsão do tempo ter falado na maior nevasca de Natal em décadas. Acordar na casa de meus pais, especialmente num feriado, sempre me trazia uma enorme sensação de segurança e conforto. O pequeno cão maltês deles, Max, me cumprimenta à porta do quarto, praticamente tendo um enfarto de tão animado pelo fato de eu ter me levantado. Embora meus pais mantenham a casa numa temperatura congelante de catorze graus, sou recebido calorosamente pelo cheiro de café fresco e o som de música clássica ou clássicos populares tocando no aparelho de som da cozinha. Enquanto mamãe se ocupa de seus afazeres e papai lê o jornal, eles nos oferecem um bom-dia caloroso e nunca deixam de me informar que Max esteve pacientemente esperando à minha porta por pelo menos uma hora.

Com a possibilidade das estradas congelarem, me distraí com o jornal e o café por não mais que uma hora e me vesti para dirigir até o cemitério. Minha sobrinha, Heather, havia sido enterrada num cemitério arborizado a uns vinte minutos da casa de meus pais, e ir lá durante as festas de fim de ano tinha se tornado um ritual em cinco anos e meio, desde sua morte. Eu sempre ia sozinho, uma vez que minha mãe podia ir a qualquer momento e, descobri, meu pai não era afeito a visitas a cemitérios. Nunca pensei que seria um visitante de cemitérios também, considerando-se que você não precisa de um cemitério para se sentir próximo de alguém amado que já partiu. Mas tinha mudado depois da morte de Heather. Às vezes, quando a visitava, eu simplesmente me sentia triste e ficava agachado perto da grande lápide de granito rosa, sussurrava algumas coisas para ela e fazia uma oração. Outras vezes, entretanto, o

sentimento ambíguo de sofrimento e amor que me ligava ao espírito de Heather me fazia ajoelhar-me. Eu podia senti-la comigo, me consolando, me fazendo sentir mais saudades dela; era só então que conseguia sentir toda a força da sua perda de novo. Como eu nunca sabia qual experiência eu teria, ficava feliz por estar sozinho.

Essa visita de Natal ao cemitério foi um pouco das duas. Minha irmã, Kathleen, e o marido, Tyler, tinham colocado uma linda coroa com folhagens verdes e galhos de frutas vermelhas sobre o túmulo, e pequenos pinheiros plantados em vasos rodeavam as duas miniaturas de pinheiros plantados no chão que ficavam como sentinelas um de cada lado da lápide. Bibelôs haviam sido colocados na base da lápide, incluindo um rottweiler de cerâmica. (A raça preferida da família; eles tinham pelo menos um em diversos momentos da vida. Heather adorava animais, assim como seus pais e num certo momento a pequena casa deles abrigava um cachorro, um furão, uma iguana enorme, vários pássaros, aquários e, no quintal dos fundos, um coelho. Com exceção do peixe e do coelho todos os animais vagavam, ou voavam, livremente, portanto, visitá-los era como passear no Mutual of Omaha's Wild Kingdom.) Hoje eu tinha trazido comigo um pequeno buldogue inglês de cerâmica para se juntar ao rottweiler, uma vez que Heather havia tido um gorducho, babão, todo enrugado, chamado Winston, logo antes de morrer. Eu não senti a presença de Heather nessa manhã de Natal, mas tive a percepção afiada de quanta saudade eu sentia dela. Em todo jantar de fim de ano ela insistia em se sentar ao meu lado, não importando quem estivesse na lista de convidados. Eu tinha somente quinze anos quando ela nasceu, e a partir do momento em que ela aprendeu a focar o olhar, nós simplesmente nos adoramos. Quinze anos é uma idade difícil para qualquer criança, mas duvido que possam ser mais solitários do que para um garoto gay enrustido. Heather fazia com que me sentisse como um príncipe e um herói ao mesmo tempo, e eu agradeci a ela por isso antes de beijar meus dedos, tocar o túmulo e sair.

Megan e Eric chegaram à casa de meus pais por volta de uma hora, depois de pegar Tiffany e Sammy na casa de Tony, onde tinham passado a manhã de Natal com o pai e sua namorada, Donna. Com o suor ainda escorrendo, Eric fez uma declaração cavalheiresca de que havia carregado todos os presentes e sacolas do carro para dentro, insistindo para que Megan e as meninas entrassem. Corri para fora para ajudar, em parte para garantir que dentre os embrulhos estivessem as maravilhosas asas de galinha de Megan e os cogumelos recheados, que estavam. Eric tagarelava enquanto se movia hiperativamente ao redor do carro, abrindo e fechando portas. Ele estava como um brinquedo de corda ou marionete cujo dono ainda não havia aprendido a usar; sua cabeça se movia em todas as direções, com exceção da minha, e ele nunca me olhava diretamente nos olhos. Conseguia pegar algumas coisas que estava dizendo e conclui que ele dera a Megan dois DVD players de Natal, sem dúvida nenhuma com intenção de anular sua pena.

Eu já tinha desistido, havia algum tempo, de tentar acompanhar qualquer lógica que pudesse existir na conversa de Eric. Geralmente era uma série de *non sequiturs* que exigia do interlocutor uma autópsia detalhada, com a ajuda de Eric, a fim de construir algum tipo de narrativa. E aí havia sempre a possibilidade de que ele dissesse alguma coisa inapropriada. Num festejo anterior, numa sala cheia de parentes, ele de repente disse:

- Por que Chelsea Clinton não tem irmãos?

Percebendo que ele estava tentando fazer uma piada, alguns de nós murmuramos:

- Não sabemos. Por quê?

- Porque Monica Lewinsky os engoliu.

Não fosse pela risada de Eric, poderíamos ouvir um alfinete caindo.

Uma vez dentro de casa, beijei as meninas e fiz comentários sobre o quanto elas estavam bonitas. Tiffany estava uma princesa, de vestido vermelho, longo e justo, e um bolero preto de renda. Mas foi Sammy quem roubou a cena. Durante toda a vida, Sammy odiou usar vestidos, e só o fazia se fosse absolutamente obrigada. (Tinha ido à casa de Megan na manhã de Natal dois anos atrás para dar uma carona para as meninas até a casa de meus pais, pois Megan iria mais tarde. Quando cheguei, Megan e Sammy estavam em guerra declarada por causa da roupa de Natal de Sammy. Ela havia se recusado a usar o vestido de veludo verde que Megan lhe havia comprado. Numa tentativa de negociação, Megan desencavou uma calça de veludo preto e uma camisa de botões. Mas Sammy manteve-se firme, dizendo que só iria à casa da avó se pudesse vestir o que estava usando, um short e um top. Foi quando me ajoelhei ao seu lado e abaixei seus braços. Megan e eu a enfiámos nas meias e no vestido, enquanto ela chutava e gritava, e depois eu a carreguei para o carro.) Ela agora estava diante de mim com uma roupa de sua própria escolha: um vestido longo de algodão sem mangas, com estampa de camuflagem, com uma camiseta roxa por baixo. Nos pés, trazia pequenos coturnos pretos.

- Olhe só quem desenvolveu estilo próprio - elogiei. – Você está fantástica! O cabelo, os óculos, adorei! - Ela havia prendido o cabelo para trás, meio frouxo, com um grande pregador, e estava usando óculos ovais com armação cor de abacate.

- Ah, sem essa, tio Eddy - ela disse, corando, e se jogou nos meus braços. Aos oito anos de idade, Sammy parecia uma miniatura de caloura de Smith ou Mount Holyoke. Eu meio que esperei ela sacar de um livro de Sylvia Plath e começar a recitar.

- Ela escolheu os óculos sozinha - Megan disse enquanto se sentava à mesa da cozinha. Ela cruzou as pernas e seus pés começaram a balançar automaticamente. Enquanto roía as unhas nervosamente, percebi que esse seria o primeiro Natal de Megan completamente sóbria, e fiquei com pena dela.

Kathleen chegou por volta das duas, sem Tyler, mas carregando seu famoso molho de mariscos. Tyler estava com medo de deixar todos os animais sozinhos em casa, no caso de cair um temporal. Ele nunca ficou muito confortável no meio da família da esposa, então costumávamos ouvir desculpas como essa todo o tempo, especialmente depois da morte de Heather. Mas, nos últimos anos, ele começou a aparecer com mais frequência para as festas, e às vezes parecia se divertir de verdade. Tyler e eu não podíamos ter menos em comum, mas, com o passar dos anos, chegamos a nos respeitar profundamente, e, acredito, até nos amar. Hoje sentiríamos sua falta. Como meus tios e suas esposas também haviam cancelado a presença devido à tempestade, o jantar de Natal seria algo íntimo, somente o Time dos Cinco (como chamo minha família imediata), as netas e Eric.

Minha mãe se empenhava ao máximo a cada celebração, decorando todo o primeiro andar da casa. Se estivéssemos em março, você veria trevos de cartolina na porta da frente e uma coleção de miniaturas de gnomos no hall. No Dia de Ação de Graças, perus e folhas laranja e marrons cuidadosamente arrumadas nos recebiam. Na época de Natal, nem um só centímetro quadrado ficava sem enfeite. A sala de estar, que abrigava uma árvore de Natal meticulosamente decorada, era sempre o cenário para as entradas e a abertura dos presentes (árvores de Natal de verdade tinham sido abandonadas havia anos, depois que meu pai teve uma crise nervosa excessiva tentando fazer com que a árvore ficasse reta). Além das luzes da árvore, seus anjos peitudos, carregadores de velas, com cabelos à Joey Heatherton, a sala era iluminada por um boneco de Natal com um metro de altura que carregava uma lanterna acesa (um cantador silencioso, creio eu), uma casa plástica de pão de mel que brilhava, um mostrador de fibra óptica dos anos 1980 e diversas lâmpadas natalinas. Enquanto nos sentávamos para trocar os presentes,

rindo e prestando atenção em Sammy ou Max, mamãe fugia com sua câmera e nós conseguíamos acreditar que, ao menos por um momento, tudo estava bem em nossas vidas.

Do lado de fora, a temperatura havia diminuído e a neve começava a cair. E caía, e caía. Quando já tínhamos terminado o delicioso jantar de filé mignon que mamãe preparara, quase meio metro tinha se acumulado, e através das esquadrias congeladas da janela, lá fora parecia um genuíno espaço em branco. Com exceção de meus pais, nós todos nos reunimos e fomos para o lado de fora, para tirar a neve da entrada da garagem. Quando estava terminado, Eric pegou nosso velho trenó portátil da garagem e eu fui pegar meu snowboard, que podia servir de trenó também, e nós seis saímos deslizando pela vizinhança.

O Natal é uma festa cumulativa, que é provavelmente a razão pela qual pode ser tão difícil. Ele carrega consigo todos os Natais que passaram, e você o experimenta a cada ano como se tivesse todas as idades de sua vida ao mesmo tempo. Você é uma criança, um adolescente e um adulto simultaneamente; pessoas, lugares e sentimentos que tinham ido embora ou tinham sido deixados para trás estão com você de novo, trazendo ao mesmo tempo um grande conforto e uma tristeza incomensurável. Enquanto observava Sammy e Tiffany correndo atrás uma da outra pela neve, se alternando na tentativa de andar no meu trenó, esse Natal incorporou a carga mítica da minha vida, e minha noção de contentamento combinou inextricavelmente com o conhecimento da minha mortalidade.

Almoçar com Orly sempre conseguia me acalmar; não importava o que tivesse que resolver, ela sempre me fazia sentir que podia dar conta. Ultimamente, parecia que era Orly que fazia todo o trabalho pesado da nossa amizade, mas eu precisava dos meus amigos agora mais do que nunca, e jurei não me punir por causa da quantidade de coisas que estava recebendo.

Quando voltei do trabalho para casa naquela noite, Tiffany estava em seu lugar de costume, deitada no sofazinho de frente para a televisão. Considerando-se os eventos do dia, você podia imaginá-la sentada à mesa, fazendo seus deveres em silêncio, mas atos de contrição não eram o forte de Tiffany. Coloquei *Os Simpsons* no mudo, de modo que pudesse confrontá-la apropriadamente.

- Então, o que você vai fazer sobre toda essa coisa de bomba de fedor? Você sabe que, se for expulsa dessa escola, a próxima vai ser a Humanities, o que seria desastroso.

- Eles não vão me expulsar, tio Eddy - ela disse sem levantar o olhar para mim. - Eles estão, tipo, totalmente exagerando, como sempre. Já revisei o Código de Conduta e vou escrever uma apelação, explicando por que eu não deveria ser suspensa.

- É uma boa ideia, Tiffany, mas você tem que perceber que isso veio no topo de uma lista de incidentes. Quero dizer, você só está nessa escola há poucos meses e já foi citada por insubordinação, criou um furor quando foi pega num amasso com o namorado de alguém e agora explode bombas de fedor na aula de matemática. Por favor, diga-me como você pode fazer uma escolha tão infeliz como essa de levar isso com você para a escola, pra início de conversa. É isso o que realmente me preocupa. - Havia me preparado para demonstrar um bom estado de indignação, mas estava determinado a não levantar minha voz.

- Eu só ia mostrá-las a meus amigos - ela disse num tom desafiador. - Todo mundo tem problemas na escola, tio Eddy. Não é grande coisa.

- Dá um tempo, Tiffany. Obviamente as bombas iriam ser rompidas em algum momento; era só uma questão de quando. Você deveria saber que seria enquanto estivesse no prédio da escola. E sou eu quem decide o que é grande coisa, não você. -

Minha voz, embora não estivesse particularmente alta, estava chegando àquele limite que Tiffany odiava; e eu gostava menos ainda.

- Ok, você está certo. Eu não devia ter levado. Mas ainda odeio essa bosta de escola. O Sr. Rodriguez e o resto de seu esquadrão são uma piada. Eles se levam tão a sério, mas todo mundo ri deles. E noventa e nove por cento dos alunos lá me dão nojo. Eles tentam dar uma de gueto, mas são só pose e nem conseguem ver que não pega bem pra eles. - Ela se levantou e se dirigiu até o laptop na mesa de jantar, provavelmente para começar a escrever sua apelação.

- Diga-me se precisar de alguma ajuda para elaborar sua argumentação - eu disse, enquanto desconectava o cabo da AOL do computador. - Vou preparar uns hambúrgueres para nós. - Desconectei o cabo da TV, peguei o telefone sem fio e fui para a cozinha. A pena de Tiffany tinha começado.

A apelação, que eu havia ajudado a se tornar uma minicitação legal completa, com um sumário eloquente, provavelmente irritou a escola mais do que ajudou. De qualquer modo, Tiffany não foi suspensa, mas recebeu muitos outros deméritos em relação a uma eventual suspensão que receberia se esses incidentes persistissem. Ela teria, entretanto, que ficar sentada na sala do diretor durante as aulas de matemática por uma semana inteira. Eu deixei claro para Tiffany que não tinha gostado dessa última parte, e prometi que passaríamos nosso tempo de televisão e noites livres de AOL resolvendo polinômios complexos.

ARMAS DE DESTRUIÇÃO EM MASSA

Na manhã de minha cirurgia de hérnia eu estava mais do que agitado. Eu, que não posso nem ler um folheto sobre hepatite na sala de espera do médico sem ficar esverdeado, seria, daqui a algumas poucas horas, aberto por uma faca pela primeira vez na minha vida, teria um pedaço de carne cortado do meu abdômen, e seria costurado de novo com uma agulha e fios. E ainda assim eu mal podia esperar. A ideia de não ter que viver minha rotina por longos cinco dias era um sonho que se realizava.

Eu e um colega de trabalho, Stewart Fischer, tínhamos uma piada particular relacionada a uma elaborada fantasia que eu tinha de me tornar uma "mulher de turbante". Alguns anos atrás nós havíamos viajado juntos pela costa da Califórnia, e numa noite tranquila em Big Sur, Stewart e eu tínhamos lido uma proposta bizarra para um livro sobre aquela qualidade única de mulher de cabeça coberta. Desde então, quando as coisas ficavam sufocantes em nossas vidas pessoais ou no escritório, nós nos imaginávamos em diversos tipos de disfarces de turbante. Em minha personificação imaginária atual eu usava um turbante branco, combinando com um roupão de banho felpudo, e estava reclinado numa chaise longue superacolchoada no gramado de uma clínica absolutamente exclusiva. Eu estava com óculos escuros à Jackie O para me proteger dos reflexos que vinham do lago à minha frente, e no meu colo eu tinha um romance grosso de capa dura. Eu estava "me curando" e o livro estava, obviamente, de cabeça para baixo.

A começar por hoje, na minha "vida real", eu não teria que tirar minha bunda da cama antes do amanhecer para levar Tiffany à escola e depois enfrentar o frio recorde que fazia em Nova York para atravessar a cidade até chegar à academia e ao trabalho. Eu não teria que atormentar advogados de produtores para que respondessem à minha última rodada de fax ou ouvir clientes dizendo: "Esse será um grande ano!" E, talvez a melhor parte, não teria que colocar as necessidades de Tiffany à frente das minhas por alguns dias; ela teria a oportunidade de mostrar sua gratidão por tudo que eu tinha feito, sendo uma completa escrava para mim. Tinha comprado uma pequena TV com videocassete para o meu quarto e iria passar o resto dos cinco dias à base de analgésicos, assistindo à pilha de filmes que pegara emprestado com meus pais e amigos. Seria o paraíso.

Quando o Dr. Garbowsky veio me ver no quatinho sem cortina onde eu estava sendo cutucado e espetado por enfermeiras até a hora da cirurgia, ele estava adoravelmente amarrotado com seu roupão verde e me deu um sorriso mais doce. Percebi que suas mãos eram ainda mais sexies do que eu me lembrava do nosso encontro: tinham uma aparência forte e veias harmoniosas, com unhas rentes e limpas. (Não, no entanto, exageradas; se tivessem feitas ou pintadas, eu teria fugido como o diabo da cruz.) Como são estranhamente imperfeitas, pensei. Sinto-me inacreditavelmente atraído por esse homem que estará dentro de mim em pouco tempo. Estou falando de intimidade; não sei nem se ele é gay!

Aparentemente ele tinha vindo para me dizer que ouvia o seu iPod na sala de cirurgia e me perguntar se eu tinha algum pedido especial.

- Não vou ser apagado quase que imediatamente? – perguntei com urgência, momentaneamente perdendo meu entusiasmo de ser invadido em cima de uma mesa.

- Claro, claro. - Seu sorriso ficou mais largo. - Mas você poderia querer ouvir algo específico para relaxar quando entrar na sala de cirurgia.

- Ah, sei. Música de entrada, como o "Tema de Lara" que toca toda vez que Julie Christie aparece na tela em *Dr. Jivago*.

O Dr. Garbowsky deu uma risada profunda, espontânea.

- Nunca pensei exatamente dessa forma, mas é - ele disse. - Como o "Tema de Quentin" em *Dark Shadows*.

Dark Shadows? Provavelmente gay, presumi.

- O que me diz de Bryan Ferry? - perguntei inocentemente. - A voz dele realmente me relaxa. Minha favorita é "Slave to Love".

- Claro que tenho essa - respondeu, com um sorriso malicioso. - Que coleção estaria completa sem essa?

Muito gay, concluí.

Uma hora depois estava sendo conduzido por corredores intermináveis, vestido apenas com um roupão de hospital que mal me cabia e meias de solado de borracha. Viramos num corredor e vi à minha frente as luzes brilhantes e o corre-corre do centro cirúrgico. Que produção, pensei, e é tudo só para mim! Senti-me como a maior das mulheres de turbante - Norma Desmond na versão musical de *Crepúsculo dos deuses*, quando ela retorna aos palcos do estúdio pela primeira vez depois de anos. "Sinta a loucura do início da manhã, sinta a mágica da construção", eu ficava repetindo em minha mente. Mas então, à medida que nos aproximávamos, ouvi meu próprio tema tocando e me preparei para fazer minha entrada. Era um velho profissional, portanto, meu timing seria perfeito e eu alcançaria exatamente o tom certo; entraria com a generosidade de um político adorado, e todas as pequeninas pessoas em correria pensariam: "Ah, o CARA chegou!"

Eu só esperava que enquanto estivesse sob o efeito da anestesia não desse uma cantada no meu cirurgião.

Orly me apanhou no hospital e me trouxe de volta ao apartamento de táxi, parando no caminho para comprar o Vicodin que o médico havia receitado. Eu estava em estado de graça quando ela me pôs na cama e tratou para que tivesse tudo que precisava à mão. Antes de sair para voltar para o trabalho, ela fechou as cortinas e botou um filme no videocassete. Eu havia selecionado *Uma lição para não esquecer*, um filme antigo dos anos 1970 com Paul Newman e Lee Remick, baseado no romance de Ken Kesey. Eu sempre adorei o título e tinha a intenção de assistir ao filme há vinte anos. Os anos 1970 são minha época favorita na história do cinema, e eu estava esperando por um drama sobre relacionamento de arrasar, como *Amargo regresso* ou *Cada um vive como quer*, filmes a que eu tinha assistido na adolescência e me fizeram ter medo de crescer, mas determinado a fazê-lo o mais rápido possível, e tentar ser um ator quando conseguisse. Engoli meu primeiro analgésico e apaguei de imediato.

Acordei algum tempo depois com o barulho das chaves de Tiffany na fechadura da porta da frente. Quando olhei para a tela da TV, tive que fixar os olhos por um momento para ter certeza de que meu cérebro anuviado estava de fato processando a imagem corretamente. Paul Newman estava de pé num rebocador que se movia devagar pelo rio. Essa parte fazia sentido. Mas lá, afixada num mastro na proa do barco, estava o que parecia ser um braço humano sem o corpo. E, ainda mais bizarro, o braço parecia mostrar o dedo do meio para o mundo. Eu não havia lido o livro, mas isso com certeza era coisa clássica de Kesey. Transportar isso para um filme tão literalmente, entretanto, parecia tolo. Newman estava de fato envolvido numa atitude bastante desafiadora, mas usar um braço humano para mandar uma mensagem era loucamente absurdo e simplesmente psicótico. Sempre o crítico, pensei, mesmo chapado por analgésicos.

Só então Tiffany enfiou a cabeça furtivamente pela porta do meu quarto, como se estivesse culpada de alguma coisa e com medo do que ela iria encontrar se olhasse direto para mim.

- Você está bem? - ela perguntou com uma certa tensão de pânico na voz. Fiquei imaginando se ela não estava chapada.

- Estou bem - respondi. - Estava só dormindo. - Olhei para o despertador e vi que eram seis da noite. - Por onde você andou, Tiffany? Eu meio que deduzi que você viria direto para casa da escola, uma vez que eu fiz uma cirurgia e tudo. - Meu sarcasmo habitual estava intacto. - Eu poderia ter precisado da sua ajuda ou que você fosse buscar alguma coisa da loja com aquele dinheiro extra que lhe dei, lembra?

Ela se atirou na minha antiga poltrona de espaldar alto e caiu no choro.

- Tive o pior dia da minha vida! - Ah, bem, pensei, acho que minha fantasia de ficar desligado da vida real ia ficar só nisso, uma fantasia. O turbante teria que voltar para a sua cabeça de boneca, por enquanto.

- Por que você não acende aquela luz e me conta o que aconteceu? - Percebi só nesse momento que eu podia me sentar, mas decidi que partilharia isso com Tiffany depois. A despeito das vezes em que já tinha testemunhado aquilo, a visão de Tiffany chorando ainda me cortava o coração, então, mais uma vez, seus problemas viriam em primeiro lugar. Quando ela acendeu a lâmpada ao lado da cadeira, fiquei aliviado por ver que não parecia estar doidona.

- Bem, eu estava com essa garota, Jenise, com quem eu tenho andado, e encontramos uma carteira nas escadas, e quando abrimos havia uma nota de cinquenta dólares dentro dela. Eu fiquei meio tentada a pegar o dinheiro antes de devolver, mas Jenise disse que não devíamos, então fomos até a secretaria juntas e entregamos a carteira. Quero dizer, eu sabia quem era o garoto a quem pertencia a carteira porque sua identidade com foto estava dentro dela, mas não sabia onde encontrá-lo para poder devolver. - Ela fez uma rápida pausa para retomar o fôlego. - Então, mais tarde, eu o encontrei na entrada e lhe contei que tinha sido eu quem havia devolvido a carteira. Ele disse: "Obrigado, mas eu gostaria de ter recebido meus cinquenta contos de volta também." Não podia acreditar que ele não tivesse recebido o dinheiro de volta, e senti como se ele estivesse pensando que eu havia pegado, o que não tinha acontecido, então eu disse: "Vamos até a secretaria e vamos dizer àquela secretária bruaca para lhe devolver." Então nós fomos, e, quando entramos na secretaria, eu disse para ela devolver o dinheiro dele. Bem, a diretora deve ter ouvido, porque a bruxa fedorenta saiu do seu escritório e disse: "Como você ousa acusar meu pessoal de roubo? Você vai pedir desculpas agora mesmo!" - Tiffany imitou a diretora pretensiosa e dona da verdade, com grandes movimentos de braços para enfatizar. - Bem, que se dane! - ela continuou. - Eu, pedir desculpas, sendo que foi aquela fracassada feia que pegou o dinheiro, não eu? Fiquei com tanta raiva que comecei a chutar a parede. Então, a Sra. Santiago me fez ficar sentada no seu escritório durante o resto da tarde. Ela ia ligar para você, mas eu lhe disse que você havia feito uma cirurgia hoje, e ela disse que esperaria até amanhã. Eu juro que não peguei o dinheiro, tio Eddy! - ela começou a soluçar de novo, mas conseguiu abafar. - Ah, e o dinheiro extra que você me deu foi roubado da minha bolsa durante a aula de ginástica.

- É uma história e tanto, Tiffany - eu disse calmamente. - Agora, meu coração, você podia me dar o copo de água que está bem ao meu lado? .

- Claro - ela fungou. - Você mal pode se mover, né? - Ela me entregou a água e eu bebi por um canudo dobrável. - Você não está com raiva pelo que aconteceu?

- Num universo paralelo, tenho certeza de que estou furioso - respondi delirantemente -, mas nesse exato momento estou flutuando numa nuvem, e você é um anjo que pode me trazer deliciosos agrados. Por que você não esquenta um pouco daquela lasanha para a gente, e comemos aqui?

- Ok. - Tiffany olhou para mim intrigada e saiu.

A despeito do meu semi-estupor, soube instantaneamente o que tinha acontecido. Jenise havia convencido Tiffany a não pegar o dinheiro para que ela própria pudesse afaná-lo a caminho da secretaria. Afinal de contas, cinquenta contos é duas vezes melhor do que vinte e cinco. Jenise tinha explorado a ingenuidade da minha sobrinha; ela sabia que Tiffany não iria suspeitar dela nem em um milhão de anos.

Mais tarde, depois que ela me ajudou a me erguer e comemos uma lasanha grudenta, de tempero carregado, eu disse a Tiffany que tinha duas perguntas para ela. Precisaria que me respondesse honestamente, uma vez que suas respostas seriam importantes para minha conversa com a Sra. Santiago no dia seguinte.

- Primeiro - comecei -, você mesma carregou a carteira durante todo o caminho até a secretaria?

Ela pensou por um minuto, depois respondeu:

- Não, Jenise carregou-a na maior parte do tempo e me entregou bem antes de entrarmos.

- Ok - continuei -, você viu os cinquenta dólares alguma vez enquanto estavam na secretaria entregando a carteira?

- Não - ela respondeu. - Mas eu praticamente anunciei que havia cinquenta dólares dentro dela quando estávamos entrando. Depois, quando a entreguei para a secretária, ela examinou-a para descobrir de quem era. Se ela não tivesse visto o dinheiro, não teria dito alguma coisa?

- Não necessariamente, Tiffany. Isso é uma conclusão que você está tirando. Ela pode ter visto que não havia dinheiro e decidiu não acusar Jenise publicamente. Ela provavelmente queria discutir isso com a diretora mais tarde, depois que tivesse confirmado com o dono da carteira que ele havia realmente perdido o dinheiro. A secretária tomou algumas decisões rápidas naquele momento, antes de falar. Talvez você devesse ter feito o mesmo antes de acusá-la.

- É, exatamente. Ela decidiu não mencionar o dinheiro para que pudesse roubá-lo e depois dizer que nunca esteve dentro da carteira.

- Está bem, então - eu disse, com os olhos arregalados e um sorriso forçado, enquanto tomava meu segundo analgésico. - Por favor, não se esqueça de limpar a cozinha, fazer seu dever de casa e ir dormir às dez e meia. Vou assistir a *Oliver!* - E, com isso, eu retomei meu turbante imaginário, cavalguei até o interior do *Vale das Bonecas*, e deixei minha vida para trás outra vez.

Acordei na manhã seguinte com meu estômago queimando e minha mente num estado de pura raiva. Imediatamente tomei um analgésico, como o Dr. Garbowsky tinha me instruído, mas precisaria de muito mais do que um analgésico para me desviar da trilha da guerra. Meu sono na noite anterior havia sido entrecortado, com pesadelos me despedaçando o sono como os abutres que eu havia visto uma vez, devorando a carcaça de uma zebra quando estava num safári no Quênia. Embora não conseguisse me lembrar exatamente do que tinha sonhado, todos os pesadelos envolviam Tiffany e terminavam comigo sentado ereto na cama, suando e com dor, cheio de pensamentos terríveis sobre ela. E se ela roubou aqueles cinquenta contos? E se ela ficou com o dinheiro extra para as compras? E se ela está roubando de mim durante todo esse tempo? Será que ela não tem mesmo jeito e só está me fazendo de bobo? E se eu definitivamente não conhecer essa pessoa que está dormindo no quarto ao lado? Talvez eu não tenha ideia do quanto realmente ela está estragada! Pela primeira vez em uma década pensei numa mulher que conheci uma vez, cuja metade do rosto era coberta por cicatrizes horrendas. Ela estava dormindo na cama com o marido quando o filho deles os atacou com um machado. O marido dela não sobrevivera. Será que Tiffany é capaz de fazer algo assim? Fiquei

preocupado. Olhe o caso de Patty McCormack em *A tara maldita*: ela enganou todo o mundo! Quando a manhã chegou, meu medo tinha se transformado em raiva, e eu estava determinado a continuar a combater a autodestruição de Tiffany. Mas, para combater com propriedade, precisava conhecer o inimigo.

Esperei que o analgésico começasse a fazer efeito para me erguer da cama e iniciar uma busca no quarto de minha sobrinha. Enquanto no meio do mundo, Hans Blix e seu time de inspetores de armas vasculhavam o Iraque em busca de armas de destruição em massa, abri as cortinas de seda roxa de Tiffany e comecei minha própria busca. A despeito da minha raiva, bem lá no fundo eu rezava para que, o que quer que eu encontrasse, não conduzisse à guerra.

Como a maioria dos quartos de adolescentes, o quarto de Tiffany era seu paraíso, seu santuário. Continha todos os seus pertences nesse mundo, bem como sua história; ele tanto a refletia, como a ajudava a defini-la. Tiffany passara muitas horas meticulosamente arrumando e rearrumando cada pequeno objeto, e estava sempre falando de coisas que queria adquirir para tornar o quarto ainda "mais maneiro". Numa semana, era um pufe, na semana seguinte, um mosquiteiro exótico para colocar ao redor da cama. O quarto havia passado por uma boa mudada nos poucos meses que ela estava morando comigo. O que antes era um agradável quarto neutro para hóspedes (se bem que com um senso de cor um tanto gay - Hampton Sand, para ser exato), era agora os aposentos de uma princesa árabe sob o efeito de ácido. O esquema de cores era basicamente roxo (com múltiplas tonalidades) e azul-petróleo, com motivos repetidos de luas crescentes e estrelas. Do teto, pendia um *gohansen* japonês franjado, bem como uma luminária de bronze com vidro azul e um móbile de cobre oxidado com (adivinha só) luas e estrelas. As paredes eram cobertas por feltro preto, e um quadro de cortiça cheio de fotos dos amigos, Megan, Tony e Sammy, além de canhotos de ingressos de shows e outras recordações. Ao lado de seu espelho redondo, com sua grossa moldura roxa e branca, Tiffany havia pendurado um apoiador de cebola e batata de bronze que ela havia transformado em suporte para pulseiras e cordões. Tínhamos comprado estantes altas na Kmart para abrigar seus livros, som portátil, CDs e outras mil coisas, mas a função principal delas era expor sua coleção de porta-retratos decorados e porta-velas de todas as formas e tamanhos imagináveis. Empoleirada no topo da estante ficava sua luminária de lava e, num lugar de honra, os diários de Kurt Cobain (outro presente de Natal apropriado dado por Tony).

A parte do quarto favorita de Tiffany era seu altar Wicca, que ela havia montado em cima de uma velha escrivaninha completamente encapada com fotos de seus amigos. Na superfície do altar ela havia colado dúzias de pedrinhas polidas que formavam um pentagrama, rodeadas de porta-incensos, velas e da coleção de potinhos de vidro que ela usava para guardar óleos e ervas. Na parede acima do altar ficavam gravuras de duendes e fadas, incluindo uma que Tiffany estava determinada a tatuar na parte baixa das costas. Ela nunca falava muito sobre sua prática Wicca, e eu simplesmente deduzi que ela alegava ser uma praticante e poderia, assim, colecionar todo aquele equipamento bonitinho, mas via agora que ela havia coletado uma meia dúzia de livros sobre o assunto; talvez ela considerasse aquilo mais sério do que eu pensava, mas preferia manter para si, como muitas pessoas fazem em relação à religião.

Enquanto fiquei lá naquela reluzente manhã de inverno, o que mais notei foi a bagunça, e como Tiffany havia tomado conta do quarto. Havia cera derretida em cima da escrivaninha e espalhada por todo o carpete próximo ao altar. Cinzas voavam de vários porta-incensos e palitos de incenso queimados estavam jogados pelo chão. No tapete ao lado da cama havia uma mancha redonda de uns trinta centímetros, provavelmente de alguma poção de óleo entronada à luz de velas, bem como inumeráveis marcas de

queimado. Eu havia deixado de fazer a cama de Tiffany há meses, e agora via que teria que ficar no pé dela para que trocasse os lençóis e lavasse o edredom com mais frequência. Sutiãs, camisetas, sapatos e papéis soltos estavam espalhados por todo lado. De acordo com padrões adolescentes, o lugar era provavelmente um espetáculo, mas para um maníaco por limpeza como eu era um desastre.

Comecei minha busca pelas prateleiras, metodicamente olhando atrás de cada livro ou quinquilharia e abrindo as caixinhas que continham cartas, bilhetes, esmaltes e jóias. Folheei cada um rapidamente sem ler nada (me controlando para não ser ainda mais intrometido) e mantive minha vista focada no contrabando. Não encontrando nada, passei para a escrivaninha. Estava de joelhos, remexendo na segunda gaveta de baixo para cima (a que estava entupida de calcinhas e tangas), quando descobri uma arma. Parei de respirar, caí sentado nos calcanhares e fiquei olhando para a pequena pistola preta e cinza. Eu havia segurado o rifle calibre 22 do meu pai quando era garoto; fora isso, nunca havia segurado uma arma ou nem mesmo estado tão perto de uma. Passaram-se longos cinco segundos antes que eu percebesse que a arma de Tiffany podia não ser de verdade e cogitei pegá-la. Embora fosse de metal e razoavelmente pesada, soube instantaneamente ao segurá-la que aquela arma era de brinquedo.

Um alívio percorreu meu corpo por um instante, mas depois a raiva retornou. Armas de brinquedo eram totalmente ilegais na cidade de Nova York. Crimes eram cometidos com elas o tempo todo e não era raro a polícia atirar em algum jovem empunhando de brincadeira uma imitação de arma. Isso era sério. Além disso, Tiffany tivera o trabalho de esconder a arma na gaveta que considerava a mais pessoal. Ela sabia que eu a confiscaria imediatamente. Continuei minha busca furiosamente.

Depois de vasculhar a última gaveta e não achar nada, retirei-a completamente. Lá, em cima do tapete no vão embaixo do móvel, havia uma caixa de papelão contendo um esconderijo de parafernália para drogas. Havia alguns cachimbos de maconha e haxixe (que eu esperava não terem sido usados para crack), papel para enrolar e dois saquinhos de plástico Ziploc. Um continha o que imagino ser uns dez paus de erva com cheiro muito forte, e o outro parecia já haver guardado pó branco, mas estava vazio agora. Alguns outros sacos estavam sem uso.

Embora soubesse que não poderia impedir Tiffany de fumar maconha, deixei claro que ela não poderia comprar e certamente não podia manter um estoque dentro do apartamento. E para piorar as coisas, havia a possibilidade agora de ela estar usando cocaína ou crystal também. Minha busca havia provado que meus pensamentos da noite anterior estavam certos; Tiffany estava vivendo toda uma outra vida que eu ignorava. Ela provavelmente pegara aquele dinheiro da carteira; de que outro modo poderia ter comprado drogas? E pra que diabos ela tem uma arma falsa? Se estiver com a arma quando for pega pela polícia, pensei, está completamente fudida!

Com ou sem analgésico, meu coração acelerou. Jesus Cristo! Gritei por dentro enquanto meu corpo caía de encontro à lateral da cama. Então agora sabia da verdade, e era tão ruim quanto temia. Mas e aquela garota amorosa que tinha feito aquele presente de Natal magnífico para mim menos de um mês atrás? Fiquei sentado lá no tapete imaginando qual dessas garotas era a verdadeira Tiffany e tentando, sem sucesso, reconciliar as duas. No final, me ergui com dificuldade e voltei para a cama para ligar para Orly.

- E se ela for uma criminosa? Ou pior, uma louca? – perguntei depois de colocar Orly a par da minha noite e manhã atribuladas. - Pelo menos ela é uma grande narcisista e usa muito mais drogas do que eu pensava. Quero dizer, estou aqui incapaz de me mover e ela começa a chorar por causa do seu dia. Ela é inacreditável! Já estive até pensando se

ela poderia sentir raiva suficiente para me esfaquear durante o sono. - Sabia que soava como um maluco, mas estava feliz por ter dito.

- Felizmente, meninas não assassinam seus pais. Isso não acontece. - Orly respondeu, debochando de mim. - Já vi casos de maus-tratos a idosos e, claro, filhas que roubam dos pais. Mas elas não os matam.

- Ah, é? E o que me diz de Lizzie Borden e suas quarenta facadas?

- Ok, isso foi uma exceção e foi, tipo, há uns cem anos. E isso nunca ficou completamente provado no tribunal.

- A história se repete - eu disse. - Olhe o caso dos dois George Bushes. - Orly riu, mas estava falando sério pra caramba.

- Ah, Eddy querido, você está falando como um completo maluco - ela disse, com preocupação genuína na voz. - Você acabou de fazer uma cirurgia ontem, portanto, precisa descansar. Por que não tira uma longa soneca, então estará mais calmo quando Tiffany voltar da escola?

- É, você tem razão - eu disse, sem forças. - Não tenho nenhuma utilidade desse jeito.

- E, sabe, você não tem que confrontar Tiffany hoje sobre o que encontrou, a menos, é claro, que ela descubra que sumiu. Mas vamos torcer para isso não acontecer. Por que você não trata com a diretora do assunto da carteira e segura um pouco o resto até que eu tenha uma chance de olhar o saco? - Orly havia me explicado que, quando aqueles saquinhos são usados repetidas vezes para guardar maconha, eles podem ficar arranhados e esbranquiçados, como se tivessem contido pó. Portanto, havia uma ponta de esperança, afinal.

- Vai ficar tudo bem, não é? - Eu parecia agora uma criança choramingando, e me odiava por isso. Como pude imaginar que conseguiria dar conta disso?

- Você vai sair dessa, Eddy - Orly me encorajou.

- É, eu sei - suspirei desanimado. - Só estou exausto e preciso descansar. Obrigado por tudo, Orly. Te amo.

Empregando minha própria teoria da psicologia ao contrário, decidi me acalmar para dormir assistindo ao filme *Interiores*, de Woody Allen. Uma vez que cada personagem do filme tem uma vida mais deprimente que o outro, percebi que minha atual situação poderia parecer com um passeio no parque, se comparada à deles. Acho que adormeci pacificamente quando Geraldine Page entrou no mar para tirar a própria vida. Aquilo na cabeça dela é um turbante, fiquei me perguntando, com os olhos apertados, ou estou só imaginando?

- Sr. Wintle, o tipo de comportamento que Tiffany exibiu nesse escritório não será tolerado - a Sra. Santiago emitiu suas palavras com precisão, usando um tom suave, surpreendentemente agradável, a despeito do assunto de nossa conversa. Era como se ela estivesse me dizendo que haveria um bazar beneficente no show de talentos da quinta à noite e que eu deveria passar por lá.

- Entendo, e concordo totalmente com a senhora. - Fiquei andando pelo quarto com o telefone sem fio. Sentar e levantar me obrigava a fazer muito esforço, e decidi que essa ligação deveria ser feita de pé. - Vou ligar para a orientadora dela, Judith Martin, para discutir esse comportamento - continuei, sabendo que aquilo seria inútil. - Mas essa é a oportunidade perfeita para vocês tirarem Jenise dessa escola. É obvio que ela pegou o dinheiro. - Nunca diria a ela que eu agora suspeitava de Tiffany também. (Oh, não! Estou me tornando um "daqueles" pais, de repente eu me preocupei: "O meu filhinho não!")

Tiffany veio correndo pelo corredor, de seu quarto até o meu.

- Jenise não pegou o dinheiro! Aquela safada da secretária é que pegou! - Ela gritou aquilo tão alto que tenho certeza de que a Sra. Santiago ouviu.

- Cale a porra da boca, Tiffany! - gritei a plenos pulmões, esquecendo de tapar o telefone com a mão. Depois, ao telefone: - Vocês pelo menos vão conduzir uma investigação sobre o dinheiro desaparecido imediatamente? - perguntei docemente.

- A escola tomará qualquer providência que julgar apropriada - a Sra. Santiago respondeu mecanicamente. - Acho que devemos terminar essa conversa nesse exato momento.

Que maravilha, pensei, agora ela acha que sou completamente doido. Ou pior, ela está pensando: "Ah-ah! Agora vejo de onde Tiffany herdou seu gênio."

- Por favor, Sra. Santiago, peço desculpas por ter xingado. Isso não acontece com frequência. - Olhe só você, que patético!

- Tenha uma noite agradável, Sr. Wintle. Talvez possamos discutir isso depois, daqui a alguns dias. - Ela desligou. Que droga, pensei, se algum dia usarem sistema de voz automatizada para dar informação a famílias de pacientes em hospitais, a Sra. Santiago é a voz de que precisam. Eu poderia bem ouvir agora: "Sinto muito, mas seu ente querido faleceu à uma e vinte e sete, fuso horário local. Por favor, aperte três para o número da gaveta mortuária onde está o corpo do falecido." Coloquei o fone no gancho.

- Bom trabalho, tio Eddy. - Tiffany estava de pé na minha frente com as mãos nas cadeiras. - Por que você quer que eles comecem uma investigação quando é óbvio quem pegou o dinheiro? - Ela olhava para mim como se eu fosse o idiota da aldeia.

- Estou tentando limpar seu nome, Tiffany - falei num tom moderado, invocando a Sra. Santiago. - Se Jenise for expulsa, é só uma vantagem adicional. Por que você é tão contra a investigação, se não pegou o dinheiro? - Lancei a ela o meu olhar mais penetrante.

- Ok, tudo bem, sou uma ladra. Tenho um vício louco de crack e preciso de dinheiro para comprar drogas, ok? - Ela revirou os olhos para mim pela milionésima vez desde que havia se mudado para cá e foi para seu quarto. - Essa gângster aqui vai fazer dever de casa - ela disse, enquanto ia, deixando-me lá, com a sensação de que havia feito tudinho errado, incluindo ter nascido.

- Vou voltar para a cama, portanto, prepare o jantar em mais ou menos uma hora - gritei atrás dela, minhas palavras soando mais como um trágico ganido, como a voz de Mary Richards toda vez que ela tentava se acertar com seu chefe, Lou Grant. Com minhas energias esgotadas, decididamente preferia adiar a cena que certamente aconteceria quando eu confrontasse minha sobrinha com os resultados de minhas buscas. Arrastei-me de volta ao meu quarto derrotado.

AVES DE RAPINA

Como é o nariz dela? O que um diretor de elenco achará da voz dela? Tinha colocado um vídeo de um trabalho de Tiffany no conservatório no verão passado, e, enquanto assistia à sua performance num monólogo, em *close-up*, esses pensamentos me passaram pela cabeça. Lembrei-me do quão duramente eu havia sido julgado, e tentava olhar agora minha sobrinha sob o prisma do discernimento do especialista, teoricamente uma visão dos diretores de elenco.

Mas então, de repente, o medo nos olhos de Tiffany prendeu minha atenção. Em desespero, ela implorava para a câmera (ou talvez para Deus) para ajudar seus amigos, que, um por um, desapareciam nas garras de alguma força maligna. Se era uma seita, ou uma rede de prostituição, ou simplesmente o vício, eu não conseguia saber pelo que ela dizia. Mas, à medida que as lágrimas brotavam dos olhos de Tiffany e sua voz travava de medo uma coisa ficou clara: eu não conseguia tirar meus olhos dela.

Uau!, pensei, enquanto apertava o botão de parar, me jogava para trás na cama e fitava o teto. É desse jeito que me sinto em relação à Tiffany, como se ela estivesse sendo tirada de mim, sendo puxada por uma dúzia de forças diferentes, cada uma mais amedrontadora que a outra, todas malignamente determinadas a roubar de nós a garotinha que cantava "My Heart Will Go On" de pé no corrimão da escada, acenando com um lenço branco enquanto o *Titanic* deixava o porto. A sensação de perda de Megan deve ser devastadora, monumental demais até para se imaginar. A performance de Tiffany me pegou ali, de jeito que seu medo e impotência tornaram-se os meus. Quando ela interpretou o monólogo, será que pensou em todos os seus amigos que se foram? Ou será que pensou nos seus amigos que estavam se envolvendo com armas, crimes e drogas pesadas?

Então percebi que, por trás das orações do personagem por seus amigos, estava o medo de que ela seria a próxima a desaparecer, a ser sugada para as trevas, mas que ela não queria pedir por si mesma quando as pessoas que amava estavam sofrendo ou possivelmente mortas. Seus olhos, entretanto, revelavam seu pavor. Sendo um ex-ator, sabia que uma interpretação tão autêntica tinha origem em algum lugar na realidade do ator, especialmente quando o intérprete era jovem e virtualmente sem treinamento. Tiffany temia o que estava lá fora. Embora parecesse determinada a experimentar tudo que fosse possível antes de seu aniversário de dezesesseis anos, fui lembrado nessa hora de que uma parte dela estava louca por proteção, não só do assustador mundo lá de fora, mas dela mesma também. E cabia a mim providenciá-la, a despeito do lado consciente de Tiffany que lutaria comigo a cada centímetro do caminho. Enquanto fiquei deitado na cama durante meu terceiro dia de recuperação, com a cabeça mais em ordem, mais racional, me questionei se eu tinha a energia e a sorte para tal tarefa.

- Cara, sua mãe é uma louca ferrada. - Ouvi Tiffany dizer ao telefone. - Ela precisa, mesmo, ser medicada.

Ela deve ter chegado em casa enquanto eu estava cochilando. Ultimamente, de acordo com Tiffany e seus amigos, todos os pais eram uns "loucos". Tinha certeza de que tudo que as garotas mais adorariam fazer era juntar todos nós e nos enfiar num sanatório distante, como no filme água-com-açúcar de 1968, *Wild in the Streets*.

Havia chegado a hora de confrontar Tiffany sobre minhas descobertas. Fiz uma rápida oração, pedindo luz, respirei fundo e deixei a segurança relativa de meu quarto para entrar no ringue.

- Tiffany, poderia sair do telefone para podermos conversar? - Ela balançou a cabeça e entrou no quarto para encerrar a conversa. A mesinha de centro estava apinhada de

trabalhos de casa e anotações de várias matérias, bem como *Teen Vogue* e exemplares antigos de *Architectural Digest*. Livros didáticos, cadernos, canetas, borrachas e outros detritos escolares estavam todos espalhados pelo tapete de seda no centro. Embora eu agora já conseguisse me agachar com certa facilidade, decidi não arrumar para ela, mas pedir a Tiffany que arrumasse tudo naquela noite.

- O que há? Como se sente? - Ela se jogou no sofazinho à minha frente.

- Muito melhor, obrigado - respondi. - A dor está diminuindo, portanto suspendi os analgésicos. Não dói mais tanto para levantar da cama. Alguma menção à carteira hoje?

- Não, e Jenise não estava na escola, como sempre. Então, sobre o que queria falar?

- Remexi nas suas coisas ontem e encontrei seu estoque de erva e sua arma falsa. - Não havia como dar voltas, então despejei tudo de uma vez. Orly havia passado aqui na hora do almoço e declarado que o outro saco não havia contido nenhum pó branco, então ao menos as drogas mais pesadas não eram assunto para o momento.

Ela deu um pulo para a ponta do sofá.

- Você vasculhou meu quarto? Qual é o seu problema? - Sua voz foi ficando mais alta. - Você simplesmente não pode fazer isso!

- Sim, eu posso, Tiffany - eu disse, calmamente. - Seus direitos à privacidade são limitados aqui, e não vou entrar numa disputa de gritos acerca disso.

Ela encostou de novo e cruzou os braços.

- Não consigo acreditar nessa porra. Eu NÃO admito isso aqui - ela disse, olhando na direção da janela do outro lado da sala, como se fosse pular dela.

- Você tem se metido em encrenca semana sim, semana não, e chegado em casa chapada todo fim de semana. Não tenho a menor ideia de onde você está indo ou com quem está saindo. Agora, depois desse incidente da carteira essa semana, precisava ver se conseguia chegar a uma conclusão sobre o que está acontecendo.

- Então, isso lhe dá o direito de vasculhar o meu quarto?

- Sim, e estou contente por ter feito isso - disse desafiadoramente. - Você tem alguma ideia da encrenca na qual poderia ter se metido por causa daquela arma?

- É um brinquedo idiota. Grande coisa. E o que você fez com minha erva?

- Orly vai conversar com você sobre a arma, então poderá ouvir diretamente de uma profissional da lei o quão idiota é carregar uma coisa daquelas. E joguei sua erva fora. Falamos sobre isso, Tiffany. Eu lhe disse que não queria que você comprasse erva ou fizesse um estoque dentro desse apartamento. Onde está conseguindo dinheiro para comprar, afinal de contas?

- Pela décima vez, eu não roubei aqueles cinquenta dólares, e não vou conversar com Orly ou com qualquer outra pessoa sobre aquele brinquedo - ela disse com decisão. Depois, Tiffany me olhou diretamente nos olhos: - Você entende que não pode controlar tudo que faço, certo, tio Eddy?

- Sim, eu sei disso. - Mas há coisas que eu tenho que, pelo menos, tentar controlar, pensei comigo.

- E você sabe que *tem que* controlar *tudo e todos* ao seu redor, não sabe? Você sabe dessa sua característica, não? - Ela se sentia mais e mais poderosa a cada palavra. - Você espera que todos sejam perfeitos, como você acha que é. Olhe o caso de Kurt. Você não conseguiu controlá-lo e fazê-lo perfeito, então deu um fora nele.

- Isso não é verdade, Tiffany! - Ela sabia onde cutucar, e claro que doía muito mais porque eu sabia que ela estava certa.

- É sim. - Ela estava de pé agora. - E é por isso que você vai ficar sempre sozinho! - E depois dessa, Tiffany correu para seu quarto e bateu a porta.

- Vamos encarar, ela tem razão - choraminguei com Stewart, meu companheiro de irmandade do turbante. Ele viera me visitar com um pote do seu famoso *coq au vin*, desafiando o fato de ser uma noite no meio da semana. Steven, Eugene e Georgia tinham prometido vir aqui em diversos momentos do próximo fim de semana, mas Stewart era intrépido e tinha vindo lá do Upper West Side de metrô, se despendendo de Corningware. Seu sorriso de bochechas rosadas tinha me animado, mas o jantar com Tiffany tinha sido um momento de grande silêncio. Mais tarde nos recolhemos a meu quarto para assistirmos a *Thunderbirds*, uma série de ficção científica britânica que eu não via desde que era criança nos anos 1960. Stewart tinha uma enorme queda mal resolvida por um dos bonecos e fizera uma verdadeira peregrinação para encontrar o vídeo. Mas, em vez de assistir, eu estava enchendo a cabeça dele com a minha briga com Tiffany.

- Pode haver uma ponta de verdade no que ela disse, é claro, mas é uma simplificação grosseira do assunto - Stewart disse para encerrar.

Eu havia mandado estofar a poltrona Berger da minha avó nos anos 1990, com um tecido vermelho adamascado com uma estampa de flores-de-lis douradas. Estava de saco cheio dela, mas feliz agora por não a ter efetivamente substituído; Stewart tinha nascido para sentar naquela poltrona. Era grandiosa e combinava perfeitamente com ele, uma vez que ele parecia um conde de algum país misterioso, nascido há um século. Na verdade, sua distinção era tão perfeita e seu vocabulário tão refinado, que pessoas comuns frequentemente o confundiam com um estrangeiro. E tendo lido todos os livros de Jane Austen antes de completar oito anos, a noção de protocolo de Stewart era monolítica e sua perspicácia sem paralelo. Embora jovem demais para isso, ele era um dos "velhos sábios", e quando Stewart falava, as pessoas ouviam.

- Adolescentes são criaturas más, vis - ele continuou, sem ligar para a possibilidade de Tiffany estar ouvindo. - A raiva deles é tamanha que nenhuma arma do extenso arsenal que possuem é considerada brutal demais para ser desprezada. Se eu fosse um rei, todas as crianças entre doze e vinte e um anos seriam removidas da sociedade.

- Não, é sério Stewart. E se ela estiver certa? - perguntei, frustrado. - E se eu for controlador demais para ter um relacionamento? Que projeto seria melhor para alguém com necessidade de controle maior do que um filho? - Eu era um caso sem esperança, concluí, guiado por nada além de manias.

- Oh, chchch - Stewart respondeu. - Isso é loucura, Edwin. Não ouse patologizar um ato heroico de gentileza. Eu não vou permitir. Você a ama até as entranhas, e tudo o que está fazendo provém desse amor, não de uma falha de caráter. - Ele fez uma pausa para enfatizar, mas eu sabia que ainda não havia concluído. - Sinto dizer que ela tem muito mais veneno em suas garras. O que você deve fazer é desenvolver uma pele mais dura.

- Meu Deus, você está muito do certo, Stewart. Mas não sei como.

- Ah ,você vai fazê-lo naturalmente; será necessário se quiser continuar ajudando Tiffany. Não tenho dúvida de que seu couro vai curtir rapidamente.

- Obrigado pela confiança em mim. Mas o que devo fazer em relação a essa situação?

- É simples - ele respondeu, determinado. - Tiffany violou as regras, portanto deve ser punida.

- Eca. A idéia de colocá-la de castigo em casa durante todo o fim de semana enquanto eu ainda estou me recuperando é um pouco desafiadora. Talvez eu a deixe sair, mas a colocarei de castigo no próximo fim de semana.

- De jeito nenhum - Stewart reagiu. - O castigo deve ser dado diretamente após o ato ou seu propósito se perde. Você gostaria que eu a levasse ao *revival* da ópera *The Death of Klinghoffer*; de John Adams, no BAM no sábado? Ouvi dizer que é ainda mais longa do que a *Tetralogia* de Wagner.

- Não, meus pais levaram Tiffany num cruzeiro quando tinha dez anos, portanto é possível que ela verdadeiramente goste disso - brinquei. - Só vou deixá-la em casa nesse fim de semana. Talvez possamos ter algum tempo de qualidade aqui, assistir a uns bons filmes ou pintar os cabelos dela, ou coisa assim. Desde o outono que não aproveitamos uma noite de sábado juntos.

- Bem, não faça tudo ser divertido demais ou não se parecerá com castigo - Stewart me avisou.

- Na verdade, Tiffany ficará furiosa - eu disse -, e tenho ficado com um pouco de medo dela ultimamente.

- É claro que sim. Meninas adolescentes são muito assustadoras. Não sei como foi com você, mas algumas delas foram muito piores em relação a mim quando eu estava no ginásio do que os meninos. Especialmente as bonitas e maneiras, as meninas que namoravam os bonitões atléticos. Elas já tinham tanto; o prazer que tinham com a desgraça alheia sempre me intrigou. - Stewart estava certo. Eram as meninas que gritavam "bicha" quando eu passava pelo corredor, para que todo mundo ouvisse. Os meninos eram mais sutis, murmurando seus comentários ou se cutucando com o cotovelo aqui e ali, quando eu passava.

Stewart se aproximou e sentou-se na beira da minha cama.

- Mas você não deve deixá-la ver seu medo. Se deixar, tudo irá por água abaixo - ele cochichou. - Pense nela como um cavalo selvagem. A primeira coisa que um caubói aprende é nunca demonstrar seu medo. Respeito, sim. Medo, não. Se o cavalo souber que ele tem medo, aquele caubói nunca irá domá-lo. - Ele ficou me olhando com um ar de conspiração por um momento.

- Falou como um genuíno caubói de turbante - graciei. - Acho que vou seguir seu conselho. - Uma analogia com o Velho Oeste era a última coisa que eu esperava de Stewart Fischer, mas, outra vez ele estava sendo um homem de talentos e interesses secretos.

Depois que Stewart saiu naquela noite, falei com Tiffany sobre minha preocupação em relação às suas escolhas de amizade, especialmente Jenise. Disse a ela que temia que estivesse talvez criando o mesmo tipo de círculo social que tinha em Connecticut. Tiffany não foi receptiva às minhas ideias.

Na manhã seguinte, quando acordei, muito depois de ela ter saído para a escola, encontrei uma folha de papel solta debaixo da minha porta:

Não quero ouvir isso de novo!! Não quero ouvir sobre o quanto falhei horivelmente em ser a porra da pessoa que você queria que eu fosse. Sinto muito se não estou à sua altura. Sinto muito se meus amigos não estão à sua altura. Você quer que eu simplesmente os abandone por não levarem a escola tão a sério quanto você gostava que *eu* levasse? Bem, não farei isso. Houve um tempo em que considerei fazê-lo. Considerei abandonar as únicas pessoas com quem já havia me importado quase tanto quanto me importo com você. A diferença entre eles e você é que eles não ficam constantemente apontando minhas falhas. Eles não prestam atenção a essas coisas, eles fazem com que me sinta bem. E tudo que você faz é me ajudar a perceber que sou uma merda. Tudo que você faz é reclamar de mim e fingir que está me dando conselhos valiosos sobre a vida, porque isso faz com que se sinta mais importante. Você acredita que, porque tem tanto "sucesso", se disser essas coisas, então serei influenciada por suas poderosas palavras. Bem você está numa puta viagem de poder, isso é tudo que aprendi com você, então larga do meu pé!!! Eu não abandonei meus amigos, nunca os abandonarei por sua causa. Mas sou uma pessoa patética, não porque não fiz o que você determinou, mas porque cheguei a pensar em fazer.

A cada carta ou poema, Tiffany estava ficando mais articulada na forma de expressar seu ódio e frustração, me fazendo pensar em como poderia encorajá-la a escrever sem brigarmos antes. (Ela recentemente mencionou que haveria um concurso de poesia na escola, e estava tentando convencê-la a inscrever um de seus trabalhos. Cheguei até a digitar alguns de seus poemas para ela. "São pessoais demais", ela ficava dizendo. "É muito embaraçoso." Ainda há tempo, pensava agora.) Em relação ao conteúdo da carta de minha sobrinha, confirmava que eu seria incapaz de controlar, ou mesmo influenciar, a escolha dos seus amigos. Se a proibisse de ver Jenise, Tiffany sairia de seu caminho para correr atrás dela. E, quanto ao veneno estocado, não tenho muita certeza do porque, mas dessa vez ele simplesmente não doeu. Afinal de contas, que adolescente não acha que todo adulto numa posição de autoridade está manifestando um fetiche de poder?

HOMEM, INTERROMPIDO

- Tio Eddy, que caca você está fazendo? – Tiffany tinha voltado da escola e me encontrado sentado no chão do meu quarto, rodeado de produtos de higiene. Eu a havia treinado para não dizer mais "cacete", pois era um pulo para "caralho" (não que meu plano estivesse funcionando).
- Estou removendo as etiquetas de preço de todas essas coisas. Finalmente me aventurei um pouco para fora desse apartamento, para uma farra na perfumaria Rite Aid. - O dia estava congelante, mas gloriosamente ensolarado, e me senti bem por estar no mundo dos vivos outra vez, a despeito das minhas fantasias anteriores de deixá-lo para trás.
- Então, por que você está tirando os preços? - Ela ficou de pé me olhando de cima, com as sobrancelhas franzidas, como se estivesse preocupada com o fato de que eu pudesse ter finalmente enlouquecido.
- Porque essas coisas agora me pertencem, e a gente não deixa preços em coisas que nos pertencem. - Tiffany continuava me olhando. - Quero dizer, você não deixa etiquetas com preços em pares de sapato ou numa camisa nova, deixa?
- É porque a gente veste essas coisas, tio Eddy. Estamos falando aqui de desodorante e lâmina de barbear.
- Ok, vou explicar de novo. Você não deixaria o preço numa lâmpada nova ou num jogo de copos, deixaria?
- Acho que você ficou trancado aqui por tempo demais e seu TOC está se manifestando.
- Ela não ia deixar passar essa.
- Sempre fiz isso, Tiffany. Não gosto de abrir o armário do banheiro e ver etiquetas de preços. É só uma idiossincrasia. - Sabia que era comportamento obsessivo-compulsivo, mas não ia lhe dar esse gostinho. Ela havia me zoadado duas semanas atras, depois de ter enfiado para dentro todos os cadarços de todos os pares de sapato no apartamento (odeio quando eles ficam pendurados para fora). - Aliás, essa é uma palavra de vestibular; significa "hábito peculiar ou traço de caráter".
- Ok, tio Eddy - ela me acalmou. - Você vai se "aventurar" de novo no fim de semana? - Notei que ela estava querendo se livrar de mim e não podia culpá-la por isso; tinha certeza de que nenhum de nós dois estava entusiasmado com a idéia de ficarmos juntos sozinhos por dois longos dias e três noites.
- Certamente - respondi. - Espero sair amanhã ou no domingo para ver *As horas*. Quer ir comigo?
- Você não disse que aquele livro o fez chorar? - ela perguntou. - Por que você quer ver algo que vai deprimi-lo?
- O livro me emocionou, o que é diferente de ficar deprimido. Boa arte sempre mexe com minhas emoções, provavelmente porque reconheço alguma verdade nela. Talvez eu fique triste, mas também me faz sentir bem por ver que não estou sozinho com aquela verdade. Faz algum sentido para você?
- É, acho que sim - Tiffany respondeu enquanto sentava no chão ao meu lado e se encostava na Berger. - É por isso que me sinto tão inspirada quando ouço Nirvana. É como se eles estivessem tocando para mim. - Ela fez uma pausa. - Não, quero dizer tocando *por mim*, dizendo o que eu estou pensando. Sempre quero escrever poesia ou alguma coisa depois que os ouço.
- Exatamente - eu disse, enquanto raspava alegremente o preço de um pote de loção hidratante com minhas unhas. - É porque você é criativa, Tiffany, e você é inspirada por outros artistas. - Quando sorri e olhei dentro de seus olhos verde-dourados, vi que meu sorriso era retribuído.

Fiquei feliz por Tiffany não perguntar que verdade eu havia reconhecido em *As horas*. Embora ela soubesse que eu tomava medicação para depressão, nunca havia se aprofundado na história da minha batalha contra ela, o que provavelmente era simplesmente isso. Talvez ela pensasse que uma pessoa só ficava triste por um longo tempo, ia ao médico e então começava a tomar comprimidos. Imagino que esse pudesse ser o caso de algumas pessoas, mas não o meu.

A derrota de Virginia Woolf em sua batalha contra a doença mental é o tema central tanto do livro quanto da versão para o cinema de *As horas*, mas foi com a história da fictícia dona de casa dos anos 1950, Laura Brown, que me identifiquei. Laura fora a estudante estranha e introspectiva que, em outra década, teria frequentado Smith ou Vassar e se tornado uma escritora. Mas nos anos 1950, e no dia em que se passa a história, Laura acorda (tanto literal quanto figurativamente) para uma vida tão completamente alienada do que ela verdadeiramente é que, ao final do dia, ela já tinha cogitado suicídio e abandonado o marido e o filho pequeno. Sua vida como esposa do craque do time de futebol da escola e herói de guerra condecorado, mãe de um lindo menininho e rainha do lar de um subúrbio chique de Los Angeles era a imagem da perfeição da vida nos 1950; um sonho realizado para qualquer jovem mulher. Mas para Laura Brown era uma sentença pior do que a morte.

Minha batalha contra a depressão começou no segundo ano da faculdade de direito. O primeiro ano havia sido só para provar para mim (e para meu pai?) que eu podia ter sucesso naquele mundo cão formado (em sua maioria) por heterossexuais conservadores, os *One Ls* - homens e mulheres jovens que cresceram na era Reagan enquanto eu estava fumando maconha, atuando e participando de atos de desobediência civil com o ACT UP. Depois de me esconder durante anos no mundo insular de artistas gays, garçons de festas e ativistas, eu agora estava no "jogo dos meninos". E tive sucesso (para minha surpresa, mais do que para a dos outros) e terminei entre os dois por cento de alunos no topo da lista da turma de calouros. Mas, durante meu segundo ano, a realidade da minha escolha de vida começou a se manifestar. Havia sido aceito num projeto de litígio e passava uma boa parte do tempo trabalhando em casos reais, bem do jeito que advogados formados faziam. A papelada interminável, as atordoantes regras de procedimento e a dolorosa lentidão no andamento dos casos me deixavam frustrado e insatisfeito. À medida que aumentava a pressão dos estudos de leis, dos trabalhos do curso e minha carga de casos se amontoava, uma crescente sensação de ansiedade começou a me roer por dentro. Comecei a achar que eu era uma fraude e me tornei incapacitado pela dúvida. Não conseguia mais falar em público, nas aulas ou seminários, sentindo que cada palavra minha, cada ideia, iria me expor como um impostor. Quando crises de choro descontroladas apareceram, procurei por meu antigo terapeuta e fui rapidamente colocado sob medicação. Ao final do segundo ano, eu estava funcionando a todo vapor outra vez e, depois de um glamoroso verão como associado num venerável escritório de direito, aceitei uma vaga de advogado quando me formei no ano seguinte.

Sei agora que, como Laura Brown, eu estava entrando numa vida errada. A ansiedade e a depressão não eram causadas pela demanda de trabalho (sempre trabalhei duro), mas pela falta de sintonia entre meu coração e minha mente. Minha mente me dizia que um homem culto e inteligente de trinta anos *não podia* ser garçom, mesmo que estivesse tentando uma carreira de ator escrevendo um livro simultaneamente. Fossem minhas ideias guiadas por expectativas sociais ou familiares, ou por ambas, acreditava que tal vida seria auto-indulgente, um vergonhoso desperdício. Então, ignorei meu coração, que não tinha paixão alguma pela lei, e, com um Band-Aid de psicotrópicos misturado à cisma que me corroía, marchava em frente determinado. Com o ego inchado pelas

garantias de riquezas, um deslumbrante namorado novo e meu status de bam-bam-bam do campus, acabei por decidir que não precisava mais da "muleta" de antidepressivos e parei de tomá-los ao final do meu último ano de faculdade de direito.

Durante o verão seguinte, estudei feito um louco para a prova da Ordem e, depois de fazê-la, embarquei numa impressionante viagem de dois meses à África, Grécia e Turquia. Quando voltei, iniciei minha carreira como um grande advogado de Wall Street, uma dívida de 90 mil dólares e pronto para começar, ou pelo menos tinha a ilusão de que estava. (Não teria me dado tão bem na faculdade de direito e conseguido este emprego importante se não fosse a coisa certa para mim, tinha me convencido disso enquanto assistia ao pôr-do-sol na enseada de Santorini.)

Em questão de semanas, eu estava fechando meu escritório e saindo com minha cadeira na cabeça, me certificando de que seria capaz de jogá-la pela janela de vidro blindado quando finalmente tomasse coragem de pular os trinta andares até minha morte. Em poucas palavras, pela insistência do meu namorado e do meu terapeuta, me internei na ala de psiquiatria de um grande hospital de Nova York.

- Estou tentando entender sua depressão - meu pai disse quando foi me visitar. Estávamos sentados numa sala de visitas feia, iluminada por lâmpadas fluorescentes, onde velhos lunáticos vagavam de um lado para o outro sem objetivo, no meio de vasos de plantas maltratadas e mesas de jogos não utilizadas (meu nível de ansiedade tinha ficado tão alto que o médico que me internou me colocou na ala de idosos; eles eram aparentemente mais calmos do que os loucos da minha idade). Estava sob medicação variada nesse momento e me sentia muito relaxado, desde que não pensasse em nada que excedesse os cinco minutos seguintes.

- No meu tempo - meu pai continuou -, não pensávamos em coisas como felicidade pessoal. Era tudo muito estruturado. Você se casava depois de terminar a escola secundária ou a faculdade, comprava uma casa, se tivesse sorte, e tinha filhos. Não havia tempo para pensar se era feliz ou não.

- É, mas aos setenta viviam *A tempestade de gelo* - eu disse -, bebiam martínis, trocavam de esposas, e não tinham a menor ideia do que estava acontecendo com seus filhos. - Deduzi que todas as cartas estavam na mesa numa enfermaria psiquiátrica, então podia dizer qualquer coisa.

- Bem, não sei nada sobre troca de esposas, mas entendo o que quer dizer. Eu ainda não consigo assistir àquele filme - ele disse -, acho que tenho medo. Provavelmente parecido demais com nosso lar, sabe?

- É, eu sei - respondi.

- Acho que entendi o que causou sua depressão.

- Acho que a essa altura o nome dado é crise nervosa - eu disse sem forças. Desde que ouvira a expressão quando era menino: provavelmente relacionada a um dos muitos "colapsos" de Elizabeth Taylor, acreditei que fosse haver uma no meu futuro. Havia um certo grau de alívio em finalmente me livrar da expectativa.

- Então, qual é sua teoria? - perguntei. Isso tem que ser bom.

Meu pai olhou para mim e a preocupação encheu seus olhos azuis.

- Acho que você está deprimido porque nunca se realizou como artista, e está com medo de que o tempo esteja se esgotando.

Não tive palavras; só lágrimas. Meu pai escorregou para perto de mim no sofá com capa de plástico azul-turquesa e colocou seu braço meio sem jeito no meu ombro, como um garoto de catorze anos no seu primeiro encontro no cinema.

- Como pode saber disso? - perguntei.

- Porque você é meu filho - ele disse, apertando meu ombro. - Conheço você.

Recebi alta duas semanas depois, fui medicado e repousei, mas não havia como voltar para minha vida equivocada.

- Então, o que me diz, Tiffany? - perguntei enquanto juntava meu arsenal da Rite Aid. - Vai assistir a *As horas* comigo? É sua única chance de sair de casa nesse fim de semana que está de castigo.

- Não, obrigada - ela disse, me seguindo até o banheiro, onde comecei a arrumar os novos produtos nas prateleiras do armário de remédios. - A história me parece um pouco chata. Se me fosse permitido sair, em vez desse eu veria *A casa dos 1.000 corpos*.

Naquele fim de semana, estando eu a maior parte do tempo em casa me recuperando e Tiffany de castigo, nunca mencionei a adorável missiva que ela havia colocado embaixo da minha porta. Em vez disso, tentei várias vezes puxar uma "conversa significativa". Após algumas horas iniciais de batidas de pés pela casa por estar de castigo, ela parecia ter voltado a ser a Tiffany que eu conhecia, dançando pelo apartamento com os fones colados aos ouvidos, emitindo de vez em quando um gritinho esganiçado de prazer ou pavor (frequentemente tinha dificuldade de identificar qual dos dois), e com a TV e o som ligados ao mesmo tempo. Embora meu medo de que Tiffany não tivesse consciência nenhuma houvesse desaparecido com os analgésicos, tentei discutir "valores" com ela.

- Meus amigos são a coisa mais importante no mundo para mim - ela disse num tom decisório que acabou com a conversa antes mesmo que começasse. Quando mencionei o fato de seu pai estar formando uma nova família, ela disse: - Se isso o faz feliz, então está legal. - E, quando tentei falar do atual desemprego de sua mãe, ela só ficou com raiva: - Ela deveria processar aqueles filhos da mãe. - Minha sobrinha nunca falava comigo sobre suas sessões com a orientadora às quartas-feiras na escola, a não ser para dizer "Odeio aquela senhora", mas eu esperava que ela estivesse contando a Judith Martin sobre esses importantes desdobramentos em sua vida familiar.

Entretanto, Tiffany realmente falou sobre seus esforços criativos durante aquele fim de semana. Parecia que, se eu a mantivesse no apartamento tempo suficiente, ela acabaria dando atenção ao canto ou escreveria algo em seu diário, algumas das poucas vantagens de colocá-la de castigo. Ela estava tendo aulas de canto particulares com Ellen Foley, uma ex-estrela da Broadway e cantora ao lado de Meat Loaf, e precisava praticar seus solfejos, assim como músicas específicas. (Havia passado muitas noites durante meu último ano na escola secundária perto da represa, com "Paradise by the Dashboard Light", no volume máximo vindo da mala de um carro, enquanto meus amigos e eu nos sentávamos do lado de fora perto da água, fumando baseados e bebendo cerveja. Embora eu gritasse junto com a música com aparente alegria, internamente eu lamentava que só os jovens heteros tivessem acesso àquele paraíso particular. Era uma das estranhas sincronicidades da vida que Tiffany estivesse agora estudando com a mulher cuja voz estava tão intimamente associada à nostalgia da minha própria adolescência.)

- Quero formar uma banda só de meninas - ela declarou depois de uma extenuante sessão de cantoria com Mariah Carey e Sarah McLachlan em seu quarto. - Isso seria irado.

- Você definitivamente deveria fazê-lo - eu disse. - Tenho certeza de que irá encontrar outras cantoras e músicas na faculdade, ou até antes. Com a sua voz, você pode cantar

Broadway, pop, ou rock. - Eu não tinha tanta certeza da parte do rock, mas deduzi que as pessoas que conseguiam cantar nos outros dois estilos podiam gritar também, se quisessem.

- Mas quero fazer isso agora, tio Eddy. Sinto que não posso esperar. - Tiffany executou um de seus movimentos debochados à la Britney Spears: rodar, depois fazer um biquinho, seguido de uma girada de cabeça. Seus cabelos longos davam o toque final ao passo. - Teríamos a melhor coreografia e usaríamos as roupas mais sexies.

- Não se esqueça de que há música envolvida também – eu disse, rindo. - E é por isso que não há muitas bandas de meninas de catorze anos por aí.

- Mal posso esperar para começar a fazer testes para empregos de verdade no ano que vem - ela disse, dando piruetas imitando balé pelo corredor até o seu quarto. Nós havíamos combinado (ou, é melhor dizer, eu disse a ela) que se ela terminasse o primeiro ano com notas decentes, poderia começar a fazer testes para comerciais e outros trabalhos de atriz, depois da escola, durante seu segundo ano.

Um dos meus melhores amigos na faculdade havia ganhado uma pilha de dinheiro fazendo comerciais enquanto estava na escola. Eu tinha inveja dele e também ressentimento por meus pais não terem me encorajado a seguir a carreira de ator desde a infância. Agora que eu tinha Tiffany, entretanto, percebia o quão desafiadora seria a logística de ser uma mãe de coxia; e nós morávamos bem no coração da cidade de Nova York. Mas eu havia sempre sentido que a escola não tinha me proporcionado oportunidades suficientes de explorar minha criatividade. Embora encontrasse algum conforto (e auto-estima) escolhendo matérias de arte como todas as minhas eletivas, minhas tardes eram passadas com os amigos e os fins de semana na farra. Estava tentando oferecer a Tiffany mais do que isso.

Além da logística, havia também os caprichos, tanto do fracasso quanto do sucesso, para se levar em consideração. Compreendia intimamente os males do fracasso, mas e se Tiffany tivesse sucesso? Jovens atores e atrizes não acabavam tendo problemas com drogas, tendo visto e feito de tudo cedo demais? Eu me consolei com o fato de que, uma vez que Tiffany tinha, afinal, catorze anos, parecendo trinta, pelo menos as oportunidades e lições para a vida que viriam com uma carreira precoce atribuiriam a esses anos mais foco e profundidade, bem como, talvez, alguma renda.

No domingo à tarde, depois de eu ter chegado em casa com os olhos inchados por causa de *As horas*, Tiffany me entregou um novo poema.

Do que você tenta me proteger?

Do amor, do ódio?

Das verdades do mundo?

Prisioneira, eu choro

e sinto o gosto da dor.

É doce, é salgada; machuca.

O que você quer me impedir de saber?

Seus erros?

Suas inseguranças me dizem a verdade;

elas abrem um portão, mas fecham outro também.

Sofrendo, percebo

que a imaturidade de outro

irá estimular minha independência.

Ela me afasta,

mas me traz de volta.

Li o poema, estupefato. Por um segundo pensei que fosse sobre Megan, mas então percebi que poderia muito bem ser sobre mim. Debaixo do sentimentalismo adolescente parecia haver um entendimento exato de algo que eu estava apenas aprendendo: eu poderia estar revelando novos mundos para Tiffany, mas seria incapaz de protegê-la das dores que eles infligiam. E inevitavelmente só poderia apresentar-lhe aqueles mundos através do espesso véu da minha própria experiência.

- Você deve inscrever isso em um concurso de poesia – foi tudo que consegui dizer.

FAZENDO ANJOS

- O... que... você... está... fazendo? – roneu cada palavra entre os dentes, tentando desesperadamente não gritar, para o bem de Tiffany. A enfermeira estava na terceira tentativa para colocar adequadamente o soro nas costas da mão de Tiffany, e errara mais uma vez. Um jato de sangue espirrou da agulha diretamente nos lençóis brancos e engomados do hospital, seguido por gotículas grossas.
 - Continue olhando para mim, Tiffany - eu disse, vendo o medo em seus olhos. Ela sabia, pelo tom da minha voz, que alguma coisa estava errada, e apertou minha mão com mais força ainda.
 - Não sei por que isso está acontecendo - a enfermeira disse sonoramente. - A mão dela é tão pequena, com veias tão fininhas.
 - Bem, você obviamente encontrou uma - como eu me recusava a tirar os olhos da minha sobrinha, fuzilava-a com a voz.
 - Vou chamar o residente de plantão - disse a enfermeira escapando pela cortina. Com a mão que estava livre, rapidamente arrumei os lençóis e a coberta para esconder o sangue.
 - Ela só teve um probleminha para pegar sua veia, querida - passei uma compressa fresca levemente na testa de Tiffany. – O médico residente vai dar um jeito logo.
 - Isso dói - ela disse delicadamente enquanto uma lágrima se formava no canto do seu olho.
- Eu me debrucei e beijei sua testa úmida e quente.
- Vai ficar tudo bem - sussurrei. - Você logo vai se sentir melhor, prometo.

Na manhã da quarta-feira depois do fim de semana que Tiffany havia ficado de castigo, ela acordou com uma terrível dor de garganta. Peguei minha fiel lanterna do *Rocky Horror* (é, eu ainda não tinha comprado uma normal, por completa avareza) e dei uma olhada. Suas amígdalas estavam de fato muito vermelhas (e encaroçadas como sempre), mas não havia nenhum ponto branco visível. Medi sua temperatura com o termômetro digital que havia comprado na sua última crise de dor de garganta e, mais uma vez, fiquei surpreso com sua vulnerabilidade quando ela olhou para mim, esperando pacientemente. A jovem mulher raivosa havia sumido dentro da menininha.

- Você está com uma febrinha. - Tirei o cabelo úmido e grudento de sua testa. - Volte para a cama e fique deitada mais um pouco, iremos ao médico quando eu me aprontar para o trabalho.

Embora não tivéssemos consulta marca da, o Dr. Levine não nos deixou esperando por muito tempo. Fiquei grato, pois era minha primeira semana de volta ao trabalho depois da minha cirurgia, e eu mal estava dando conta. Além disso, Tiffany precisava voltar para cama o mais rápido possível; essa parte estava clara para mim, não importava o diagnóstico.

- Não vejo nenhum foco de infecção, e a amostra que a enfermeira colheu deu negativo - ele disse. - Mas nem sempre o laudo é preciso, então vamos fazer um exame de sangue só para ter certeza.

- Aimeudeus, não! - minha sobrinha deixou escapar, com olhos arregalados. - Por favor, por favor. Não suporto agulhas.

- Vai dar tudo certo, Tiffany. Eu vou estar com você – tentei acalmá-la. (Não contei a ela que só depois dos vinte e sete anos é que parei de desmaiar durante exames de

sangue.) - Será bom saber com certeza se você tem uma infecção ou não. - Ou, Deus nos livre, alguma outra coisa, isso é que me preocupava.

Enquanto a enfermeira colhia o sangue de Tiffany, minha sobrinha e eu olhávamos um para o outro e, com minhas duas mãos, eu segurava a dela. Eu descrevia as nuvens fofas que pairavam sobre o lago cristalino em Adirondacks onde passamos tantas férias de verão juntos. Eu recordava o calor da madeira do barco em nossa pele quando saíamos da água gelada. Minha técnica deu certo; Tiffany permaneceu consciente.

- Saberemos o resultado até sexta - disse o Dr. Levine. - Nesse meio tempo, o de sempre: gargarejo com sal, aspirina e beber a maior quantidade de líquidos que conseguir.

- Ela não deveria fazer um ciclo de antibióticos, só para garantir? - perguntei. - Desse modo, se o resultado der positivo, ela já estará à frente no processo.

- Eu realmente preferia não fazer isso - disse o Dr. Levine, apologetico. - Os antibióticos são usados com frequência demasiada. - Ele parecia estar me perguntando, mais do que mandando, que era provavelmente sua estratégia para me fazer concordar. Um perfeito *gentleman*, Dr. Levine também não era nada burro. Eu concordei.

A garganta de Tiffany piorou nos dois dias que se seguiram; eu conseguia ver que suas amígdalas estavam inchadas, algo para o qual pensava que fosse necessário um olho treinado. A febre também subia, embora a mantivéssemos baixa com doses regulares de aspirina. (Tinha feito um quadro para Tiffany ir completando durante o dia, o que ela fazia; era para registrar seus gargarejos com sal, aspirinas, vitaminas C e líquidos.) Quando chegou sexta-feira, eu era um bagaço insone de tanto acordar no meio da noite com Tiffany. As pessoas no trabalho me paravam no corredor para dizer: "Você está bem? Está com uma cara horrível." Eu dizia que sim; e agradecia quando o que realmente queria fazer era gritar: "É claro que estou horrível! Estou exausto, e tenho estado assim desde setembro. Ah, a propósito, você está gordo!" Mas não fiz isso.

Durante toda a sexta-feira tentei incansavelmente pegar o resultado do exame de sangue da Tiffany, em vão. Na maioria das vezes que liguei para a clínica de família, acabei num labirinto infernal de mensagens de voz, isso quando não ouvia um sinal de ocupado. As poucas mensagens que deixei para o Dr. Levine não foram respondidas. Entre esse exercício de futilidade e repetidas ligações para cada um dos professores de Tiffany, para saber de todos os trabalhos de casa perdidos nesses três dias de ausência, eu perdi quase um dia inteiro de trabalho. Para piorar o estresse, entre uma e outra ligação, telefonava para Tiffany para saber como estava. A voz dela ficava mais rouca e fraca a cada ligação, e ela reclamava que a dor para engolir estava piorando. Coitadinha, pensei, e me lembrei de passar na videolocadora no caminho de volta e pegar uma pilha de filmes assustadores.

Odeio deixar as coisas sem terminar no trabalho, especialmente na sexta à noite. Se ligações ficassem sem retorno ou alguma documentação sem resposta, eu ficava remoendo aquilo durante todo o fim de semana intermitentemente e nunca relaxava completamente. (Steven, também um "católico em recuperação", muitas vezes me dava sermões por causa disso.) Meu pescoço e ombros estavam duros quando saí do escritório naquela noite, com minha mesa entulhada de papéis de recado cor-de-rosa e contratos lidos pela metade. Tudo deixado para a "Segunda-Feira Louca", pensei; isso vai ser divertido. Enquanto caminhava pelo lado norte do Washington Square Park, engolia o ar gélido para me acalmar antes de chegar em casa para ver Tiffany. Em vez disso, porém, o ar gelado detonou minha asma e tive que tirar as luvas para remexer minha pasta e encontrar meu inalador. Instantaneamente, meus dedos congelaram. "Maldito médico filho-da-puta!", gritei mentalmente. Como podia deixar uma menina daquele jeito? E maldita seja essa porra de gripe! Quanto mais dela temos que aturar,

pelamordedeus? Sentei-me nos degraus de concreto de uma casa geminada em impressionante estilo grego e deixei o Albuterol agir para conseguir respirar de novo. Após quase vinte anos em Nova York, desenvolvi uma verdadeira relação de amor e ódio com a Big Apple (um apelido idiota que faz parte da porção ódio). E esse era definitivamente um momento de ódio. Eu não conseguia me imaginar morando em nenhum outro lugar, mas às vezes a vida parecia absurdamente difícil por lá. A lengalenga era interminável: se não fosse minha bolsa de ginástica, minha maleta ou ambas, eram as compras, garrafas de água, manuscritos ou qualquer outra coisa que tinha que ser carregada de cá para lá. Passávamos a vida arrumando e desarrumando bolsas, sempre organizando coisas para serem carregadas nas costas de alguém para algum lugar. No verão, você fica encharcado de suor depois de cinco minutos na rua; no inverno, fica mais pesado ainda, com mais peso para carregar, e está sempre tirando e recolocando peças de roupa quando entra e sai dos prédios. E quando finalmente termina a luta de um dia, você se arrasta para o seu apartamento do tamanho de uma caixa de fósforos para ouvir seus vizinhos batendo os pés pela casa na sua cabeça. Levantei a cabeça e olhei para o outro lado da rua, na direção de Washington Square Park. A luz suave de lâmpadas reluzia nas cercas de ferro oxidado, lançando longas sombras pela neve noturna azul-acinzentada e pelas amplas alas do parque, ladeadas por fileiras de bancos de madeira vazios. Era uma antiga foto preto-e-branco ganhando vida, atemporal, e eu lembrei que Marcel Duchamp havia uma vez subido no alto do enorme arco de mármore de Stanford White para declarar Greenwich Village a "República da Bohemia" ou alguma coisa assim. Nos últimos dias parecia mais a Sibéria do que Bohemia, mas eu dei um longo suspiro e lembrei, pela milionésima vez, por que eu morava nessa louca cidade áspera, lotada de gente.

- Você realmente já fez tudo o que podia, Eddy - Megan me aconselhou ao telefone. Eu havia ligado para ela pela décima vez naquela semana quando Tiffany acordou no sábado de manhã chorando de dor. - Crianças ficam doentes o tempo todo, especialmente Tiffany com sua garganta. Às vezes você só pode esperar.

- Ok, mas estou começando a ficar nervoso - choraminguei. - Deixei uma mensagem para a médica que está cobrindo o Dr. Levine esse fim de semana. Vamos ver o que ela diz.

- Me desculpe por você ter que lidar com isso, Eddy - Megan disse.

- Por favor, não se preocupe comigo - tentei atenuar sua culpa. - Vamos só torcer para isso melhorar nos próximos dias. Tiffany está arrasada.

- Bem, pelo menos, isso vai mantê-la longe de problemas por algum tempo - Megan disse, morbidamente tentando ver o lado bom daquilo.

- Tá certo. - Eu ri. - Então, em que pé estamos com Eric? - Desviei para uma conversa na qual podia mencionar o assunto, e já fazia algum tempo desde a última.

- Já disse a ele umas cem vezes que não somos mais um casal, e não faço mais sexo com ele. Mas ele continua vindo aqui e limpando a entrada da garagem toda vez que neva.

- Você o convida? - Estava tentando ter uma visão o mais clara possível.

- Bem, somente para um chocolate quente ou algo assim. - Ela parecia triste. - Tenho pena dele, sabe? Ele não tem ninguém. - Megan tinha um histórico de resgatar homens que eram mais fracos (e menos inteligentes) que ela.

- Parece que ele está manipulando você. Você vai ter que mostrar alguma decisão, nesse caso. - Estava caminhando para um perigoso tom de crítica, algo que Megan percebe que é um hábito meu, e eu não queria fazê-la sentir-se pior. - Mas entendo que é difícil - completei rapidamente.

- É, é mesmo. - Podia sentir que ela queria se despedir agora. - Falo com você amanhã para saber de tudo. E não se preocupe, Eddy, ela ficará bem.

- Vou tentar. Vamos assistir a *O exorcista* agora, que vai ser agradável e relaxante. - Megan soltou sua risada mais alta, que era contagiante e boa de ouvir. - Dê um beijo em Sammy por mim - eu disse e desliguei.

Tiffany passou boa parte do fim de semana dormindo. Sua febre nunca ficava alta demais, provavelmente por causa da aspirina (que eu agora estava amassando para ela), mas estava pálida e fraca. Tentei fazê-la beber líquidos de hora em hora, mas acho que, por causa da dor para engolir, ela estava diminuindo a quantidade que bebia. Havia feito estoque de gelatina, canja de galinha e bebidas protéicas; a essa altura ela não estava muito para comidas sólidas.

Quando olhei a sua garganta no domingo pela manhã, entrei em pânico. Suas amígdalas quase encostavam na epiglote, e estavam cobertas por uma camada branca. Meu primeiro pensamento foi: "E se a garganta se fechar e ela não conseguir respirar?" Eu nunca havia cuidado de uma pessoa doente, muito menos de uma criança, totalmente entregue aos meus cuidados, e isso era assustador. Espantei esses pensamentos, recobrei o auto controle e dei um sorriso solidário para minha sobrinha.

- Está tão ruim assim? - ela sussurrou.

- Não, querida, mas definitivamente piorou um pouco - menti, peguei um copo de água na sua mesa-de-cabeceira. - Dê só um gole nisso para mim. - Ela tomou um gole mínimo de água e se contorceu de dor quando tentou fazê-lo descer pela goela. No momento que desceu, eu pude mesmo ouvir, como o barulho exagerado de uma criança engolindo, fingindo estar assustada. Só que isso era real. Tiffany insistiu em olhar no espelho do banheiro com a lanterna, e não houve jeito de dissuadi-la.

- Eeeeeeca! - gritou o quanto deu. - Que coisa nojenta!

A médica substituta retomou minha ligação naquela tarde e me aconselhou a esperar pelo resultado do exame na segunda-feira de manhã antes de fazer qualquer coisa.

- Há alguma chance de ela não conseguir respirar? - perguntei gentilmente. Essa era uma situação na qual eu não seria grosseiro pela demora no retorno de uma ligação. Cozinheiros irritados com reclamações podiam cuspir na sua comida, mas um médico vingativo podia matá-lo.

- Não - a médica respondeu com seu indefectível sotaque indiano. - A menos que haja uma reação alérgica, o que não é o caso aqui, a garganta não fechará completamente. Pode ficar difícil para engolir, mas, a menos que sua filha esteja reclamando especificamente da respiração, ela deve ficar bem. - Não me dei ao trabalho de explicar que Tiffany era minha sobrinha de propósito; levaria a perguntas extras demais. Havia aprendido a dizer simplesmente "eu tenho uma adolescente que...". A maioria das pessoas simplesmente deduzia que era minha filha, e eu não tinha problemas com isso.

O que a médica disse fazia algum sentido para mim, mas eu não podia evitar ficar imaginando "e se chegar uma hora em que a garganta dela realmente fechar e ela não conseguir reclamar?". Liguei para minha irmã Kathleen para pedir seu conselho como enfermeira, e depois liguei para minha mãe e depois para pelo menos outros seis amigos íntimos para pedir opinião. Todos concordaram com a médica, dizendo para esperar e ver o que aconteceria. Só Orly chamou a atenção, com sua compaixão de advogada, para o fato de que, uma vez que eu havia ligado para o médico, para Megan e todos os outros, não havia possibilidade da culpa cair sobre mim, caso alguma coisa acontecesse.

- Nossa, isso me faz sentir muito melhor - eu disse, dando minha única risada da semana. - Você não deixa passar nada, hein? Que advogada? - provoqueei-a.

As três noites anteriores, Tiffany e eu tínhamos dormido com as portas dos quartos abertas, e eu havia sido acordado várias vezes a cada noite por uma vizinha chamando

no escuro. Um suave e apagado "tio Eddy?" invadia meus sonhos de ansiedade, todos sobre Tiffany, é claro. Tinha me perdido dela numa multidão ou estávamos nadando em meio a ondas quando sua cabeça de repente desaparecia. Quando ouvia meu nome sendo chamado, procurava pela água ou na multidão até acordar, percebendo que vinha do quarto ao lado. Tão aliviado quanto ansioso, ia apalpando pelo escuro para levar-lhe água, aspirina ou spray de Chloraseptic, qualquer coisa que precisasse. Às vezes ela só queria que eu me deitasse com ela e esfregasse suas costas até que conseguisse dormir de novo. Eu cochichava, dizendo que entendia o quanto estar doente era assustador e solitário, mas que eu estava lá com ela. - Desenha um anjo nas minhas costas com seu dedo? - ela me pediu numa noite. Enquanto obedecia, percebi que nunca havia me sentido tão necessário para uma pessoa em toda a minha vida.

Naquela noite de domingo, entretanto, a cena não era tão terna. A despeito das garantias dadas pela médica (e por todos os outros), eu não ia dormir nem por um cacete. A respiração de Tiffany estava muito pior do que a de Regan em *O exorcista*. (Que, por sinal, tinha sido um grande erro de escolha de filme; havia me esquecido que o filme falava tanto sobre um pai histérico, impotente para fazer sua filha ficar boa, quanto sobre possessão demoníaca. PERFEITO!) A cada respiração de Tiffany eu sentia como se fosse o terrível chocalho da morte, como se pudesse ser sua última. Fiquei deitado lá de olhos arregalados, escutando com atenção, me assustando com cada ligeira parada ou mudança de padrão. "O Senhor é meu pastor", comecei a dizer o salmo vinte e três pela enésima vez, mas nunca terminava. Por outro lado, pensava em como estava sempre lendo histórias de doenças não descobertas a tempo. Lembrei-me de que alguém que eu conheço tinha perdido o filho de vinte e um anos com uma infecção sanguínea, após somente dois dias de doença. Se eles o tivessem levado para o hospital mais cedo, será que teria sobrevivido? Se eu tivesse tomado a decisão errada, tantas vidas poderiam ser afetadas, principalmente a de Tiffany. "Senhor, fazei-me um instrumento de vossa paz." Tentei a oração de São Francisco, mas isso também não funcionou. Eu estava apavorado e, não importava o quanto tentasse, eu *não* poderia pensar em minha sobrinha Heather.

No momento em que minha mãe me ligou para dizer que havia acontecido uma tragédia com minha sobrinha mais velha, eu estava na outra linha, fazendo sexo ao telefone com um médico residente em Washington, DC. Eu o tinha conhecido e seu amante numa viagem a Key West que fiz com Orly e Eugene para celebrar meu aniversário de trinta e cinco anos. Os cidadãos de Washington eram meu presente favorito para mim mesmo. Agora o mais bonito dos dois estava falando comigo de dentro da sala dos médicos no hospital, o que achei meio estranho. Eu me desculpei e voltei para minha mãe.

- Ela está no hospital, meu bem. É grave. É melhor você vir para cá logo.

- Houve um acidente? - perguntei.

- Não, mas ela está muito doente, Ed. Venha logo. - Sua voz estava embargada pelo choro. Liguei de volta para o residente e lhe disse que teria de ficar para a próxima.

A viagem no Metro-North por Westchester e Putnam County foi interminável. Eu tentava desesperadamente me concentrar em minhas orações, mas estava difícil de dizer qualquer outra coisa que não fosse "por favor, meu Deus, por favor, meu Deus" repetidas vezes.

Quando cheguei a Brewster, peguei um táxi até a casa de meus pais, onde eles haviam deixado um bilhete dizendo que tinham voltado para o hospital em Danbury e que eu poderia usar o outro carro para ir me encontrar com eles. Por alguma razão, eu liguei para a casa de Kathleen e, para minha surpresa, ela estava lá.

- Tive que vir em casa dar comida aos cachorros - ela disse, sua voz sem alteração ou emoção.

- Você vai ficar aí mais algum tempo? Eu posso passar aí primeiro - eu disse. - Nem sei achar o hospital sozinho.

- Sim, vou ficar aqui por pelo menos mais meia hora – disse ela, e desligou.

Quando cheguei à casa de Kathleen, ela estava sentada à mesa da cozinha bebendo uma xícara de café e dobrando a roupa lavada. Ela não se levantou para me cumprimentar com o abraço e o beijo costumeiros, mas só disse "Olá, Eddy", naquele tom estranho que havia ouvido ao telefone.

- O que houve, Kathleen?

- Foi um aneurisma. Ela começou a ter convulsões essa manhã no trabalho e perdeu os sentidos imediatamente. Um colega de trabalho ouviu o barulho quando ela caiu... e ela não voltou a si desde então. O supervisor dela me ligou e eu cheguei ao hospital antes da ambulância. Quando eles entraram com ela na maca, pude ver que estava tendo convulsões. Seus dedos dos pés estavam contorcidos para dentro, o que não é bom sinal. Indica dano cerebral, Eddy. - Ela fez uma pausa e sentou-se em silêncio, estupefata. - Posso ver o futuro - disse Kathleen suavemente enquanto dobrava cada peça meticulosamente, apertando-as contra a mesa para fazer vinco. Fiquei olhando aqueles movimentos repetitivos, buscando consolo neles, mas não encontrei nenhum. Em vez disso, reconheci algumas das roupas como sendo de Heather. – Eles fizeram uma cirurgia para aliviar a pressão, mas ainda não há prognósticos. Você pode voltar comigo para o hospital.

Megan e Tyler, o marido de Kathleen, estavam no hospital quando chegamos. Meus pais tinham saído para comer alguma coisa. Em questão de minutos, o médico veio para nos dizer que precisavam fazer um exame de emergência, e, em seguida, auxiliares de enfermagem passaram voando com Heather em cima de uma maca. Vi de relance os espessos cabelos louro-avermelhados de minha sobrinha esticados sobre o travesseiro, bem como uma larga atadura branca que havia sido enrolada ao redor de boa parte da cabeça. Ficamos sentados lá por uma quantidade de tempo indeterminada, ninguém falando muito, todos nós pálidos e sem vida. Ocasionalmente, Megan se esticava para pegar na minha mão ou eu passava a mão no ombro de Kathleen. Eu enchia copos descartáveis de água no bebedouro que ficava na sala de espera e os entregava a todos, em silêncio. O médico, de cujo rosto nunca fui capaz de me lembrar, voltou depois de muito tempo e nos disse que toda a atividade cerebral de minha sobrinha havia parado. Ela estava sendo mantida viva por um respirador e uma bomba de ressuscitação cardíaca. Não era um coma, pois não havia nenhuma chance de que ela pudesse acordar algum dia. Heather estava, basicamente, morta.

Kathleen pareceu cair nos braços de Tyler, e eles ficaram se apoiando um no outro. Megan soltou um gemido e deslizou da cadeira em minha direção. Eu a segurei, respirando fundo para não implodir. Ela chorou em soluços convulsivos por alguns minutos e depois desabou em meus braços. Pareceu-me que haviam passado somente alguns momentos quando uma senhora agradável se aproximou de nós com uma pasta nas mãos. Ela viera para falar com Kathleen e Tyler sobre doação de órgãos. Eles foram para uma pequena sala com porta de vidro e se sentaram a uma mesa. Eu podia ver as lágrimas rolando pelo rosto de Kathleen enquanto ela concordava, balançando a cabeça. Tyler estava com os braços ao redor de minha irmã, mas seu rosto não tinha expressão, seus olhos não piscavam.

- Olá. - A voz de sineta da minha mãe veio do fim do corredor. Megan e eu demos um pulo e fomos até ela. Quando ela viu nossos rostos, soube. Por sorte, uma enfermeira estava nos observando e empurrou uma cadeira de rodas até minha mãe no exato momento em que ela caiu. Megan ajoelhou na frente dela e, com mamãe inclinada para frente, elas se abraçaram.

Eu fui para a sala de espera e encontrei meu pai de pé ao lado do bebedouro.

- O que houve? - perguntou ele, vendo meu rosto sem cor. Eu o levei até um canto mais tranquilo, perto da janela.

- Ela se foi, pai - disse eu, não acreditando nas palavras mesmo enquanto as pronunciava.

- Ah, não - disse ele, seu rosto mergulhando na dor. - Não, não, não - ele repetia enquanto ia se escorando no aquecedor na frente da janela até cair em cima de mim. Afaguei a cabeça grisalha de meu pai enquanto ele se agarrava à minha cintura, seu corpo sacudindo com soluços.

A manhã finalmente chegou depois daquela interminável noite de domingo em claro ouvindo a respiração de Tiffany. Fiquei olhando para o relógio, esperando chegar a hora de ligar para o meu chefe e dizer que eu não iria trabalhar; não havia a menor possibilidade de eu deixar Tiffany sozinha naquelas condições. Ouvi o barulho do meu *New York Times* sendo jogado na porta da frente, e me senti grato por ter uma distração para as próximas duas horas, se conseguisse focar meus olhos cansados o suficiente para ler.

Folheando a seção de notícias locais, uma manchete me chamou a atenção: "Empenho nas buscas por City Island fracassam em achar quatro adolescentes." Tiffany havia ouvido de Aleksí no fim de semana que o irmão mais velho do amigo deles Peter havia desaparecido junto com três de seus amigos, e que se acreditava que eles tivessem pegado um barco de Long Island Sound para City Island na sexta-feira à noite. Eu lia agora, sem acreditar, que os rapazes provavelmente estavam tentando remar até Hart Island, a quase um quilômetro de distância num barco de dois metros e meio, numa noite em que fazia nove graus negativos, em águas turbulentas a uma temperatura de zero grau. Literalmente tremi com a ideia de morte tão terrível e pensei em Peter, o garoto louro de aparência inocente, que fazia o tipo: "garoto da casa ao lado", e em como tudo o que ele guardou da infância estava agora perdido junto com seu irmão. Embora a reportagem não mencionasse, fiquei imaginando se havia drogas ou álcool envolvidos, e se os pais do garoto estavam pensando que eles deveriam ter feito algo para impedir o acidente, embora eu não conseguisse imaginar o quê. Além disso, não me permitiria pensar no que aquelas famílias estavam passando naquela hora. Entre a perda de Heather e ser eu próprio responsável por uma adolescente agora, aquilo era impensável.

Finalmente o relógio deu oito e meia, horário em que meu chefe provavelmente estaria em sua mesa.

- É Tiffany, ela ainda está doente. - Senti meu queixo encolher e meus lábios ficarem brancos.

- Ed, você ainda está aí? - perguntou ele.

- Sim - murmurei, mas isso foi tudo que consegui dizer. O estresse dos últimos cinco dias, combinado com a falta de sono, tinha acabado comigo.

- Ed, você tem que ser forte para ela. Não deixe que ela veja que isso está afetando você.

- Ela está dormindo e eu estou na sala - engasguei. Após alguns segundos estava apto a descrever seus sintomas, bem como meus temores.

- Acho que vocês devem ir para o hospital - disse ele num tom definitivo. - Pense a respeito; não há desvantagem alguma nisso, e vai lhe dar paz de espírito, o que você obviamente não tem agora.

- Obrigado - eu disse, aliviado. - Era exatamente o que eu precisava que dissesse. - Meu chefe tinha dois filhos, incluindo uma menina da idade de Tiffany, e estava sendo

inacreditavelmente solidário desde que minha sobrinha se mudara para cá. Ele não me deixava usar minhas horas vagas quando eu precisava ir até a escola de Tiffany ou quando passava manhãs com ela no médico, e entendia quando eu saía correndo do trabalho às seis em ponto.

- Você é o máximo. Ligo mais tarde para dizer como foi. – Desliguei o telefone e fui até o quarto dela para acordar a paciente.

Tiffany e eu esperamos somente um minuto até que o residente entrasse em nossa ala sem cortinas da sala de emergência pediátrica. Ele era assustadoramente jovem e bonito demais, com cabelo louro cortado baixo e olhos cor do céu. De tênis, calça social e camisa pólo de mangas curtas que combinavam com seus olhos, ele parecia ter acabado de sair de um avião vindo de Iowa. Bem-nutrido, não consegui evitar o pensamento: "Que delícia." Ele me fazia lembrar um colega de alojamento por quem me apaixonei durante a faculdade, um cristão convertido casado, praticando a medicina em Wisconsin. Eu ainda tinha uma quedinha por Bill, e meu coração se derreteu por uma fração de segundo.

- Soube que a enfermeira teve dificuldades para pegar a veia - disse o residente, se ajoelhando e pegando a mão de Tiffany. - Vou cuidar disso. - Não houve apresentações ou conversinhas com a garota pálida e assustada que estava diante dele.

- Obrigado - respondi.

O residente procedeu com a mesma dificuldade da enfermeira, e Tiffany gritou de dor.

- Pode chamar um médico aqui? - Não foi uma pergunta, e eu falei alto o suficiente para ser ouvido além da cortina.

- Eu *sou* um médico - disse ele consternado, me encarando com intensa raiva em seus lindos olhos.

- Então acesse a veia adequadamente, *doutor*. - Não interrompi o contato visual.

Depois de mais algumas tentativas, o residente conseguiu acessar a veia, conectou-a a uma bolsa de nutrientes líquidos e se virou para num.

- A pediatra responsável virá logo - disse ele. - Falei com ela ao telefone e ela prescreveu esse soro, deve ajudar a combater a desidratação. Dentro de algumas horas, a cor dela deve melhorar e ela vai se erguer um pouco. - Ele saiu antes que eu pudesse agradecer.

A pediatra escultural era uma sueca atraente, mais velha (Liv Ullmann de estetoscópio), e seu jeito ao lado do leito fez o residente parecer Sade, em comparação a ela. Era gentil e carinhosa, tocou o rosto de Tiffany e demonstrou compaixão. Informou que eles iriam alternar soro com nutrientes e um com vitaminas, portanto Tiffany teria que permanecer no hospital por umas seis horas. Depois, pediu para falar comigo atrás da cortina.

- Falei com o Dr. Levine - disse ela com seu sotaque de *Sonata de outono* -, e o exame de sangue mostrou que Tiffany tem mononucleose. Deu positivo também para uma infecção, não do tipo que é normalmente tratada com antibióticos mas um diferente.

- Ai, Senhor! - eu disse, me lembrando de respirar. - E elas são tratáveis?

- Bem, mononucleose não é. A única maneira de melhorar é descansando. Os sintomas da doença... por exemplo, fadiga intensa, desidratação, febre... podem durar de três semanas a vários meses. Portanto, quantidades enormes de sono, muito líquido e uma boa dieta são os únicos remédios.

Não podia crer no que estava ouvindo. Minha cabeça girava. Três semanas a vários meses? Só pode estar brincando! Depois de tudo pelo que passamos, agora isso! Vai jogar mais alguma bola com efeito para nós, Deus? *Ah, não, estou falando como meu pai!!* Imediatamente tentei focar no fato de que Tiffany não tinha nada mais sério além da velha e boa mono, a "doença do beijo". Quando a médica me informou que 85 por

cento de todos os americanos apresentam exame positivo para mono quando chegam à idade adulta, me senti um pouco aliviado.

- E a infecção? - perguntei.

- Vou lhe dar um antibiótico líquido, que pode ou não ajudar. Mas de qualquer modo, a garganta vai começar a limpar. Parece que está na fase aguda. E coisas frias... como, por exemplo, picolé, gelatina, massa morninha... são bem melhores que coisas quentes. O frio vai ajudar a diminuir o inchaço. - Ela escreveu uma receita e deu um tapinha no meu ombro. - Vejo que você é novo nisso - disse. - Tiffany vai ficar bem. Só vai levar algum tempo.

- Muito obrigado mesmo, doutora. Você foi maravilhosa. - Meus olhos se encheram de lágrimas de alívio e gratidão, mas não permiti que caíssem.

Vi que Tiffany estava dormindo pesado, então saí para aviar a receita. Enquanto percorria o Village gelado em busca dos suprimentos, decidi que, sendo eu um maníaco controlador com uma personalidade do tipo A, iria garantir que a recuperação de Tiffany, da mono, fosse digna de um recorde.

MÃE, VOCÊ ACHA QUE ELES VÃO JOGAR A BOMBA?

Marisol aproximava mais e mais a câmera lentamente da boca de Tiffany, dando *zoom* à medida que ia se movendo. Orly e eu sentamos fora do foco, cantando suavemente "Comfortably Numb" do Pink Floyd. "There is no pain, you are receding, a distant ship's smoke on the horizon..." Tiffany abriu bem a boca enquanto Marisol apontava uma lanterna para sua garganta com a mão livre. Bem na hora, quando toda a tela se encheu com a imagem da goela de Tiffany, Orly e eu chegamos ao clímax da música: "I-I-I have become... comfortably numb."

Ao contrário das previsões da Dra. Liv Ullmann, a garganta de Tiffany ficou um pouco pior desde que saímos do hospital no dia anterior. Suas amígdalas tinham formado uma parede de carne que atravessava a parte de cima da garganta e que agora não se distinguia da sua pequena campainha. Estava tudo alarmantemente branco-amarelado, como um osso velho de cachorro encontrado embaixo do sofá. Tiffany havia tido a ideia de filmar tudo enquanto Orly e Marisol estivessem nos visitando. Marisol é uma artista plástica com formação em fotografia que recentemente começou a incorporar instalações de vídeo ao seu trabalho, portanto ela rapidamente pensou num conceito e num roteiro de filmagem.

- Vocês são tão estranhos - disse Megan quando ligou no meio de nossa filmagem para confirmar que viria a Nova York para ficar alguns dias. Eu podia ter imaginado que ela não entenderia.

Tinha me tornado uma máquina de TOC desde que Tiffany e eu retornamos do hospital, trocando lençóis, esfregando o banheiro, lavando roupa, arrumando "equipamento de enfermagem" na cozinha e no banheiro, ligando para os amigos de Tiffany e todo mundo que precisava saber sobre os resultados de nossa visita ao hospital, e fazendo geralmente tudo que podia para sentir que conseguia controlar sua recuperação. Tiffany, graças a Deus, havia realmente se levantado um pouco depois das seis horas de medicação intravenosa. Ela parecia mais consigo mesma, embora sua voz estivesse agora reduzida a um som anasalado quase indecifrável. Não sentia dor ao falar, mas sua voz estava tão patética, que eu a encorajava a permanecer calada. E sua respiração noturna se transformara num ronco alto.

Megan deixou Sammy com nossos pais e chegou à cidade no dia seguinte. Algumas vezes durante os momentos mais agitados de Tiffany, ela gritou: "Mamãe! Eu quero minha mamãe!" Eu a acalmara, comovido com o fato de que, a despeito de todas as brigas e abusos que elas praticaram uma contra a outra, o laço atávico mãe-filha ainda existia. Embora Tiffany tenha dormido na maior parte do tempo durante a visita de Megan, estava feliz que a mãe estivesse ao seu lado.

Durante as duas semanas seguintes, a garganta de Tiffany curou, suas amígdalas lentamente retornaram para seus respectivos cantos. Seus professores esporadicamente enviavam para nosso apartamento os fax com trabalhos, como eu havia pedido, e eu a encorajava a se manter atualizada. Eu estava, entretanto, numa situação difícil agora, porque tudo que Tiffany tinha a dizer era "Estou cansada demais", e eu tinha que aceitar que fosse assistir à TV ou dormir. Estava preocupado que quando retornasse às aulas, ela fosse usar a desculpa da mono, com impunidade. Mas eu teria que esperar para ver. Tiffany havia sido dispensada de suas primeiras provas do segundo semestre por causa da doença, mas, a despeito disso, quando suas notas chegaram, as novidades não eram boas. Com exceção de um estarrecedor 96 em matemática (com bombas de fedor e tudo), ela havia se saído pior do que no primeiro semestre. Embora o A tenha lhe

rendido vinte dólares, todos os Cs e Ds puxaram o bônus do seu boletim bem para o vermelho. Tiffany não pareceu especialmente desapontada por não ganhar mesada extra, o que me fez questionar a eficácia do meu sistema de suborno. Mas ela ficou exultante com seu A em matemática, e eu também, e parabeneizei-a repetidamente por isso. Eu também me aproveitei do tempo extra que passamos juntos durante sua recuperação para falar sobre faculdade, carreiras e o quão importante esses poucos anos seriam para seu futuro. Se ela fosse para a faculdade, expliquei, seria a primeira mulher do nosso lado da família a fazê-lo.

- Por que a mamãe e a tia Kathleen não foram para a faculdade? - ela perguntou.

- Bem, sua mãe não foi assim tão bem na escola secundária. Você precisa de três anos de estudo de língua estrangeira para entrar na faculdade, e quando Megan ia ficar reprovada em Espanhol II pela segunda vez, nossos pais decidiram direcioná-la para "secretariado", que costumava ser oferecido como uma alternativa ao preparatório para a faculdade, especialmente para as meninas.

- Credo - disse ela. - Só por causa de espanhol?

- Bem, definitivamente havia um elemento de discriminação sexual, acredito. - Queria desenvolver minha explicação sobre ter sucesso na escola, mas também não queria mentir sobre a história de nossa família. - Você deve lembrar também que ir para a faculdade não era uma regra em nossa família - continuei. - O vovô, o pai dele, o pai da vovó, os dois irmãos da vovó nenhum dos homens foi para a faculdade, imagine as mulheres. Eu fui o primeiro. Embora nunca se tivesse duvidado de que eu iria, era um grande salto para meus pais acreditarem que minhas irmãs deveriam ir ou que elas teriam sucesso nisso. É difícil de explicar.

- Talvez eles pensassem que elas fossem ter maridos para cuidar delas ou coisa assim - disse Tiffany.

- Exatamente - confirmei. - Acho que isso estava em algum lugar no fundo de suas mentes.

- Cara, como eles estavam errados no que diz respeito à mamãe e papai - Tiffany disse com tristeza. - E quanto à tia Kathleen?

- Bem, ela era boa aluna, mas não fez muitos pontos nos exames do SAT, então ficou decidido que faria um curso de dois anos em enfermagem, numa escola técnica. Ela começou a fazê-lo durante seu último ano na escola. Tia Kathleen se deu bem como enfermeira, mas ela queria realmente ser advogada. Voltando no tempo, parece bastante óbvio que ela poderia ter ido para uma faculdade local por dois anos e depois se transferido para uma faculdade maior ou universidade. Mais uma vez, contudo, ela e tio Tyler estavam loucamente apaixonados quando ela se formou, e faculdade não estava nos seus planos; então, quem sabe o que teria acontecido. - Não contei para ela que eles estavam grávidos de Heather mesmo antes de Tyler, que estava um ano atrás de Kathleen, ter se formado na escola.

- Então, por que todo mundo está deduzindo que eu e Sammy vamos para a faculdade? - perguntou.

- Porque vocês são uma geração adiante na evolução da família. E estamos correndo atrás do resto da classe média. Além disso, está mais claro do que nunca que não há um só emprego interessante que um jovem possa conseguir sem um diploma universitário. E que uma mulher não pode e não deve esperar encontrar um homem para cuidar dela.

- Eu ainda quero ser arquiteta - Tiffany disse, orgulhosamente. - Adoro desenhar casas maneiras, e definitivamente quero pelo menos desenhar a minha.

- Bem, você tirou noventa e seis em matemática, então agora sabe que é capaz de tirar as notas necessárias para você se tornar uma. Se conseguir melhorar suas outras notas, então a porta ainda estará aberta e seu sonho possível.

Quando cheguei do trabalho no dia seguinte, Tiffany me pediu para sentar ao lado dela no sofá para que pudesse me mostrar uma coisa. Havia desencavado um antigo caderno de desenho que ela começara a fazer quando era criança; ela agora o abria em nosso colo. Dentro dele havia dúzias de desenhos de casas magníficas. Algumas tinham cachoeiras nos halls ou deques de madeira com escorregas de água até gigantescas piscinas, outras tinham somente cômodos circulares, ou cômodos cujas paredes eram de cima a baixo forradas por aquários.

- Elas são maravilhosas, Tiffany. Se receber a educação certa, será capaz de ser ou fazer qualquer coisa que se dispuser a fazer.

E claro que, se pudesse dar palpite, ela seria uma famosa atriz de cinema ou estrela da música. Mas eu não dizia isso a ela. Uma vez que conseguir que Tiffany terminasse a escola e entrasse na faculdade era prioridade número um, tê-la focada em um diploma em arquitetura estava bom demais para mim. Afinal de contas, Gwyneth Paltrow estudou história da arte na Universidade da Califórnia, em Santa Barbara.

O primeiro dia de Tiffany de volta à escola foi uma sexta-feira - também Dia dos Namorados -, depois de ter perdido um total de dezessete dias. Como isso foi alguns dias antes de completar três semanas desde que estivemos no hospital, eu estava exultante de que sua recuperação ficara dentro do prazo. Um dia antes do seu retorno, eu tinha marcado uma hora para ela cortar o cabelo depilar as sobrancelhas e fazer as unhas num salão elegante; foi tanto um presente pela data comemorativa quanto um modo de aumentar sua confiança no dia da sua reentrada. Sabia que ela se sentia feia e maltratada, como todo mundo depois de uma longa doença. Celebramos sua recuperação naquela noite de quinta-feira chamando Eugene para jantar, sabendo que ele iria fazer uma festa por causa do novo cabelo de Tiffany. Um bônus foi o fato de Eugene finalmente contar a Tiffany sua história, com mais detalhes do que eu o fizera antes (eu havia previamente dado a ela a versão curta). Foi maravilhoso observar as expressões dela enquanto ele contava ter sido um adolescente fugitivo e ter se transformado em "Natália", prosseguindo com seu vício em drogas e álcool, e sua longa jornada até voltar a ser Eugene. Foi quase homérico, como uma versão transexual de *O senhor dos anéis*. A história deixou Tiffany praticamente sem palavras, o que era uma raridade, mas ela sorria de admiração por Eugene, como se ele fosse a criatura mais maneira, mais exótica que já havia conhecido. Por sorte, ele não fez sua história parecer tão engraçada como faz às vezes, então acredito que minha sobrinha verdadeiramente tenha entendido o sofrimento da vida de meu amigo, bem como suas aventuras.

- Vocês vão à manifestação antiguerra no sábado? - ele mudou de assunto repentinamente. - Vai ser gigantesca e pode até ficar um pouco tumultuado. - Ele sorriu e levantou sua sobrancelha fina em expectativa.

- Estou me planejando - respondi. - Vou para Los Angeles no domingo, portanto só preciso garantir que estará tudo pronto. Mas a Srta. T aqui ainda não pode ficar de pé por tanto tempo, especialmente nesse frio. Você sabe o quão cansativas essas coisas são.

- É, tá tudo um saco - Tiffany fez eco. - Parece tão maneiro; tenho certeza de que a maioria dos meus amigos vai. - Ela ficou caidinha.

- Forçar demais pode causar uma recaída, e você está indo muito bem. - Afastei seus fios de cabelo recém-cortados da frente dos olhos. - Temos que ser cuidadosos.

- E quem vai ficar com a Srta. T enquanto você estiver na "terra das estrelas"? - Eugene perguntou, lançando o "Srta. T" como um novo nome para Tiffany. - Você vai deixá-la aqui sozinha, vai, Srta. D? ("Srta. D" é a abreviatura de "senhorita diagnóstico", o nome drag com o qual Eugene tinha me batizado anos atrás, mas isso é outra história.)

- É claro que não, Srta. Gen-Natalia - respondi com malícia. Tiffany riu, mas parecia completamente confusa. - Megan vai ficar aqui por alguns dias na semana, então será a mamãe.

- "The mother and child re-u-u-union is only a motion away." - Eugene cantou enquanto dançava ao redor da mesa, tirando nossos pratos.

Passamos o restante da noite vociferando contra os males impetrados pelo governo Bush. Surpreendentemente, Tiffany participou de pelo menos metade da conversa; ela pode até ter sido uma espectadora compulsória, mas parecia arrebatada. Não sei se minha sobrinha entendia muito do que estávamos falando, mas ela gostou da visão de duas rainhas hype vociferando sobre política de cima de seus cavalos altos.

LEIA MEUS APOCALÁBIOS

Na manhã do dia dos namorados, Tiffany me entregou um cartão que ela deve ter comprado quando foi cortar o cabelo, porque foi a única vez que havia saído de casa desde que voltamos do hospital. A frente do cartão dizia: "Levei muito tempo para entender você e interpretar suas ações e compreender seus motivos, mas acho que finalmente saquei você." E dentro continuava: "Você é doido! (Mas gosto de você desse jeito.)" Mais importante, entretanto, é que ela havia escrito isso dentro do cartão:

Querido tio Eddy,

Eu o amo muuuuito. Espero que tenha um Dia dos Namorados cheio de amor e alegria e diversão!

Com amor, para sempre,
Tiffany (A Eternamente Grata)

Uma vez que eu estive sozinho por provavelmente trinta e sete dos meus quarenta Dias dos Namorados, esse não era um dia que eu particularmente aguardasse ansioso. Receber o cartão de Tiffany, entretanto, certamente me fez reconsiderar minha atitude. Teria que me lembrar de comprar durante o meu almoço o modelador de cabelo que havia pensado em dar para ela.

Quando Tiffany ligou para o meu trabalho no seu primeiro dia de volta à escola, para perguntar se Jenise podia ficar lá em casa algumas horas naquela noite, minha guarda estava aberta. Como eu, Tiffany não tinha nenhum namorado de verdade e, uma vez que eu havia combinado de assistir a *O pianista* com um amigo, sem me dar conta do dia que era, Tiffany iria passar o resto da noite em casa sozinha. Senti culpa e pena dela ao mesmo tempo, então dei a permissão, deduzindo que ela e Jenise fossem se meter em menos confusão dentro do nosso apartamento do que na rua. Eu me enganei.

O pianista me deixou com a sensação de ter sido socado por um batedor de carne. Agradei a Deus por meu amigo e eu termos jantado antes do filme, pois não acho que conseguiria ter comido ou entabulado uma conversa depois dele. Meu último nervo bom estava em frangalhos.

Cheguei em casa depois do cinema e encontrei Tiffany sozinha e assistindo à televisão, tendo Jenise ido embora algumas horas antes. Infelizmente, tinha más notícias para mim: Jenise havia levado o telefone celular de minha sobrinha quando saiu.

- Mas ela vai devolvê-lo - Tiffany disse em sua defesa.

- Ela perguntou se podia levar, Tiffany? - eu disse, com minha voz tensa.

- Não. Eu fui fazer uma ligação e não encontrei o telefone. Então liguei para o meu celular do telefone convencional, torcendo para que isso fosse me ajudar a achá-lo. E Jenise atendeu.

- O que ela disse? - perguntei, com a voz cheia de descrédito.

- Perguntei que diabos ela estava pensando, para pegar meu celular daquele jeito, e ela só disse "Qual é, cara?". Depois disse que traria de volta aqui amanhã.

- É, tá legal. Do mesmo jeito que ela levou de volta os cinquenta dólares para a escola. - Eu estava com raiva e não consegui me conter. - Você foi mais do que avisada sobre essa garota, Tiffany.

- Eu odeio isso aqui! - ela gritou enquanto corria pelo corredor até o seu quarto. - Quem rouba de um amigo? - Ela bateu a porta do quarto.

- Não há honra entre ladrões, Tiffany - gritei através da porta. - Lembra-se de como Luke acusou Toby? Você se mete com criminosos e vai acabar se queimando. Você tem que aprender isso! - Cego pelo ódio de estar certo, não podia ver que atrás da porta

estava uma garota brutalmente desapontada que achava que finalmente tinha conseguido uma amiga.

Cheio de autopiedade, me joguei no sofá da sala de estar e lamentei que nossa trégua de convalescença tivesse acabado e que Tiffany estivesse de volta à ativa.

O dia do primeiro grande protesto contra a guerra do Iraque em Nova York amanheceu ensolarado, mas frio de doer os ossos. Não tinha feito nenhum plano concreto de ir com ninguém específico, então fui para East Midtown, de metrô, sozinho. Era uma escolha consciente, pois creio que eventos como esse parecem mais autênticos quando você fica anônimo, não protegido por um grupo de amigos; pode seguir seus instintos ao longo do dia, deixando que eles o levem em direções não planejadas. Sozinho, você pode simplesmente ser absorvido pela multidão ao seu redor e fazer mais parte dela como um todo.

Deixei Tiffany encolhida no sofá, assistindo a *Donnie Darko* pela centésima vez e ansiosamente esperando a ligação de Jenise. Aparentemente, quando Tiffany ligou para ela naquela manhã, ouviu uma nova mensagem na caixa postal que a ladra tinha estupidamente gravado. Não é um bom sinal, pensei, mas não disse uma única palavra sequer. Torcendo contra o óbvio, Tiffany deixou uma mensagem implorando para Jenise ligar para ela e devolver o telefone, como havia prometido.

Quando cheguei à manifestação, a energia da multidão era palpável e me arrebatou. Fui logo atraído por uma voz masculina profunda, mas rouca, que entoando as palavras de ordem de uma maneira ritmada, militar, com a multidão repetindo cada frase depois que era dita. "Não invadam aquele solo estrangeiro", gritava a voz, seguida pelo eco da multidão. "Não vamos perder nossos jovens por causa de petróleo." Depois: "Se continuarem dizendo mentiras, irão ouvir as mães chorando." O líder ia inventando cada frase à medida que falava. Era como se estivesse acessando as palavras no seu subconsciente, bem da maneira que imagino que os rappers fazem quando sobem no palco para improvisar. Enquanto me espremia entre a multidão para me aproximar da voz, vi um pequeno grupo de homens de farda e jaquetas do exército carregando uma faixa onde estava escrito: "Veteranos pela paz." Quando vi o homem que estava gritando no megafone à bateria, imediatamente soube de duas coisas: ele era um veterano da guerra do Vietnã e era HIV positivo. Era alto e barbudo, provavelmente com seus quarenta e tantos ou cinquenta e poucos anos, com o rosto devastado pelos efeitos colaterais dos medicamentos contra HIV; sua pele era manchada e encaroçada e, mais revelador, as laterais do rosto, logo abaixo das maçãs, eram profundamente afundadas (não eram magras, mas, na verdade, marcadas). Fiquei imaginando como seria escrever uma oração para a paz num pedacinho de papel, dobrá-lo e escondê-lo numa daquelas fendas, bem como havia feito no muro das lamentações em Jerusalém. Naquele momento, aquele homem me pareceu a personificação da luta contra todas as injustiças e doenças das quais o mundo sofria.

A guerra do Vietnã e a AIDS ficaram permanentemente ligadas na minha cabeça por quase vinte anos. Quando Reagan foi eleito presidente, eu era um veterano de dezoito anos na faculdade. "Stop Raygun" foi grafitado por todo o campus, e logo depois de ser eleito fui obrigado a me alistar no contingente de reforço, caso o novo presidente visse a necessidade de levar nosso país à guerra. Como eu não conseguia me imaginar durando um só dia num acampamento militar, que dirá no território inimigo, lembro-me de que dei graças a Deus por ter escapado da guerra do Vietnã por uma margem apertada de seis ou sete anos. Um ou dois anos depois, quando eu estava em casa durante as férias da faculdade e dirigindo o Toyota Celica azul do meu pai para ir ao trabalho num restaurante francês, ouvi uma reportagem no rádio prevendo que GRIDIS (síndrome da

imunodeficiência gay) deveria atingir proporções epidêmicas nos anos que viriam. Eles tinham até dado um novo nome a ela: AIDS. Tive que encostar o carro, pois não conseguia mais enxergar a estrada. O tempo parou e, por um breve momento, a história e um lugar nela fizeram todo o sentido para mim, como se eu tivesse pulado dentro da cabeça do narrador da vida. Não tinha sido tão sortudo quanto pensei; a AIDS seria o Vietnã da minha geração. Graças a Deus que não podia saber que, dentro de uma década a AIDS teria tirado a vida de cinco vezes mais americanos que a guerra do Vietnã.

Enquanto caminhava ao lado desse soldado agora, oferecendo-lhe garrafas de água e bananas, gritando as respostas que ele implorava, senti que tinha sido levado especificamente até esses homens que haviam lutado em guerras e sabiam do que estavam falando quando exigiam paz. Usando um enorme chapéu de pele que Orly havia trazido para mim de Moscou e um longo casaco verde-exército, eu me imaginava um deles e marchava orgulhoso em solidariedade. Caminhamos através do vale da Third Avenue cercados por paredes transparentes de vidro pelos dois lados. Quando me virei para olhar para trás, o mar de manifestantes se estendia até onde eu podia ver. Havia pombas brancas gigantescas, cada uma mantida no alto por uma dúzia de manifestantes e cartazes com slogans engraçados e duros. Uma mulher elegante de uns sessenta e poucos anos carregava um pôster de Bush com sua típica expressão patética, com a boca enrugada, e as palavras "Leia Meus Apocalíbrios" impressas em negrito abaixo dele. Um garotinho que estava sendo carregado nos ombros do pai segurava um cartaz que dizia "Mudança de governo começa em casa!". Continuei desejando que Tiffany estivesse ali comigo para expenmentar a inacreditável força de pessoas unidas por uma mesma causa. Fiquei imaginando: como uma garota de catorze anos pensaria? Meu primeiro verdadeiro entendimento de um grande evento político foi com Watergate, que me deixou enojado e perplexo aos dez anos. Eles são todos um bando de mentirosos, lembro-me de ter pensado. Então, por que me importar? Talvez se minha sobrinha visse isso, ela se sentisse parte de alguma coisa, de um movimento, de uma causa. Talvez se sentisse esperançosa em fazer algum tipo de diferença no mundo. Sabia, entretanto, que, se tivesse Tiffany ido comigo ao protesto, eu não teria me juntado aos veteranos e minha experiência teria sido imensamente diferente.

- Jenise ligou? - perguntei a Tiffany quando cheguei em casa, exausto e congelado.
- Não, mas atendeu numa das vezes que liguei e disse que estava a caminho daqui. - Tiffany falava sem tirar os olhos da televisão, que estava exibindo uma competição de culinária japonesa. - Mas não veio.
- Ok, então, mude de roupa, por favor. - Tentei não soar muito bravo. - Temos que ir à delegacia na Tenth Street para registrar queixa.
- O quêêêê? - Tiffany às vezes esticava as vogais no final das palavras quando estava com raiva, normalmente para enfatizar sua incredulidade ou choque. Isso me irritava até não poder mais, mas eu tinha cuidado para não zombar dela.
- Vou para Los Angeles amanhã, Tiffany, então, temos que fazer a queixa hoje. - Fazia tanto tempo desde que tínhamos brigado que me peguei ficando nervoso com a ideia de um ataque de fúria. - Quando um telefone celular é roubado ou perdido, você precisa preencher um boletim de ocorrência para poder usar o seguro e pegar outro aparelho, que ainda vai me custar pelo menos uns cinquenta paus. E não vamos mentir para a polícia e dizer que foi perdido, se é nisso que está pensando.
- Por que nãooooo? - Ela fez de novo, então me sentei no sofá grande, e comeci a contar até dez em silêncio.
- Por uma infinidade de razões, Tiffany. - Tentei não assumir o que minha sobrinha chama de "a voz". - Primeiro, não somos mentirosos, então não vamos mentir para as

autoridades legais sobre o que aconteceu. Segundo, não há razão para protegermos Jenise. Ela não é sua amiga; ela é uma ladra que tem de enfrentar as consequências do que fez. Além disso, ela obviamente está pensando que pode se livrar de qualquer coisa, atendendo o telefone desse jeito e trocando a mensagem da caixa postal.

- Ah, então você acha que é tarefa sua dar uma lição nela? - Tiffany me olhou acusatoriamente.

- Ela roubou MEU celular. EU paguei por aquele telefone! – Respirei fundo. - Não vou discutir esse assunto, Tiffany. Por favor, vá se trocar para podermos acabar com isso logo.

O distrito policial de West Village, que se estendia por toda a região da Tenth até Charles Street, entre Hudson e Bleecker, parecia exatamente um cenário de filme, com suas luzes fluorescentes e seus quadros de avisos entupidos de retratos falados de "procurados".

- Posso ajudar? - perguntou a policial no balcão. Ela era uma adorável garota latina, não muito diferente de J. Lo, com uma pele maravilhosa, maquiagem bem-feita e cabelos escuros brilhantes presos num rabo-de-cavalo apertado. Pensei: Quem disse que policiais nunca realmente se pareciam com As Panteras? Seu crachá dizia: Maria Espinoza.

- Sim, obrigado - respondi rapidamente. - Essa mocinha gostaria de dar queixa do roubo de um celular.

- Eu? - Tiffany deu um pulo. - Pensei que você tivesse dito que era SEU celular. - Ela me olhou de baixo para cima com um sorrisinho cínico, e uma sobrancelha levantada. Boa observação, pensei, mas eu não iria dar essa chance.

- Eu paguei pelo telefone, Tiffany, mas foi roubado de você. Então, você é a reclamante nesse caso.

- O que aconteceu? - a oficial Espinoza perguntou para Tiffany enquanto me entregava alguns formulários para preencher. Com a orientação da policial, Tiffany relatava os eventos mais importantes da noite anterior enquanto eu preenchia o que podia.

- Sabe-se de alguma outra vez em que essa garota roubou? - a oficial perguntou para Tiffany, que fez uma pausa e se virou para mim.

- Ela foi suspeita de roubar um dinheiro na escola recentemente - eu disse.

- Então, por que você convidaria alguém assim para a sua casa? - ela perguntou, arqueando suas sobrancelhas perfeitamente modeladas.

- Porque ALGUÉM estava sendo burra - eu disse e olhei na direção de Tiffany, que revirou os olhos, deu um suspiro alto de nojo e foi para o lado de fora do distrito.

- Então, o que acontece agora? - perguntei.

- Ligamos para a escola, pedimos o telefone residencial de Jenise e a pegamos lá. Se o detetive designado para esse caso precisar de alguma outra informação, eles vão ligar para a sua casa. Se não, depois que ela for presa, vocês receberão notícias do escritório da promotoria.

- Obrigada, oficial - eu disse, pegando nossa cópia do boletim de ocorrência.

Encontrei Tiffany, do lado de fora, encostada na parede de tijolos vermelhos do distrito, chutando algo na calçada. Pensei: você não deveria estar do lado de fora nesse frio sem um chapéu, mas não disse nada.

- Você não precisava me chamar de burra na frente dela – ela disse quando começamos a andar.

- Eu disse que estava sendo burra - respondi, já discutindo. - Foi uma decisão burra convidar Jenise para vir ao apartamento. Eu realmente espero que desenvolva melhores instintos para escolher amigos, Tiffany.

- Tanto faz - ela disse, virando a cabeça para o outro lado e fingindo que estava olhando as vitrines na Hudson Street.

Tiffany estava certa. Eu não deveria tê-la envergonhado na frente da policial daquele jeito; foi desnecessário. Soube imediatamente que fizera aquilo porque estava com vergonha de *eu* ter tomado uma decisão ruim quando permiti que Tiffany convidasse Jenise, e, num esforço para me livrar da vergonha na frente da oficial J. Lo, joguei toda a culpa em Tiffany. Mas não conseguia me desculpar naquele momento. Estava com raiva demais. Tiffany parecia possuída na tarefa de encontrar o mesmo tipo de jovens com os quais se dava em Connecticut, e agora isso tinha me custado tempo e dinheiro.

- Por que não alugamos um vídeo para hoje? - perguntei, oferecendo uma proposta de paz. - E depois de eu terminar de arrumar as malas para minha viagem, podemos pedir pizza. - Não comíamos pizza desde um pouco antes de Tiffany ficar doente, então achei que isso poderia animá-la.

- Eu, Aleksí e Liam vamos visitar Peter - ela disse taxativamente. - Ninguém o viu desde que seu irmão morreu. - Acho que Tiffany deduziu que seu único dia de volta às aulas significava que ela poderia agora sair nas noites de fim de semana. E ela não era burrinha; ela sabia que de todas as possíveis atividades que pudesse planejar (ou ao menos alegar ter planejado), essa era a que eu menos tendia a recusar.

Então, esse é meu castigo por ser cruel, pensei. Passaria minha última noite em Nova York sozinho, imaginando onde Tiffany realmente estava e me preocupando com o fato de que ela poderia não estar suficientemente agasalhada para esse interminável clima ártico.

PARA O QUE VALE A PENA

Minha viagem de negócios a Los Angeles me deixou completamente rejuvenescido. Ainda que fosse apenas fim de fevereiro quando voltei, para mim a viagem simbolizou o fim de longo e doloroso inverno. Tinha escapado da maior precipitação de neve desde a nevasca de 1996, tendo saído do aeroporto JFK bem quando os primeiros flocos de neve começavam a cair. Normalmente eu teria detestado perder uma tempestade em Nova York, quando as veias da cidade pulsam mais devagar sob o cobertor de neve, suas dissonâncias abafadas. Mas não nesse inverno. Não depois de quase dois meses de temperaturas abaixo de zero, constantes alertas de código laranja, minha cirurgia de hérnia, trabalho cansativo no escritório e, é claro, a enorme pressão criada com a vinda de Tiffany.

Tinha planejado minha viagem para coincidir com as férias de meio de inverno da minha sobrinha, para que Megan, Sammy e minha mãe não precisassem acordar às seis horas da manhã para aprontá-la para a escola. O plano era para Megan e Sammy virem ficar uns dias, seguidas por mamãe para encerrar o fim de semana, mas a neve mudou tudo. Megan ficou preocupada com a possibilidade de ficar presa no meu apartamento de oitenta e quatro metros quadrados com duas garotas brigas durante as férias inteiras, então ela havia decidido em cima da hora carregar Tiffany para Connecticut antes que qualquer centímetro mais significativo se acumulasse. Temia que se minha sobrinha fosse para New Milford, saindo e farreando com seus amigos, isso levasse a uma recaída da mono, mas aparentemente a neve impediu todo mundo de fazer muita coisa, e a semana correu razoavelmente tranquila.

Tiffany estava em casa quando entrei no apartamento no domingo seguinte, depois de pegar o trem vindo de Connecticut, sozinha naquela tarde. Ela parecia saudável como fazia algum tempo eu já não a via, e deu um pulo para me cumprimentar.

- Como foi? - ela perguntou alegremente enquanto me abraçava e me dava um de seus beijos personalizados, no qual ela permitia que a beijássemos nas bochechas, mas ela só beijava o ar.

- Ótimo! Estava ensolarado e quentinho, e me encontrei com zilhões de produtores. Devo ter entrado e saído de estúdios umas cinquenta vezes durante a semana, e fiz muitas refeições fora deles. - Não contei a ela que terminei a viagem dormindo com um dos meus melhores amigos do tempo de escola e que aquilo tinha sido exatamente o que eu estava precisando. (Durante o recesso de Natal de Tiffany, eu tinha ficado com um cara que encontrei num bar, mas foi ainda mais insatisfatório do que eu achava que encontros de uma noite eram. Além disso, isso tinha sido há quase dois meses; antes de Tiffany se mudar para cá, eu raramente ficava mais de duas semanas sem sexo. Na Califórnia, me senti maravilhoso por estar com alguém que realmente me conhecia e me amava, mesmo que aquilo não pudesse levar a um namoro.)

- Sabe, eu estou querendo lhe falar sobre isso há tempos: você deve beijar de fato a bochecha das pessoas enquanto elas beijam a sua. Se não, elas podem pensar que você é metida ou superficial.

- Tá brincando! Mesmo? - Tiffany parecia verdadeiramente surpresa.

- Mesmo - respondi.

- Nunca soube disso, mas vou tentar fazer assim de hoje em diante. Venha, vamos praticar. - Ela fez com perfeição na primeira tentativa.

- Muito bem! - eu disse, sorrindo. - Quando você ficar rica e famosa, pode voltar ao outro tipo. - Ela riu. - Você está maravilhosa - completei, enquanto passava a mão pelo seu cabelo brilhante. - Então, o que está fazendo?

- Ah, estava só checando on-line para ver se Freck já amputou seus pés.

- Aimeudeus! Ele ainda não fez, né? - Fingi estar em pânico.

- Não, a página está do mesmo jeito que estava meses atrás. Nenhuma auto-amputação nem agendada ainda. - Tiffany interpretava desapontamento apropriadamente.

Essa era uma piada nossa que tínhamos desde o verão anterior, quando Tiffany ainda era uma visita em Nova York. Totalmente por acidente, acabei nesse site bizarro onde um cara chamado Freck tentava levantar dinheiro para comprar uma prótese de pé. Sabe, suas pernas atuais estavam paralisadas do joelho para baixo e seus tornozelos e pés tinham atrofiado (as fotos eram medonhas). Porque seu plano de saúde discordava que fosse "medicamente necessário" amputar seus pés e substituí-los por próteses, Freck decidiu que ele mesmo iria amputar os pés com uma guilhotina caseira, na frente de uma plateia on-line (presumivelmente só aqueles que tivessem colaborado para a compra das próteses, um grupo ao qual eu e Tiffany não pertencíamos). Embora eu estivesse quase certo de que era um trote, quando achei o site imediatamente enviei o link para o e-mail de Tiffany, uma vez que eu sabia que esse era o tipo de coisa macabra, de humor negro, que adolescentes adoravam. Cortemeuspés.com tinha sido um grande sucesso entre os amigos de Tiffany, e de vez em quando nós checávamos a página para ver o progresso de Freck. Algumas pessoas acompanhavam as novidades dos esportes com seus filhos ou sobrinhos; nós acompanhávamos os pés de Freck.

- Como estava a neve? - perguntei. - Estava bonita em Connecticut?

- É - ela disse com um suspiro. - Mas fiquei meio entediada, o tempo todo trancada em casa, e Sammy me enlouqueceu.

- Ela provavelmente queria toda a sua atenção porque fazia muito tempo que não a via - expliquei.

- Que seja - respondeu Tiffany, encerrando aquela parte da conversa.

- Você ouviu falar do incêndio horrível naquele clube de rock em Rhode Island? - perguntei. - Cem pessoas morreram. - A semana toda, toda vez que eu voltava ao hotel para me trocar ou relaxar por alguns minutos, os telejornais estavam mostrando a tragédia.

- É, e aquela banda parecia um bando de fracassados. Que retardados, darem um show como aquele num espaço tão minúsculo. - Ela revirava os olhos de revolta.

- Prometa-me que, quando você começar a ir a clubes, sempre vai se certificar da localização das saídas de emergência, ok? - No passado, eu ruminaria eternamente sobre como teria sido morrer naquela situação, mas agora tudo o que eu conseguia pensar era nos pais das vítimas. Sabia, entretanto, que, no Grande Fogo Branco, saber onde estavam as saídas de emergência não teria ajudado.

- Eu já vou a clubes, tio Eddy - respondeu Tiffany, piscando os cílios para mim com irritação fingida. - Muitos deles têm noite para adolescentes, sabia?

- Bem, não tenho tanta certeza sobre isso aqui em Nova York - eu disse e decidi mudar de assunto rapidamente, embora não fosse para algo mais prazeroso. - E aí, alguma notícia dos detetives do distrito?

- É, há uma mensagem na secretária - ela respondeu com tristeza. - Eles prenderam Jenise e não vão precisar de nós, até sermos chamados pelo escritório da promotoria. Tio Eddy, você sabe que vai sobrar pra mim, né?

- Espero que não, Tiffany, mas se ela tentar fazer algo contra você, espero que lide com isso adequadamente. Que tal pedirmos uma comida chinesa? Estou louco por uma comidinha quente e amarga, e eu sei que você provavelmente sentiu falta das suas panquecas de cebolinha-verde!

Embora muitos centímetros de neve cinza, misturada com lixo, permanecessem nas calçadas e ruas de Greenwich Village, eu estava determinado a manter o espírito de primavera com o qual havia retornado e fazê-lo meu presente para Tiffany também.

Foi sutil, mas, nas semanas seguintes ao meu retorno de Los Angeles, comecei a sentir uma corrente diferente se movendo entre nós. Minha melhor aposta era de que meu carinho com minha sobrinha durante sua doença havia de algum modo causado uma virada em nossa dinâmica. Talvez sentir de maneira tão forte sua dependência por mim me tenha habilitado a vê-la de novo como verdadeiramente era: uma garota de catorze anos que precisava de minha ajuda. Certamente, ela havia ganhado quadris e estava crescendo para todos os lados, mas ainda era a Tiffany que sempre conheci: criativa, sensível e com um grande coração. Qualquer paranoia de que ela seria má até os ossos havia desaparecido. Vê-la como uma criança outra vez me fez perceber o quanto da sua infância lhe havia sido roubado e me lembrou que eu não poderia de maneira alguma compreender a raiva e a dor que essa perda tinha causado. E talvez me ter a seu lado durante a doença, brigando com médicos malignos, acalmando seus medos noturnos e simplesmente proporcionando o amor, a solidariedade e o carinho de que ela precisava, a tenha feito me ver como o que eu agora era de verdade: seu guardião e protetor. Penso também que eu secretamente acalentava a esperança de que o fato de Jenise roubar de Tiffany a tivesse assustado o suficiente para fazê-la perceber (embora no fundo de seu subconsciente) que o mundo era realmente perigoso e que ela bem podia não tê-lo entendido completamente.

- Lembra-se da palavra *Halliburton*, Tiffany? - eu disse, pegando em sua mão e olhando diretamente dentro de seus olhos. Ela estava sentada com as pernas em cima do sofazinho, fazendo um trabalho de ciências humanas sobre a iminente guerra no Iraque.
- Aimeudeus, o que é isso? Um demônio? - ela perguntou, arregalando os olhos e tentando não rir.
- Não, esse é Belzebu, mas você chegou perto - dei uma risada. - Halliburton é uma companhia petrolífera com sede no Texas, e ela acabou de ganhar um contrato exclusivo para explorar a indústria de petróleo falida no Iraque.
- E daí? - Tiffany me olhou como se eu tivesse acabado de falar em suaíli.
- Bem, nosso vice-presidente, Dick Cheney, era o CEO de Halliburton, e essa empresa vai ganhar milhões com o que está acontecendo no Iraque.
- Então, a guerra vai ser na verdade por causa de petróleo, não de terrorismo? - ela perguntou. - Como foi aquela parada nos anos 90?
- Aquilo foi a Guerra do Golfo - eu disse enquanto me esticava no sofá grande de frente para Tiffany. - E, sim, será por várias coisas, mas petróleo e dinheiro são duas das maiores. - Isso é divertido, pensei de repente, doutrinar uma criança com minhas crenças!
- Isso é nojento - Tiffany respondeu, extremamente indignada. - Vou acrescentar isso ao meu trabalho. Todos os outros vão entregar trabalhos explicando sobre as armas de destruição em massa e a al-Qaeda, então eu vou surpreender a Srta. Whitfield com essa parada. Ela vai pensar que é muito radical, e eu vou ganhar um A. - Nós dois caímos na gargalhada, mas então senti uma onda de náusea me atravessar.
- Fico enojado de ver que Bush e seus camaradas estão explorando o 11 de setembro com intenções políticas - eu disse com tristeza.
- Você estava perto do Marco Zero naquela manhã, não estava? - ela perguntou.
- É, eu estava no apartamento de Orly, que tinha uma vista panorâmica das torres.
- O que aconteceu?

Fiz uma pausa antes de responder, tentando encontrar um jeito educado, respeitoso de dizer aquilo, mas não havia.

- Vi muitas pessoas serem mortas. - Não falava daquela manhã havia muito tempo, e não parecia real, como se eu estivesse mentindo, como se não tivesse acontecido. - Isso é tudo que consigo dizer sobre aquilo nesse momento, querida. Algum dia vou lhe contar tudo. - Eu não sabia quando conseguiria contar a ela minha história sobre o 11 de setembro, pois a sensação de colocá-la em palavras parecia banalizá-la. Logo depois dos ataques, todos os sábios encorajaram a todos em Nova York a falar, falar e falar sobre aquilo constantemente, tipo terapia em grupo maciça. Mas me parecia que as pessoas estavam sempre tentando superar umas as outras quando falavam sobre aquele dia terrível em festas e reuniões sociais, tomando a mesma atitude competitiva que novaiorquinos tomam com tudo. Estava farto daquilo e jurei manter o maior silêncio possível em relação à minha experiência naquele dia.

- Ok, tudo bem - disse Tiffany, solenemente. De repente, ela se iluminou: - Pronto para repetir tudo o que disse, só que mais devagar? - perguntou, com a caneta apoiada no papel.

Para minha satisfação, março passou bem tranquilamente. Tiffany parecia estar mais focada em seus estudos, até mesmo fazendo um esforço para estar com a televisão desligada quando eu chegasse em casa à noite. Ela estava se sentindo com energia suficiente para ir a um teste para o musical de primavera do Teatro Jovem TADA! e retornara elétrica com a experiência. Quando não conseguiu o papel, ela aceitou bem, consolada pelo fato de que só dois ou três não-membros da companhia foram escolhidos dentre dúzias. No meio do mês, Tiffany foi alegremente comigo e um amigo a Vermont, onde ela foi educada com nossos anfitriões e teve espírito esportivo para aprender a fazer snowboard. Eu passara do esqui para o snowboard havia quase dez anos, e Tiffany sempre admirou minhas descidas na neve enquanto tentava me acompanhar em seus esquis. Logo, logo estaremos descendo os ares juntos. Na noite do sábado de nosso fim de semana na neve, nos sentamos ao lado da lareira para ler *Os contos de Miller* em voz alta, uma vez que Tiffany estava sempre estudando Chaucer em sua aula de ciências humanas. Fiquei orgulhoso da tranquilidade e da inteligência da minha sobrinha enquanto ríamos da obscenidade do poema. Nossos anfitriões, cujos filhos já mais velhos eram distantes e ausentes, ficaram encantados.

Então, na noite de 19 de março, os Estados Unidos começaram sua guerra contra o Iraque. Cheguei ao trabalho naquela manhã úmida e lúgubre do dia 20 com a visão de bombas sendo jogadas sobre Bagdá, como a CNN clamava sem fim na TV da sala de conferências. Enquanto assistia àquilo, sabia que civis inocentes estavam sendo mortos, e senti vergonha.

Um outro protesto antiguerra iria acontecer no sábado seguinte, o segundo dia da primavera e lindo por natureza. Encorajei Tiffany a ir com seus amigos, mas não consegui me convencer a ir dessa vez. Homens e mulheres, muitos com a metade da minha idade, estavam agora arriscando suas vidas no Iraque, e não podia suportar a ideia de que eu seria um dos milhares que ficaram em casa gritando que todo aquele esforço era baseado em mentiras e que eles não estavam, na verdade, lutando por liberdade. Naquele exato momento, eu esperava de fato que George Bush tivesse falado a verdade e que ele estivesse certo sobre tudo que dizia; terríveis armas de destruição em massa seriam encontradas no Iraque (bombas nucleares e galpões inteiros cheios de antraz) e Osama bin Laden seria encontrado bebericando drinques numa sacada do palácio de Saddam Hussein. Precisava acreditar que estivera errado sobre tudo, se ao menos isso significasse que pessoas não teriam que morrer por nada.

Enquanto Tiffany estava caminhando no meio de centenas de milhares de pessoas naquele sábado glorioso de primavera, fiquei sentado em casa escrevendo. Nunca tinha comprado um laptop até Tiffany chegar, e adorava o fato de poder conectá-lo em qualquer lugar, inclusive na minha cama. Não muito tempo depois que ela se mudou para cá, comecei a trazê-lo para cá nas manhãs de fim de semana (enquanto ela dormia até tarde) e recriar alguns dos momentos que tínhamos passado juntos. Rapidamente percebi que não estava meramente registrando nossa vida como família, mas também processando tudo o que acontecia. Sentia que uma mudança abissal estava ocorrendo em mim, e não estava certo do como nem por quê; talvez apresentando nossa vida em palavras eu fosse entender melhor. Escrever também se tornou uma válvula de escape para um lado criativo que eu havia escondido tempos atrás.

Quando parei de atuar, instintivamente sabia que o único modo de ficar em paz com aquilo era decidindo que eu era medíocre e que, a despeito de ter começado na profissão desde os meus sete anos, já não era mais uma vocação e havia outras coisas que eu poderia buscar. Escrita criativa era uma delas. Havia estudado ficção com John Gardner na faculdade e continuei escrevendo histórias, vinhetas e monólogos durante meus anos de batalha em Nova York. Com certa relutância, decidi que deveria fazer uma tentativa. Ficava apavorado com a ideia de colocar minhas energias em outro campo criativo, mas depois de ser aceito na escola de direito, adiei meu início em um ano e me mudei para SagHarbor no lado leste de Long Island para estudar ficção com um romancista. Na maioria das vezes, entretanto, achava doloroso ficar sentado sozinho num cômodo naquele momento da minha vida, tentando arrumar meus pensamentos, e estava insatisfeito com o que produzia. A ideia de parar de entregar fotos minhas por baixo de portas, e passar a entregar manuscritos a recepcionistas foi suficiente para eu procurar o prédio alto mais próximo. Basicamente, decidi voltar para a cidade grande e me afirmar numa profissão "legítima", respeitável e mais segura: o direito. Com exceção de participar em algumas leituras dramáticas, e escrever um conto na minha aula de direito e literatura, fugi de qualquer coisa criativa, amedrontado ao mesmo tempo por seu magnetismo e meu potencial fracasso.

Hoje, treze anos depois de deixar aquele curso em Sag Harbor, me senti compelido a escrever. Ironicamente, minha carreira em direito havia me levado de volta ao mundo dos escritores e roteiristas, mas não havia conscientemente planejado me dar uma chance de me tornar um deles. Então Tiffany veio e despertou algo há muito adormecido. Naquela tarde ensolarada de sábado no final de março, sentado na minha cama tecendo, o laptop arreganhado em cima de mim numa bandeja de café-da-manhã, comecei a entender o que estava acontecendo comigo. A chegada de Tiffany havia não só mudado o meu dia-a-dia, mas de alguma forma havia me reorganizado, mexendo em coisas soltas que eu não sabia que ainda possuía. Morar com uma criança que tinha a vida inteira pela frente me lembrou de como era sonhar, acreditar de novo que tudo era possível, e, no trabalho para construir a auto-estima de minha sobrinha por intermédio do amor e do encorajamento, estava descobrindo um novo sentido do meu próprio valor. Pela primeira vez desde meus vinte e poucos anos, quando encarava uma página em branco na tela do computador, os velhos medos e o desânimo tinham sumido para longe. No lugar deles havia foco, energia e espírito. Além disso, Tiffany havia me dado uma história para contar.

Por volta das seis da noite, enquanto estava lavando a louça do meu almoço, liguei o rádio da cozinha para ouvir as notícias na 1010 WINS. Quase imediatamente ouvi uma reportagem dizendo que a passeata tinha tomado a direção do Washington Square Park,

mas que a polícia não conseguia dispersar os manifestantes e houve tumulto. Vários policiais foram feridos e dúzias de manifestantes foram presos. Tinha emprestado a Tiffany meu celular; ela havia me ligado fazia mais ou menos uma hora, da Union Square, onde ela e seus amigos estavam dando um tempo antes de se dirigirem ao que era agora o palco da confusão. Rapidamente disquei o número do celular, mas ele tocou e tocou até que a mensagem da caixa postal atendeu. Ah, Senhor, rezei, por favor diga-me que está barulhento demais para ela ouvir o telefone e que ela não está no centro da cidade em alguma cela, sendo revistada por uma versão maldosa de Queen Latifah em *Chicago*.

Liguei a TV para ver os manifestantes, encorajados pelo grande contingente, enfrentando a polícia, que, em resposta, começava a ficar mais agressiva. Sirenes gritavam enquanto luzes vermelhas giravam e pessoas berravam. "Fronteiras estão sendo delineadas", eu cantava sozinho, "ninguém está certo quando todos estão errados."

Quando tentei ligar para o celular outra vez, minha ligação foi direto para a caixa postal sem tocar, o que significava que havia sido desligado. Rapidamente peguei meus tênis, minha jaqueta e as chaves e parti para as ruas do Village com a noite caindo, torcendo para que Tiffany tivesse se mantido fora do entrevero. Com o seu desdém pelas autoridades, entretanto, um confronto com a polícia era bem o tipo de coisa que ela iria amar.

Eu podia ouvir as vozes no Washington Square Park muito antes de avistá-la. O som não era de sirenes, mas de música. Não havia somente uma batida alta e seca, como quando a gente se aproxima de uma boate de subúrbio ainda no estacionamento, mas muitas batidas diferentes e ritmos misturados no ar da noite. Entrei no parque na esquina da Waverly com McDougal. A ironia de entrar num protesto pela paz enquanto caminhava apenas a uns metros de Hangman Elm (um enorme olmo inglês que era usado para execuções públicas há somente um século) não me era estranha. As largas alamedas estavam cheias de gente de todas as cores, idades e classes socioeconômicas. Punks de East Village esbarravam em banqueiros idosos empurrando andadores. Turistas conversavam em línguas estrangeiras, com suas câmeras de vídeo piscando, gravando tudo. Muitos ficavam em volta de um ou dois músicos específicos e estavam quase sempre cantando junto com eles. Ouvi "Teach Your Children" de Crosby, Stills e Nash até ela ser abafada pela versão redentora de outro grupo de "Imagine" de John Lennon. Senti por um momento que havia sido transportado até os anos 1960, da contracultura, os quais eu era jovem demais para experimentar, e estava meio que esperando ver Timothy Leary passando por mim cheio de LSD, ou Janis Joplin se esgoelando em "Me and Bobby McGee". Muitas das pessoas à minha volta, percebi, tinham ido protestar contra a guerra do Vietnã do mesmo jeito como estavam protestando contra essa.

Por todo lado, o parque cintilava com as luzes tremulantes de velas, muito parecido com o cenário em Union Square durante semanas após 11 de setembro. À medida que me aproximava do grande anfiteatro no centro do parque, que é na verdade um chafariz gigante que espirra água só quando seu patrocinador, a Universidade de Nova York, realiza lá cerimônias de formatura, batuques tribais, tambores e gritos de êxtase (de frustração ou dor?) ficavam mais e mais altos. Pessoas dançavam, como num transe, alguns em círculos com dançarinos solitários se alternando no centro. Com exceção de alguns policiais parados em pequenos grupos aqui e ali com sorrisinhos nos rostos enquanto observavam aqueles "esquisitos", não havia ação policial à vista. A confusão já devia ter acabado, com os desordeiros levados em camburões.

Estava rezando para que Tiffany não estivesse entre eles quando a vi.

À primeira vista pensei que a jovem dançando com outra menina no meio de um grupo (a maioria homens) era uma garota que simplesmente parecia com Tiffany. Parei para olhar por um momento antes de concluir que aquela garota era a minha sobrinha. Seu cabelo comprido estava na frente do rosto e ela o balançava de um lado para o outro ao som da batida. Seus braços estavam abertos, como se ela estivesse crucificada, e um cigarro brilhava na sua mão direita. Minha mente me disse que era Tiffany; a garota vestia a camisa apertada de listras laranja e marrons que Tiffany usava quando saiu de casa, seu umbigo tinha um piercing e seu jeans de cintura baixa balançava por cima do Nike vermelho e branco. Mas essa era uma garota que eu ainda não tinha conhecido, e não tinha certeza se algum dia iria conhecer. Ela dançava com total entrega enquanto os jovens no círculo passavam um baseado pela roda e bebiam cerveja em latas de alumínio. Eu me virei e saí do parque, não querendo interromper uma noite da qual sabia que Tiffany iria se lembrar para sempre.

PARTE TRÊS

PRIMAVERA

AS REGRAS DE CLEÓPATRA

- Graças a Deus a namorada de Jack Nicholson não está vestindo aquele saiote de balé medonho que ela usou no Globo de Ouro. Aquilo foi um crime contra a moda! - Eugene gritou, ao mesmo tempo em que enchia o prato no bufê e mantinha os olhos na televisão. As estrelas passavam lentamente na frente das câmeras a caminho da cerimônia da Academia.

- E mesmo! - concordei. - E ela está tão magra! Como se o fato de ser trinta anos mais nova do que ele já não fosse suficiente, ela também tem o corpo de uma adolescente. - Tiffany revirou os olhos e sorriu para mim. Ela se sentou ereta no sofá, entre Marisol e Steven, cuidadosamente levando pequenas quantidades de comida à boca.

- Ela foi arrasada pela imprensa por causa daquele saiote, acredite - completou Julio, o marido de Steven. - Embora eu tenha que admitir que ela tem muito culhão entre aqueles dois cambitos para sair na rua com uma coisa daquelas.

- Não sei se é culhão ou loucura - Steven se intrometeu. - Lembrem-se, as anoréxicas não possuem uma visão muito realista de si mesmas.

- Que bom terapeuta você é - Eugene provocou enquanto se espremia para sentar no sofazinho ao lado de Orly, com o prato cheio até a boca. - E isso vindo da ex-Rainha da Imagem Corporal Distorcida - acrescentou maliciosamente. Eugene ficava sempre mais à vontade em relação a seu passado quando Tom não estava por perto. Como o marido de Georgia, Connon, Tom achava que o Oscar era quase tão divertido quanto mastigar vidro. O grupo, entretanto, não usava isso contra ele, uma vez que era para manter sua mística de paisagista fortão.

- Bem, pelo menos estamos vendo um benefício inesperado desse travesti de cinco dias lá no Iraque - Stewart falou com voz estridente, do outro lado do sofá, entre garfadas de pesto de farfalle. - A purpurina foi tirada dos purpurinados - zombou. Stewart estava se referindo à decisão unânime de Hollywood de se vestir mais sobriamente esse ano e manter as conversas de tapete vermelho ao mínimo. - Se querem saber o que penso, um retorno à simples elegância, que inclui saber quando manter sua boca fechada, é uma grata mudança nos acontecimentos.

- Não estou certo disso - respondi, do meu lugarzinho solitário numa cadeira da mesa de jantar. - Tim Robins e minha ídola, Susan Sarandon, vão apresentar a cerimônia. Eles podem estar parecendo contidos, mas de algum modo eu duvido que a mantenham fechada.

- Tio Eddy está apaixonado por aquela mulher - Tiffany interrompeu. - Se assistirmos a *Atlantic City* ou *Thelma e Louise* mais uma vez eu vou jogá-lo de um precipício! - A sala explodiu numa gargalhada de aprovação. - Mas fico feliz em assistir a *Os últimos passos de um homem* repetidas vezes. Sean Penn pode até ser velho, mas é gostoso.

- Muito bem, Tiffany - disse Orly, rindo. - Vamos esquecer a política por uma noite e nos concentrar no cinema. - Tendo nascido em Israel, Orly estava duplamente ansiosa sobre essa situação no Oriente Médio.

- Ah, que cinema que nada - Stewart reagiu. - Vamos ao que é mais importante: o que temos de sobremesa?

E assim foi, a primeira festa do Oscar de Tiffany. Enquanto a observava rindo das gracinhas dos meus amigos, ficava imaginando o que ela estaria fazendo nessa noite de domingo no final de março se ainda estivesse morando em Connecticut. Estaria ela no lago, fumando com os amigos? Ou estaria fechada em seu quarto, falando ao telefone e ouvindo música? De qualquer modo, tinha certeza de que nessa hora, um ano atrás, ela jamais poderia imaginar que acabaria no Greenwich Village como co-anfitriã de uma

festa para um show na televisão, uma festa onde os convidados competiam entre si, gritando comentários maldosos sobre cada celebridade que aparecia na tela.

- Nossa, que poderoso! - eu disse na quarta-feira seguinte depois de abrir a porta do apartamento e me deparar com uma parede de vapor de removedor de esmalte. Tiffany tinha colocado seu kit de manicure de vinil preto do tamanho de uma mala aberto em cima da mesa de centro. Pelo menos uma dúzia de pequenos vidros de esmalte tinham sido colocados para fora, enfileirados, como jogadores de basquete no banco de reservas torcendo para serem chamados de volta à quadra.

- Hoje é dia de unhas - disse ela com as costas viradas para mim. Estava sentada no sofazinho, curvada em cima dos pés que estavam apoiados na mesa. O chef Emeril aparecia na TV. - Mas você mesmo assim diz isso toda vez.

- É, Srta. Coisinha, hoje você colocou o incenso também. Você sabe como isso me embrulha o estômago, e a combinação dos dois é desastrosa. - Fui até o fim do corredor para fechar a porta do quarto dela.

- Ah, me desculpe - Tiffany gritou para mim. - Achei que tinha fechado.

- Tudo bem - eu disse enquanto jogava minha bolsa de ginástica na cadeira do meu quarto e voltava para a sala para me juntar a ela. - Então, você sabe que tenho reunião de pais amanhã, certo?

- Hã-hã. - Ela não levantou a cabeça e continuou aplicando o roxo brilhante na unha do dedão.

- Alguma coisa que devo saber antes? - perguntei, me esticando no sofá para observá-la em seu trabalho. - Lembra-se no outono quando descobri que você havia recebido uma advertência por uma infração mais séria do que me contou?

- É, me lembro - ela respondeu, sarcasticamente. - E, não, não deve haver nenhuma advertência para ser relatada dessa vez. Você tem andado demais com Orly; me faz parecer uma criminosa, com minhas *infrações*.

- Você tem razão, estou sendo um babaca, e vou parar com isso - retruquei. - Mas, falando em criminosos, algum sinal de Jenise?

- Não. Ela não foi à escola nenhuma vez desde que foi presa.

- Bom. Talvez eles a expulsem finalmente.

- Vamos torcer que sim, ou estou frita - disse Tiffany casualmente enquanto se esticava, balançava os dedos com as cores do arco-íris e checava seu trabalho. - Eu ainda odeio meus pés - disse ela com um suspiro.

- Ah, você é o tio da Tiffany! - disse a Srta. Robichon, a professora de artes, animada. - Ela é uma menina tan talentosa! - Será que está brincando?, pensei. Tiffany me contou que tiveram uma briga séria quando a Srta. Robichon se recusou a lhe dar os trabalhos que havia perdido durante o período da doença. "Aquela vaca maluca fica gritando comigo 'agora não, Tifuni, agora não!'", ela dizia, imitando seu sotaque francês. "Então eu mandei ela se fu, aquela tirana." (Tiffany havia começado a reclamar da volatilidade de sua professora de artes lá em setembro, então eu sempre me lembrava do nome dela como Srta. Robespierre. "Como estava o reino do terror hoje?", eu perguntava.)

- Mas eu achei que a senhora e Tiffany tinham tido uma briga séria, não? - perguntei, incrédulo.

- Ah, você sabe como são os adolescentes - ela respondeu, passando as mãos pelos cachos grossos inacreditavelmente pretos. - Às vezes a gente tem que fazerrr isso parra passarr parra um outrrr nível com eles.

- Acho que sim - eu disse, balançando a cabeça e sorrindo. Talvez ela seja doida, pensei. Afinal de contas, é uma artista. Não pude evitar, gostei dessa mulher imediatamente.

Primeiramente, ela era absolutamente linda. Tiffany havia me contado que ela era metade francesa e metade sul-africana, mas não havia dito nada sobre a beleza. E se a Srta. Robichon estivesse fingindo entusiasmo pela criatividade de seus alunos, então ela era uma atriz brilhante.

- Tiffany é extremamente expressiva - ela continuou, seus grandes olhos negros cintilando. - E ela não tem medo de mostrar suas emoções no seu trabalho. - Bem, nessa hora, sua filha de três anos apareceu, como um pom-pom de cachos negros, sobre o ombro esquerdo da Srta. Robichon. Uma miniatura exata da mãe, a garotinha havia escalado as costas da professora e brotava adoravelmente como uma planta.

- Posso perguntar, então, por que ela recebeu só um setenta em seu último boletim? - Não queria quebrar o encanto que essa mulher havia colocado em mim, mas eu simplesmente tinha que saber.

- Bem, Tiffany começou devagar. Ela estava socializando demais, flertando com os garotos e não fazia seus trabalhos. Mas alguma coisa aconteceu, e agora ela faz seu trabalho em silêncio sozinha. É como se ela tivesse tomado algum tipo de decisão de fazer as coisas de modo diferente, tentando uma nova abordagem. - Ela fez uma pausa para olhar seu diário. - Nesse período, ela está com média noventa e cinco.

- Bem, isso é uma boa notícia - agradei a Srta. Robichon, que não parecia em nada com uma tirana, e dei um tchauzinho para sua garotinha. Antes de sair, entretanto, prometi enviar para ela um dos novos scripts dos meus clientes, sobre Modigliani, Picasso, Chagall, Soutine e Rivera quando todos moravam juntos no mesmo prédio em Paris. Ela ficou animadíssima.

Saí da sala de artes inebriado, e não era só porque o cheiro de tinta e toalhas de papel pardo molhado me transportava para minhas horas favoritas na escola; era o terceiro encontro positivo que eu havia tido em sequência, com cada professor apontando uma mudança gritante desde que Tiffany retornara da sua convalescença. Mas a percepção da Srta. Robichon de uma escolha consciente foi o mais empolgante para mim. Pensei ter detectado uma mudança positiva em minha sobrinha durante o último mês, e agora isso fora confirmado pelos outros, por ninguém menos que seus PROFESSORES! Eu estava extasiado.

Meu último encontro era com a Srta. Whitfield, a professora de humanas de Tiffany. O curso durava dois períodos, e misturava inglês e história. Sempre acreditei que o primeiro fosse o ponto forte da performance acadêmica de Tiffany. No ginásio, ela havia se dado mal em inglês porque seus trabalhos feitos em aula nunca seguiam o tópico sugerido. Tiffany tinha dito que gostava de ser criativa, mas que seus professores tinham a mente muito estreita. Quando pedi a Megan para falar com eles, ela respondeu: "Tiffany é uma aluna C, que é a média. Está bom. Nem todo mundo pode ser um gênio na escola." Sabia de onde vinha aquilo, e fiquei funoso. Os pais não deveriam querer que os filhos fossem melhores que eles? Lembro-me de ter pensado isso. Mas disse simplesmente "Tiffany não é média", e torci para que logo ela tivesse um professor que apreciasse sua imaginação.

A Srta. Whitfield era jovem, bonita de um modo comum, e extremamente profissional. Ela usava um terninho cinza com uma blusa branca, e seu cabelo era bem cortado logo acima do ombro. Eu disse olá, assinei a lista, e me sentei numa pequena carteira escolar de frente para ela.

- Tiffany é uma escritora excepcional - ela começou. - Não diga isso para ela, mas, se continuar assim, vou indicá-la para o prêmio de calouro escritor. - Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

- Ela passou de oito para sete, em sua matéria - eu disse. - Como pode isso, se ela é tão boa? - As notas de Tiffany em humanas eram uma preocupação extra para mim porque tinham peso dois no cálculo da média.

- No primeiro período, quando estava se adaptando, ela tirou oito - a Srta. Whitfield disse, olhando seu diário. - No último período, tivemos muita história e Tiffany não estudou o bastante para os testes. Neste período, no entanto, fizemos mais redações e apresentações. Ela mostrou as anotações que fez no diário pessoal de Cleópatra que ela escreveu?

- Não - respondi, enquanto a Srta. Whitfield me entregava uma folha de papel, que li rapidamente. Tiffany havia escrito os pensamentos de Cleópatra e a trazido de volta à vida. A rainha estava grávida de oito meses e reclamava do calor do Egito. Ela se preocupava com o fato de ter que cuidar de uma criança enquanto lidava com uma corte traiçoeira. E, mais importante, Cleópatra estava ansiosa, pensando se sua roupa seria entregue a tempo para o evento daquela noite.

- Nossa, isso é realmente bom - eu disse, impressionado. - Adorei como tudo acaba falando em moda.

- E o trabalho dela sobre o Iraque foi igualmente impressionante - a Srta. Whitfield declarou. Desviei o olhar, me sentindo culpado. - Ela fez uma apresentação oral e levou a turma a um debate bem inflamado sobre a guerra. Seus argumentos foram incrivelmente ordenados e inspirados. Tiffany tem verdadeiras qualidades de liderança, Sr. Wintle.

- Sempre achei que sim - disse, e sorri, explodindo de orgulho. Apertei a mão da professora e saí da sala andando nas nuvens.

Ari, o aluno que Tiffany havia descrito como "o garoto judeu simpático do apartamento ao lado", havia se apresentado a mim mais cedo, aparentemente depois de ligar para Tiffany e perguntar como eu era. Eu, entretanto, não acredito que tenha sido difícil para ele me encontrar; com exceção do pai de Ari, não tinha visto um responsável caucasiano a noite toda. Ari havia se oferecido para ajudar na recepção, e toda vez que eu saía de uma sala, esbarrava com ele. No meu encontro com humanas, não houve exceção.

- Então, como a Tiffany está se saindo com Whitfield? - ele perguntou com uma curiosidade mais do que passageira. Obviamente tinha uma grande queda por minha sobrinha, algo que eu desejava que fosse recíproco. Ari era muito mais bonito do que Tiffany tinha dado a entender, com seu cabelo negro arrepiado, pele clara e lábios vermelhos, e se apresentava com uma confiança madura que eu não esperava. Será que ela realmente não via isso? Fiquei imaginando. Aposto que é porque ele é "legal demais".

- Ari, estou chocado - respondi. - Com exceção de educação física, ela está ótima em todas as matérias. Incluindo ciências.

- Bem, acho que a Jenise não estar aqui foi uma boa coisa - ele disse.

- Concordo - respondi, ansioso para ir embora. Estava lá havia horas e, no outono, o prédio inteiro ficava sufocante.

- Ela vai ganhar uma pequena fortuna nesse período - ele brincou. - Espero que ela não quebre a banca. - Ok, talvez ele seja um pouco esquisito.

Liguei para Tiffany quando saí da estação de West Fourth Street para dizer que estava quase em casa. Planejava esperar até chegar lá para lhe falar sobre os resultados das reuniões.

- Bem, me conte, me conte. O que eles disseram? - ela implorou. Para alguém que era normalmente *blasée* em relação à escola, ela certamente parecia ansiosa ao telefone. - O que a Srta. Whitfield disse? - Não havia como esperar.

- Tiffany, você conseguiu! - gritei. - Seus professores se rasgaram de elogios sobre você

- disse em voz mais tranquila agora, tentando não ser outra daquelas pessoas irritantes andando nas ruas silenciosas do Village berrando ao celular.

- Aimeudeus, aimeudeus! Estou tão feliz! - E então Tiffany começou a chorar.

- Querida, o que há de errado? - Parei de caminhar na Perry Street e me sentei no alpendre do prédio que tinham usado como cenário da casa de Carrie em *Sex and the City*.

- Nada, só estou feliz, só isso - ela disse entre lágrimas. - Tenho tentado tanto e acho que estou aliviada por estar realmente valendo a pena.

- É claro que está valendo a pena, Tiffany - disse docemente. - Você é uma pessoa inteligente, talentosa. Quando se propõe a fazer alguma coisa, você consegue. E agora você aprendeu isso, de uma vez por todas, em vez de só ficar ouvindo os outros.

- Eu te amo - ela disse.

- Eu te amo também. - As lágrimas agora corriam na minha face também.

- Vejo você em cinco minutos. - Quando fechei o celular, percebi que, pela primeira vez em mais de seis meses desde que minha sobrinha tinha vindo morar comigo, agora havia uma razão concreta para que eu esperasse que esse arranjo maluco e não-ortodoxo que tínhamos feito pudesse estar funcionando. Parei na Hudson Street para comprar um grande buquê de tulipas amarelas para Tiffany e corri o resto do caminho até o apartamento.

OS PECADOS DA MÃE

Na manhã seguinte, depois de termos celebrado na noite anterior em grande estilo, pedindo comida no nosso restaurante de massas favorito (Tiffany era louca pelo tortellini alla panna deles) e devorando tudo no sofá, assistindo a *Will and Grace*, era dia comum de batalha. Tiffany estava na cozinha mexendo seu shake instantâneo - é, eu repetira os pecados da mãe -, quando entrei para pegar um café.

- A Srta. Bernstein me contou sobre o quanto você se abriu na aula do Conselho de Unidade - eu disse enquanto despejava água fervente pelo filtro, na minha xícara.

- Contou?

- É, ela me contou sobre o exercício que a turma fez, no qual todos os alunos que tivessem um responsável com problemas de dependência de álcool ou outra substância tinham que ir para o outro lado da sala.

- Bem, uma vez que tenho *dois* responsáveis que se encaixam nessa descrição, eu certamente fazia parte do grupo - Tiffany disse casualmente.

- É, mas quando as pessoas duvidaram que você estivesse falando a verdade, a Srta. Bernstein disse que você contou como se sentia desde que veio para a escola. - Adicionei um pouco de leite ao meu café.

- É, bem, é verdade. Só porque sou essa garotinha branca que usa roupas decentes e veio de Connecticut, eles acreditam que tive vida fácil, como se eu fosse uma princesinha babaca e mimada ou coisa assim. - Tiffany se virou e se apoiou na bancada, deu um gole em seu shake de morango e fez careta. (Dos sabores que vinham no pacote, esse era do que ela menos gostava.)

- Então por que eles acham que você veio para a cidade grande morar com seu tio gay, se tudo era tão maravilhoso? - perguntei.

- Parece que metade dos jovens não mora com os pais, então isso não causa espanto - ela disse. - E todo mundo tem um tio gay, então eles simplesmente acham isso legal. - Tiffany foi para o corredor em direção ao seu quarto, e eu fui atrás dela.

- Então, como foi que reagiram? Eles aderiram à ideia?

- É, meio que sim - ela disse, trançando o cabelo na frente do espelho em forma de lua crescente. Sentei na cama dela. - Depois começamos toda uma discussão sobre como as pessoas são julgadas somente pela sua aparência. Foi meio estranho porque o tópico deveria ser como lidar com pais com problemas com drogas.

- Tenho certeza de que a Srta. Bernstein vai se lembrar de voltar a isso num outro dia.

- Ela já voltou - Tiffany informou. - Meu repartido está reto aí atrás?

- Reto o bastante - menti, pois não havia tempo suficiente para consertar. - Parece ser uma boa aula.

- É sim - ela disse enquanto se inclinava para perto do espelho para aplicar o rímel. - É uma pena que só tenha quinze alunos nela. Isso deixa de fora outros trezentos que ainda pensam que o meu maior problema é a roupa que vou vestir de manhã.

- Também encontrei o Sr. Simpson noite passada. Ele me contou que você inscreveu seu poema no concurso, afinal. Ele ficou bem impressionado com ele.

- Bem, eu não ganhei - ela disse, amarrando os cadarços de seus coturnos. - Há alguém com quem você *não* tenha falado ontem?

- Fiquei orgulhoso de você por ter se inscrito, Tiffany. Mostrou coragem.

- Obrigada, tio Eddy. Pode me dar um adiantamento do dinheiro do meu boletim?

- Sua irmã, Megan, está ao telefone - Rob me disse de sua mesa. Como fazia menos de meia hora que eu havia chegado, ainda estava despreocupadamente comendo um pãozinho e lendo a edição de Gotham do *Daily Variety*.

- Hei, Megan, tenho boas notícias para você - eu disse depois de colocar meu fone.

- Eddy, algo ruim aconteceu - ela disse, tentando com toda a força não mostrar emoção na voz.

- O que houve? Qual é o problema? - perguntei.

- Eric arrombou a porta na noite passada e me atacou com um taco de beisebol.

- O quê? Que merda! Espere um pouco. - Dei um pulo da cadeira e empurrei a porta da minha sala. - O que houve?

- Bem, eu não sabia quem era porque ele estava usando uma máscara de esqui preta. Por sorte, acordei quando ele estava de pé ao lado da cama, bem na hora que ia me bater. Então, pude amortecer a pancada um pouco.

Eu estava estupefato, incapaz de processar bem tudo que ouvia. Isso era coisa do Lifetime Television for Women - uma história de "mulher sofrida" que eu poderia vender a um produtor -, *não a história da minha própria família*.

- Então, o que aconteceu depois? Onde estava Sammy?

- Graças a Deus por Sammy, minha pequena heroína. - A voz de Megan tremia. - Ela me ouviu gritar no meu quarto no andar de baixo e ligou para 911. Eric ouviu-a gritando o endereço, se assustou e fugiu.

- Como sabe que era ele? Você puxou a máscara?

- A polícia me perguntou se havia alguém que eu conhecia que pudesse fazer aquilo, então contei a eles que havia rompido com Eric recentemente. Eles foram até a casa dele e o encontraram andando no acostamento da estrada com o taco e a máscara de esqui, além de cem dólares que ele conseguiu tirar da minha cômoda. Eles o pegaram e ele admitiu tudo.

- Ah, meu Deus, Megan, sinto muito. Você está bem? Ele te machucou?

- Nem tanto - ela respondeu. - Passei o resto da noite na emergência, depois de levar Sammy para a casa da mamãe. Estávamos com medo de que um dos meus joelhos estivesse ferrado, mas a ressonância e os raios X não mostraram nenhum problema. Estou só contundida.

- Como está Sammy? - A pobre criança, pensei, ela já não tinha aguentado o bastante?

- Ela ficou bastante abalada - disse Megan. - Mas está descansando na casa da mamãe e do papai hoje. Ela ficou chocada quando descobriu que tinha sido Eric. - Ela fez uma pausa. - Imagino se é pior ela saber que foi alguém que ela conhece - Megan disse com tristeza.

Pensei no doce rosto da minha sobrinha de oito anos, e em como seus grandes olhos castanhos iriam agora ver o mundo como um lugar no qual não se podia confiar em ninguém. Senti-me como naquela manhã no barco, quando Tiffany me contou as coisas terríveis que Eric dizia para elas. Meu peito parecia uma velha mala fechada com um cinto de couro, como se estivesse sendo amassado e pudesse explodir ao mesmo tempo. Procurei um calmante na bolsa.

- O que vai fazer amanhã? - perguntei a minha irmã.

- Aluguei um filme na volta do hospital para casa, então vou tentar relaxar e esquecer isso por um tempo.

- O que você alugou? - perguntei.

- *Hannibal* - ela respondeu, rindo. - Sei o que você vai dizer, mas concluí que, comparada a alguém comendo cérebro humano no jantar, minha situação pode parecer história do Scooby-Doo.

- Como queira, Megan. - Não ia entrar nesse mérito. - Ouça, não vou encontrar Tiffany antes de ela pegar o trem para ir até aí essa tarde, então não vou lhe contar nada quando ela me ligar depois da escola.
- Ok, vou contar para ela quando for buscá-la na estação. Tchau, Eddy.
- Descanse um pouco, Megan. Ligo para você amanhã – eu disse antes de tirar o fone, cruzar os braços em cima do meu risque e rabisque, e abaixar a cabeça.

Meu celular tocou exatamente quando eu estava andando no meio da multidão de bebedores de cerveja em frente ao White Horse Tavern, na Hudson Street. Como era um bar frequentado por playboys babacas, raramente eu entrava nele, mas estava feliz pelo fato de que o lugar onde Dylan Thomas costumava se sentar e escrever ficasse na esquina da minha rua.

- Que porra é essa? Que porra é essa? - Tiffany gritava no telefone novo que eu havia comprado para ela num dos meus intervalos para o almoço naquela semana.

Entrei rápido na Eleventh Street e procurei refúgio na entrada da House of the Sufism.

- Tente se acalmar, Tiffany - falei, tentando usar um tom reconfortante.
 - Me acalmar? - ela berrou. - Eu vou matar aquele filho-da-puta! Ele machucou minha mãe!

- Eu entendo, querida, mas ele vai ficar na cadeia por um longo tempo.

- Bem, então eu vou matá-lo quando ele sair! Vou afundar a porra da cabeça dele! - Ela estava respirando com dificuldade, então eu sabia que estava andando enquanto esbravejava.

- Onde você está, Tiffany? - perguntei.

- Na Grand Central, esperando pelo meu trem. - Sua voz baixou um ou dois decibéis.

- Ai, meu Deus, por que sua mãe lhe contou isso pelo telefone? - Senti a raiva crescendo dentro de mim, enchendo o espaço que a tristeza e a ansiedade haviam tomado o dia inteiro.

- Isso não importa! - ela gritava de novo. - Sabia que algo estava errado quando falei com ela, então a obriguei a me contar. Não foi culpa dela! - Bem típico, pensei, *you a obrigou* a contar. É exatamente por isso que a relação de vocês não funciona!

- Ok, ok. Encontre sua plataforma e se acomode no trem. - Não tinha a menor ideia do que dizer. - Você está com uma garrafa de água e algo para ler, certo?

- Sim - ela respondeu, parecendo mais calma.

- Ok, tente não pensar muito nisso. Em uma hora e meia você estará com sua mãe e Sammy, e isso é a coisa mais importante. - Precisei de um grande esforço para não mandar que ela não falasse ao celular durante a viagem, pois os minutos naquele horário eram mais caros. Ela iria precisar ligar para os amigos, eu sabia, e o bem-estar de Tiffany nesse momento era mais importante que minha carteira.

Enquanto caminhei pelos dois quarteirões que faltavam até o meu apartamento, meu cérebro começou a girar dentro do crânio. Sabia que esse cara era louco! Por que o resto da família não viu isso? Como a Megan pôde se sentir atraída por alguém *como* ele? E então, instantaneamente, meus pensamentos congelaram diante da imagem de alguém machucando minha irmã – minha doce e engraçada irmã, bem-intencionada e com um coração gigante. A mistura de fúria e tristeza fez bílis subir para minha garganta, e apressei meus passos. Não me permiti pensar no que teria acontecido a Sammy se sua mãe não tivesse conseguido gritar, ou a Tiffany, se ela estivesse lá.

Sabendo que minha sobrinha estaria fora, tinha planejado um encontro com um cara da academia para as sete horas naquela noite. Encontrava Jordan pela cidade havia anos, e estava de olho nele fazia quase o mesmo tempo. Ele trabalhara como bartender sem camisa num point da moda na cidade durante uma eternidade, e, alguns anos atrás, eu o

tinha visto numa festa chique no Upper East Side para a qual ele fora contratado para ser um Papai Noel em versão Tom of Finland (de novo, sem camisa). Os convidados posavam para fotos em seu colo, mas eu declinei, pois senti sua atração por mim e tinha outros planos para ele. Um pouco depois disso, ele me passou seu telefone na academia, mas eu tinha acabado de conhecer o Kurt, então nunca liguei. Agora, após todos esses meses e anos de espera, finalmente iria ter aquele maravilhoso espécime sozinho em meu apartamento, todo para mim. Nunca me ocorreu cancelar nosso encontro em razão da minha crise familiar. Na verdade, era mais necessário do que nunca. Por algumas horas jubilosas, minha mente estaria desligada, meu consciente bloqueado por algo primitivo, não racional. O desespero, a dor e a raiva que vibravam em meu crânio estariam abafados, mesmo que só temporariamente.

Além disso, percebia que, depois que Jordan e eu tivéssemos feito sexo, eu finalmente teria conquistado o direito de perguntar quem (ou o quê) havia arrancado metade da sua orelha esquerda.

COMPANHEIRO DE LONGA DATA

Tiffany voltou para Manhattan no meio da tarde daquele domingo, pois queria dedicar umas horas para fazer os deveres de casa antes de nosso ritual de domingo à noite, com jantar, enquanto assistíamos a *A sete palmos*. Quando ela chegou, eu estava sentado na cama arrumando os remédios dentro de um recipiente plástico com sete divisões, uma para cada dia da semana.

- Olá, Tiffany - gritei. - Estou no meu quarto. - Ela largou a bolsa na porta do meu quarto, se atirou aos pés da minha cama e começou a chorar.

- O que é isso? - perguntei, me esticando para tirar o cabelo que tinha caído no seu rosto. - Sammy está bem, não? - Tinha falado com Megan no sábado, e ela me dissera que estavam bem, embora ninguém, com exceção de Tiffany, estivesse falando no que aconteceu.

- Não é nada disso - Tiffany conseguiu dizer. - A mãe de Brooke, Janet, está com câncer no fígado e está morrendo. Sinto tanto por elas. - Ela se encolheu mais ainda em posição fetal e chorou.

- Ah, Deus, sinto tanto, Tiffany - eu disse, enquanto dava um pulo para o outro lado da cama para ficar atrás dela e passar a mão em suas costas. Tinha encontrado Janet quase dois anos atrás quando ela trouxe Brooke e uma outra amiga aqui para dormir uma noite durante o verão. Parecia bastante bem, mas bebeu seis garrafinhas de Zima enquanto assistia a um vídeo com as meninas, assim que voltaram das compras. Tiffany me contou, depois que foram embora, que Janet era alcoólatra, mas que conseguira vencer uma antiga dependência de heroína alguns meses antes. O quê? Lembro-me de ter pensado. Isso fazia seu alcoolismo normal? A amizade de Tiffany e Brooke parecia ter esfriado no ano que se seguiu; depois que Tiffany se mudou para Nova York nunca mais ouvi a menção do nome de Brooke. Imaginava agora se a doença de Janet poderia ter suscitado a hipótese de que Megan poderia ter sido morta por Eric.

Quando ela finalmente se levantou, me olhou diretamente nos olhos e disse:

- Você não vai me contar um dia que tem uma doença fatal e depois morrer umas semanas mais tarde, vai?

- Claro que não, querida - eu disse, abraçando-a com força. - Não vou a parte alguma. Bem, não sem avisá-la com bastante antecedência - brinquei. - Eu prometo.

- Obrigada - ela disse e partiu para o seu quarto para ouvir "Yellow", do Coldplay, repetidas vezes enquanto desarrumava as malas.

Fiquei sentado imóvel por um tempo, olhando minha coleção de pílulas. Então ela sabe, pensei. Suspeitava que sim, mas agora sabia com certeza. Nós obviamente precisávamos ter uma conversa séria sobre minha saúde em breve. Eu já vinha adiando isso havia alguns anos, esperando as coisas melhorarem na vida de Tiffany, para não aumentar sua carga de problemas. Agora, entretanto, não era a hora, pois seus ombros magros já pareciam envergar sob o peso de tantas más notícias. Pelo menos Tiffany tinha me feito dizer exatamente o que ela precisava ouvir; tomara, eu pudesse cumprir minha promessa.

Havia recebido resultado positivo para HIV fazia quase quinze anos, quando tinha vinte e seis. Nos dias que se seguiram ao meu diagnóstico, procurei um serviço de acompanhamento online no Community Health Project na Thirteenth Street. A bicha esquelética, que fumava como uma chaminé, com quem falei, disse-me que eu não viveria até os trinta. Disse que era melhor eu fazer um testamento em vida, e um testamento padrão, e designar um representante no plano de saúde, e que fizesse tudo rapidamente. Também me disse para começar a ler sobre a AIDS porque tudo iria começar a falhar:

meus olhos, minha pele, meus pulmões, meu tônus muscular. Tudo. Tenho certeza de que aquele conselheiro da equipe A já morreu há muito tempo, mas nenhuma das coisas que ele previu aconteceu.

Já havia decidido abandonar a carreira de ator e feito as provas de admissão para a faculdade de direito quando o teste deu positivo. Se tinha alguma dúvida, entretanto, o pacto estava agora selado: ser um ator gay era difícil o suficiente; ser um ator gay tentando esconder uma doença fatal seria impossível. A faculdade de direito parecia melhor do que nunca. Poderia morrer fazendo algo decente e respeitável; eu estudaria para advogar pelos direitos civis, e todo o mundo, incluindo meus pais, teria orgulho de mim. (Ir para o túmulo como garçom ou ator desempregado estava fora de questão.) Além disso, eu não teria que trabalhar num emprego desmoralizante e exaustivo para pagar os estudos; havia milhões de créditos para estudantes de direito, então poderia viver bem enquanto estudava. E nunca viveria tempo o bastante para ter que pagar um tostão do dinheiro emprestado!

Pensei que tivesse tudo sob controle, mas é claro que a vida se intrometeu. Testes mais avançados mostraram que meu sistema imunológico estava funcionando bem, e meu novo médico para tratamento de HIV disse que poderia levar meses, até mesmo anos, até que aquilo pudesse se alterar. Novos remédios estavam sendo inventados e, com a ajuda de grupos como o AIDS Coalition to Unleash Power (ACTUP, do qual eu já era um membro), o processo de aprovação da FDA estava sendo agilizado e todo um sistema de teste em humanos tinha sido colocado em prática. Portanto, eu havia recebido uma suspensão de pena. E agora?

Como várias pessoas diagnosticadas com uma doença fatal (que o HIV era naquela época; era só uma questão de *quando* se morreria), meu próximo passo era me reconciliar com Deus. Fora criado como um bom católico, mas havia virado as costas para a religião quando adolescente, muito devido à hipocrisia e intolerância da Igreja. Religião e fé organizadas, declarava, eram para quem não era forte o suficiente para encarar a vida sozinho, não importando o quanto existencial isso parecesse. Agora eu era uma daquelas pessoas, mas o modo como descobri minha ligação com Deus não envolvia voltar a frequentar a missa.

No dia seguinte do meu resultado positivo, liguei para um amigo íntimo que era ator. Estava chorando histericamente e quase não conseguia falar, então ele me disse para encontrá-lo em um determinado endereço em meia hora. Botei uns grandes óculos Ray-ban para esconder meus olhos inchados e me arrastei pela cidade até Perry Street, no West Village (eu morava com Beth na Avenue B, nessa época). Quando cheguei, encontrei uma lojinha, com cortinas na frente, entupida de gente sentada em cadeiras dobráveis de metal, quase no escuro. Imediatamente meu amigo deu um pulo e me guiou até uma cadeira vazia. Depois que ele se sentou ao meu lado, percebi que, à minha esquerda, estava um outro bom amigo que também era ator. Nós três havíamos dividido um camarim enquanto fazíamos uma peça apenas alguns meses antes. Cada um pôs o braço ao redor de mim e os procedimentos começaram.

No centro do recinto, um atraente homossexual estava sentado numa plataforma elevada, atrás de um triste pódio coberto por fórmica de cozinha. Alguém diminuiu ainda mais as luzes e o homem começou a falar. Sentia-me seguro e confortavelmente sanduichado entre meus dois amigos, e foi um alívio ter algo além das minhas próprias misérias para me focar. O homem disse coisas que nunca havia imaginado que alguém pudesse dizer para um grupo, muito menos para um grupo de estranhos. Ele falou de como, quando chegou aos vinte e depois aos trinta anos, ele ficava esperando sentir-se do modo como acreditava que um homem crescido deveria sentir-se: equilibrado, capaz, sábio. Mas ele nunca se sentiu assim. Parecia-lhe que a outros homens era dado algo

que a ele era negado: certas instruções, uma chave, alguma coisa. Ele admitiu que se sentia como se nunca fosse "suficiente", e temia que nunca se tornasse. E então ele falou de como Deus o tinha ajudado a se curar de toda aquela autotortura, e de como percebeu que não estava sozinho com esses sentimentos.

Pensava que só gays sentiam-se assim, mas que fôssemos competitivos demais para admitir isso uns para os outros. Estamos ocupados demais dando uma de machões, agindo como se tivéssemos todas as respostas e que nada pudesse nos abalar. Mas ouvir esse homem testemunhando todos esses sentimentos, e observar enquanto todos o aplaudiam e balançavam a cabeça quando ele terminou, fez com que eu sentisse que finalmente tinha encontrado um lar: um lugar onde eu seria aceito do jeito que eu era. Porque aqueles dois queridos amigos me convidaram para aquele endereço naquele dia específico, passei os dez anos que seguiram frequentando as reuniões dos Alcoólicos Anônimos.

Não poderia começar a faculdade de direito antes de mais um ano, então pude estudar e fazer os exames qualificatórios uma segunda vez, preparar toda a papelada para requerer minha vaga em direito e praticar os princípios que o programa do AA estava me ensinando. Não beber ou fumar maconha era um sacrifício pequeno para ser admitido naquilo que para mim parecia ser um misto de terapia em grupo e orientação espiritual. Além disso, percebi que aquilo iria ajudar a manter meu sistema imunológico em bom estado por mais tempo ainda, bem como eliminar um tipo de desperdício de tempo tentador enquanto eu frequentasse a faculdade de direito. Cheguei até a deixar de tomar café. Decidi retardar minha proposta para a faculdade e encarar meu medo de escrever. Nove meses depois de receber o resultado positivo do HIV me mudei para Sag Harbor para enfrentar aquela página branca. Embora o processo de escrever não tivesse acontecido tão bem quanto eu esperava, conheci um homem que se tornaria o mentor espiritual pelo qual eu havia sempre esperado, sem nunca ter conscientemente sabido disso.

Peter Hallock era um homem alto, elegante e carismático, quinze anos mais velho do que eu. Um homem da Renascença, ele era pintor e escritor, e profundamente espiritualizado. Peter era também um veterano da guerra do Vietnã, e soropositivo. Ele me apresentou a inúmeros textos metafísicos, incluindo os de Ernest Holmes e Thomas Merton, que frequentemente líamos juntos e discutíamos. Ele também me confortou quando fiquei tomado pelo medo e pela ansiedade, conduziu-me à oração e me ensinou a meditar. Passávamos muitas horas caminhando à beira do mar ou fazendo trilha em Mashomack Preserve na Shelter Island, às vezes rezando juntos ou conversando, e às vezes ficando felizes em silêncio. Para encurtar, Peter me ensinou como confiar no universo outra vez, o que me deu coragem e força para retornar a Nova York e frequentar a faculdade de direito, sabendo que, não importando o que acontecesse, eu ficaria bem.

Peter morreu de AIDS dois meses depois que deixei Sag Harbor. Eu o havia visitado o mais que podia, e os momentos que passamos abraçados um ao outro na cama onde ele em breve morreria, expressando gratidão pelos três curtos anos que tivéramos juntos, ficaram entre os mais transcendentais da minha vida.

Na minha segunda reunião nos Alcoólicos Anônimos eu conheci Eugene, que havia recentemente desfeito a transição de Natália (eu tinha, na verdade, o confundido com uma lésbica muito masculinizada). Embora parecesse que Eugene e eu não pudéssemos ser mais diferentes, no coração éramos iguais: dois homens criativos em busca de suas vozes. E foi sobre essa luta compartilhada que construímos nossa amizade. Quando o fiz lembrar, dez anos mais tarde, que o alcoolismo era uma doença autodiagnosticável e expliquei que havia adiado um pouco a faculdade, a fim de continuar no caminho da

cura no qual o AA tinha me colocado, Eugene deu à luz meu nome drag diante dos meus próprios olhos: Srta. Diagnóstico! Na época em que saí dos Alcoólicos Anônimos, entretanto, estava perfeitamente consciente da minha personalidade compulsiva e sabia que devia manter vigilância cerrada sobre todos os meus comportamentos obsessivo-compulsivos, fossem eles relacionados a substâncias (incluindo comida), sexo, trabalho, limpeza e organização, ou mesmo espiritualidade.

Depois que Tiffany saiu do meu quarto naquela tarde de domingo, fiquei imaginando se o propósito de toda a minha jornada não teria sido exatamente de me preparar para isso: ser o guardião da minha sobrinha. Teria sido eu poupado para poder ajudar outra pessoa? Eu me perguntava, olhando para minhas fileiras de medicamentos para HIV. Sabia que era uma pergunta que nunca poderia ser respondida, mas que, de qualquer modo, valia a pena ser feita.

AO MEU LADO

No dia em que a estátua de Saddam Hussein foi derrubada e arrastada por iraquianos e arrastada pelas ruas do centro de Bagdá, Tiffany e eu tínhamos uma hora marcada com um promotor público assistente para tratar do caso de Jenise. Dei a notícia para Tiffany quando ela foi me encontrar no escritório depois da aula.

- Isso é tão irado - ela disse com felicidade. - Talvez o povo do Iraque esteja realmente satisfeito que estejamos lá.

- Espero que sim - respondi, recostando na cadeira. - Detesto soar cínico, mas essa é uma cena que parece perfeita demais para uma foto de mídia ocidental. Entretanto, veremos; acredito que o tempo irá dizer.

Pegamos o trem número 6 do centro para a ponte do Brooklyn e fizemos o caminho de volta pela Centre Street, em direção ao prédio do tribunal. Era uma rota muito familiar para mim depois de dez anos visitando a Orly no trabalho.

- Quero lhe perguntar uma coisa, tio Eddy - disse Tiffany, do nada.

- Por que não fazemos um trato? - eu perguntei, sempre aproveitando a oportunidade. - Se eu disser sim, então posso lhe perguntar uma coisa também, ok?

- Tudo bem - ela disse sem hesitar. Tiffany frequentemente fazia acordos sem antes realmente considerar o seu lado da barganha. - No ano passado, na noite anterior ao seu aniversário, você chamou a segurança aqui em casa?

Completamente ferrado, pensei. Acho que sou eu quem deveria ter pensado mais antes de fazer esse trato. Entendi que não havia como me livrar disso e ser honesto ao mesmo tempo.

- É, na verdade, chamei - eu disse simplesmente.

- Eu sabia! - ela deu um gritinho. - Soube disso até mesmo naquela noite! Como pôde fazer aquilo? É muito pirado! - Por sorte, ela estava sorrindo, pois eu teria detestado entrar no escritório da promotoria brigando.

- Bem, olhe para isso sob o meu ponto de vista, Tiffany. Estava com medo de que você estivesse se machucando, e não consegui acalmá-la. Pareceu-me que a visão de dois seguranças uniformizados poderia operar o milagre.

- Tudo bem, que seja - ela disse abruptamente, levantando a sobrancelha e me olhando de lado. - Mas só para constar, acho que foi um pouco exagerado da sua parte.

Tínhamos chegado à entrada de Hogan Place, então minha pergunta para Tiffany teria que esperar até depois da entrevista com o promotor público, que ela fez lindamente.

- Um caso relâmpago - o promotor Hector Rios disse. As declarações de Tiffany foram consistentes com as evidências por ele recolhidas, e ele tinha certeza da condenação. Como Jenise não tinha nenhum registro policial anterior, ele disse que ela provavelmente seria condenada apenas a alguns dias de serviço comunitário, mas que ele também iria pedir restituição do telefone roubado. Tiffany e eu ficamos surpresos quando ele então perguntou se queríamos fazer um pedido de proteção policial contra Jenise. Para a vergonha da minha sobrinha, contei para o promotor Rios sobre a mensagem obscena que Jenise havia deixado no telefone, na qual ela fingia (mal) que era um garoto pedindo para combinar um boquete com Tiffany. Depois de discutirmos o assunto, todos decidimos que o pedido não era necessário, especialmente porque Jenise não havia aparecido na escola nem uma vez em quase três semanas desde o roubo.

- Não acredito que você contou a ele sobre aquela mensagem nojenta - ela choramingou depois que saímos do prédio. - Fiquei com muita vergonha!

- Bem, ele perguntou qual foi a mensagem, e eu não ia mentir para um promotor - rebati.

- Mas ele era tão gato! - Ela cobriu o rosto com as mãos e gemeu.

- Ah, agora entendo por que ficou com vergonha! - provoquei. - Bem, na verdade, eu concordo. - Ele *era* adorável, mas não tinha planejado mencionar isso. - Ele não é, no entanto, um pouco velho para você? - Me senti obrigado a completar. - Além do mais, não me passou pela cabeça que ele fosse seu tipo; ele estava tão arrumadinho com seu cabelo de gel, terno azul-marinho e sapatos pretos brilhantes.

- É, mas ele era bem gostoso, você reparou - ela disse, rindo. - Parecia do tipo que fica mais confortável de tênis e moletom.

- Tiffany, ele tem que ter no mínimo vinte e cinco anos para ser um promotor público. Você está me assustando!

- Por quê? - ela me perguntou, indignada. - Tom Cruise tem, tipo, quarenta anos e todo mundo acha que ele é gostoso. E eu não vou sair com ele nem nada assim.

- Bem, é bom ouvir isso - eu disse com alívio debochado.

- Veja você - ela disse, se virando para mim enquanto andávamos. - Você tem a idade do Tom Cruise, e algumas das minhas amigas acham que você é gostoso.

- Pare com isso! - eu gritei. - Em primeiro lugar, você não pode me comparar com Tom Cruise e, em segundo, não deixe suas amigas falarem do seu tio desse jeito! - Rimos juntos. - Ok, agora é minha vez de perguntar alguma coisa, lembra-se?

- É - ela disse com um suspiro. - Esperava que fosse esquecer.

- Você não tem tanta sorte - retruquei. - Então, o que quero saber é: qual é o lance entre você e Tommy Dash? Vocês se encontraram no fim de semana que passou?

- O que você quer dizer? Por que está falando no Tommy assim de repente?

- Acho que você arrasta uma asa por ele - eu disse com franqueza. - Não se interessa por nenhum dos garotos da escola, ou por Aleksí ou qualquer outro amigo dele. Não que isso seja ruim, embora eu realmente ache Peter muito doce.

- Ah, então você acha que é estranho eu não ter nenhum namorado?

Antes que eu pudesse responder, ela continuou:

- Do jeito que eu enxergo, as coisas são assim: a única diferença entre ser bons amigos e ficar com a pessoa é o sexo. E, uma vez que ainda estou no colégio, é melhor que eu seja só amiga dos garotos.

- Então você está me dizendo que só planeja fazer sexo quando terminar a escola? - Não acreditei naquilo nem por um segundo.

- Bem, pelo menos não até que mais garotos tenham carro e eu possa ficar na rua até mais tarde.

Bem, aquilo me pareceu um pouco mais honesto, embora eu não visse por que aquelas duas coisas eram necessárias. Mas eu não tinha intenção de brigar.

- Você ainda não me contou sobre Tommy - eu disse gentilmente.

- Estou meio confusa sobre ele. Sei que o amo, mas acho que é mais como se ama um irmão ou uma amiga muito próxima.

- Você quer dizer que é platônico, onde não há nenhum desejo de sexo envolvido?

- Bem, já demos uns amassos antes, e ele está muito lindo hoje em dia. Mas, sim, acho que quero ser só amiga dele. E não, eu não o vi nesse fim de semana porque ele tem uma namorada agora, e ela se sente realmente ameaçada por mim.

Que garota não se sentiria, Tiffany?, pensei.

- Parece um bom plano, Tiffany. Especialmente quando consideramos que ele tem uma namorada - eu disse, enquanto andávamos sob o gazebo de aço e vidro no metrô em West Broadway.

- Ah, ela é uma nojenta. Não ligo para ela - ela declarou enquanto descíamos as escadas.

- Olhe, Tiffany! - exclamei quando chegamos à esquina da Eleventh com a Greenwich Street. Era uma manhã de primavera espetacular, e, da noite para o dia, as pereiras de

Bradford que ladeavam muitas das ruas do Village tinham florescido. Nuvens maciças de algodão branco pairavam agora sobre a Greenwich Street até onde os olhos podiam alcançar.

- É tão bonito - Tiffany disse com reverência. - Vamos andar debaixo delas.

- Claro. Depois vamos virar na Charles Street, onde a cobertura das árvores bloqueia completamente o céu.

- Não me lembro dessas árvores terem ficado brancas no verão passado - ela disse enquanto andávamos, com os raios de sol da manhã aquecendo nossos rostos.

- Elas só ficam brancas durante mais ou menos uma semana a cada primavera. Os pequenos botões se abrem e então viram folhas verdes.

- Maneiro - ela respondeu.

- Todos os bons presentes ao nosso redor - cantei suavemente - são enviados do céu, então agradecemos ao Senhor.

- Está um pouco cedo para a trilha de *Godspell*, tio Eddy - Tiffany me interrompeu, provocando, mas fiquei contente que ela pudesse ao menos se lembrar da música. Alguns meses antes, quando Megan havia levado as meninas para ver uma montagem da peça, nós quatro tínhamos dançado, interpretado e cantado junto com toda a trilha sonora do filme. Eu tinha interpretado Jesus, é claro, embora Sammy tentasse se intrometer à força algumas vezes.

- É tão difícil *não* cantar numa manhã como essa - eu disse. - E sempre quero agradecer a Deus quando vejo beleza assim tão impressionante.

- Bem, vou só agradecer às flores - Tiffany disse. Sua relação com Deus era exatamente como a minha quando eu tinha catorze anos, então decidi mudar de assunto.

- Você deve saber em que ruas andar durante diferentes partes do ano - eu disse. - No mês que vem vamos mudar da Waverly para a Christopher porque lá há a mais magnífica trepadeira de glicínias cobrindo um quarteirão inteiro em frente a uma loja de filhotes. Você vai gostar; as glicínias são roxas.

- Ok, mas quem é que fala "magnífica"? - Ela olhou para mim e sorriu.

- Eu falo - eu disse, orgulhoso. - Os adjetivos são divertidos e há uma tonelada deles além de "maneiro", "neurótico", "irado" e "sinistro". - Tiffany riu.

- Já lhe disse recentemente que você é doido? - ela me perguntou.

- Desde o Dia dos Namorados? Isso foi há quase dois meses, então tenho certeza que sim - respondi. - Ouça, espero que você esteja falando com a Srta. Martin sobre tudo o que aconteceu. Você sabe, o ataque, a família nova do seu pai, a doença de Janet. É para isso que ela está lá.

- Não, é para isso que meus amigos estão lá - ela retrucou. - Eu não gosto daquela senhora, tio Eddy. Tudo o que ela quer falar é sobre o uso de drogas e sexo. - Os olhos de Tiffany se arregalaram enquanto ela sussurrava as palavras debochadamente escandalosas. - A terapia ainda é meio retardada - ela acrescentou, ecoando a opinião que havia emitido meses atrás.

- Estou indo ao meu terapeuta há mais de um ano - respondi. - Ele me dá um apoio maravilhoso, especialmente quando estou passando por mudanças. Você está passando por muitas coisas nesse momento, Tiffany; eu seria um tutor ruim se não insistisse para você falar com um profissional. Talvez nós pudéssemos procurar alguém melhor.

- O que estou passando se chama vida, tio Eddy, e não há nada a fazer além de vivê-la. - Ela caminhava com tristeza, seu olhar fixo no chão, indiferente agora à dádiva acima de nossas cabeças.

Até o jantar, o domingo de Páscoa na casa dos meus pais foi relativamente tranquilo, com todos cuidadosamente evitando discutir os acontecimentos no mundo. Ao final da

refeição, entretanto, me vi sozinho à mesa com meu tio Tommy e sua esposa, Patricia, que insistia que a pequena fábrica móvel de antraz havia sido encontrada enterrada no Iraque. Ficava imaginando as carrocinhas de cachorro-quente em Nova York, com guarda-sóis amarelos e azuis, fornecendo armas químicas frescas no lugar de salsichas alemãs cheias de carne. Bem na hora em que o rosto do meu tio estava ficando vermelho e a voz da minha tia subia três oitavas, minha mãe veio em meu socorro.

- Ok, se afastem vocês todos - ela disse, com xícaras de café tilintando em seus dedos. - Preciso do espaço para colocar a sobremesa. - Sempre do seu modo diplomático, mamãe sabia como dissipar qualquer situação potencialmente explosiva; um talento não incomum entre matriarcas e irmãs mais velhas, acredito.

- Amamos você, garoto - tia Patricia cochichou em meu ouvido enquanto apertava meu ombro ao sair da mesa de jantar. - Mas você verá.

Todos tinham evitado, com afinco, um outro assunto naquele dia também: o ataque de Eric a Megan. Seu nome, na verdade, parecia ter sido apagado. Fui imprensado várias vezes para falar sobre a história, mas sempre em particular e nunca ao alcance dos ouvidos da minha irmã. Meu tio Barry, o irmão do meio da mamãe, oferecera trazer alguns de seus antigos amigos do Bronx e "quebrar os joelhos do filho-da-puta" até eu lhe garantir que Eric estava seguro, atrás das grades. Sua esposa, Crystal, por outro lado, havia se engasgado quando eu lhe contei que Sammy tinha salvado a pátria.

- Posso ver uma clara diferença em Tiffany - minha mãe disse, então, colocando uma bandeja de minidocinhos italianos sobre a mesa. - Ela realmente parece ter amadurecido.

- Ah, espero que tenha razão, mãe. Nós estamos numa fase boa, que culminou com os relatórios brilhantes que recebi dos professores - falava enquanto enrolava guardanapos em forma de espiral, um talento herdado do meu tempo de garçom. - Há tantas coisas, entretanto, com as quais ela tem que lidar. Queria que as coisas simplesmente parassem de acontecer por um tempo, para que ela conseguisse dar conta, sabe?

- Não é brincadeira, querido - ela disse, suspirando. - Estou realmente preocupada com Megan de novo. Você levar Tiffany para sua casa deveria dar a ela tempo para se recompor, o que ela parecia estar conseguindo. Mas ela está desempregada há mais de três meses, e agora essa coisa com você-sabe-quem. - Ela se encostou a uma cadeira da sala de jantar, sentindo o peso de cada quilo do seu corpo.

- Vai ficar tudo bem, você vai ver - eu lhe assegurei. - Megan é esperta. Ela sabe que precisa começar a procurar um emprego com mais afinco. Passou vinte anos num emprego que detestava, então ela só precisa de um tempo, só isso. - Nada do que mamãe dizia estava errado, mas meu papel sempre foi lutar contra a melancolia irlandesa que podia tão facilmente invadir nosso clã. - Me dê um abraço - eu disse, abrindo os braços.

- O que faríamos sem você? - ela perguntou enquanto me puxava com firmeza para si, os aromas familiares do perfume e do fixador de cabelo me envolveram. Depois de tudo que fiz você passar, pensei, ainda tem tanta fé em mim. Você não vê, que sou *eu* quem não conseguiria sobreviver sem *você*?

Minha mãe tinha sido minha maior incentivadora desde que Tiffany se mudara para Manhattan. Cartões inspiradores chegavam pelo correio regularmente, quase não passava um dia sem que seu nome aparecesse na tela do meu computador pelo menos uma vez. Se ela pudesse ao menos saber o quanto eu precisava daqueles e-mails, cujo propósito ela fingia ser o de me manter atualizado nisso ou naquilo - "Max tratado nessa manhã e está adorável" ou "Estou por aqui com aquele auxiliar de enfermagem!" -, quando o que ela fazia, de fato, era checar se eu estava bem e deixar claro que estava sempre lá para me ajudar.

Tiffany passou a semana depois da Páscoa em New Milford, pois sua escola estava fechada para o recesso de primavera. Estava ansioso por um tempo livre, bem como esperando que, uma vez que Megan não estava trabalhando e Sammy estaria na escola, Tiffany e sua mãe pudessem passar mais tempo de qualidade juntas.

Eu também estava ansioso por um segundo encontro com outro cara ainda da academia: um ex-ator louro e lindo, dez anos mais novo que eu, chamado Brent Smolinski. (Jordan já era passado; da última vez que o vi ele me disse que ele e o namorado tinham reatado. Duvido que tenham ficado separados alguma vez.) Todos os sábados, durante meses, eu via Brent na filial da academia que ficava mais próxima do meu apartamento, onde ele passava pelo menos duas horas no Step. Consequentemente, eu passava todo o meu tempo de malhação, que nunca durava tanto assim, admirando sua bunda em movimento. A combinação dos cuidados com minha sobrinha, a volta do sentimento de criatividade viril, e da velha e boa febre de primavera aumentou muito minha autoconfiança, então criei coragem para convidá-lo para sair. Para minha surpresa, Brent aceitou, exibindo os dentes mais brancos que eu talvez já tenha visto, e momentaneamente relaxando um maxilar digno de rivalizar com Luke Wilson.

Nosso primeiro encontro se resumiu a um longo passeio romântico pelo Village, numa noite morna de primavera. Brent parecia um pouco estranho e a conversa foi tensa. Senti como se fosse trabalho, mas não queria desistir tão facilmente; tinha esperado muito tempo por esse momento. Embora nós nunca tenhamos encontrado realmente uma ligação, o encontro terminou com a gente dando uns amassos por mais de uma hora no hall do prédio dele em Cordelia Street. Em se tratando de beijos, havia definitivamente uma química, e Brent não ficava nem um pouco sem jeito.

Nosso segundo encontro, entretanto, foi um desastre sem fim. Nós nos encontramos para o jantar num aconchegante restaurante italiano na esquina de Jane Street com Eighth Avenue. Dava para perceber que Brent estava fazendo um esforço para manter a conversa e mostrar interesse por mim, mas ficou dolorosamente óbvio que o estonteante jovem sentado na minha frente era um ser humano basicamente deprimente. Ele parecia amargurado por não ter tido sucesso como ator, falava com rancor sobre a carreira de seus colegas formados pela Universidade de Nova York e odiava seu emprego atual no qual planejava promoções especiais para locais de venda na internet. Para piorar as coisas, era uma noite úmida e ele ficou reclamando do cabelo que não tinha ficado bom, olhando no espelho ao lado de nossa mesa a toda hora, e falava que se sentia gordo, ainda que cumprisse sua rotina de ginástica religiosamente sete dias por semana.

Eu sabia ao final do jantar que não iria sair com Brent outra vez, mas não conseguia abandonar a idéia de levá-lo para cama. Anos de experiência me diziam que sexo só era bom se você realmente se importasse com a pessoa (como tinha sido com Kurt e meu amigo na Califórnia), ou se seu parceiro fosse praticamente uma página em branco na qual você pudesse projetar suas fantasias (como era o caso de Jordan). Mas a Tiffany não está, pensei. Podiam se passar meses antes que eu conseguisse uma chance dessas outra vez, e definitivamente não seria com Brent. Lá no fundo, eu sabia que isso era simplesmente autojustificativa, e que eu estava só me entregando ao tipo de alimento do ego pelo qual eu tanto ansiava. Mas afastei essa ideia e convidei Brent para subir até o meu apartamento. A despeito de ele ser fisicamente perfeito em praticamente todos os aspectos, o sexo com ele foi quase tão divertido quanto esperar numa fila por duas horas numa temperatura de quarenta graus para fazer um passeio de montanha-russa que dura quarenta e cinco segundos. E isso na visão de alguém que detesta parques de diversão. Infelizmente, eu iria saber depois, o tempo de Tiffany e Megan juntas não foi muito melhor.

A DESCENDENTE, A BRUXA E O LÓBULO DA ORELHA

- Tio Eddy, posso fazer um curso na Morgana na semana depois desse sábado?
- Tiffany e eu estávamos jantando numa quinta à noite, com deliciosos tacos feitos em casa; tinha visto um kit El Paso na loja e lembrei que Tiffany sentia saudades das "Noites Mexicanas" que ela, Megan e Sammy costumavam ter pelo menos uma vez ao mês. A última vez que eu havia servido carne foi um estrogonofe semipronto, e Tiffany tinha implorado: "Por favor, tio Eddy, sem mais vacas moídas." Mas já havia passado um tempo agora, e ela parecia satisfeita com esse prato.
- Que curso é esse e quanto custa? - perguntei. A Morgana Chamber é uma loja Wicca na West Street que possui todos os suprimentos de que uma bruxa moderna provavelmente poderia precisar. Todas as vezes que me aventurei a entrar lá com Tiffany, tive uma crise alérgica instantânea por causa dos dois grandes gatos pretos que se esgueiravam pela loja, soltando pêlos em cima de toda a mercadoria.
- É sobre como fazer amuletos e talismãs, o que parece realmente maneiro - Tiffany respondeu, colocando mais uma colherada de salsa Paul Newman em cima do seu taco.
- Não tenho certeza do preço ainda.
- Aquele lugar me dá arrepios - eu disse, franzindo o rosto. - Da última vez que estive lá quase pisei em cocô de gato, e você tinha que ter visto os endereços de e-mail na folha de inscrição para o curso. Um deles era "o leite da mamãe está negro hoje arroba Earthlink ponto net".
- Eca, que nojento - Tiffany reagiu. - Acabei de me lembrar que Kitt está vindo no fim de semana que vem mesmo. Ela não é uma bruxa, então vamos só sair por aí.
- Não se esqueça de que vou comprar ingressos para todos nós para o sábado no TriBeCa Film Festival, ok? É sobre um bando de roqueiras, então acho que você vai gostar. E vamos jantar fora para comemorar suas notas, primeiro. - O boletim de Tiffany tinha chegado, e me custara \$105. Um preço pequeno a pagar, compreendi, para uma aluna que tinha passado de "um risco de fracasso" para o quadro de honra.
- É, parece ser bem legal. - Tiffany recolheu nossos pratos, e eu a segui até a cozinha levando a salsa e o sour cream. Ela começou a lavar a louça enquanto eu me divertia colocando todos os componentes do taco que não haviam sido comidos em potinhos plásticos separados. Eu não precisava mais pedir a Tiffany que lavasse a louça, potes e tudo o mais (agora eu de vez em quando me oferecia para lavá-los para ela, especialmente se sua carga de trabalho de casa estivesse pesada).
- Tio Eddy - Tiffany começou com sua voz de historinha infantil -, amanhã um grupo de amigos vai dar uma volta até o bairro do Niko.
- Que bairro é esse? - perguntei, colocando colheradas de carne moída num pote de plástico azul.
- Acho que o nome é Washington Heights - ela respondeu, sem nunca tirar os olhos de suas mãos cobertas por borracha amarela.
- Desculpe-me, Tiffany, mas você não pode sair nessa área. Nem agora, nem nunca. - O fato de que eu não conhecia Niko era irrelevante.
- Como é que é? - Ela fechou a torneira e se virou na minha direção, com cara de nojo.
- Não é uma região segura. Orly me contou que aproximadamente setenta por cento de todos os crimes cometidos em Manhattan acontecem em Washington Heights. Haverá alguns lugares aos quais eu não vou deixar que vá, Tiffany. Eu decido o que é seguro e o que não é.

- Eu vou estar com *meus amigos*, e eles *moram* lá. Não tenho medo de andar por lá se estiver com eles. - Sua língua ficava mais afiada. - Eles não vão deixar que nada aconteça comigo, tio Eddy.

- Como eles vão protegê-la de uma bala perdida, Tiffany? - perguntei. - Olhe, sinto muito, mas o fato de você não ter medo não quer dizer que não esteja em perigo. Há muitas razões para você não poder ir lá, e uma das mais importantes é que não quero você vindo de metrô para casa daquela parte da cidade às onze horas da noite, mesmo se não estiver sozinha. - Tiffany passou por mim feito um vento em direção ao corredor.

- Você não pode controlar aonde vou, tio Eddy - ela disse, ficando mais estridente a cada palavra. - E isso é ridículo! Que diferença faz se saio em Washington Heights ou Washington Square Park? Você acha que crimes nunca acontecem por lá? - Tiffany andava pelo corredor agora, sacudindo o corpo numa manha em grande escala. Já fazia vários meses desde a última, mas o padrão me era familiar, assim como o aperto no meu peito. Não se deixe levar, dizia a mim mesmo.

- Está fazendo isso por causa do que aconteceu em New Milford no fim de semana passado, não é? - perguntou em tom acusatório, parada ao meu lado agora, com as mãos nos quadris e o rosto apenas a centímetros do meu. - Você não mencionou isso durante toda a semana, mas agora decidiu me punir.

- Não, Tiffany - eu disse calmamente. - Isso é simplesmente uma daquelas tomadas de decisão que sou obrigado a fazer e que você tem que aceitar. Você não pode me enfrentar desse jeito toda vez que tomo uma decisão sobre o que é apropriado ou não. - "Se continuar, terá que ir embora", queria dizer, mas controlei minhas palavras. Você *não pode* ameaçá-la, Ed.

Tiffany tinha voltado para casa na noite do sábado anterior no carro de um garoto que Megan não conhecia. Ela perguntou a Megan se ele poderia levá-la à casa de Jackie, onde Tiffany queria passar a noite. Quando Megan disse não, elas começaram a discutir e Tiffany a chamou de "filha-da-puta", entrou no carro e saiu. Eu só ouvi o lado de Megan da história, mas não importava; Tiffany tinha saído de casa sem permissão da mãe, o que era o xis da questão. Megan e eu havíamos decidido que eu não iria punir Tiffany quando ela retomasse à cidade, mas que ela não teria permissão para voltar a New Milford por alguns meses.

- Você está me enlouquecendo, sabia disso? - ela gritava comigo agora. - Eu me sinto como um animal preso, e você está fazendo isso de propósito!

- Tiffany, você precisa ir para seu quarto, ok? Eu não vou discutir sobre isso.

- Ah, *você* não quer discutir sobre isso, então é assim? - ela disse com sarcasmo. - Você simplesmente não quer que eu saia por aí com garotos dominicanos, e isso é problema *seu*. - Ela esperou que eu respondesse, mas eu não o fiz. - Você quer que eu saia com bons jovens ricos aqui em West Village porque são aqueles com quem *você* sairia. Você acha que pode controlar cada coisa que faço, com quem faço amizade e aonde vou. E isso é doentio! Você precisa falar com seu terapeuta sobre isso. Por que você não pode simplesmente ser mais relaxado?

- "Por que você não pode ser mais relaxado?" - imitei-a, mexendo minha cabeça de um lado para o outro como uma garota hip-hop maneira. Sabia que aquilo estava errado quando fiz, mas estava enfurecido por ela não reconhecer nenhuma das liberdades que eu lhe dava. Eu a deixava andar por toda a Manhattan, de alto a baixo, frequentemente sem ter a menor ideia de onde ela estava ou com quem, exatamente. Eu não a proibia de ir a apartamentos onde não havia sequer um adulto presente, ou de fumar maconha ou beber um pouco, contanto que ela mantivesse o auto controle e promettesse me ligar se precisasse de ajuda. Eu nunca dissera que ela não podia sair com a criminalmente insana Jenise ou com Aleksí, que eu sabia que era um maconheiro.

- Vá... para... seu... quarto... Tiffany - eu disse entre dentes, com cada uma das mãos num lado da bancada da cozinha. Não estava usando a bancada como suporte, mas tentando tirar forças do móvel propriamente dito.

- Eu odeio essa porra aqui! - ela gritou enquanto corria para o quarto e batia a porta com força.

Sintonizei o rádio da sala de estar numa estação de música clássica e me deitei no sofá com meu *New York Times*. Não queria ouvir os inevitáveis sons de Tiffany reclamando com seus amigos de mim. Certa noite, depois de uma briga relativamente pequena, perguntei se ela ainda queria sair para comer comida chinesa. Ela aceitou, com relutância, mas, antes de sairmos, ouvi quando ela falava ao telefone com um amigo: "Agora ele espera que eu me sente com ele à mesa e fique vendo ele comer? Ele é nojento!" Jurei que, agora, se eu a ouvisse gritando sobre mim, através da porta de seu quarto, pelo corredor e abafando a música, então ela estaria basicamente gritando *comigo*, e eu teria que tomar algum tipo de providência. Mas qual? Os únicos sons que emanavam do quarto de Tiffany, entretanto, eram os de Tupac, e minha ansiedade foi temperada pela esperança de que aquele incidente terminasse relativamente rápido.

Fiquei deitado lá por mais de uma hora, tomando sorvete e lendo o jornal. Finalmente, ouvi Tiffany sair do quarto por um momento e ir ao banheiro. Quando me levantei, um envelope estava no chão na entrada do meu quarto. Com grande hesitação, eu o peguei e abri.

Caro tio Eddy,

Sinto muito que isso não seja um poema idiota para expressar minha mais profunda tristeza que escrevi meio para me expressar, meio para puxar o seu saco. Quero começar dizendo que eu simplesmente *adoro* quando você debocha de mim porque isso me aquece e afaga o coração. Me desculpe por eu não ser "velha e sábia" como você, nós não conseguimos ter uma porra de conversa. Ah, é, eu tenho 14 anos. Isso deve significar que nada do que digo tem importância!! Por que não posso ter a droga de escolha de ser feliz às custas de mais ninguém a não ser eu mesma? Ao contrário do que você e mamãe acham, não sou burra e não perdi 8 meses da minha vida nessa cidade de merda só para voltar e fazer as mesmas merdas burras que teria feito antes de vir para cá, porra. É da natureza humana, eu acho, bem, pelo menos no Adeletta-Wintle/duo irmão-irmã, pensar que tudo é horrível e pior do que realmente é! É tão difícil deixar a porra das coisas caminharem e não exagerar tudo pra cacete? Você já deu uma olhada nos padrões que você coloca para as pessoas ultimamente, porque eles são umas porras muito altas. Talvez seja por isso que não sou a única que vive minha "vida secreta" sozinha. Será que eu deveria tentar analisar sua vida um pouco mais? Talvez depois de você ler essa carta nós possamos sentar juntos com um cronômetro e conversar de forma civilizada sobre nossos sentimentos, então você poderá colocar todas as suas anotações na pasta "Tiffany". Ou uma ideia melhor ainda: que tal eu ir à terapia na quarta-feira e falar sobre essa minha perspectiva fudida do mundo? Então você vai poder fingir que eu estou de verdade mudando a maneira como me sinto. Eu tento ser uma pessoa pra cima, bem feliz, mas por alguma razão isso não está funcionando. Talvez seja toda essa negatividade nojenta do "Sr. Superior" que você carrega o tempo todo. Acho que já é hora de descer do cavalo alto e se juntar a nós humanos, aqui no chão. Sabe o que mais? Eu já estou completamente, positivamente cheia pra cacete dessa merda. Estou de saco cheio de me lamentar, e me despedaçar, por duas pessoas que obviamente não dão a mínima para o meu futuro, mas que conseguem cagar mais ainda para meu estado de espírito nesse momento. Ah, não, despejei minhas entranhas nessas folhinhas de papel e expliquei exatamente como me sinto. O que você acha de mim agora? SOU UM CASO

SEM ESPERANÇA? Talvez você devesse simplesmente me mandar para um colégio interno e se livrar de mim, de modo que não terá que passar outros 5 minutos lendo minhas cartas obviamente sem sentido. Pelo menos você pode ir passar um tempo com Sammy quando quiser, ou sair e ir ao teatro três vezes por semana e não se preocupar se estou em casa fumando maconha e comendo todas as sobras de comida chinesa.

Com amor,
Tiffany

Sentei-me em minha cama, estupefato. A despeito do comportamento de Tiffany na casa da mãe durante o recesso de primavera, pensei que as coisas estivessem muito melhores entre nós. De algum modo, acreditei ter obtido o respeito dela como seu guardião pelo modo como lidei com sua doença, pelo modo como me envolvi em sua educação, e simplesmente pelo modo como eu levava minha vida. Será que venho me iludindo? Tinha dúvidas agora. Será que ela tem simplesmente brincado comigo, me acalmando enquanto nenhum de seus sentimentos ou crenças sobre a vida e sobre si mesma mudou? O veneno puro que a carta de Tiffany continha também me chocou. Ela nunca havia falado comigo daquele jeito, com exceção, talvez, do dia em que ela socou a cama no outono passado. Será que eu não havia estabelecido limites fortes o suficiente? Será que fui muito amigo para ela, de modo que ela sentisse que poderia falar comigo desse jeito? Lembro-me de que, na noite em que chamei a segurança, a manha de Tiffany tinha acontecido porque eu lhe dissera que ela *não* poderia ficar mais um dia em Connecticut no fim de semana do seu aniversário, e agora ela estava furiosa por ter ouvido que *não* poderia andar por Washington Heights. Quando ela estava com a Megan, recebeu ordens de que *não* poderia ir dormir na casa de uma amiga. Ela ainda era estruturalmente incapaz de ouvir um não como resposta. Mas será que ela realmente via Nova York como uma "cidade de merda" e será que ela verdadeiramente me via como esse babaca condescendente? É claro que toda essa coisa de Megan e eu estarmos conspirando contra ela é um clássico do pensamento adolescente, eu acho, mas o que ela quer dizer com "vida secreta"? Acho que ela quer dizer "vida sexual", mas quando se faz isso *sozinho* não pode realmente ser chamado disso. Muito inteligente, mas ela só tem catorze anos; não deveria estar se lamentando pela falta de vida sexual!

Lembrei-me de todos os sinais de progresso de Tiffany – a virada que deu na escola, sua dedicação à interpretação e à escrita e o modo como parecia reconciliada com o fato de ficar em casa nos fins de semana -, bem como o fato de que adolescentes têm o mundo alimentado por fúria e complexos de perseguição. E além de ser a descendente de um ex-ator histriônico como eu, Tiffany tem um talento extraordinário para espremer cada gota de drama de qualquer situação. Isto é progresso, não perfeição, pensei. Não se pode esperar que quase catorze anos de condicionamento sejam apagados em sete meses. É a mesma coisa de quando você se sente mal, mas ainda assim não é capaz de parar de dormir com Brent. Como se diz, o cachimbo deixa a boca torta. Justamente quando minha reação à sua carta já estava se atenuando, Tiffany entrou correndo no meu quarto, se atirou na minha cama e começou a berrar.

- O que houve, Tiffany? O que houve? - Deslizei até ela e a segurei em meus braços. Seu rosto estava lavado de lágrimas e a pele ao redor dos olhos vermelha como suco de beterraba.

- Liguei para a mamãe e ela estava bêbada. - Ela se afastou um pouco e depois caiu de volta no meu peito, chorando.

- Vai ficar tudo bem, docinho - eu disse, beijando o alto da sua cabeça e apertando-lhe a perna delicadamente. - Tudo vai dar certo. - Pobrezinha, pobrezinha, pensei. Quanto mais sofrimento você poderá aguentar de uma só vez? Enquanto a abraçava, me lembrei de ter visto *Clamor do sexo* no *The 4:30 Movie* quando era garotinho, e do quanto fiquei chocado com as terríveis batalhas de Natalie Wood contra as loucuras da adolescência. (Toda tarde eu corria pelo quarteirão para entregar meus jornais, então podia estar de volta em casa às 4:25. Eu fechava bem as cortinas para escurecer meu cantinho, pegava um limão e um saleiro e sintonizava no WABC. Meu coração acelerava de animação, vendo os desenhos da câmera girando e ficando cada vez maiores, acompanhados da música familiar: "da na na, da na na, da da du da". Sentado sozinho no escuro, chupando limão com sal, fui inconscientemente doutrinado pelos cults *Vale das Bonecas*, *O que aconteceu com Baby Jane?*, *Com a maldade na alma* e muitos outros clássicos.) Havia testemunhado loucuras de adolescência de novo com Megan, numa escala muito menor, e agora estava passando por isso com a filha dela. No momento, entretanto, o que eu sentia acima de tudo era gratidão; apenas uma hora depois de Tiffany ter me escrito uma carta tão mordaz, ela vinha correndo para mim em busca de consolo.

- Shhh... - sussurrei, enquanto sua respiração se acalmava e ficava mais controlada.

- Às vezes meus pensamentos ficam tão altos que acho que todo mundo a minha volta pode ouvi-los - Tiffany disse em tom conspiratório quando eu estava de pé na frente dela e de Kitt, sua amiga de New Milford, no trem número 2, seguindo para Chambers Street. Estávamos a caminho para ver *O santuário do rock* no festival de filme de TriBeCa. As meninas tinham passado umas duas horas secando os cabelos, experimentando diferentes roupas e se maquiando. Sentei-me no sofá e fiquei digitando no laptop, disponível para suas consultas durante cada parte do processo.

- Essa blusa me faz parecer uma piranha? - Kitt me perguntou.

- Não - eu menti -, mas está tão apertada que fica um pouco brega. - Depois de anos observando minhas duas irmãs mais velhas aplicando sombras e colocando sapatos de plataforma, fui tomado pelo conforto de algo familiar, mas há muito esquecido.

- Você é tão doida, Tiffany - Kitt implicava agora, abrindo um adorável sorriso metálico.

- Não, é sério - minha sobrinha continuou com seriedade. - Quando isso me acontece, olho para alguém e penso com bastante força: "Se você pode me ouvir, toque o lóbulo da sua orelha."

- E isso acontece? - perguntei, falando acima de suas cabeças, como uma divindade perversa.

- Não - admitiu Tiffany um pouco triste.

- Tenho certeza de que há pessoas que conseguem ler seus pensamentos telepaticamente

- eu disse, tentando parecer seguro. - Mas a gente simplesmente não sabe quem são elas.

- É claro, tio Eddy - ela disse com um traço de impaciência na voz. - Kitt e eu lemos os pensamentos uma da outra o tempo todo. Não é, Kitt?

- Positivo - disse Kitt, entrando no jogo. - Como agora, aposto como você comeria cascas de batata com queijo e bacon.

- Aimeudeus! - Tiffany gritou. - Não acredito que você sabia disso!

Jantamos bem ao lado do cinema, no TGI Friday's, uma rede que até aquele momento eu tinha conseguido evitar. (E entre todos os lugares, ela é em TriBeCa, o último representante do *cool* em Manhattan.) As meninas se entupiram de comida, como lutadores de sumô numa dieta para engordar, com Tiffany saciando seu desejo de comer cascas de batata e todos nos deliciando com sundae de sobremesa. O filme, estrelado

por Gina Gershon como a líder de um grupo de senhoras roqueiras que permanecem juntas na alegria e na tristeza, era um pouco demais para ser assistido acompanhado de meninas de catorze anos (pelo menos elas aparentam dezesseis ou dezessete, me lembrei aliviado). A música era fantástica e, enquanto assistia, fiquei imaginando Tiffany como parte do mundo glamorosamente espalhafatoso do rock, talvez até mesmo como vocalista de uma banda. Por que eu vibrava com essa ideia, a despeito do desapontamento e do sofrimento que inevitavelmente viriam junto? Porque quando a música voa pelos ares, tudo vale a pena, cada luta e cada derrota.

- O que acharam? - perguntei às garotas sonolentas quando acabou.

- Eu gostei - respondeu Tiffany. - Mas a música era uma droga - as duas disseram em uníssono, lendo a mente uma da outra mais uma vez.

MELHORANDO UMA CANÇÃO MELANCÓLICA

- Sr. Wintle, lamento, mas temos um pequeno problema aqui - disse a Srta. Santiago com sua voz de robô. - Jenise veio à escola hoje e contou ao Sr. Rodriguez que ela esteve presa durante todo esse tempo, pois Tiffany a fez ser presa.
- Isso é um absurdo - eu disse, imediatamente na defensiva. - O assistente da promotoria disse que ela havia sido condenada, mas que seria sentenciada apenas a alguns dias de serviço comunitário e restituição do roubo. O que ela está fazendo aí? Vocês não a tinham oficialmente removido do quadro de alunos? - Sinalizei para Rob segurar qualquer outra ligação que recebesse.
- Por que não fomos informados de nada disso? - a Srta. Santiago perguntou assertivamente.
- Jenise não vai à escola há quase três meses - respondi. - Me parece que seria reponsabilidade da escola descobrir por quê. Além disso, liguei para o Sr. Rodriguez uma semana depois de Jenise ter roubado o telefone de Tiffany e contei a ele que ela seria presa. Pensei que ele fosse contactar o escritório da promotoria pessoalmente.
- De qualquer modo, estou com Tiffany aqui em meu escritório - ela disse. - Não posso deixar que essas meninas se encontrem pelos corredores da minha escola.
- Há quanto tempo ela está detida em seu escritório? - O relógio do meu computador me dizia que já era quase meio-dia.
- Desde que Jenise chegou à escola nessa manhã.
- O quê? - eu praticamente gritei ao telefone. - Isso é ultrajante! Quero que minha sobrinha vá para a sala de aula. Ela não fez nada de errado. Você está com uma criminoso condenada transitando pelos corredores, e Tiffany está sendo punida? Você tem que tirar Jenise dessa escola agora...
- Com licença, Sr. Wintle - a Srta. Santiago me interrompeu, sem mudar o tom de voz em uma nota sequer. (Ela soava tão seca quanto Madonna em *Speed the Plow* na Broadway. Eu fui à gerência e pedi meu dinheiro de volta, em vão.) - Há procedimentos a serem seguidos. Teremos que pedir uma transferência involuntária para Jenise, mas como o senhor já sabe, o superintendente poderá decidir que quem será transferida é Tiffany.
- Sobre o meu cadáver - eu disse devagar e firmemente, como um ator ruim num filme B. - Acontece que sei que essa é a quarta escola de Jenise. E Tiffany está se dando muito bem na *sua* escola, portanto não será ela quem vai sair. - Escrevi o nome Gail Cohen em meu bloco de anotações, meus nervos se apoiando em nosso Amigo num Alto Cargo. - Vou lhe enviar um fax com a papelada que tenho do assistente da promotoria que fez o processo contra Jenise, e vocês podem continuar daí. Nesse meio-tempo, entretanto, quero que Jenise fique em seu escritório e Tiffany assistindo às aulas.
- Vou aguardar a documentação - a Srta. Santiago respondeu num tom agradável, mas no qual estava implícito que ela não acreditava muito no nosso lado da história.
- Vai chegar aí logo - eu disse e bati na tecla do meu telefone para finalizar a ligação. Qual é o problema dela? Fiquei imaginando. Tiffany a havia irritado tanto com o caso da bomba de fedor que não conseguia distinguir entre as duas alunas? Ou foi o caso do beijo no garoto porto-riquenho? Ou talvez o incidente da carteira? Ok, então houve uma variedade de problemas, pensei, mas talvez a Srta. Santiago não percebesse o quanto Tiffany estava indo bem em todas as suas aulas. Terei que ligar para o Sr. Rodriguez e pedir que ele informe isto a ela.
- Todas as noites a partir daquele dia eu perguntava a Tiffany se Jenise havia ido à escola. A resposta era sempre não.

Tive pouco sucesso na discussão sobre Washington Heights com Tiffany depois que Kitt voltou para New Milford.

- Não pensava que você e eu falávamos daquele jeito um com o outro - disse, me referindo à carta.

- Eu lhe tratei com o mesmo respeito que você me tratou – ela retorquiu. - Não confiar em mim e não me deixar ir aonde tenho que ir não é me tratar com respeito.

Não havia jeito de fazê-la entender que minhas decisões em relação à sua liberdade - seu toque de recolher, os lugares da cidade aos quais poderia ir - não tinham nada a ver com o fato de confiar nela ou respeitá-la, mas sim com o que eu achava que era seguro e apropriado para uma garota de catorze anos. Durante toda a sua vida, Tiffany foi capaz de discutir e brigar até conseguir o que queria com Megan e, imagino, com Tony. Como toda criança pequena, caso se deparasse com resistência, ela gritava, atirava coisas, ameaçava e basicamente fazia da vida familiar um inferno até que eles desistissem. E por alguma razão, os pais de Tiffany eram incapazes de se manterem firmes. Então, "canse-os e conquiste" se tornou seu lema (que ela nunca abandonou), e eu não iria cair nele.

Mas o que vai acontecer no próximo ano, quando ela for um pouco mais velha e tiver amigos íntimos com quem sair? Como vou conseguir manter o controle sobre seu comportamento? Tivera a esperança de que o respeito que ela costumava ter por mim desde o tempo em que era menina, quando éramos mais amigos do que tio e sobrinha, iria perdurar até a minha tutela. E acreditei que o progresso que Tiffany teve com sua auto-estima (ela já não negava que era inteligente e talentosa) fosse, de alguma maneira, aumentar sua habilidade de respeitar autoridade. Será que eu estava tentando ligar pontinhos desenhados em folhas diferentes? Parecia ter funcionado na escola; como disseram os professores, ela escolhera fazer as coisas de forma diferente, para alcançar mais do que destruir, e seu comportamento em aula tinha mudado consideravelmente. Por que o mesmo não aconteceria em nosso relacionamento? Será que seu amor por mim, combinado à crescente confiança e admiração por tudo que eu fazia, não a tornava apta a aceitar que eu pudesse saber um pouco mais do que ela sobre o mundo e sobre o que é bom ou ruim para ela? Será que não conquistei o direito de dizer a ela o que fazer? Temia que eu nunca fosse ganhar esse direito, e que uma tragédia se aproximava se ela continuasse a me enfrentar em cada limite e a me desrespeitar quando eu me mantivesse firme nesses limites. Mas eu só podia me mover para frente, uma hora após a outra, e esperar pelo melhor. Nossa última briga não havia terminado com ela se ferindo ou eu chamando a segurança, então talvez estivéssemos tendo progresso, afinal de contas. As palavras de sua carta, entretanto, ecoavam em minha cabeça; os insultos, a maldição (era a linguagem de seu relacionamento com Megan, não comigo). Agora que Tiffany havia passado aquelas palavras para o papel, seria só uma questão de tempo até que ela as dissesse na minha cara?

Quando adolescente, eu certamente não fui anjo. Como Tiffany, comecei a experimentar álcool e maconha antes de completar treze anos, e, quando estava na escola secundária, o problema se agravou. Aos quinze anos, eu e meu melhor amigo, Joey, pegamos o carro de uma garota mais velha numa festa. Ela havia desmaiado e Joey queria que eu o ensinasse a dirigir. Eu era obcecado por dirigir desde que tinha idade suficiente para andar, e tinha convencido várias namoradas mais velhas a me deixarem dirigir o carro delas muito antes de eu ter idade para tirar uma licença de aprendiz. Decidi que seria

mais seguro para Joey praticar num grande estacionamento, então dirigi o Plymouth Duster até um shopping popular numa cidade vizinha. Estávamos atrás das lojas, com Joey ao volante, quando vimos as luzes de um carro de polícia à nossa frente, fazendo sua ronda de rotina. – Rápido - disse Joey -, você dirige, e vamos sair daqui. – Tão logo executei um cavalo-de-pau perfeito e comecei a correr dali, vi o carro da polícia no meu retrovisor. Ele estava nos alcançando, então acelerei. Estávamos então no setor aberto e mais largo do estacionamento, portanto, pisei mais fundo. As luzes da polícia piscavam e a sirene berrava à medida que a distância entre nós diminuía. Percebendo que era ridículo achar que eu poderia suplantá-lo, comecei a reduzir a velocidade. Bem nessa hora, o policial me deu uma fechada pelo lado direito, batendo na lateral direita do pára-lama do Duster, fazendo com que os dois carros parassem. Fiquei sentado reto no banco do motorista, meu corpo inteiro dormente, enquanto o policial puxava Joey para fora do carro pela porta do carona. Ouvi um grito, mas estava assustado demais para me virar e ver o que acontecia.

Alguns minutos depois, no banco de trás da viatura de polícia, Joey virou-se para mim e disse:

- Eddy, acho que levei um tiro. - Ele pegou minha mão e colocou-a em seu ombro. Eu puxei a mão num reflexo e olhei para o ombro sob as luzes estroboscópicas que vinham da rua. Ficava vermelho, preto, vermelho, preto, vermelho, preto, e eu sabia que estava vendo sangue.

Fiquei aterrorizado com a encrenca em que tinha me metido, não só com a Justiça, mas com meus pais também. Minha primeira infância havia sido razoavelmente feliz, ainda assim eles tinham conseguido plantar em mim um medo saudável da sua ira. Quando compareci diante do juiz vários meses depois, meus joelhos tiritavam e minhas pernas tremiam descontroladamente. Como o ensaiado, contei ao juiz que não tinha intenção de retornar a um tribunal até ter obtido meu diploma de direito. Joey já tinha dezesseis anos, então o caso dele era mais sério, mas, porque o policial sacou da arma ao tirar Joey do Duster, as acusações foram retiradas. A arma havia disparado acidentalmente, e o cano encostou no ombro de Joey, causando uma queimadura séria, e o oficial foi suspenso da corporação. Quatro anos mais tarde, entretanto, Joey teve um encontro acelerado com um poste de luz, ficando com um braço reconstruído, uma placa de metal no crânio e um ligeiro dano cerebral.

Tive outros dois entreveros com a lei antes de chegar à idade adulta; um no meu último ano da escola secundária, quando fui pego com maconha num passeio de inverno da turma, e outro quando me formei na faculdade. Meus pais tinham me dado uma viagem para as Bermudas como presente de formatura, e eu e uma amiga fomos presos lá por posse de pequenas quantidades de narcóticos variados. Fomos multados numa grande quantia, que meus pais pagaram, e eu tive que trabalhar para reembolsá-los antes que me mudasse para Manhattan e começasse minha carreira de ator. Meu pai admitiu antes de eu ir que temia que eu pudesse ser pego correndo na Christopher Street, descontrolado pelo uso de alguma substância. Isso nunca aconteceu, embora eu realmente tenha perseguido um namorado com o qual eu tinha brigado pela Bleecker Street, certa noite, usando apenas uma capa de chuva e botas de borracha.

Entendo agora a enorme dor pela qual eu passei quando era adolescente, e o quanto eu poderia ter me beneficiado se tivesse um adulto a quem recorrer para um conselho. Embora tivesse amigos na escola secundária, minha vida íntima era secreta, bem como fonte de grande vergonha. E era o tormento daquela solidão e a baixa auto-estima que nascia daquela vergonha que me faziam usar substâncias para me anestesiarem. Os pais não conversavam com os filhos do jeito que fazemos hoje, e eu carreguei o abismo entre mim e meus pais para meu relacionamento com professores e, mais tarde, mestres. Os

adultos não me entendiam, estava certo, e existiam simplesmente para nos julgar. Consequentemente, eu os evitava. Tinha ciúmes dos alunos que ficavam amigos dos professores, e ressentimento pelo fato de nenhum nunca ter me escolhido como protegido. É claro que era eu quem os afastava, com medo de não ser merecedor de sua atenção.

Gostaria hoje de ter tido um tio Eddy, alguém para me encorajar a explorar minha criatividade, me ajudar a organizar meus sentimentos e, acima de tudo, me dizer que eu era incrível e que poderia fazer o que quisesse. Tinha tentado ser essa pessoa para Tiffany durante toda a sua vida, mas seria agora possível ser isso e *também* uma referência de autoridade? Esses papéis se excluíam mutuamente? Ficava imaginando. Ou seria tarde demais para mudar a dinâmica de uma coisa em um híbrido dessa coisa e mais outra? Só o tempo me diria, eu sabia, mas, só para garantir, decidi ligar para Georgia, minha amiga guitarrista maneira, para ver se ela podia me ajudar.

Eu me dei de presente uma aula de Vinyasa yoga durante a primeira aula de guitarra de Tiffany. Vinha tentando fazer a aula de sete e meia às quartas-feiras pela manhã, mas sempre decidia ler o *Times* na cama, adiando tanto minha rotina de exercícios quanto levar Tiffany até o metrô. Mas nessa noite de segunda-feira de maio, eu me delicieei numa aula de uma hora e meia, encharcado de suor, que terminava com quinze minutos inteiros de *savasana*, uma relaxante posição de yoga.

Quando entrei no apartamento, o cheiro do jantar vegetariano caseiro impregnava o ar, e eu podia ouvir as aulas no fim do corredor. Georgia deve ter trazido suas guitarras porque ela tocava um acorde e depois Tiffany imediatamente o repetia. Fiquei ouvindo por um minuto antes de bater à porta do quarto.

- Que vocês estão fazendo? - perguntei depois de receber permissão para entrar.

- Me apaixonando por sua sobrinha - Georgia disse, com um sorriso de orelha a orelha. Tiffany me deu uma rápida olhada, mas permaneceu disposta a acertar o acorde.

- Junte-se ao clube - eu respondi, secretamente contente por eu não ser o único adulto a sucumbir aos encantos dos adolescentes. - Como estão indo?

- Incrível - disse Georgia. - Tiffany vai pegar tudo rapidinho. Ela é musical até a alma. - Minha sobrinha levantou os olhos da guitarra por tempo suficiente para revirar os olhos e dar um risinho; sua concentração não deveria ser interrompida.

- Bem como eu suspeitava. - Sorri com orgulho. - O jantar está cheirando muito bem, Georgia, obrigado. Vou me servir; vocês continuem tocando.

Tiffany gostou da Georgia no exato momento em que se conheceram, dois anos atrás. Ela adorava o fato de que minha amiga era uma ex-compositora de uma grande gravadora que havia conquistado sua própria banda, sem mencionar seu button da campanha "No Blood For Oil" e sua inclinação para aludir a pessoas como W. B. Yeats e Kurt Cobain na mesma frase. Perguntei a Georgia se ela poderia passar um tempo cara a cara com minha sobrinha e talvez desenvolver uma amizade mais próxima. Esperava que Tiffany fosse confidenciar a ela coisas sobre meninos e sexo. Basicamente, eu recrutei Georgia para substituir o velho tio Eddy, e ela topou na hora. Quando mencionei que Tiffany sempre quis aprender a tocar guitarra, Georgia viu essa oportunidade como a maneira perfeita para elas se aproximarem.

Agora, enquanto estava sentado comendo a deliciosa coisa verde polpuda que Georgia tinha preparado, reconhecia os acordes de "Hey Jude" voejando pelo corredor. Pensei no tio Tommy e em como ele havia encorajado Megan a aprender a tocar guitarra quando ela era adolescente. Ela era a única numa equipe de cinco que tinha talento musical, e sua voz era maravilhosa. Estava abafado e enfumaçado, e quando ela cantou "Leaving on a Jet Plane", brotaram lágrimas dos meus olhos de onze anos de idade. Megan já

tinha parado de tocar fazia tempos, declarando que não era boa e que não sabia cantar. Será que ela ainda tem aquela antiga guitarra? Fiquei imaginando, enquanto as vozes de Tiffany e Georgia se mesclavam para o final apoteótico *naah, naah, naah, na, na, na*. Embora eu não estivesse emocionado com o fato de a primeira música de Tiffany na guitarra versar sobre um viciado em heroína, senti todo o meu corpo mergulhar num profundo estado de conforto por saber que as décadas que se passaram tinham completado um ciclo da vida.

SEM CAVALEIRO NO CAVALO BRANCO

- Já sei – eu praticamente gritei do outro lado da mesa. - Você tomou um brunch no meu apartamento! Há nove anos. Você era amigo do meu ex de Harvard. - Eugene vinha tentando me arranjar com seu novo amigo, Trevor, havia algum tempo, e eu estava agora sentado com eles e Tom, o namorado de Eugene, num pequeno restaurante de frutos do mar na Bedford Street. Sabia que Trevor não me era estranho no momento em que o vi, e quando ele comentou que tinha morado em Boston até recentemente, tudo voltou à minha mente de uma vez.

- É mesmo? - Trevor perguntou com um sorriso, suas bochechas formando vincos sexies. - Acho que não. Só me lembro de você do trem há dois anos. - Aparentemente, quando Eugene falara a Trevor meu nome todo, ele surtou; dois anos antes Trevor tinha me encontrado num trem na direção Metro-North e tinha pegado meu nome e endereço na etiqueta de entrega do *New York Times* que deixei para trás. Ele havia escrito um poema para mim, mas nunca teve coragem para enviá-lo. Outras pessoas poderiam achar isso um pouco assustador ou estranho, mas eu adorei, não só por ser lisonjeiro, mas porque era exatamente o tipo de coisa que eu faria (embora eu teria enviado o poema). Nos meus áureos tempos de namoro (leia-se "farra e sexo"), eu deixava meu telefone embaixo de pratos de pão para garçons, colocava bilhetes em pára-brisas de carros e colocava anúncio tipo "eu o vi no trem F" no *Village Voice*. Em meados da década de 1980, eu cheguei a deixar uma mensagem telefônica na secretária do ator então indicado ao Oscar, Tom Hulce, fingindo estar ligando para uma outra pessoa chamada John com uma notícia importante e implorando para que me ligasse de volta imediatamente. Imaginei que o adorável Hulce certamente iria me ligar para dizer que eu tinha ligado para o número errado, quando, então, eu o seduziria com minha voz mais ardente ao telefone, e nós acabaríamos tendo um encontro (ele nunca ligou). Portanto, o comportamento agressivamente romântico de Trevor me parecia obviamente familiar, bem como enternecido. E dessa vez eu era o perseguido, pensei com alegria. É uma pena que não tenha, entretanto, sabido disso; se pelo menos ele tivesse enviado o maldito poema.

- Não, tenho certeza agora - eu disse com um sorriso de certeza. - Você estava na cidade para os Gay Games de 94 e veio ao brunch que eu e meu namorado, Rick, oferecemos. Tenho fotos do grupo naquele dia, e você está nelas. Também me lembro porque meu amigo Don tinha vindo de Londres para nos visitar e ele achou você um supergato. Eu também, mas fiquei com ciúmes porque tinha uma quedinha platônica por ele. - Quando os olhos de Eugene pularam para fora do rosto e suas sobrancelhas finas, permanentemente eletrolisadas, se arquearam até quase o couro cabeludo, percebi que tinha acabado de contar para um namorado em potencial que tentara seduzir dois outros homens enquanto estava num relacionamento (não foi a atitude mais brilhante de minha parte). - Mas é claro que não fiz nada a respeito de nenhuma das duas paqueras - rapidamente completei.

- Ok, é mesmo. O namorado de Rick. Estou começando a me lembrar agora - disse Trevor, dando uma meio piscada e balançando a cabeça para mim. (Ele falava com um leve sotaque de Boston, puxando nos erres, o que era sofisticadamente charmoso, não bagaceira como os caras de Provincetown, que falavam aberto e arrastado.) - Eu estava fora de controle naquela época, me drogando e bebendo feito um louco - Trevor continuou. - E você está muito mais bonito agora, ahã?

- Nossa, não - eu disse. - Em 94 eu ainda tinha uma linda bundinha.

- Au-au-au, Blanche, au-au - Eugene latiu sem fôlego para mim, fazendo sua incrível imitação de Bette Davis e debochando do sotaque de Trevor. - Com certeza, entretanto - ele disse, pegando na mão de Trevor -, o Edwin aqui só está ficando melhor com o passar dos anos. - Ele me lançou um olhar de "cala a boca", como se achasse que eu fosse dizer a Trevor que os remédios que tomava contra o HIV estavam fazendo minha bunda desaparecer e minhas pernas virarem um diagrama vivo do sistema circulatório. Nunca! Pensei. - Somos todos terrivelmente ciumentos – ele completou, imitando dessa vez Gwyneth imitando britânicos.

- Você está ótimo - eu disse para Trevor, aproveitando a deixa de Eugene para mudar de assunto. - Você me faz lembrar de Steve McQueen em *Inferno na torre*, com aquelas covinhas enrugadas e olhos azuis. - Eu não estava mentindo nem um pouco; substituir a palavra "vincos" por "covinhas" foi simplesmente uma questão de diplomacia. E Trevor tinha realmente envelhecido de um jeito naturalmente masculino, meio igual a Kurt (e diferente de tantos homens gays que entram na meia-idade parecendo artificialmente preservados).

- Ah, você é que é gentil... acredito. - Trevor fez uma pausa. - Mas Steve McQueen não tinha uns cinquenta anos quando fez aquele filme?

- Ok, então *A bolha assassina* - sugeri, me divertindo com nosso duelo.

- Ficou melhor - Trevor disse. - Só tenho trinta e oito. Bem, quase trinta e nove. - Fiquei surpreso em saber disso, uma vez que ele parecia mais velho do que eu. Com certeza seu cabelo tinha murchado no topo da cabeça desde 94, mas seu rosto também; por isso os vincos sexies, quando sorria. Fiquei imaginando por um momento se ele era HIV positivo, uma vez que tantos de nós havíamos perdido gordura no rosto devido ao tratamento com o coquetel de medicamentos, mas, em vez disso, preferi encobrir o pensamento com a ideia de que eu tinha a idade que aparentava; achava que todo mundo tinha a minha idade ou mais.

- Passei o diabo desde então - ele continuou. - Tive um relacionamento de nove anos desastroso no qual eu ficava bêbado e meu parceiro chapado o tempo inteiro. Descobri que era HIV positivo há somente dois anos, e quando nos separamos no ano passado, tive uma crise nervosa daquelas e fui parar no hospital por dois meses. - "Bandeira vermelha! Bandeira vermelha!" Podia ouvir a voz de terapeuta do Steve gritando dentro da minha cabeça. "Menos de um ano depois de sair de um hospital psiquiátrico? Perigo, Will Robinson, perigo!" A despeito dos meus pensamentos alarmantes, achei que Trevor foi honestamente libertador e me senti aliviado por pelo menos dessa vez não ter de esconder nada sobre mim. Certamente era estranho para ele me contar tudo aquilo em nosso primeiro encontro. Mas por que não deveria?, pensei. Ele terá que me contar a maior parte de tudo em algum momento, então por que não colocar as cartas na mesa? Nunca contei a Kurt sobre minha ida ao psiquiatra, agravando a vergonha que sentia do episódio. Decidi contar a Trevor bem naquela hora elugar o que tinha acontecido quando comecei a trabalhar no escritório de advocacia (embora não fosse nem um pouco da conta dele), e me senti bem. E uma vez que só passei duas semanas internado, acredito que não ficou parecendo que eu estava tentando competir com ele no quesito mazelas, um hábito extremamente irritante de muitos nova-iorquinos,

- Não foi como se tivesse perdido nove anos da sua vida, no entanto - mudei o assunto de volta a Trevor. - Você conseguiu fazer seu mestrado em serviço social durante aquele tempo e começar sua carreira na área. - Tínhamos ambos sido preparados com informações sobre o trabalho do outro; Trevor trabalhava com pessoas de baixa renda com HIV, ajudando-as a administrar seu plano de saúde e bens pessoais. - E olhe para você hoje. Você tem um emprego importante, fazendo o que ama, está limpo e sóbrio, e, para fechar com chave de ouro, conheceu Eugene e Tom.

- E ele é o melhor padrinho que um cara pode desejar – Trevor disse, pegando na mão de Eugene. O QUÊ? Eu quase caí da cadeira. Seu padrinho? Eugene tinha me contado que Trevor estava no AA, mas não que era seu padrinho. "Seu idiota!", eu queria gritar. Como vou reclamar com você sobre minhas neuroses de namoro enquanto você escuta tudo do outro cara também? Não é justo comigo, com nossa amizade, e poderia ser danoso para a sobriedade de Trevor. Fiz uma anotação mental para me lembrar de matar Eugene da próxima vez que o visse.

Enquanto sorria através da luz das velas mergulhado nos perigosos olhos brilhantes de Trevor, sabia que nenhuma complicação na dinâmica desse pequeno grupo poderia me impedir de vê-lo de novo. Nem mesmo todas as bandeiras vermelhas da China.

- Que lindo, Tiffany! - gritei pelo corredor direto da sala de estar, me referindo à pequena vila que ela havia construído para sua aula de espanhol. A maquete sofisticada estava em cima da mesa de jantar, que estava coberta por jornal, e a luminária pendurada sobre a mesa focava o telhado canelado vermelho que ela fizera com canudos cortados ao meio. Ela havia inteligentemente cortado as finas tirinhas compridas de madeira de bálsamo em pequenas telhas, as pintado com cores fortes, e criado um mosaico para decorar as paredes externas e servir como uma moldura festiva para as janelas e portas. - É como uma casa de pão de mel mexicana - gritei. - Não posso acreditar que tenha feito tudo isso hoje. - Antes de sair do trabalho para encontrar Eugene, Tom e Trevor para jantar, liguei para Tiffany para lembrar-lhe que o projeto era para o dia seguinte. Ela percebera que eu estava muito mais estressado com aquilo do que ela, e disse calmamente:

- Tenho tudo sob controle. - Ela obviamente tinha.

- Como construir uma casa pode ajudá-la a aprender espanhol? - ela perguntara quando o projeto foi pedido.

- Não pergunte a mim - respondi bruscamente, sabendo que as compras para o material iriam cair nas minhas costas. (Eu ficaria mais chateado ainda quando tudo acabasse me custando cinquenta paus.) Agora, entretanto, enquanto admirava a atenção de Tiffany aos detalhes e sua noção de design (os arbustos cônicos que ela havia feito de papel de construção verde, os cactos feitos de escovas de lavar garrafas), percebi o valor mais abstrato do projeto, sem relação com a língua: Tiffany tinha recebido um dever vago e aparentemente sem sentido e dado conta dele. Ela havia planejado uma casa e construído a maquete com materiais brutos, partindo do zero, e tinha ficado esplêndido. Fiquei imaginando-a indo para a escola no trem F na manhã seguinte, segurando sua vila com firmeza no colo, e senti um orgulho que imagino só os pais poderiam experimentar.

- Fico feliz que você gostou - Tiffany disse, saltitando pelo corredor com uma camiseta sem manga rosa e calças de moletom cinza, onde se lia "Angel" logo abaixo da linha do cós. - Construir isso me inspirou a começar outro projeto no meu quarto. Venha ver - ela disse, me agarrando gentilmente pelo braço e me guiando até lá.

- Olhe - ela sussurrou enquanto abria a porta do quarto lentamente. - É a carta maldita. - Eu não me lembrei a princípio de que carta ela estava falando, mas meus olhos foram imediatamente capturados pelas duas linhas de cores que agora marcavam três paredes de seu quarto. Intrigado, me virei para a esquerda e me aproximei. Em tiras de papel de formatos irregulares feitas de papel de construção, Tiffany havia colado frases cortadas da carta que eu mandara para ela nove meses atrás, quando a família inteira se reuniu numa tentativa de colocá-la na linha. Ela havia colado a história da garota que lutou contra as circunstâncias no papel roxo, enquanto a história triste da garota que estava condenada a repetir os erros da mãe se passava na parte de baixo da parede, sobre um

fundo preto. Ao redor das tiras coloridas, Tiffany pregara trechos que ela havia cortado de revistas ou cartões (coisas que complementavam ou personalizavam sua história). Abaixo da frase no fundo preto "Depois do divórcio o problema de sua mãe com a bebida piorou", havia um pequeno pedaço de papel branco que dizia: "Espero que tenha um ótimo aniversário de catorze anos! Eric." Depois percebi que acima da frase roxa "Ela se lembrou de todas as pessoas que a amavam e acreditavam nela, e encontrou coragem para expressar sua dor e sofrimento através da sua criatividade", Tiffany havia colocado uma ilustração de um cavaleiro de armadura montado num cavalo branco. Senti meu queixo tremer, e levantei meu punho fechado para que pudéssemos nos saudar com um soquinho.

- Está um arraso - eu disse, fazendo força para sorrir quando eu queria era chorar. Só espero que tenha chegado cavalgando a tempo, pensei, e que minha coragem tenha passado no teste.

Tiffany e eu tínhamos começado a compartilhar um diário vários anos atrás, quando ela estava com dez ou onze anos. Era um caderno cafona coberto de rosas cor-de-rosa, e não consigo me lembrar de onde ele surgiu ou de quem foi a ideia, para começo de conversa. Suspeito que tenha sido de Tiffany, entretanto, pois ela estava sempre pensando em maneiras de nos manter conectados quando estávamos a quilômetros de distância (para minha felicidade, Sammy estava atualmente seguindo os mesmos passos, tecendo tornozeleiras iguais para usarmos de um verão para o outro). O diário tinha um pequeno cadeado, e cada um de nós possuía uma chave, e de vez em quando um de nós escrevia sobre uma experiência que tivéssemos compartilhado. Guardava minha chave no centro de uma rocha que Tiffany havia me dado há muito tempo - uma rocha que ela havia comprado numa loja de presentes do Natural Stone Bridge & Caves em Adirondacks. Era aquele tipo de souvenir que eles cortam na metade e lustram, com um meio que é oco, mas coberto com cristais de quartzo cintilantes. Tenho certeza de que Tiffany tinha me dito, com orgulho, o nome da rocha, quando ela me mostrou, mas fazia muito tempo que eu havia me esquecido. Eu me lembrava, entretanto, de suas instruções: "Você fica com uma metade e eu vou ficar com a outra", ela disse com sua voz de ratinha cantarolante. "Então, toda vez que nos virmos, juntamos a pedra para torná-la inteira de novo." Anos mais tarde, quando começamos a compartilhar o diário, não me espantei ao descobrir que a chave cabia perfeitamente no buraco da rocha.

Durante o curso desses nove meses morando juntos, eu tinha feito vários registros, só que agora era menos sobre eventos em nossa vida coletiva e mais sobre como eu sentia o funcionamento do nosso arranjo. A cada vez que abria o diário não podia evitar voltar a algumas passagens escritas quando as coisas eram mais simples entre mim e Tiffany. Nessa noite não foi diferente. Quando me sentei para escrever sobre o quanto eu estava emocionado com o fato de Tiffany transformar minha carta numa expressiva obra sua, o caderno caiu aberto num de seus registros anteriores. Ela estava passando o fim de semana em Nova York e tínhamos ido ver o filme *Corpo fechado*, de M. Night Shyamalan. Aparentemente, tínhamos concluído que o tema principal do filme era que dentro de todos nós dorme um super-herói, se ao menos conseguíssemos acreditar em nós mesmos para deixá-lo emergir. "Eu não preciso encontrar meu super-herói interior", Tiffany havia escrito, "porque meu tio Eddy é um super-herói para mim. Sei que quando estou com ele, ele me protegerá de tudo que for mau e que ele acredita em mim mais do que [sic] qualquer um já acreditou antes. Até mesmo eu."

Não lia isso havia anos e, ainda que me sentisse bem por ter dado um passo à frente para ajudar a melhorar a vida de Tiffany - na verdade "protegê-la" -, fiquei triste quando li esse registro agora. Com certeza, eu esperava que o cavaleiro na parede fosse eu, mas

sabia que na maioria das vezes ela me via como seu adversário. Já ia longe aquele tio que ela uma vez idolatrou, substituído agora por esse homem tenso e controlador, cuja missão na vida era tirar dela tudo que a fazia feliz. Poderia durar uma década, ou mais, pensei, antes que ela tivesse algum entendimento do que se passava aqui e o quão puras eram minhas intenções de ajudá-la.

Decidi então garantir que Tiffany soubesse sobre minha condição de HIV, ter aquela longa e adiada conversa. Se ela ia acreditar que compreendia o ser humano que eu verdadeiramente era (e não o super-herói que ela pensara que eu fora), então era importante que conhecesse algumas das outras batalhas que eu estava travando.

LOUCOS EM CAMELOT

- Então, o que achou de Trevor? – perguntei a Tiffany, colocando uma grande pilha de panquecas fumegantes no meio da mesa, bem ao lado do prato de salsichas de baixa caloria que eu havia meticulosamente tostado. Era uma estonteante manhã de sábado, em junho, e estávamos os dois visivelmente de bom humor - eu, porque tivera um encontro termonuclear com Trevor na noite anterior, e Tiffany, bem, provavelmente só porque era jovem, linda e morava em Manhattan. Numa manhã como essa, café-da-manhã com Tiffany só poderia ser um prazer.

- Ele é bem gato - comentou, alcançando uns pedaços grandes de bolo com garfo.

- Bem, eu *sei* disso - respondi. - Mas o que você *achou* dele? - perguntei, e rapidamente completei: - Não achou que ele era engraçado? - Objeção, pensei, conduzindo a testemunha. Aceita.

- Achei que estava se esforçando demais - Tiffany respondeu secamente enquanto cortava uma salsicha ao meio, com a lateral do garfo.

- Para ser engraçado? - perguntei, minha curiosidade aguçada por tal observação de detalhe, especialmente vindo de uma garota de catorze anos. Tinha consciência de que crianças, como os cães, muitas vezes percebiam pistas que os adultos deixavam passar, especialmente os enfeitados.

- Bem, também, mas não só isso. - Ela mastigou suavemente por um momento. - Ele estava se esforçando demais para que eu gostasse dele, o que o fez parecer muito inseguro.

- Muito interessante. Entendo por que diz isso. - Dei uma mordida gigante na panqueca para desacelerar a conversa e minha mente poder acompanhar.

Eu havia me adulado com o pensamento de que o nervosismo de Trevor era causado por algo que eu percebia como sendo uma química pirotécnica entre nós. Eu também tinha me sentido um pouco alterado, especialmente no início dos dois jantares que tivemos, sozinhos, depois que Eugene nos apresentou. Eu, entretanto, me derretia a cada noite, ao mesmo tempo embalado e desperto pela liberdade de nossa risada, nossa franqueza, e o modo como cada um de nós ficava insistindo em passar a palavra para o outro, para tomá-la de volta um segundo depois. Era um tipo de encontro no qual as palavras não vinham rápido o suficiente, no qual respostas tropeçavam em novos pensamentos, no qual ambos têm que dar duro para laçar a conversa de volta para algo que lembre de longe uma sequência linear. E a todo o tempo você se perde no oceano do olhar dele, impaciente para ganhar o próximo sorriso e assustadoramente grato a cada vez que é recompensado. O restaurante já desapareceu há muito tempo; você não percebe nada sobre a comida, o garçom ou o casal sentado apenas a alguns centímetros à sua esquerda. Você fica fora do espaço e do tempo (a fuga máxima) e quer experimentá-lo inequivocadamente, então briga, batalha, luta contra o desejo de avançar no tempo para descobrir como tudo termina. Porque você sabe que, quando é bom assim, quase sempre termina mal.

A despeito de todas as bandeiras vermelhas me batendo na cara - como a mão de Trevor tremia por causa do lítio que estava tomando para seu transtorno bipolar, como ele ainda estava saindo com outra pessoa (o que Eugene havia me contado na primeira vez em que me falou sobre Trevor, mas que eu pronta e convenientemente havia esquecido) e como ele às vezes parecia estar dividido em vinte lugares ao mesmo tempo ("é o meu TDAH", ele declarou se desculpando) -, havia uma força gravitacional ao redor de Trevor Knapp a que eu não conseguia resistir. Talvez porque o inglês Don tivesse preferido ele, e não a mim, nove anos atrás. Talvez porque, como Kurt, ele representasse aquela ideia masculina que eu buscava: forte, capaz, sofisticado (mas em

que diabos isso se baseava?). Ou talvez fosse sua boa e velha mística dos Kennedy. Trevor foi criado na mansão da família com vista para o mar, na costa de Massachusetts. Seu pai havia construído um império de negócios e mais tarde tornou-se um político local (os Knapp verdadeiramente conheciam os Kennedy). Trevor tinha diplomas de Harvard e Columbia e havia recusado oportunidades lucrativas para poder fazer trabalho social. Sua irmã fazia parte do conselho de importantes organizações de caridade, ele recebia flores frescas em seu apartamento uma vez por semana, e a última crise familiar envolveu seu irmão que sobreviveu a um ataque de tubarão quando estava praticando mergulho numa exótica ilha na América do Sul. Resumindo, Trevor era impressionantemente glamoroso, inteligente e engraçado, e quando eu estava com ele, me sentia glamoroso, inteligente e engraçado também. Eu mal tinha saído com alguém desde que Kurt e eu terminamos, quinze meses atrás, e menos ainda me sentindo tão empolgado com alguém, e ao longo da última década e meia, eu tinha sido rejeitado inúmeras vezes por causa da minha condição de HIV positivo. Nem morto eu deixaria Trevor me escapar só porque havia sinais de aviso de que algo poderia acontecer. Se eu fosse fácil de desencorajar, teria jogado a toalha aos vinte e seis anos e saído de Nova York para morrer nos subúrbios.

E agora, mais do que nunca antes, eu tinha a sensação de que minha vida estava completa; tinha uma carreira estável, tinha redescoberto minha paixão por escrever e, graças a Tiffany, tinha uma família minha. Essa foi a vida pela qual eu dei duro, e uma que valia a pena compartilhar. Mas era uma vida que nunca iria ficar em segundo lugar para um homem, não importando o quão cavalheirescas fossem suas investidas. Contanto que eu guardasse bem essa ideia, sabia que conseguiria manter meu romance que brotava com Trevor em perspectiva, e ir relativamente devagar com as coisas.

- Tiffany, você sabe que sou HIV positivo, certo? - Seu garfo cheio de panqueca ficou parado no ar, um fio de calda escorrendo em cima do prato.

- Isso não se fala assim, tio Eddy - ela disse suavemente sem mover um só músculo do corpo ou da face, como se sua imagem tivesse sido congelada.

- Sim, é verdade. Desculpe-me por falar assim desse jeito. Pensei que você já soubesse, e não há hora boa ou modo mais fácil de dizer isso.

- Ai... meu... Deus. - A mão de Tiffany despencou no prato. Seu garfo bateu na porcelana fazendo um barulho alto e espirrou calda em cima da mesa de cerejeira polida. Tiffany parecia não perceber; seus olhos lacrimosos me fitavam firmemente.

- Está tudo bem, querida. Sou assim há quinze anos e tenho boa saúde. Nunca fiquei doente por causa disso. Nem uma só vez. É por isso que tomo todas aquelas pílulas, para combatê-lo, para evitar ficar doente. De verdade, vai ficar tudo bem. - Não tinha ensaiado para esse momento (não havia jeito de fazê-lo), e me vi buscando palavras que não eram para ser encontradas.

Essa era só a segunda vez que contava pessoalmente para um membro da família sobre minha infecção por HIV, e as circunstâncias eram vastamente diferentes da primeira vez. Durante duas semanas depois de descobrir minha situação, evitei todas as ligações dos meus pais. Temia que o som da voz de qualquer um dos dois pudesse me levar a uma crise histérica de choro, e eu não tinha a menor intenção de contar a eles o que tinha acontecido (pelo menos não até que eu tivesse assumido o controle daquilo). Passadas algumas semanas, após sobreviver a um ou dois telefonemas com eles, decidi que estava forte o suficiente para fazer uma visita aos meus pais pelo aniversário da minha mãe. Nós três saímos para um agradável jantar em um restaurante local para comemorar. O que não podia ter antecipado, entretanto, foram os profundos sentimentos de perda que senti na manhã seguinte quando acordei no quarto da minha infância.

Como eu tinha deixado a casa havia apenas quatro anos, minha mãe ainda não tinha redecorado completamente. Lembranças do adolescente que havia vivido, sonhado e sofrido naquele quarto estavam por toda parte, no laranja forte que eu insistira em pintar as paredes, no adesivo de YES colado atrás da porta, até no único pôster de esqui que sobrara, pendurado na parede. Esse tinha sido o santuário de um menino sensível, cheio de sonhos, que, como Tiffany, tinha toda a vida pela frente. O sofrimento de acordar nesse quarto agora, um ator fracassado com uma doença fatal (uma doença que podia ter sido evitada), era demais para eu suportar. Desesperado, corri para o banheiro, liguei o rádio num volume alto e abri a torneira do chuveiro no máximo. Arranquei minhas roupas e pulei para trás da cortina bem quando minha cabeça e meu coração explodiram de tristeza; uma tristeza que pensei que fosse me matar.

Minha mãe tinha saído para o trabalho mais cedo naquela manhã, mas meu pai já estava aposentado, e, quando eu finalmente emergi do banheiro, podia ouvi-lo zanzando pelo andar de baixo. Estava determinado a evitá-lo pelo resto da manhã, pois não queria que ele visse meus olhos quase fechados de tão inchados. Fiz o café enquanto ele estava no chuveiro e tomei-o na sala, enquanto ele lia na biblioteca. Toda vez que eu ouvia seus passos, me escondia atrás de uma cadeira de costas alta, de modo que quando ele enfiava a cabeça na sala, me via e continuava andando em direção ao andar de cima. - Eddy, onde está você? - ele chamou numa certa hora. - Na sala, papai - eu respondi. - Estava no banheiro antes. - Isso durou pelo menos duas horas.

Finalmente a hora de pegar o trem de volta para a cidade se aproximava.

- Eddy, por que não come um sanduíche antes? - Meu pai gritou, tendo desistido de me procurar.

- Ok, papai - gritei da sala. - Vou fazer um para mim.

Ele se sentou à mesa da cozinha com suas palavras cruzadas na minha frente, seus óculos de leitura encaixados perto da ponta do nariz.

- Posso fazer um para você? - perguntei, garantindo que minhas costas estavam viradas para ele quando me dirigi até a geladeira.

- Claro - ele respondeu. - Qual é a palavra de cinco letras que quer dizer "between"? Tem "fr." na definição, então acho que é francês.

- Entre - respondi, pensando: Isso obviamente não é o *Times*. - Como no filme de Miou Miou, *Entre vaus*, ou *Just Between Us*.

- Meu o quê? Você está ficando sofisticado demais - ele disse enquanto levantava os olhos e sorria para mim. - Um legítimo cara da cidade.

- Bem, esse sofisticado cara da cidade vai se juntar a você para comer um sanduíche de mortadela e queijo prato, uma vez que esses são os frios que há no estoque.

- O quê? Algo errado com a mortadela? - ele perguntou, sem tirar os olhos das palavras cruzadas.

- Não - respondi enquanto me esticava para pegar a maionese e a alface crespa. - É só que eu não comia isso havia anos. Provavelmente desde que eu me mudei. - E com isso, veio a maldita crise de novo. Deixei a mortadela cair no chão; no chão desse cômodo onde meu pai se sentava em seu lugar de sempre e o sol do meio-dia entrava alegremente através das janelas com cortinas amarelas, desse cômodo onde fui mantido seguro e aquecido e alimentado por tantos anos. Agarrei-me à beira da bancada de fórmica com as duas mãos para evitar desmoronar enquanto chorava.

Meu pai pulou de sua cadeira e correu até mim. Ele me segurou contra o peito e me envolveu com seus braços, me mantendo de pé enquanto eu chorava na sua camisa.

- O que foi, meu menino? - ele perguntou repetidas vezes enquanto eu chorava. - O que foi, meu menino?

Nunca tinha sido abraçado por meu pai daquele jeito, e ele certamente nunca tinha me dito aquelas palavras antes. Embora consolado, eu chorava ainda mais forte. Eu não poderia saber àquela época que, nove anos mais tarde, quando perdêssemos nossa Heather Ann, iria abraçá-lo quase exatamente da mesma maneira.

Meu pai não dividiu a notícia com minha mãe por pelo menos um ano porque ele não acreditava que ela pudesse lidar com aquilo. Eu finalmente insistira. Meus pais, em retorno, contaram para minhas irmãs e meus tios, poupando-me da terrível angústia que aqueles momentos teriam me trazido. Com Tiffany, entretanto, a notícia teria que vir direto de mim.

- Mas ter HIV não tem sido nenhuma festa também. Acredite, Tiffany. - Ela havia terminado de comer, finalmente, mas não sabia o que era esperado dela além daquilo. - Comecei a tomar a medicação há sete anos, e alguns dos efeitos colaterais têm sido difíceis de aguentar.

- Como você acha que pegou? - ela perguntou timidamente.

- Ah, eu *sei* como peguei. Confiei em alguém com quem estava namorando quando ele me disse que seu teste havia dado negativo duas vezes nos seis meses anteriores. Mas não foi culpa dele - completei. - Ele pode ter mentido para mim, mas somente *eu sou* responsável por mim. Eu devia, por mim mesmo, ter me cuidado *sempre*, e eu me desapontei. Você não pode depender de alguém para cuidar de você, Tiffany. Jamais.

- Você acha que vai escrever sobre isso em seu livro? - ela perguntou.

- Imagino que sim - respondi. - É parte da minha história e, embora me arrependa de não ter sido cuidadoso, dou duro para não me sentir envergonhado por ser soropositivo. Nem sempre tenho sucesso; talvez escrever sobre isso possa ajudar. - Ela balançou a cabeça e enxugou as lágrimas dos olhos. - Falando do meu livro - continuei -, agora que você ganhou o prêmio literário dos calouros, talvez considere escrever alguns capítulos dele, contando nossa história do seu ponto de vista.

- Parece legal - ela disse -, mas acho que quero escrever meu próprio livro, se não se importar.

- É claro que não. Acho, na verdade, ótimo. - Estiquei o braço e peguei em sua mão. - Ei, por que não o chama de *Eu, Tiffany: O que tio Eddy não sabe*?

- Você é pirado, sabia? - ela disse e riu. - Se eu escrever, certamente vou lhe contar.

AMIGOS PARA SEMPRE

Em nosso passeio à margem do rio Hudson, Tiffany usou um minivestido justo, bege e azul pastel, sem mangas, com tamancos de plataformas de cortiça. A julgar pela cara dos homens pelos quais passamos (gays, heteros ou outra coisa), ela devia estar aparentando dezoito, se não vinte e um anos. De parar o trânsito aos catorze, pensei. Estamos ferrados. Para os mais observadores, o andar de Tiffany seria a pista mais reveladora da sua idade. Ainda não acostumada a andar a cinco centímetros do chão, ela mantinha a cabeça e os ombros artificialmente rígidos enquanto calculava com cuidado cada passo, um a um. Para aqueles como nós que a conheciam, a esquisitice alegre de Tiffany contribuía imensamente para o seu charme.

Era uma daquelas noites de início de junho que prometem noites quentes de verão a caminho, mas nas quais sua pele ainda fica surpresa com o calor do ar, fazendo-o lembrar que você é apenas uma criatura que sobreviveu a mais um inverno no planeta. A alegria daquela simplicidade me faz querer rolar pela grama que nasce, engolir o ar de madressilvas e sentir a areia entre meus dedos fantasmagoricamente brancos. E, é claro, saltar sobre qualquer macho com pulsação. Nessa noite eu estava fazendo o exercício heroico de não babar nem suspirar diante de tantos deuses sem camisa flutuando com rodinhas nos pés, provavelmente porque o processo disciplinar havia começado em maio, quando um mero pé-de-chinelo podia me levar a uma crise.

Morar com uma adolescente frequentando a escola me tornava mais consciente de que o verão estava chegando. As provas finais se aproximavam, juntamente com um exame de ciência em Regents, e a animação de Tiffany em completar seu primeiro ano na escola secundária era quase palpável. Ela já vinha falando das férias em família em Adirondacks havia meses, e de como uma das garotas que ela conhecia por lá teria idade suficiente para dirigir esse ano, então elas iriam sair de carro toda noite. ("Isso é o que você pensa", eu diria, mas uma garota tem direito de sonhar.) Eu entendia perfeitamente que, na linguagem adolescente, as palavras "carro" e "liberdade" eram a mesma coisa. Mais tarde, em julho, quando ela havia voltado para New Milford, Tiffany estava determinada a construir um forte com suas amigas no bosque da propriedade de Kitt. Ela fizera um projeto e até chamou seu tio Tyler, que trabalhava como gerente numa loja de material de construção, para ver se ele podia começar a reservar algumas sobras. Tentei encorajar o projeto o mais que pude, sabendo o quão raro era um projeto tão grandioso vir a se realizar. (Eu nunca construí aquela canoa na qual eu iria passar o verão inteiro flutuando na represa, entretendo meus amigos.) Além disso, Megan e eu decidimos que Tiffany passaria muito pouco tempo em Connecticut durante o verão, mas ainda não tínhamos contado isso a ela.

Nessa noite quente de junho, eu cheguei em casa e encontrei uma surpreendente refeição "gourmet" completa preparada por Tiffany, junto com uma mesa lindamente posta. Ela havia juntado todos os ingredientes que encontrara na casa e gastou alguns dos dólares de emergência que eu guardava no meu quarto com os itens que precisava comprar. De entrada, havia deliciosos cogumelos recheados que não estavam nem moles, nem secos. O prato principal de penne com frango e florezinhas de brócolis (congelado) num molho cremoso não se comparava aos cogumelos, mas estavam perfeitamente bons. Enquanto arrematávamos nossos pratos gigantescos com queijo de Mouli gratinado, disse a Tiffany, de cinco maneiras diferentes, o quão gentil foi ela ter feito algo tão carinhoso para mim.

Mais tarde sugeri que fôssemos dar uma caminhada ao longo do rio, onde as grades haviam sido removidas recentemente, revelando o Hudson River Park estalando de novo. Embora o projeto de seis anos estivesse adiantado, nós tínhamos sorte por

morarmos ao lado da primeira parte a ser concluída - o trecho de terra à margem do rio, aproximadamente da Barrow Street até Gansevoort.

- Talvez nós pudéssemos encontrar um pouco de Bom Humor - eu disse enquanto limpava a cozinha muito bagunçada.

- O que quer dizer com isso? - Tiffany perguntara com total sinceridade. - Eu já estou de bom humor.

- É uma marca de sorvete, querida - eu disse, com uma risadinha. - Embora não diga esse nome há uns trinta anos. Quando sua mãe, tia Kathleen e eu éramos pequenos, chamávamos o caminhão do picolé de "homem do bom humor". Acho que deve haver um mais à frente.

- Legal - ela disse. - Você me assustou por um segundo; parecia um tipo de código para ficar chapado.

- Você jamais verá esse dia - eu disse, e era para valer.

Agora, enquanto passeávamos à margem do rio, eu me concentrando no meu picolé com cobertura de baunilha, ansioso para chegar ao creme duro de chocolate, próximo do palito, nenhum de nós dois havia conseguido se recuperar do choque ante a beleza do novo parque. (Suspeito que Tiffany tenha recusado o sorvete para poder focar exclusivamente no passeio.) O que há vinte anos era um lixão com calçadas quebradas, pilhas de latas de areia e caminhões de limpeza da prefeitura, era agora faixa verde de parque com gramados estreitos e fofos, uma pista pavimentada para patins e bicicletas e um passeio público com bancos e álamos bem na beira do rio. Três novos píeres tinham sido construídos sobre a água, dois deles com enormes áreas gramadas e lonas tipo velas de barco colocadas em ângulos interessantes para propiciar sombra para cadeiras e mesas sob elas. E para todo lado que olhávamos havia grandes canteiros de liláceas multicoloridas.

- Aimeudeus! - Tiffany sussurrou para não gritar. - Não acredito que fizeram tudo isso bem no nosso quintal! - Nosso quintal, repeti para mim mesmo, e dei um sorriso largo para minha sobrinha.

- É mesmo - eu disse -, e é absolutamente magnífico. Nesse verão, você e seus amigos podem trazer um cobertor e um isopor para cá e ficar conversando. O parque fica aberto até tarde, bem depois do toque de recolher.

- Vai ser muito maneiro - ela respondeu, sem questionar minha afirmação de que ficaria aqui durante o verão. - Meus amigos de New Milford têm que ver isso. Posso convidar alguns deles por uns dias, tio Eddy?

- Bem, dois não será problema - eu disse, virando meu rosto para a brisa fresca que vinha do rio. - Mas vamos viver dia após dia, e agora só aproveitar esse momento.

As pessoas estavam ao nosso redor, correndo, andando de bicicleta, patinando, brincando com Frisbees, espalhadas pela grama jogando palavras cruzadas ou lendo, praticando tai chi, empurrando carrinhos; um homem estava soltando uma pequena pipa para o deleite da sua filhinha. E ainda assim havia uma atmosfera de igreja pelo parque, uma estranha calma, como se todos experimentassem a mesma reverência que Tiffany e eu.

Parei para conversar por um minuto com um produtor que eu conhecia, um ex-modelo bonito que passeava de braços dados com a noiva. Quando Garrett e eu nos conhecemos, cultivei esperanças secretas, mas como sempre, meu "gaydar" estava em péssimas condições. Em vez disso, ficamos amigos, e fiquei encantado quando ele se apaixonou perdidamente aos quarenta e tantos anos. Garrett ouvira tudo sobre Tiffany, é claro, e ficou emocionado em conhecê-la. Falávamos todos cochichando para não quebrar o encanto, e não fiz esforço nenhum para esconder o quão orgulhoso eu estava da minha sobrinha bonita, cheia de postura. Verdade seja dita, eu frequentemente ficava

imaginando as pessoas na rua pensando: "Que filha linda ele tem, e parecem ser tão próximos!" Sabia que meu desejo de inspirar admiração, até mesmo inveja, em estranhos não era nada do que se orgulhar, mas não conseguia evitar. Adorava andar por Nova York com Tiffany.

O sol estava a metros do horizonte e o céu sobre Nova Jersey começava a se tingir de uma tonalidade rosada quando nos despedimos de Garrett e sua futura esposa.

- Por que não caminhamos pelo píer? - sugeri. - Desse modo veremos o pôr-do-sol diretamente, sem ter que esticar os pescoços.

- Com certeza - ela concordou. - Acho que meus pés ainda não estão sangrando.

- Ah, as agruras dos sapatos novos - provoquei. - Não vamos ter uma reprise da nossa noite no Carnegie Hall, ok? - Ela havia calçado um par de sandálias novas para ir ao concerto do coral de um amigo meu, e quando a dor de suas bolhas incomodou, tive que carregá-la nas minhas costas através do que me pareceu três quilômetros de túneis de metrô.

- Bem, pelo menos aqui eu poderia ir descalça, se tivesse que fazê-lo. Não é como no metrô. Pode botar um Band-Aid nas bolhas quando chegarmos em casa?

- Claro - respondi enquanto caminhávamos para mais longe, rodeados agora de águas roxas brilhantes. - Sabe o que eu gostaria de fazer? - perguntei.

- O quê?

- Gostaria de levá-la a Paris quando terminar a escola. Veneza é minha cidade favorita no mundo até agora, mas Paris deveria ser a primeira viagem para o exterior de todo mundo.

- Ia ser muito irado - Tiffany respondeu, sorrindo. - Oh, olhe! - Na grama à nossa esquerda, um grupo de adolescentes riam enquanto o amigo gay imitava Madonna. Fiquei imaginando o quanto Tiffany iria preferir estar com os amigos a estar comigo; não havia ninguém mais com quem eu quisesse estar.

- Dois marinheiros saindo para ver o mundo - cantei suavemente. - Há tanto mundo para ver.

- Que música é essa? - Tiffany perguntou.

- Ah, é de um filme antigo baseado em meu romance predileto. Quer que eu pare?

- Não, é bonita - ela respondeu, de primeira.

- Nós estamos atrás do mesmo fim do arco-íris, esperando na esquina, meu amigo huckleberry, Moon River e eu. (Eu tenho uma voz horrível, mas sussurrando a letra como uma versão masculina de Marilyn Monroe, consegui não estragar a música.)

- O que é um amigo huckleberry? - Tiffany perguntou.

- Bem, acho que é tipo seu melhor amigo de aventuras, alguém com quem você quer fazer coisas memoráveis.

Tiffany sorriu e segurou minha mão enquanto caminhávamos, provavelmente pela primeira vez desde que tinha dez anos.

- Tio Eddy - ela disse quando nos aproximávamos do final do píer, o céu de Jersey City agora era uma obra-prima da arte psicodélica -, nesse verão eu vou precisar tomar pílula.

Ai, Senhor, tenha piedade, pensei, pegando uma grande lufada de ar salgado do rio. Tudo bem, Eddy. Nunca, *já*, se esqueça de respirar.

AGRADECIMENTOS

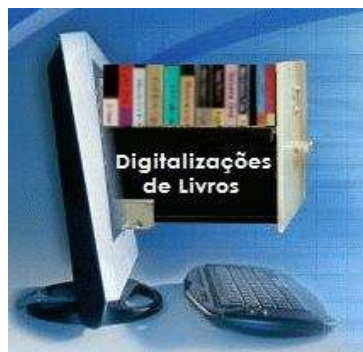
Em primeiro lugar, antes de mais nada, gostaria de agradecer à minha família por seu amor, incentivo e apoio (a despeito do que eu possa e tenha escrito sobre ela).

Eu não teria sobrevivido ao ano descrito neste livro, nem tampouco escrito sobre ele, sem as seguintes pessoas: Charlotte Deaver, Michael Serrapica, Brian Belovitch e Ana de Orbegoso. Um suporte extra me foi dado por Gilbert Rios, Liz Fender, Laura Sabatell, Cheryl Sucher, Gene Reilly, Sue Crystal e Hank Flacks. Não esquecendo Kathy Resner Clobridge. E agradecimentos eternos, mais que especiais, à minha amada "peso pesado", Dafna Yoran, e à minha companheira de viagem, Susan Lazarus.

Na Miramax Books, meus agradecimentos a Jonathan Burnham e Kathy Schneider por me terem dado a oportunidade de contar esta história, a JillEllyn Riley por sua inestimável orientação editorial e apoio moral, a Claire McKinney por suas sacadas promocionais, e a Kristin Powers por orquestrar tudo isso (e por me aturar).

A necessidade de concisão me proíbe de expressar aqui a profundidade de minha gratidão por meu agente e precioso amigo, Mitchell Waters. Além de suas interferências brilhantes e maestria editorial, Mitchell me ofereceu um ombro amigo quase que diariamente ao longo desses dois anos em que vivi e escrevi este livro; sem ele, isso não teria acontecido. Agradecimentos sinceros a todos da família Curtis Brown, Ltd. e particularmente a Timothy Knowlton, Dave Barbor, Peter Ginsberg, Rob Pellecchia, Robby O'Connor e Jonathan Lyons. Agradecimentos também à minha agente em Londres, Shirley Stewart, Amy Schiffman da Gersh Agency, ao publicitário Scott Manning, e a meu querido amigo e website designer, Mark Frankel, da Arroyo Design.

Finalmente, mas de forma alguma em último lugar, gostaria de agradecer à minha sobrinha Brittany, que trouxe fogo de volta ao meu mundo, o tipo de fogo que só pode ser encontrado num abraço. Que sua chama arda brilhante e duradoura, e que ela encontre coragem para encantar o mundo com seus talentos. Minha eterna dívida.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=34725232>